

Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação de Portalegre



"As Bibliotecas de Castelo de Vide e a Educação Popular"

(1863/1899)

Dissertação

Curso de Mestrado em **Formação de Adultos e Desenvolvimento**

Local

Filomena Maria Ferreira de Sousa Bruno

Orientadora: Professora Doutora Maria João Mogarro

Portalegre

2010

Resumo

Para o nosso estudo, escolhemos como objecto desta dissertação, as bibliotecas populares em Portugal nas últimas décadas do século XIX. Tentámos entendê-las nas suas diversas dimensões e conhecer os actores envolvidos.

Estas bibliotecas populares foram importantes realidades do passado, mas não foram muito divulgadas. No caso português elas foram consideradas um fracasso.

Nós focámos a nossa atenção nas bibliotecas de José Frederico Laranjo em Castelo de Vide, criadas no século XIX.

Torna-se extremamente importante perceber o seu papel na educação popular. Foram um sucesso na educação popular?

Foram um meio de acesso ao conhecimento para o povo de Castelo de Vide?

A abordagem deste tema exigiu também um estudo de Frederico Laranjo - a sua vida, as suas ideias, os seus projectos.

Introduzimos referenciais teórico-metodológicos relacionados com os conceitos de biblioteca, de leitura, de associativismo, e investigámos a história da leitura pública e das bibliotecas populares.

Palavras-chave: Leitura pública, educação popular, associativismo, biblioteca popular

Abstract

For our research, we have chosen as the object of this dissertation, the popular libraries in Portugal in the last decades of the XIXth century. We have tried to understand them in its several dimensions and know the actors involved.

These popular libraries were important realities of the past, but they were not disclosed. In the Portuguese case, they have been considered as a failure.

We have focused our attention on the libraries of José Frederico Laranjo in Castelo de Vide, created in the nineteenth century. It is of crucial importance to understand their role in popular education. Were they a mean of access to knowledge for the people of Castelo de Vide?

The approach to this theme has also demanded a study of Frederico Laranjo-his life, his ideas, his projects.

We introduced theoretical and methodological references related to the concepts of library, reading, the associativism, and we investigated the history of reading and public libraries.

Keywords: public reading, popular education, associativism, popular library

Agradecimentos

Empolgou-me desde o início o desejo e a ânsia de ver a obra feita e nesta fronteira entre o sonho e a realidade, quantas vezes o desespero se tornou em raia de incerteza.

É sempre assim quando queremos cumprir os objectivos a que nos propomos e a empresa se nos afigura difícil.

Sem a colaboração de muitos, o sonho não passaria disso mesmo e a realidade jamais seria tangível.

Para todos os que me incentivaram e ajudaram na caminhada, o meu muito obrigada.

Ciente da injustiça que representa deixar de referir alguns nomes, torna-se no entanto necessário mencionar os mais importantes, pelas críticas que me fizeram, pelas sugestões que me deram, pelos esclarecimentos que me propiciaram, pelo interesse que em vários momentos testemunharam pelo desenvolvimento do meu trabalho, e por tudo o mais que de vários modos lhes fiquei a dever:

Antes de todos, à Dra. Maria João Mogarro, para quem ser a Orientadora desta dissertação foi muito mais do que uma simples formalidade, mostrando sempre disponibilidade e prontidão, e acima de tudo pelo seu rigor científico os meus sinceros agradecimentos; aos Professores do Mestrado pelo conhecimento partilhado; às Instituições que deram o seu apoio na realização deste trabalho, gostaria de agradecer em especial à Câmara Municipal de Castelo de Vide e respectiva Biblioteca Municipal; extensivamente, agradeço também aos funcionários das bibliotecas e arquivos históricos que frequentei pelo auxílio no trabalho de pesquisa; e por último, deixo uma palavra de gratidão à minha família, responsável pela superação de obstáculos – em especial ao meu marido e aos meus filhos Miguel e Rita, que viveram também este trabalho, sendo sempre uma fonte renovada de energia.

ÍNDICE

I	Introdução -----	Pág.10
1.1.	Objecto de estudo e quadro teórico de pesquisa -----	Pág.10
1.2.	A investigação e os seus objectivos -----	Pág.13
1.3.	Metodologia e fontes utilizadas-----	Pág.15
II	Sociedade, alfabetização e educação no séc. XIX-----	Pág.18
2.1.	Sociedade, economia e cultura-----	Pág.18
2.2.	A Educação nos finais do séc.XIX-----	Pág.20
2.3.	O papel da Escola na instrução do povo-----	Pág.21
2.4.	Conceito de “Povo” e de “Educação Popular” no séc.XIX -----	Pág.23
2.5.	Instrução da Mulher em Portugal – importância das Bibliotecas Populares na instrução feminina-----	Pág.26
III	As bibliotecas populares e a leitura pública-----	Pág.28
3.1.	A criação da leitura pública-----	Pág.28
3.2.	Extinção dos conventos e criação do DLEC (Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos) -----	Pág.29
3.3.	A importância das bibliotecas no sistema educativo e formativo nacional	Pág.30
3.4.	D.António da Costa e a criação das bibliotecas populares-----	Pág.32
3.5.	Movimento da criação das Bibliotecas Populares em 1870-----	Pág.33
3.6.	O livro como repositório do saber e o papel do bibliotecário-----	Pág.35
3.7.	A difusão das Bibliotecas Populares-----	Pág.38
3.8.	O papel da Inspeção-Geral das Bibliotecas -----	Pág.39
3.9.	A importância do associativismo na criação de bibliotecas populares-----	Pág.40
IV	Estudo das bibliotecas de Castelo de Vide-----	Pág.46
4.1.	Castelo de Vide, a Sintra do Alentejo-----	Pág.46
4.2.	José Frederico Laranjo –“O Homem de Castelo de Vide”-----	Pág.46
4.2.1.	A vida de Laranjo-----	Pág.46
4.2.2.	A personalidade de Laranjo-----	Pág.49
4.2.3.	A sua vocação-----	Pág.50
4.2.4.	As suas ideologias e vida política-----	Pág.52
4.3.	Fundação da Sociedade Literária – “Associação dos Amigos do Estudo”--	Pág.53
4.3.1.	Fim a que se destinava a Associação-----	Pág.53

4.3.2.	A sede da Associação-----	Pág.54
4.3.3.	Os fundadores da Associação-----	Pág.54
4.3.4.	Sócios da Associação-----	Pág.55
4.3.5.	Jóia de entrada e quota da Associação-----	Pág.56
4.3.6.	Estatutos da Associação-----	Pág.56
4.3.7.	O Gabinete de Leitura, a aula nocturna e a Biblioteca da Associação-----	Pág.57
4.3.8.	Momentos significativos da Associação-----	Pág.58
4.3.9.	Fundos e despesas da Associação Amigos do Estudo-----	Pág.60
4.4.	Fundação da Sociedade “Grémio Ilustração Popular”-----	Pág.61
4.4.1.	A sede do Grémio-----	Pág.62
4.4.2.	A Direcção do Grémio-----	Pág.63
4.4.3.	Sócios do Grémio-----	Pág.63
4.4.4.	O “ cobrador” do Grémio -----	Pág.64
4.4.5.	O tesoureiro do Grémio-----	Pág.65
4.4.6.	Objectivos do Grémio: a biblioteca, os saraus e conferências e as escolas--	Pág.66
4.5.	Reunião das duas Sociedades – Gremio de Ilustração Popular-----	Pág.69
4.5.1.	Sócios do Grémio-----	Pág.70
4.5.2.	Fontes de receita do Grémio-----	Pág.70
4.5.3.	A sede da Biblioteca e da Escola Nocturna do Grémio-----	Pág.70
4.5.4.	O professor da Escola Nocturna-----	Pág.70
4.5.5.	O guarda e o horário da Biblioteca do Grémio-----	Pág.71
V	A biblioteca do Grémio de Ilustração Popular-----	Pág.72
5.1.	O Inventário de 1899 da autoria de Frederico Laranjo-----	Pág.72
5.2.	Fundo da biblioteca do Grémio-----	Pág.74
5.2.1.	Biblioteca do Gremio Ilustração Popular - Distribuição dos Assuntos-----	Pág.76
5.2.2.	Número de obras por século de edição-----	Pág.77
5.2.3.	Século de edição das obras que constituíam o Inventário de 1899-----	Pág.78
5.2.4.	Língua de edição das obras do Inventário de 1899-----	Pág.79
5.2.5.	Objectos do inventário de 1899-----	Pág.82
5.2.6.	Biblioteca do Grémio – situação actual-----	Pág.83
5.3.	Número de leitores da Biblioteca do Grémio Ilustração Popular-----	Pág.85
5.4.	Livros requisitados na Biblioteca do Grémio-----	Pág.86
5.5	Livros mais requisitados entre Dezembro de 1871 e Setembro de 1998 ----	Pág.87

5.6.	Quem podia requisitar livros da Biblioteca do Grémio-----	Pág.87
5.7.	O público feminino que frequentava a Biblioteca do Grémio -----	Pág.88
5.8.	O público feminino que era sócio do Grémio (1878) -----	Pág.89
5.9.	O destino do espólio quando dissolvido o Grémio-----	Pág.90
VI	Considerações finais-----	Pág.94
6.1.	Razões do declínio das Bibliotecas Populares-----	Pág.94
6.2.	Bibliotecas de Castelo de Vide – Sucesso ou fracasso nos seus propósitos de Instrução Popular-----	Pág.95
6.3.	A importância destas Bibliotecas Populares fundadas por Frederico Laranjo como origem da actual Biblioteca Municipal-----	Pág.99
	Fontes e bibliografia-----	Pág.102
	ANEXOS-----	Pág.107
	Anexo I - Conferência dada na inauguração do Grémio-----	Pág.108
	Anexo II - Lista das jóias-----	Pág.115
	Anexo III – Número de leitores do Grémio-----	Pág.116
	Anexo IV- Inventário de 1899-----	Pág.124
	Anexo V- Catálogo das obras da Biblioteca do Grémio-----	Pág.144
	AnexoVI – Periódicos-Sítios pesquisados-----	Pág.233
	Anexo VII – Acta da entrega da Biblioteca à Câmara Municipal-----	Pág.234

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro I	Alfabetização em 1878-----	Pág.21
Quadro II	Volumes e folhetos concedidos às Bibliotecas Populares-----	Pág.36
Quadro III	Bibliotecas Populares no Inquérito de 1875-----	Pág.38
Quadro IV	Bibliotecas concedidas entre 1870 /1886-----	Pág.39
Quadro V	Sócios primários e sócios secundários-----	Pág.56
Quadro VI	Distribuição dos assuntos das obras por categorias-----	Pág.76
Quadro VII	Número de obras por século de edição-----	Pág.77
Quadro VIII	Percentagem de obras por século de edição-----	Pág.78

Quadro IX	Língua de edição-----	Pág.79
Quadro X	Catálogo de periódicos do Inventário de 1899-----	Pág.81
Quadro XI	Catálogo dos objectos do Inventário de 1899-----	Pág.82
Quadro XII	Obras existentes e desaparecidas-----	Pág.85
Quadro XIII	Língua de edição dos livros requisitados entre 1871/1898-----	Pág.86
Quadro XIV	Livros mais requisitados entre 1871/1898-----	Pág.87
Quadro XV	Livros requisitados por Rita de Barros-----	Pág.88
Quadro XVI	Livros requisitados por M ^a da Apresentação Roxo-----	Pág.88
Quadro XVII	Língua de edição das obras do acervo-----	Pág.96
Quadro XVIII	Língua de edição das obras requisitadas-----	Pág.96

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Categorias com maior número de títulos do Inventário de 1899-	Pág.77
Gráfico 2	Número de obras por século de edição-----	Pág.78
Gráfico 3	Língua de edição-----	Pág.79
Gráfico 4	Obras existentes e desaparecidas-----	Pág.83
Gráfico 5	Número de leitores-----	Pág.85
Gráfico 6	Língua de edição dos livros requisitados-----	Pág.86

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	D. António da Costa-----	Pág.32
Figura 2	Jornal “O Alto Alemtejo”, nº15, Ano 1, de 09/08/1908-----	Pág.51
Figura 3	Jornal “Alto Alemtejo”, nº17, ano 1, de 30/08/1908-----	Pág.52
Figura 4	Fundos e despesas da Associação-----	Pág.61
Figura 5	Recibo da renda de 18 /10/1891-----	Pág.63
Figura 6	Relação nominal dos sócios do Grémio Ilustração Popular-----	Pág.64
Figura 7	Recido de ordenado de cobrador do Grémio do dia 01/09/1891-----	Pág.65
Figura 8	Obras autografadas-----	Pág.66/67
Figura 9	Convite do Grémio para Sarau Literário-----	Pág.68
Figura 10	Acta de 23 de Agosto de 1891-----	Pág.71
Figura 11	Nomes de mulheres nos livros de quotas-----	Pág.90

Figura 12	Jornal “Castellovidense”, nº55 de 27/02/1910-----	Pág.92
Figura 13	Jornal “Castellovidense”, nº14 de 27/07/1908-----	Pág.92
Figura 14	Jornal “Alto Alemtejo”, nº12, ano 1, de 12/07/1908-----	Pág.93
Figura 15	Jornal “Castellovidense”, nº44, de 12/12/1909-----	Pág.93
Figura 16	Disposição actual da Biblioteca do Grémio -----	Pág.97
Figura 17	Notícia do jornal “Notícias de Castelo de Vide”de 30 /04/1908-----	Pág.99
Figura 18	Biblioteca Municipal Laranjo Coelho-----	Pág.100

LISTA DE SIGLAS

BLX - Bibliotecas Municipais de Lisboa

BNF - Biblioteca Nacional de França

BNL - Biblioteca Nacional de Lisboa

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal

CDU - Classificação Decimal Universal

CRUE - Catálogo Rebiun de Universidades Espanholas

DLEC - Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos

IPP - Instituto Politécnico do Porto

PNL - Plano Nacional de Leitura

I – INTRODUÇÃO

1.1. Objecto de estudo e quadro teórico de pesquisa

O presente trabalho surge no âmbito de um curso de mestrado em Ciências da Educação, especialidade em Educação e Formação de Adultos, da Escola Superior de Educação de Portalegre.

Esta dissertação tem como objecto de estudo as Bibliotecas de Castelo de Vide, constituídas no âmbito de duas associações, que existiram nesta vila alentejana na 2ª metade do século XIX e que de entre os seus objectivos visavam promover a instrução do povo.

Consciente do desconhecimento que infelizmente a população revela acerca da existência destas associações de cariz popular e mais concretamente das bibliotecas que então se constituíram, julga-se de todo pertinente o desenvolvimento de um trabalho de investigação nesta área, não apenas com o objectivo da sua necessária divulgação às gentes da terra, mas também como forma de valorização e preservação das obras que resistiram ao tempo e ainda existem na Biblioteca Municipal de Castelo de Vide.

Os últimos trinta anos do século XIX tinham como grande projecto a divulgação do livro e consequentemente da cultura escrita. A autora pretende também neste estudo debruçar-se sobre a importância do livro na instrução popular, tendo que paralelamente conhecer o projecto nacional de criação das bibliotecas populares.

A leitura revelou-se desde sempre uma problemática. As práticas da leitura possuem uma história ligada aos suportes em que os textos são veiculados, mas também ao lugar e à época em que a leitura acontece. Darnton (1992) apresenta uma forma de estudar essa história através de reflexões a partir de perguntas que abrangessem: “quem”, “o que”, “quando”, “onde”, “como” e “por que” as pessoas liam. Neste caso também se pretende conhecer quem foram os fundadores destas associações e mais concretamente destas bibliotecas, e quem constitui o seu público-alvo. Interessa saber o que pretendiam os seus fundadores quando as fundaram, quais os objectivos que estiveram na sua origem. Com este estudo far-se-á um percurso do presente para o passado, procurando reconstituir, à luz das questões teóricas actuais, essas bibliotecas, a sua formação, o modo como funcionavam, quem as dirigia, o local onde existiram. Será necessário fazer um levantamento das obras e objectos que constituíram estas bibliotecas, viajando à descoberta das suas origens, modos de aquisição, conservação e utilização.

Pretende-se compreender quais as linhas orientadoras que estiveram na origem da sua aquisição ou quem as ofereceu, saber que temas tratavam, a língua e o ano de edição.

Sabe-se que a leitura não foi sempre a mesma em todo o lugar. E também não é unânime o seu conceito entre as pessoas. O acto de ler concretiza-se a partir da relação que o homem estabelece com os textos nos seus diferentes suportes. Ler não é apenas uma operação intelectual abstracta: implica o uso do corpo e ocorre dentro de um espaço.

A prática da leitura possui uma história. No Ocidente não se leu sempre do mesmo modo.

A leitura, quando era feita em voz alta, exercia uma dupla função: passar informações sobre aquilo que estava escrito àqueles que não sabiam decifrá-lo e socializar os indivíduos em torno dos livros, seja na intimidade familiar ou na convivência letrada. Entre 1750 e 1850, consolida-se a leitura silenciosa de numerosos textos, numa relação de intimidade, que passa a ser silenciosa e individual. O livro torna-se companheiro de solidão e é, ao mesmo tempo, um objecto de decoração. As bibliotecas particulares revelam-se como sinal de saber ou de poder. A leitura era prática exclusiva das classes elevadas e os livros guardados nas residências constituíram bibliotecas particulares em torno das quais se reunia a sociedade culta. Da mesma forma, entre os príncipes e nobres da Idade Média, predominavam livros de entretenimento e de devoção, mas a sua função transcende a simples leitura. Foram também ornamento, sinais de riqueza e de civilização.

Para entendermos certas práticas actuais de leitura é preciso conhecer a história das leituras e dos leitores, os modos de utilização do escrito, de compreensão e de apropriação dos textos. Segundo Cavallo e Chartier, “reconhecer as leituras, é, antes de tudo, constituir séries, estabelecer limites, construir estatísticas” .(1999:7).

Em diferentes épocas, segundo Darnton, “homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir”. (1992:212). Daí que seja tão importante conhecer o que liam as gentes de oitocentos. Da análise das obras requisitadas compreender-se-á as preferências dos leitores que frequentavam estas bibliotecas. Segundo Darnton (1992:203), a descoberta de “quem lia o quê em diversas épocas”, pode ser alcançada através de dois tipos de estudos: macro e microanalítico. Uma pesquisa macroanalítica pode ser feita nos registos de publicações anuais, catálogos de feiras de livros e registos de bibliotecas e revela os hábitos e as preferências dos leitores. Já através de um estudo microanalítico é possível obter detalhes, como por exemplo, o catálogo de uma biblioteca particular pode ajudar a traçar o perfil do leitor.

Esta abordagem insere-se numa microanálise, neste caso da Biblioteca do Grémio Ilustração Popular, ou seja interessa descobrir “quem lia o quê” na época em estudo, que tipo de obras liam e a que classe social pertenciam estes leitores. “Os registos das bibliotecas de empréstimo oferecem uma oportunidade melhor para se fazerem conexões entre os géneros literários e as classes sociais”. (Darnton, 1992:211).

Paralelamente a este estudo, também a nível micro, é feita uma relação com a situação nacional, tentando-se perceber de que forma esta instituição, a Biblioteca do Grémio Ilustração Popular, corresponde às directrizes emanadas a partir da legislação publicada sobre Bibliotecas Populares, e ao fomento da instrução da população. Tenta-se interligar a microanálise com a macroanálise para se ter uma ideia mais clara sobre o tipo de práticas que a nível institucional correspondiam às teorias e práticas que ocorreram no nosso país no que se refere a estes assuntos.

Algumas perguntas, decorrentes do quadro teórico-conceptual, nortearam o estudo sobre as bibliotecas pesquisadas: qual o conceito de biblioteca pública/ popular? Como surgiram as bibliotecas populares? Qual a importância de conhecermos a sua história? Como relacionar os dados históricos com o modo de funcionamento actual?

Este trabalho possibilitou a reflexão sobre a evolução do conceito de leitura. Isto porque para investigar o histórico das bibliotecas populares, temos de conhecer parte significativa dos estudos relativos à história da leitura, numa perspectiva teórica e metodológica própria da História Cultural. Com efeito, a categoria de análise “apropriação”, proposta por Roger Chartier nos seus estudos sobre a história do leitor, da leitura e dos seus respectivos suportes, tem orientado a forma de aproximação às fontes históricas relativas às bibliotecas públicas. Estas fontes históricas permitirão uma análise da relação entre o tipo de texto e o tipo de leitor. Chartier faz considerações interessantes a este respeito:

(...) cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado aos textos de que se apropria. Reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras. (Chartier, 1996:20).

Pretende-se compreender o presente à luz do conhecimento do passado, uma vez que esta biblioteca esteve na origem da formação da actual Biblioteca Municipal de Castelo de Vide. A problemática da leitura é antiga, mas este estudo mantém-se actual. Nos nossos dias, o Plano Nacional de Leitura (PNL) comprova as actuais preocupações do governo com as práticas da leitura. E comprova a importância actual do papel das bibliotecas no desenvolvimento dos hábitos de leitura. O PNL visa entre outros objectivos “consolidar e

ampliar o papel da Rede de Bibliotecas Públicas e da Rede de Bibliotecas Escolares no desenvolvimento de hábitos de leitura”. Esta aposta no desenvolvimento dos hábitos de leitura da população portuguesa abarca áreas de intervenção que vão desde o ensino pré-escolar, ensino básico, Programa Novas Oportunidades, bibliotecas e instituições de formação.

Esta investigação constitui também, como não poderia deixar de ser, uma aposta na formação pessoal da autora, mais concretamente no desenvolvimento da sua capacidade científica e crítica.

1.2. A investigação e os seus objectivos

A Educação Popular como principal objectivo das associações estudadas neste trabalho, nomeadamente através das bibliotecas que foram constituídas no seu âmbito, constituem a razão principal desta investigação, que por inerência visa também conhecer a vida e a obra do seu principal impulsionador, o Dr. José Frederico Laranjo.

O processo educativo não se desenvolve, exclusivamente, no âmbito escolar (educação formal). Ao longo da história, a formação de pessoas adultas foi levada a cabo por instituições com actividades tendo em vista a sua formação através de programas que procuravam, não só a transmissão de conhecimentos, como também a análise e transformação da realidade social. Pretendia-se, não apenas transmitir um saber, como também um fazer, procurando uma formação integral que parte da experiência e da interacção entre grupos de diferentes níveis etários, classes sociais.

A educação do povo foi o objectivo que esteve na origem da fundação das associações que constituem a base deste estudo.

Estas associações denominavam-se: Sociedade Literária “Associação dos Amigos do Estudo e Uns dos Outros” criada em 1863 e Sociedade “Grémio Ilustração Popular” nascida em 1870. Acima de tudo, interessa perceber realmente que importância estas Sociedades assumiram na Instrução Popular da época. Para isso, proceder-se-á a um estudo detalhado sobre a sua fundação, objectivos a que se propunham, leis a que obedeciam, organização e funcionamento das Bibliotecas que integravam. Uma vez que José Frederico Laranjo foi o seu principal fundador, estudar-se-á em simultâneo, a sua vida e obra, nomeadamente as suas ideologias políticas e sociais.

Por último, importa concluir se estas Bibliotecas foram um sucesso ou um fracasso na instrução popular da época, no concelho de Castelo de Vide, em função dos objectivos que se propunham.

Vários autores foram consultados para a realização deste estudo. Nas palavras de Mogarro (2006) “A relação entre os documentos e as investigações que, a partir deles, se podem desenvolver não é unívoca e exclusiva” (p.76), daí que tenha sido importante conhecer os trabalhos de alguns autores relacionados com o tema desta investigação.

Dentre os autores da história cultural que se debruçam sobre a leitura podemos destacar os trabalhos de Roger Chartier. As suas buscas concentram-se no esforço de reconstituir, nas suas distâncias e aproximações, as diferentes maneiras de praticar a leitura, cujos modelos e modos variam de acordo com os tempos, os lugares e as comunidades. Chartier parte de uma percepção da leitura como uma prática plural, o que o obriga a opor-se às classificações rígidas e simplistas que restringem a realidade da leitura a duas categorias: leitores e não-leitores ou alfabetizados e analfabetos. Nesta perspectiva mais ampliada de perceber a leitura como uma prática plural, Chartier elege três eixos a partir dos quais um projecto de investigação da história da leitura se pode apoiar. São eles: o estudo crítico dos textos, a história dos livros e de todos os objectos que contêm a comunicação do escrito e servem de suporte para o texto e a análise das práticas de leitura.

Robert Darnton é outro historiador ligado à história cultural e que tem desenvolvido reflexões e pesquisas sobre a história da leitura. Darnton identifica como possibilidades para investigar a história da leitura, o estudo do registo dos leitores e o material de leitura nos arquivos. É possível recuperar a história da leitura? Como recuperar a história da leitura? Estas são as perguntas que orientam o balanço que Darnton faz sobre os limites e as possibilidades de produção de pesquisas nesta área. O autor parte do pressuposto que a recuperação da história da leitura será sempre parcial, uma vez que existem limitações de acessar a todos os seus vestígios, mas reconhece as contribuições da história do livro na reconstituição da história externa da leitura (quem, onde, quando se lia?). No entanto, segundo Darnton, outras perguntas continuam difíceis de serem respondidas (como e por que se lia?).

Outro contributo importante foi dado por António Ventura, que estudou a vida e obra de José Frederico Laranjo, o principal fundador das bibliotecas estudadas. Destacam-se deste autor as obras *José Frederico Laranjo-trinta anos de política* e *José Frederico Laranjo (1846-1910)*.

João António Gordo (*Figuras gradas de Castelo de Vide*) e César Videira (*Memória Histórica da muito notavel villa de Castello de Vide*) foram, de igual modo, fundamentais para se perceber quem foi Frederico Laranjo.

O testemunho prestado por Costa Goodolphim, um dos autores que mais pugnaram pelo desenvolvimento do associativismo mutualista em Portugal na segunda metade do século XIX e que permitiu reconstituir os atributos e realizações de diversas instituições de natureza associativa, também foi de extrema importância. Destaca-se deste autor a obra *A Associação-História e desenvolvimento das associações*.

De referir também as obras *A Instrução Nacional* (1870) e *História da Instrução Popular desde a Fundação da Monarquia até aos Nossos Dias* (1871) de D. Antonio da Costa, Ministro da Instrução Popular em 1870.

De salientar ainda o estudo de Carlos Alberto Rebelo sobre a difusão da leitura pública e as bibliotecas populares de 1870 a 1910.

1.3. Metodologia e fontes utilizadas

Para a elaboração desta dissertação realizaram-se pesquisas em várias Bibliotecas Municipais como a de Portalegre, Nisa, Elvas e Arquivo Municipal de Portalegre. Recorreu-se também a várias bibliotecas digitais, de onde se destaca a Porbase BNP (Biblioteca Nacional Portuguesa) e a Gallica BNF (Biblioteca Nacional Francesa). Foram também realizadas inúmeras investigações na Biblioteca Municipal de Castelo de Vide. Foi dado um maior enfoque a esta biblioteca, uma vez que tem à sua guarda os livros que ainda existem das bibliotecas estudadas e alguns documentos referentes à sua criação, assim como relativos a toda a constituição e funcionamento das associações a que estas pertenciam – Associação Amigos do Estudo e Uns dos Outros e Grémio Ilustração Popular.

Revelaram-se muito importantes para a realização desta pesquisa a Câmara Municipal e o Arquivo Municipal de Castelo de Vide, onde foram consultadas actas de reuniões camarárias ocorridas durante o período estudado e analisados jornais do concelho editados na época como “O Castellovidense”, “Terra Alta” e alguns mais recentes como “O Notícias de Castelo de Vide”; julgou-se importante realizar algumas pesquisas no Arquivo do Jornal “O Distrito de Portalegre”, uma vez que Frederico Laranjo foi durante alguns anos o seu Director e poderia, como autor de inúmeros artigos aí publicados, ter feito algumas considerações pertinentes para este estudo.

O Centro Documental da Escola Superior de Educação de Portalegre fez parte integrante desta investigação, permitindo a realização de uma grande parte da pesquisa bibliográfica necessária. Dentro do possível, solicitou-se também a colaboração de particulares que

possuem obras ou dados relevantes, nomeadamente o Sr. Diogo Salema Cordeiro, colaborador desde há longa data do jornal “ Notícias de Castelo de Vide”.

Foi feita uma análise documental, que incluiu obras relacionadas com o tema, e documentos directamente relacionados com a constituição e funcionamento das associações estudadas, nomeadamente os Estatutos das Associações, os discursos proferidos na época acerca destas associações e das bibliotecas que lhe pertenceram. De extrema importância, revestiu-se a análise do Inventário da Biblioteca do Grémio Ilustração Popular que data de 1899, da autoria do Dr. José Frederico Laranjo.

A análise de dados foi essencialmente qualitativa, tendo incluído em algumas etapas da dissertação, uma componente quantitativa. Importou conhecer os géneros literários a que pertenciam as obras que constituíam o acervo desta biblioteca, dividindo-os em várias categorias que foram criadas para o efeito. Analisou-se a língua de edição e o século em que foram escritas. Foi ainda importante perceber qual a língua ou línguas de edição das obras mais requisitadas e os temas tratados. Desta análise qualitativa resultaram tabelas que foram convertidas em gráficos para uma melhor percepção das quantidades e respectiva evolução, procedendo necessariamente a uma análise quantitativa.

Esta pesquisa visa ainda conhecer o panorama nacional no século XIX, período de grande proliferação das bibliotecas. O âmbito desta pesquisa tem como núcleo central o período que vai de 1863 até 1899. Interessa também saber e conhecer a vida e obra dos principais fundadores das bibliotecas de Castelo de Vide.

Este trabalho tem como ponto de partida o estudo destas bibliotecas, que apesar de quase desconhecidas dos habitantes da vila, possuíam um extraordinário fundo bibliográfico, que se distingue do ponto de vista quantitativo, com mais de mil e quinhentas obras, mas também do ponto de vista qualitativo, pelo valor de algumas espécies que continha.

As obras que ainda resistem ao tempo foram alvo de uma incompleta catalogação, o que dificultou este trabalho. Muitas obras não foram registadas devidamente, sendo omissos o nome da editora ou a data de edição apesar de o possuírem, o que obrigou a uma nova análise para completar os dados existentes. Por outro lado, houve necessidade de pesquisar dados *on-line* para analisar da forma mais completa possível as obras que já desapareceram, mas que constavam do inventário estudado. A existência de poucos estudos sobre estas bibliotecas e o facto de ser um tema pouco desenvolvido tornou as fontes primárias disponíveis de extrema importância. No entanto, o carácter lacunar dos documentos existentes leva a existência de algumas situações por esclarecer, podendo conduzir a algumas incorrecções involuntárias. Mogarro (2006) confirma a necessidade de se cruzarem todas as informações possíveis:

Os documentos de arquivo (manuscritos e dactilografados, no caso dos mais recentes) reflectem a vida da instituição que os produziu. No entanto, as informações fornecidas por estes documentos têm, necessariamente, de ser cruzadas com os dados que se encontram em fontes de outra natureza, apresentando-se em suportes variados e sob formas diversificadas. (p.74)

Muitos documentos não se encontram devidamente identificados, faltando por vezes a data em que foram redigidos. O acondicionamento de alguns documentos também não se mostrou o mais favorável à sua conservação e muito menos à sua consulta. Ainda segundo a autora:

No seu conjunto, estas fontes de informação implicam o investigador numa atitude necessariamente atenta aos contextos educativos e culturais em que foram produzidas e à selecção a que sucessivamente foram submetidas pelas gerações de actores sociais que as tutelaram, ocupando diferentes níveis de poder decisório sobre elas e sobre a sua preservação ou eliminação. (Mogarro, 2006:75)

O trabalho escrito foi organizado em seis partes. Na primeira, faz-se a apresentação da temática a abordar, os objectivos da investigação e a metodologia. A segunda parte apresenta o respectivo quadro conceptual, englobando algumas considerações sobre a sociedade, a economia, a cultura, a educação e a escola no século XIX. Faz também algumas referências ao conceito de “povo”, de educação popular e caracteriza a situação em que se encontrava a instrução feminina. Uma terceira parte estuda a criação da leitura pública, a biografia do Ministro da Instrução Pública, D. António da Costa e o seu papel na criação das bibliotecas populares, assim como o modo como se difundiram no nosso país. Ainda nesta parte da investigação, achou-se importante conhecer o papel do Depósito das obras existentes nos extintos conventos, a actuação da Inspecção e o papel do associativismo na educação popular. A quarta parte da dissertação é exclusivamente dedicada ao estudo das Associações “Amigos do Estudo e Uns dos Outros” e “Grémio Ilustração Popular” de Castelo de Vide, com uma análise mais detalhada das suas bibliotecas. É apresentada a sua fundação e evolução, as referências que lhe foram feitas. Numa quinta parte deste estudo apresentam-se os vários documentos, a descrição das obras e objectos ainda existentes e desaparecidos que constam do único inventário de que se tem conhecimento da biblioteca do Grémio, datado de 1899, bem como referências aos seus leitores. A sexta parte apresenta as conclusões do trabalho, tentando dar resposta às questões que motivaram a sua realização, nomeadamente conhecer a importância que estas associações estudadas tiveram na educação popular no concelho de Castelo de Vide, bem como abrir novas perspectivas para outras investigações. De referir que se manteve a ortografia original, quer na elaboração do catálogo das obras analisadas, quer nas citações dos autores da época, assim como em algumas transcrições referentes ao estudo das instituições estudadas.

II – SOCIEDADE, ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO NO SÉC. XIX

2.1. Sociedade, economia e cultura

No decorrer do século XIX, Portugal passa por sucessivas e importantes transformações que afectam as suas estruturas económicas e políticas, mas também as questões sociais, em particular a educação.

A liberdade de imprensa, o desenvolvimento tecnológico e as novas formas de sociabilidade permitiram um grande aumento do número de publicações, sobretudo jornais. Todos estes jornais e revistas eram um estímulo à produção literária. Grandes escritores estrearam-se com artigos, novelas e romances nos folhetins dos jornais diários.

Também se tornou moda a realização de conferências e a fundação de clubes culturais. Havia o culto pela arte de bem escrever e bem falar.

Instaurava-se em Portugal o Movimento Romântico, onde se destacaram: - no teatro – Almeida Garrett; - no romance – Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis; - no romance histórico – Alexandre Herculano. Destacou-se ainda António Feliciano de Castilho, o inventor do Método Castilho de Leitura.

A partir de 1860 dá-se uma reviravolta intelectual, implantando-se o Realismo, corrente segundo a qual, os artistas procuravam reproduzir o mundo tal como o viam, de uma maneira mais natural, sem o aspecto sentimental e poético do Romantismo. Destacaram-se: - na literatura – Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Antero de Quental; - na pintura – Columbano Bordalo Pinheiro, José Malhoa, Silva Porto; - na escultura – mestre Soares dos Reis.

O século XIX poderia denominar-se o século de ouro da burguesia. A nobreza, até então detentora de privilégios viu-se substituída pelos ricos burgueses, que tentavam alcançar prestígio, comprando títulos. Outros afirmavam-se na nova sociedade, apenas pelas funções que desempenhavam: membros do Governo, diplomatas, advogados, solicitadores, farmacêuticos, médicos, funcionários.

No final do século XIX, a burguesia dominava a vida política e económica. Todo o aristocrata e burguês exigia que os seus filhos aprendessem línguas estrangeiras e mandava-os, muitas vezes, estudar para fora do país. A função da mulher continuava a ser de esposa e mãe. Cada vez mais, tinha a tarefa de ser a educadora na primeira infância dos filhos.

A partir de Inglaterra, um pouco por toda a Europa, e mais tarde em Portugal, começavam a surgir fábricas. Os artesãos das antigas oficinas davam lugar aos operários. Esta classe operária conhecia um período de ascensão demográfica e de concentração nas cidades. A

cidade cresceu e modernizou-se. Lisboa e Porto foram as cidades que mais cresceram. Lisboa tinha novos meios de comunicação, muito mais perto do resto da Europa. Ao longo do século XIX, começou a falar-se da «classe operária» e das suas difíceis condições de vida.

A partir de 1852, assistiu-se ao desenvolvimento das associações de socorros mútuos, que se preocupavam com as dificuldades económicas dos operários e prestavam ajuda aos familiares, em situações de doença, desemprego, invalidez ou morte. Este associativismo, além de defender os interesses dos trabalhadores, incluía uma componente cultural.

O movimento operário procurava aumentar a sua influência, fazendo propaganda, através de conferências, jornais, revistas, panfletos e livros; no entanto, a classe burguesa, em Portugal, nunca se sentiu realmente ameaçada.

O desenvolvimento industrial coincidiu também com o aparecimento das primeiras iniciativas na Educação de Adultos.

Para os defensores das novas ideias, a instrução devia ser para todos os cidadãos. Isto era muito difícil de atingir num país de analfabetos (muito perto de 90% da população não sabia ler nem escrever). A mão-de-obra infantil era muito utilizada na indústria, o que prejudicava a escolarização. “A taxa de analfabetismo em 1864 estimava-se em 88% e em 1910 era ainda de 75%” (Fernandes, 2004:92).

No jornal “O Castellovidense” pode ler-se:

Como paes nunca poderão formar solidamente o espírito de seus filhos, sigam sempre a árdua, mas honrosa vereda da verdade e como cidadãos nunca conhecerão os seus deveres e responsabilidades. São os governos e o povo que abrem as portas ao analfabetismo em Portugal. Parece impossível que na pátria de Camões, Garrett, Herculano, Castillo e de tantos literatos, de nome insigne, haja 80 p.c. de analfabetos. (19 de Abril de 1909)

No entanto, foram tomadas logo nos primeiros anos do regime liberal, algumas medidas:

- O ensino primário passou a ser livre e um direito de cada cidadão; eram três anos de frequência obrigatória e mais um ano para os que assim o desejassem. Construíram-se muitas escolas e aumentou o ordenado dos professores;
- Um forte apoio ao ensino técnico foi dado por Fontes Pereira de Melo, com a abertura de escolas industriais, comerciais e agrícolas;
- Em 1861, foi criado, em Lisboa, o Curso Superior de Letras.

Houve uma profunda reforma no ensino liceal inspirada no sistema francês. Passou a incluir o estudo das ciências e das línguas vivas. No entanto, os liceus só existiam nas principais capitais de distrito. As meninas só tinham acesso ao ensino secundário através de colégios ou de professores particulares.

2.2. A Educação nos finais do séc.XIX

Ultimamente, o campo da História da Educação, sob o paradigma da História Cultural, tem-se preocupado com novos temas e consequentemente novos problemas. Assim, sujeitos e práticas têm-se tornado em objectos de pesquisa.

Este estudo centra a sua atenção na sociedade oitocentista, mais concretamente nas últimas quatro décadas do século XIX.

O Liberalismo, corrente que marcou esta época, não permitiu uma ruptura com as estruturas educativas anteriores, principalmente porque teve dificuldade em implantar as novas ideologias.

Pedagogicamente, assistimos a um período onde impera a instrução sensorialista, racionalista, naturalista e ainda defensora da educação nacional e individual.

Os princípios educativos, anteriormente veiculados, nos planos reformistas do século XVIII, passavam pelo desenvolvimento da educação estatal, tentando a todo o custo lançar as bases da educação nacional. Constantemente, são apregoados os princípios da educação universal, gratuita e obrigatória. É evidente uma preocupação em organizar a instrução pública. Acentua-se o espírito cosmopolita e universalista. No século XVIII, com a intervenção directa do Estado no Ensino, nasce a Educação Estatal e inicia-se a Nacional. A Educação passa a ser um problema da Nação, relegando para um plano secundário a Igreja e as Ordens Religiosas. Como consequência, os docentes profissionalizam-se e tornam-se funcionários públicos.

O Estado passa a ver o ensino como meio e instrumento de poder. Talvez por isso, nos censos realizados de 1878 até 1930, são considerados “alfabetizados” os indivíduos que sabiam pelo menos ler, com excepção do censo de 1890. Pensa-se que o relativo aumento de escolarização ocorrida neste ano de 1890 relacionou-se com a lei que determinava uma idade legal durante a qual a escolarização era obrigatória e que previa advertências e multas aos adultos que não fizessem as crianças, dependentes deles, cumpri-la. Por outras palavras, este aumento deveu-se ao facto dos pais terem medo de declarar neste censo que os seus filhos não frequentavam a escola. Mas saber ler seria ou não suficiente para se tornar “cidadão” no verdadeiro sentido da palavra?

Seria interessante atentarmos em alguns dados retirados do 1º censo realizado no dia 1 de Janeiro de 1878, no que concerne aos níveis de alfabetização da população portuguesa nesta época.

População	Absoluta	Percentagem
População total	4550699	
População total masculina	2175829	
População total feminina	2374870	
Estimativa da população total de idade superior a 7 anos	3728334	
Estimativa da população masculina de idade superior a 7 anos	1759566	
Estimativa da população feminina de idade superior a 7 anos	1968768	
Estimativa da população alfabetizada de idade superior a 7 anos	798925	21%
Estimativa da população alfabetizada masculina de idade superior a 7 anos	544556	31%
Estimativa da população alfabetizada feminina de idade superior a 7 anos	254369	13%

Fonte: *Estatística de Portugal. População. Censo no 1º de Janeiro de 1878*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, pp.XVI, XX-XXII

Quadro I – Alfabetização em 1878

Verifica-se que segundo esta estimativa datada de 1878, apenas 21% da população total com idade superior a 7 anos (partia-se do princípio que esta devia ser a idade de ingresso na escola) é considerada alfabetizada.

Outro dado interessante tem a ver com a diferença acentuada entre a percentagem da população masculina alfabetizada com mais de 7 anos (31%), que se revela muito superior à população feminina alfabetizada com mais de 7 anos (13%), apesar da população total masculina com idade superior a 7 anos ser praticamente em número idêntico à feminina do mesmo escalão etário.

2.3. O papel da Escola na instrução do povo

“ Ler, mas ler mal, era a missão da escola”, no dizer de D.Antonio da Costa (1870:22).

A Instrução do Povo foi o objectivo das nações e do nacionalismo, sobretudo a partir de finais de setecentos, embora as suas raízes remontem à invenção da imprensa, que tornou possível o proselitismo protestante e católico do século XVI e seguintes.

Em Portugal, uma questão que parecia pertinente era a de saber se o povo devia ler. O debate iria prolongar-se até à segunda metade do século XIX. Para uns não havia qualquer dúvida sobre a necessidade e urgência de todo o povo receber uma instrução elementar e portanto aprender a ler e escrever; já para outros, o filho do camponês e do pastor deviam continuar o ofício do pai. Uns defendiam a instrução popular, em todos os estratos e sem discriminação de sexo, enquanto outros insistiam numa via elitista, defendendo um ensino para a nobreza e burguesia, considerando que nas aldeias não devia haver escolas e não se referindo praticamente a um ensino no feminino.

D. António da Costa defendia uma instrução nacional para todas as classes sociais. Num artigo escrito para o periódico “A Folha”, Frederico Laranjo confirma-nos essa ideologia:

A instrução nacional de que D. António da Costa nos falla é a instrução primaria, a instrução que se pode e se deve derramar por todas as classes, a luz que é precisa para todos os espíritos, como a do sol para todos os corpos. (Laranjo, 1870:93)

As leituras das gentes do povo são ainda reveladoras de um sentido: saber ler é útil para vida. Os livros dirigidos ao povo deviam ser escritos em português e num estilo simples e acessível. Mas livros deste género não abundavam, seja porque a conjuntura política estava conturbada, seja porque as instituições vocacionadas para a difusão das luzes pareciam alhear-se do problema que era o nosso atraso cultural, neste domínio da instrução popular. Podemos dizer que o conjunto de textos para instrução económica obedecia a um objectivo bem preciso. Para o povo, as elites intelectuais e políticas pensavam e ofereciam produtos de baixa qualidade e custo: manuais em estilo catequético e o ensino mútuo. Porque as elites continuavam o velho preconceito voltairiano: o povo era estúpido, portanto, não era dado a abstracções, nem a grandes leituras. Preconceito que, partindo da afirmação da superioridade intelectual dos homens bem instruídos, os levava a procurar doutrinar o povo, mais do que a aprender com o povo, ou a olhar para os grupos populares como dotados de um saber e cultura genuínas.

A escola necessitava de constituir-se como algo novo, que desse resposta à necessidade de uma formação integral do Homem nas suas componentes física, intelectual e moral, uma vez que o Homem deve ser visto como um “ente physico, intellectual e moral” (Costa, 1870:23).

Para o homem das classes populares, a Escola assume um papel muito importante. Segundo António da Costa, a Educação permite a um Povo salvaguardar a sua independência: “A educação nacional, como elemento poderoso da boa administração e da preponderância do nosso direito, é uma salvaguarda da nossa independência, ainda superior ao poder das armas.” (Costa, 1870:29) Segundo este Ministro da Instrução, caberia à família a educação; no entanto defende que isto apenas seria possível em relação às classes elevadas e mesmo estas delegavam nos colégios a educação dos seus filhos. Isto porque, segundo António da Costa, nas classes populares, as crianças eram um capital aos olhos do pai pescador, do pai agricultor. Então se a família não conseguia educar (porque também ela não fora educada!), caberia à escola essa importante missão. “Ora n’um paiz de quatro milhões de habitantes que ha treze anos não tinha senão 53 escolas para o sexo feminino, e que ainda hoje não possui senão 348, dizer que a educação nacional pertence á família, equivale a affirmar que a educação seria mentira.” (Costa, 1870:32)

Ainda segundo o autor, a escola portuguesa não tinha organizado a educação física e moral e era também por demais evidente um atraso na educação das classes populares.

Em Portugal, na época, era o Estado o elemento principal da instrução primária. O regime liberal trouxera importantes princípios: o direito à instrução gratuita, o ensino obrigatório, as escolas normais, o segundo grau, os cursos nocturnos. Em trinta anos, segundo António da Costa (1870), as escolas primárias haviam passado de 991 para 2313, tendo aumentado também as escolas do sexo feminino de 25 para 348, e o orçamento dispendido duplicara.

A reforma de 20 de Setembro de 1844, concedeu às câmaras e corporações locais a livre autorização para com os seus orçamentos, fundarem escolas primárias. No entanto, esta organização local do ensino, apostando no municipalismo como auxiliar do Estado, não satisfazia as necessidades de instrução. A instrução primária recebe também auxílio da acção particular, mas “se das 125 escolas sustentadas por associações e iniciativa individual, deduzirmos as 79 que possuem Lisboa, o Porto e Bragança, restam-nos apenas 46 no reino e ilhas” (Costa, 1870:68). Em suma, as associações preocupavam-se mais com as questões da piedade do que com as questões do ensino e a instrução primária continuava dependente da acção centralizadora do Governo, não recebendo da localidade nem da iniciativa dos cidadãos o auxílio necessário.

Era assim urgente nacionalizar a escola local e popularizá-la. A escola deveria contar com a ajuda do Estado, do município e da iniciativa particular. Nas palavras de António da Costa:

Pretende uma associação, um indivíduo fundar uma escola, uma bibliotheca popular, uma publicação útil para as classes populares? Saiba desde logo o individuo ou a associação, que a sua idea se não ha de esterilizar, que o estado o há de auxiliar no benéfico propósito. (1870:87).

Antonio da Costa diz-nos ainda:

Vimos a organização da nossa instrucção primária, por excepção única no mundo, basear-se na centralisação do estado, figurando a localidade, e a iniciativa particular como tentativas proveitosas, mas não como elementos nacionaes da educação publica. (1871:218)

2.4. Conceito de “Povo” e de “Educação Popular” no séc.XIX

Poucas palavras têm um emprego tão frequente quanto a palavra “povo”. Esse uso imoderado, embora natural no mundo em que vivemos, deu ao vocábulo uma significação tão genérica, que a despojou de qualquer compromisso com a realidade. Todos se consideram “povo”. No entanto, nem sempre assim foi. O que é facto é que o conceito de “povo” se encontrava ligado à situação económica de classes sociais.

Algumas correntes identificam o povo com os trabalhadores. É verdade que em todas as fases históricas, o “povo” se identificou com as classes trabalhadoras. No entanto, isto não passa de uma inequívoca limitação.

É importante assinalar que o conceito de “povo” não pode ser definido senão considerando as condições reais de tempo e de lugar.

Nos finais do século XVIII, o conceito de “povo” compreendia a “burguesia”.

Para Jaime Cortesão, historiador português do século XX, (citado por Pintassilgo, 2006), o “povo” abarca “todos os portugueses a qualquer classe a que pertençam” e todo esse povo “está falho de educação” (p.4). Nas palavras de Pintassilgo, “o Povo não surge idealizado sob o olhar de um intelectual - como é Jaime Cortesão -, apesar de sinceramente empenhado na educação popular” (2006:6). No entanto, como nos refere o mesmo autor, nas reflexões de Cortesão, “encontramos um olhar sobre o Povo marcado por alguma ambivalência: não obstante a «ignorância» que o caracteriza, mantém algumas das virtudes da «raça». (2006:5). Neste caso concreto, o que significava “povo” para as associações estudadas?

José António Serrano, um dos principais fundadores destas associações, refere-se ao povo como público-alvo da associação do Gremio Ilustração Popular, na conferência que dá em 1871 em Castelo de Vide: “O meu programa é este – a associação de que vos falo tem por fim concorrer simultaneamente para a illustração dos que a formam e para a illustração do povo.” (1871:8) E acrescenta:

Vós os que me ouvirdes, vós, os que acudirdes ao meu brado, estudareis e ensinareis; estudareis e para isso formar-se-há uma bibliotheca; haverá certames litterários; e para isso organizar-se-hão saraus litterários, e podendo ser abrir-se-hão escolas, editar-se-hão livros. Estudareis e para isso formar-se-há uma bibliotheca. (Serrano, 1871:8).

Nas palavras de Frederico Laranjo, no discurso que profere em 1870, o “povo” não mudara nada e continuava ignorante, tal como sempre fora ao longo dos séculos:

O povo, sabeis o que é o povo? O português? Sciencia, literatura, governos, tudo tem mudado e tem mudado progredindo. (...) Mas o povo não mudou, o povo está; e sabeis onde e como? Encastellado na sua ignorância e agarrado aos seus prejuízos, amando o passado e evocando-o, maldizendo o presente e repellindo-o, sem fé na sciencia, sem fé nos homens (...) O século dezanove, infinda cousa coincide com a idade media (Laranjo, 1870:9).

A Educação Popular deve ser uma educação participativa, orientada para a realização dos direitos do povo. Não é uma educação imposta pois baseia-se no saber da comunidade e parte geralmente do diálogo entre a população. Não é “Educação Informal” porque visa a formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã. É uma estratégia de construção da participação popular para encontrar novos caminhos na vida social.

A principal característica da Educação Popular é utilizar o saber da comunidade como matéria-prima para o ensino. Visa aprender a partir do conhecimento que o sujeito possuiu.

Visa ensinar a partir de temas geradores, motivações e interesses do quotidiano do formando.

A educação é vista como acto de conhecimento e transformação social.

A educação popular pode ser desenvolvida em qualquer contexto, mas tem geralmente lugar em locais rurais, em instituições socioeducativas e no ensino de jovens e adultos.

Nas décadas finais do século XIX, o tema da educação popular entra na ordem do dia, associado à “descoberta” dos elevados índices de analfabetismo da população portuguesa.

A instrução do povo era vista como fonte de progresso, novamente segundo António da Costa:

A instrucção popular cria um grande capital financeiro no desenvolvimento dos espíritos. Quanto mais apurados forem os conhecimentos dos operários e dos trabalhadores, mais perfeitos, e por isso mais rendosos serão os produtos industriaes e agrícolas. O salário dos operários, o lucro dos capitalistas e a prosperidade do paiz crescem na proporção em que se augmenta a cultura das intelligencias e a melhoria do trabalho individual. (1870:12)

No jornal “O Castellovidense”, de 19 de Janeiro de 1910, pode ler-se:

A instrucção é como o sol que ilumina e os pais analfabetos criam filhos analfabetos que não sabendo ler nem escrever não podem acompanhar o progresso das artes, das industrias, não podem desenvolver a nossa agricultura e o nosso commercio.

A instrução popular era também vista como regeneração social:

A educação do povo estreita o bom commercio da vizinhança, derrama nos centros da população o pensamento do bem, semeia os principios da ordem e da virtude, e se não consegue extinguir o mal, pugna com elle e enfraquece-o. É facto averiguado que a instrucção diminue os crimes e restringe a miséria. (Costa, 1870:7)

O ideal da formação do cidadão consciente e participativo fazia com que o analfabeto não pudesse assumir o papel de cidadão – eleitor, que a República tanto viria a apregoar.

A alfabetização e a educação cívica tornam-se num projecto tanto destinado às crianças como aos adultos: “A instrução e a moral devem ser duas companheiras inseparáveis do homem.” (Goodolphim;1876:27).

A instrução, segundo Vieira da Silva, tipógrafo do jornal “Ecos dos Operários” (1850/51) é o melhor meio de moralizar, por outras palavras, previne o operário dos malefícios das plebes urbanas, torna-lhe agradável e fácil o trabalho e confere os princípios e a prática que lhe garantem o bem-estar físico. Confere-lhes não só a liberdade mas também a igualdade.

2.5. Instrução da Mulher em Portugal – importância das Bibliotecas Populares na instrução feminina

D. Antonio da Costa defende já nos finais do séc. XIX a instrução da mulher:

As mães occupadas com o lidar da casa, ou fora d'ella occupadas também em trabalhar para compensarem a insufficiencia do ganho dos maridos, não têm tempo que lhes chegue. Ahi está a educação das classes populares no lar domestico. (...) Como ha de ensinar e educar os filhos a mãe que não foi educada nem ensinada? Como ha de formar homens e cidadãos aquella que foi deixada na mais completa ignorância? (Costa, 1870:32)

No livro de Joaquim Ferreira Gomes, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, intitulado “Estudos para a História da Educação no século XIX”, pode ler-se o seguinte:

A instrução da mulher, na organização do ensino público entre nós, está num imenso atraso. Os factos provam esta verdade. Se indagarmos quantas são as escolas, ficaremos sabendo que, em números redondos, há 3700 do sexo masculino e apenas 840 do sexo feminino. De 4 000 freguesias, 3650 não possuem escolas para mulheres. (Gomes, 1980: 43)

Mais adiante, Ferreira Gomes transcreve, do Relatório do Decreto de 16 de Agosto de 1870, o seguinte: “Com uma população de 4 200 000 habitantes no Continente e com 4 800 freguesias, tem Portugal apenas (segundo os últimos dados) 2 300 escolas oficiais e, destas, só 350 são do sexo feminino” (p.44).

Curiosamente, no jornal “O Alto Alentejo”, de 23 de Agosto de 1908, ainda se lê: “Não gosto que a minha filha aprenda a ler porque é a perdição das mulheres” conta-nos a propósito dos pais não mandarem os filhos à escola, o cronista do jornal “O Distrito”, que assina João Ninguém.

Segundo António da Costa “ em Portugal educam-se incomparavelmente menos mulheres do que homens” (1870:127).

As Bibliotecas Populares proporcionariam às mulheres a possibilidade de aumentar a sua instrução. Segundo o Ministro da Instrução, D. António da Costa: “o empréstimo pelas casas promove a leitura das mães, das esposas, das filhas, que não concorreriam à bibliotheca, já pela sua lida caseira, já pela discordância com os costumes nacionaes.” (1870:190)

E acrescenta ainda que a leitura pelas casas não aproveita só ao leitor porque a “discussão familiar que se levantasse em commum crearia no lar um espírito de instrucção que junto ao succedido em outras famílias produziria resultados geraes de vantagem incontestável.” (1870:190).

Mas como poderia a leitura, a que poucas mulheres tinham acesso nestas bibliotecas, contribuir para a sua instrução? Afinal que obras liam? Como lidavam com a leitura no seu quotidiano? Marlyn Lyons, num artigo intitulado “Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários” (in Cavallo e Chartier, 1999), através dos depoimentos deixados por leitoras da época, do número registado de tiragens de revistas, jornais produzidos por mulheres ou directamente dirigidos para o público leitor feminino, delinea a figura da mulher leitora, no decorrer de todo o século XIX, na Europa. Segundo Lyons, a leitora constitui parte substancial e crescente de um novo público que não só devora romances, mas também lê revistas para mulheres, vida de santos, manuais de cozinha, conselhos sobre etiqueta, revistas semanais ilustradas. Uma leitora que passa a ser objecto de cuidado por parte de romancistas e editores, profissionais que exploram ao máximo as novas capacidades de investimento capitalista.

Neste estudo, seria importante saber se as mulheres tinham acesso a esta (s) biblioteca (s), se poderiam mesmo ser sócias e acima de tudo se essa possibilidade lhes fosse dada, quem eram elas afinal? Que tipo de obras requisitavam e com que frequência? Seria interessante fazer um paralelismo entre o universo feminino que tinha acesso a este acervo e o tipo de população feminina existente nesta época em Castelo de Vide.

III – AS BIBLIOTECAS POPULARES E A LEITURA PÚBLICA

3.1. A criação da leitura pública

A preocupação com a leitura para benefício do povo é um conceito que surge integrado nos ideais iluministas do séc. XVIII, difundidos através da Revolução Francesa de 1789. Surgem as primeiras bibliotecas populares e o papel do bibliotecário começa a ser valorizado, porque os livros deviam estar acessíveis a toda a população. No entanto, é na América do séc. XIX que este conceito tem o maior desenvolvimento.

Todos, independentemente da sua condição de nascimento, deviam ser educados para se tornarem bons cidadãos.

Biblioteca pública e escola são conceitos que surgem intimamente ligados. A biblioteca pública é a escola informal para toda a vida do cidadão, numa ideia de aprendizagem contínua.

Em Portugal, as ideias liberais levaram à criação da primeira biblioteca pública em 1836 no Porto, a partir da incorporação dos bens das ordens religiosas, facto que se estende às capitais de distrito a partir de uma Ordem de Agosto de 1836.

Devido ao carácter dos seus acervos, estas bibliotecas portuguesas revelaram uma faceta de conhecimento erudito, pouco acessível a todas as camadas da população com problemas graves de analfabetismo, e constituíram-se mais como depósitos do património documental português, do que com o objectivo (então afirmado) de instruir o povo, permitindo-lhe um livre acesso.

O movimento de criação de bibliotecas populares para combater os problemas da “info-exclusão” de grandes franjas da população portuguesa começou em 1870, pelo Decreto de 2 de Agosto. Os objectivos destas bibliotecas prendiam-se com a disponibilização do acesso a conhecimentos gerais às camadas populares da população, com o apoio à sua formação profissional, ou seja, como complemento do ensino formal, e por fim, facilitar a leitura a mulheres e crianças. “Tratava-se, concretamente, de um público masculino e feminino, constituído indiscriminadamente por adultos, jovens e crianças”, diz-nos Magalhães (2003:94). As bibliotecas criadas neste âmbito foram as de Setúbal (1873), de Santarém (1880), Coimbra (1892), Guimarães (1883). Seguidamente, aproveitando a situação criada com a extinção das ordens religiosas, outros municípios de menor dimensão procuraram implementar pequenas bibliotecas municipais.

De início, as bibliotecas eram uma possibilidade das camadas populares terem acesso à cultura das classes privilegiadas. Segundo Magalhães (2003):

As bibliotecas públicas de leitura gratuita e domiciliária, eram enquanto bibliotecas populares, destinadas a um público que, embora mal tivesse aprendido a ler e a escrever, corria o risco de, por falta de meios, ler ainda menos do que aquilo que aprendera” (p.94).

As bibliotecas populares tornam-se assim num factor de coesão social e de progresso económico e de iniciativa oficial.

3.2. Extinção dos conventos e criação do DLEC (Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos)

Com a extinção das Ordens religiosas em Portugal, em 1833, que formaram e mantiveram durante séculos as verdadeiras bibliotecas deste país, o património artístico-cultural português sofrera um grande abalo. Por isso, uma portaria de 9 de Setembro de 1834 determinou a criação de bibliotecas públicas com os livros dos conventos e ordens religiosas. Barata (2003) refere:

Ainda antes do Decreto de 28 de Maio de 1834, que extinguiu todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos de todas as ordens regulares (...) adoptaram-se várias medidas legislativas tendentes a salvaguardar diversas bibliotecas conventuais, tendo elas como destinatário natural a Biblioteca Pública. (p.27)

Barata (idem:27) explica que é a partir da Biblioteca Pública que surge a ideia de criar um depósito geral: “É então que do seio da Biblioteca Pública parte a ideia do estabelecimento de um Depósito Geral (...)”. Esta Biblioteca Pública vai administrar as livrarias provenientes dos conventos extintos, mesmo durante a vigência do Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (DLEC).

Surgido em 1834, o DLEC foi o organismo público criado pelo Regime Liberal que teve como finalidade assegurar a arrecadação das livrarias dos conventos extintos, bem como fazer a sua distribuição pelas bibliotecas. A 30 de Dezembro de 1836, “uma portaria do Ministério do Reino nomeia uma comissão administrativa que irá gerir o Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (DLEC) ” (Barata, 2003:43). Esta instituição terminaria quando se extinguiu a tarefa para que foi criada — a recolha, a organização e a distribuição do património móvel dos conventos extintos. Existiu de 1834 até 1841, ano em que se fundiu com a Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL). Segundo Barata (2003) “ antes mesmo de ocorrer a fusão formal do DLEC com a Biblioteca Nacional já se verificavam situações que claramente o indiciavam” (p.52).

Apesar de efémero, este Depósito teve uma acção importante que mostrou uma coerência de princípios e uma firme determinação em estabelecer uma cuidada e correcta gestão do património bibliográfico dos conventos extintos, visando o alargamento do conhecimento às mais vastas camadas da população e a todo o país. Os seus grandes objectivos passavam pela criação de uma Biblioteca Pública em cada capital de distrito, a criação de uma biblioteca especializada em cada uma das Secretarias de Estado, a criação de uma biblioteca geral em cada liceu e a criação de bibliotecas em instituições científicas, educativas, culturais e profissionais. Essa política foi sendo implementada independentemente das alterações governativas. Apesar de ter mantido uma coerência assinalável, a sua operacionalização deparou-se constantemente com graves bloqueios, resultantes das pressões a que os fundos dos conventos eram sujeitos.

A afectação dos acervos bibliográficos dos extintos Conventos obedeceu a critérios que prevaleceram independentemente dos sucessivos governos.

No caso português, a Real Biblioteca Pública da Corte chega mesmo a devolver ao DLEC os duplicados das obras que já possuía, originários das livrarias conventuais arrecadadas no período anterior ao aparecimento do Depósito das Livrarias. A Biblioteca Pública foi a maior beneficiária dos fundos bibliográficos dos conventos extintos, o que constituía o ponto de partida de um programa nacional de bibliotecas. As instituições públicas, devido à importância que lhes era conferida pelo novo poder, foram as principais beneficiárias dos livros, quadros e objectos provenientes dos conventos extintos. No que diz respeito às instituições privadas, destacam-se as organizações ligadas à Igreja.

A criação de bibliotecas especializadas para apoio à administração pública constituiu outra medida importante, surgindo nas diferentes secretarias de Estado.

Um dos princípios básicos com que o DLEC procurou nortear a sua acção foi o de que os livros de uma determinada temática deveriam ser distribuídos às instituições cujos estudos versassem essa mesma temática, ou seja, os livros eram entendidos como um recurso estratégico que deveria ser utilizado por quem estivesse em melhores condições de o aproveitar e assim gerar novos conhecimentos.

3.3. A importância das bibliotecas no sistema educativo e formativo nacional

Com as limitações temáticas decorrentes do acervo disponível, a política de distribuição do património bibliográfico das ordens religiosas extintas corporiza uma nova concepção de organização do saber e do próprio conceito de biblioteca, na qual se confrontam modelos e

dicotomias: público e privado, laico e religioso, geral e especializado, centralizado e descentralizado. De uma biblioteca servindo sobretudo comunidades privadas e restritas de utilizadores, espaço de meditação e de introspecção, evolui-se para um modelo de biblioteca essencialmente de serviço público, espaço de instrução, de cultura, de estudo, de cidadania e até de sociabilidade, procurando abarcar diversas classes e estratos socioprofissionais e largas camadas da população. Como decorria da sua especificidade própria, as bibliotecas especializadas tinham naturalmente um acesso mais restrito, mas não restritivo.

O liberalismo consubstancia assim a emergência da noção de biblioteca pública por oposição ao modelo de biblioteca privada que vigorava no Antigo Regime.

Para além de uma transferência de posse — dos conventos para as instituições públicas — e de públicos leitores — dos religiosos para todos os cidadãos — configurando uma verdadeira revolução no que respeita ao acesso aos livros, este é ainda um processo de separação de conteúdos no sentido da especialização e da laicização.

A questão da especialização coloca igualmente uma outra, a de uma nova concepção eminentemente utilitária do saber. O conhecimento não é mais um passivo, mas um activo que deverá gerar novo conhecimento. O saber pelo saber parece ceder passo a um saber que pretende gerar novos saberes. O conhecimento não visa apenas a perpetuação erudita, mas a sua utilidade para o Homem. Segundo Justino Magalhães, “à escolarização de uma educação elementar através de uma combinatória do dizer, do fazer e do agir básicos, associa-se o progressivo fomento da leitura pública”. (Magalhães, 2003:91)

Difundem-se os manuais enciclopédicos – *Enciclopédia do Povo e das Escolas* (1874) e *Biblioteca do Povo e das Escolas* (entre 1881 e 1913) e criam-se as bibliotecas públicas.

Consubstanciando uma política integrada de bibliotecas, surgem em complemento às bibliotecas eruditas, as bibliotecas populares. Segundo Magalhães (2003):

O apontamento mais consequente no domínio da leitura foi o da criação de bibliotecas públicas - populares e eruditas a partir da administração central e da iniciativa local, criação essa intensificada nas últimas décadas do século XIX, desenvolvendo-se numa lógica não escolar e para além de uma cultura escolar (p.91).

Nas palavras de D. Antonio da Costa (1870), as bibliotecas eruditas eram “(...) destinadas aos estudos superiores ou ao ensino technico (...) e as populares constituíam (...) os repositórios dos conhecimentos elementares para as classes mais necessitadas (...)”.

Obrigava-se a que cada câmara possuísse pelo menos uma biblioteca na capital do concelho. As juntas de distrito e as juntas de paróquia são igualmente autorizadas a formar bibliotecas populares.

3.4. D. António da Costa e a criação das bibliotecas populares



Fig. 1 - D. António da Costa

D. António da Costa, nome pelo qual ficou conhecido na História, chamava-se António da Costa de Sousa de Macedo.

Nasceu em Lisboa a 24 de Novembro de 1824 e morreu na mesma cidade 68 anos depois.

Era filho do primeiro conde e terceiro visconde de Mesquitela, bisneto do Marquês de Pombal e sobrinho do Marechal Saldanha. A sua mãe era Maria Ignácia de Saldanha Oliveira e Daun. Realizou os seus estudos secundários no Colégio do Dr. Cicouro e, em 1842, matriculou-se na Faculdade de Direito, em Coimbra, concluindo o curso em 1848.

Leiria, terra pela qual devotava um carinho especial, foi a rampa de lançamento profissional e também político e pedagógico, que lhe permitiu iniciar a sua obra de instrução popular.

D. António da Costa foi nomeado a 11 de Junho de 1851 Secretário-geral do Governo de Leiria pelo seu tio, o Duque de Saldanha. Foi eleito deputado independente por Leiria para a legislatura de 1857/58. Foi ainda comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.

Conheceu as graves carências do país, relativamente à instrução, e ensaiou as suas primeiras iniciativas a favor do progresso da nação.

Acreditando no papel da educação como condição básica para o desenvolvimento consistente e extensivo de um povo, projectou a fundação do Centro Promotor da Instrução Popular que se concretizou com a sua criação oficial a 16 de Novembro de 1853. O projecto consistia em reunir várias personalidades que se empenhassem na organização de iniciativas de modo a expandir o acesso às primeiras letras a todas as classes sociais, inclusive as mais pobres, tendo sido ele o seu presidente.

Os objectivos principais deste organismo sócio-educativo estabelecidos estatutariamente eram criar na capital de distrito escolas nocturnas, desenvolvendo depois a instrução primária nos diversos âmbitos. Para fomentar a cultura da população que ia conquistando níveis melhorados de alfabetização, o Centro projectava a criação de uma biblioteca na sede do distrito aberta gratuitamente ao público, bem como gabinetes de leitura por vários pontos da região. Este Centro deveria ainda promover sessões literárias para os sectores mais eruditos.

Ciente de que a imprensa periódica era cada vez mais um meio de comunicação social na Europa para formar a opinião pública e instruí-la no sentido de uma mentalidade progressiva, D. António da Costa criou a 1 de Julho de 1854 o primeiro jornal do distrito de Leiria, de nome “O Leiriense”. Colaborou também em jornais políticos e literários de Lisboa e Coimbra. Promoveu a formação de professores e criou uma rede de ensino nocturno, cursos de instrução primária e distribuiu livros gratuitamente.

D. António da Costa contribuiu para uma maior sensibilidade aos problemas educativos. Conseguiu-o, mas os resultados só se notariam a longo prazo, o que torna este primeiro-ministro da educação essencialmente um precursor. Frederico Laranjo, no jornal “A Folha”, elogia D. António da Costa:

Se chegará a amanhecer não sei; mas escapam-se do horizonte alguns raios de luz que o promettem; entre os homens que escrevem são muitos os que phantasiam e sentem, poucos os que pensam; são poucos, mas já são alguns; e um d’elles, dos mais beneméritos, é D. António da Costa (1870:93).

Mas as prioridades políticas orientaram-se para outros campos, tanto mais que as reformas que D. António da Costa tentou implementar eram muito dispendiosas.

Com a queda do Governo de Saldanha, a maioria das reformas do ministro da educação empreendidas nos dois meses em que exerceu a pasta foram revogadas pela Carta de Lei de 27 de Dezembro de 1870 da autoria de D. António Alves Martins, bispo de Viseu. Mas, durante os 69 dias de vida do ministério da instrução pública, D. António da Costa fez importantes reformas, sobretudo a nível da instrução pública e da educação escolar.

D. António da Costa continuou fiel às suas convicções a favor da consciencialização do país para aquilo que o século seguinte viria acabar por consagrar como decisivo: a aposta incontornável na educação como um dos maiores indicadores do progresso de uma nação.

É da sua responsabilidade, como Ministro da Instrução Pública, a aprovação do Decreto de 2 de Agosto de 1870, que criaria as bibliotecas populares.

Quando morreu a 24 de Janeiro de 1892 deixava atrás de si uma obra importante para a cultura e para educação em Portugal.

3.5. Movimento da criação das Bibliotecas Populares em 1870

As bibliotecas públicas no sentido moderno do termo surgiram originalmente no âmbito anglo-saxónico, em meados do século XIX, e foram-se expandindo progressivamente, tendo muita dificuldade em afirmar-se na Europa, devido a um conservadorismo político-social.

Em Portugal, não satisfaziam as necessidades da população colocando o país muito aquém do resto da Europa.

O governo português criou em 1870 o Ministério da Instrução Pública com o objectivo de descentralização que promulgou entre muitas outras leis, a criação de bibliotecas populares no reino e ilhas. Estas surgiram em complementaridade das bibliotecas “eruditas”, que eram destinadas exclusivamente às elites. As bibliotecas populares surgiram devido à dinâmica do movimento associativo e à necessidade de instrução das massas populares. Aproximaram-se mais do modelo de biblioteca pública moderna do que as bibliotecas eruditas, pois teoricamente serviriam qualquer pessoa, eram obrigadas ao empréstimo domiciliário e ao acesso livre às estantes.

Em Portugal, também vingaria este modelo dualista com a aprovação do Decreto de 2 de Agosto de 1870, do Ministro da Instrução D. António da Costa de Sousa Macedo e regulamentado pela Portaria de 20 de Janeiro de 1871. Este diploma selaria uma associação entre as bibliotecas populares e as bibliotecas municipais, sendo as primeiras uma espécie de secção das segundas. D. António da Costa diz-nos a respeito das bibliotecas populares:

O invento do americano Franklin, representa um principio incontestado. A bibliotheca popular é hoje uma instituição reconhecida em todas as nações cultas, e os esforços dos governos, dos municípios das associações beneficentes e dos próprios operários fundam as bibliothecas populares (Costa, 1870:184).

Estas têm como fundamento desenvolver os conhecimentos das classes populares por meio da leitura moral e instrutiva. Pretendia-se que existissem pela iniciativa dos poderes públicos de acordo com a acção municipal. A lei estabelecia que deveriam existir pelo menos na capital de cada concelho e ser mantidas e expensas das Câmaras Municipais. A leitura devia ser gratuita, domiciliária, poder realizar-se nos dias feriados ou nas suas vésperas. Em Janeiro de 1883 determinou-se que as bibliotecas abrissem duas horas à noite.

A Biblioteca Popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros teria de ser vista como factor fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correcta de ler o texto em relação com o contexto.

D. Antonio da Costa diz-nos acerca dos objectivos a que estas bibliotecas se propunham:

Indicada a necessidade de completar a escola com as bibliothecas populares, para desenvolver o gosto da leitura e a conveniencia da instrucção pratica nas classes sociaes, vejamos qual deve ser a natureza e a organização d’estas instituições. Cumpre às bibliothecas populares abranger duas categorias de obras : as que encerram os conhecimentos geraes para o homem e para a mulher, e as que tratam das especialidades de cada uma das profissões agricola, industrial, commercial e artistica, inventos, aperfeiçoamentos, applicações, modelos de escripturas e de instrumentos. Serão, assim, taes bibliothecas para todos e para cada um”(Costa,1870:188).

O mesmo autor via nas Bibliotecas Populares “um regenerador invento” (Costa,1870:83).

De todas as reformas decretadas, a da educação e instrução popular visava uma “verdadeira educação social para o povo todo” (Costa, 1871:225). Proclamava a educação física, a educação política e a educação profissional, especialmente a agrícola. Instituíu a descentralização. Igualava os dois sexos no que dizia respeito à instrução. Pretendia-se que fossem agentes de mudança.

Durante a década de 60, sob a designação de Bibliotecas Populares ou Municipais começam a surgir na imprensa referências à necessidade de novos espaços de leitura, abertos às camadas mais desfavorecidas. Segundo Carlos Rebelo:

O aparecimento das bibliotecas populares surge, assim, em resultado da necessidade de proporcionar às classes populares o acesso à cultura impressa, sobretudo ao livro didático e formativo. Sendo a biblioteca popular uma biblioteca pública, e por isso aberta a todos, ela era no entanto sobretudo destinada às classes mais humildes, pelo que tinha uma função moralizadora (2002:105).

No entanto, Rebelo (2002) confirma-nos que:

É nestas duas perspectivas que se irão fundar a maior parte das bibliotecas populares: numa associam-se estas instituições à escola primária, pelo que os seus mentores as consideram como um prolongamento natural e um complemento da instrução elementar; noutra, mais estreitamente ligada aos municípios, são organizadas por iniciativa de beneméritos e literatos locais e dirigem-se a um público mais ilustrado. (pág.108).

3.6. O livro como repositório do saber e o papel do bibliotecário

Segundo Lyons (1999), o século XIX foi a “era de ouro” do livro no mundo ocidental. Mas o livro deixa de ser encarado apenas como instrumento de cultura, passando a ser encarado como instrumento de poder.

“Não deveis a livro nenhum a carreira com que sustentaes vossa mulher e com que educaes os vossos filhos?” (Costa, 1870:182). Segundo ele, o “livro é a razão, a necessidade ou a alegria” (pág.182).

No total, foram cedidos pelo Estado para a constituição das Bibliotecas Populares, 8287 volumes e folhetos. O período inicial, de 1870-1874, é aquele em que se regista um número médio de entregas mais elevado (376 volumes), diminuindo depois progressivamente nos períodos seguintes: 1875-1879 (182 volumes) e 1880-1884 (158 volumes).

Segundo Carlos Rebelo (2002), para constituir um **Depósito de livros destinados às Bibliotecas Populares**, receberam-se de várias instituições, ao longo de vários anos, as seguintes ofertas: Academia das Ciências – 1883 volumes correspondentes a 267 obras; Imprensa Nacional – 54 obras; Ministério do Reino – 3369 livros e folhetos; Dr. João Félix Pereira – 1120 volumes (entre outras doações); Livreiro Ferreira Lisboa & C^a – 428\$240 réis; Real Associação dos arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses – 468 volumes da respectiva Associação; David Corazzi – Dicionários de Geografia Universal e Viúva do Editor – 20 Dicionários Populares. (pág.151, 152)

Foram concedidos a bibliotecas populares de várias localidades obras e folhetos, havendo o registo referente ao período compreendido entre 1870 e 1883, conforme nos mostra Carlos Rebelo (2002:202). Pode verificar-se na tabela que as associações localizadas em Lisboa são as que receberam maior número de ofertas.

Fonte: A.H.B.N., Pasta
“Bibliotecas Populares” (Carlos
Rebelo, 2002:202)

Número de volumes e folhetos concedidos às Bibliotecas Populares		
Localidades	Nº	Ano
Odemira	68	1873
Arruda dos Vinhos	111	1884
Almodôvar	112	1884
Lisboa	122	1882
Horta	132	1886
Tomar	135	1876
Feira	138	1880
Montemor-o-Velho	140	1877
Paredes	140	1879
Chaves	144	1876
Caminha	145	1883
Marinha Grande (Soc.Philomatica)	145	1883
Valongo	150	1880
Monchique	155	1880
Campo Maior	156	1883
S.Tiago de Riba Ul	162	1877
Penafiel	162	1879
Ribeira Grande	163	1879
Guimarães (Ass. Martins Sarmento)	165	1882
Póvoa de Varzim	166	1879
Peso da Régua	166	1880
Santarém	167	1879
Marco de Canaveses	167	1880
V. Nova de Gaia	167	1881
Maia	168	1880
V. Pouca de Aguiar	168	1881
Bouças	170	1880
Alenquer	184	1882
Belém	186	1876
Montemor-o-Novo	191	1878
Estremoz	198	1879
Faial (Ass.Grémio Literário Faialense)	202	1880
Lagos	213	1880
Horta (Liceu Nacional)	221	1878
Setúbal	232	1879
Lisboa (Escola S. Pedro Alcântara)	322	1879
Angra (Clube Popular Angrense)	359	1871
Coimbra (Ass. dos Artistas Coimbra)	383	1870
Lisboa (Grémio Popular)	474	1870
Lisboa (Centro Promotor)	485	1870
Lisboa (Ass. Civilização Popular)	486	1870

Quadro II – Volumes e folhetos concedidos às Bibliotecas Populares

Em 1887 é criado o Curso de Bibliotecário. Data de 1823, uma carta dirigida ao monarca, da responsabilidade de Ferreira Gordo, em que este desempenhava já nesta altura a função de bibliotecário – mor.

O bibliotecário das bibliotecas populares tinha por obrigação desempenhar um papel social, nomeadamente “ acabar com o abismo que separa as classes populares, da fina flor da sociedade” (Malpique, 1962:12).

O bibliotecário tinha de fazer propaganda do livro junto dos lavradores, operários e em geral de todas as classes trabalhadoras: “Urge, pois, junto do agricultor pé de boi, se faça a propaganda aliciante do livro (...)” (Malpique, 1962:14)

O bibliotecário tinha de elaborar um “catálogo ideológico” (por assuntos) juntamente com o “onomástico” e o “didascálico”: “ Tem nas suas mãos uma biblioteca aquele que lhe organiza, com inteligência, o catálogo ideológico” (Malpique, 1962:21).

Estes bibliotecários eram considerados “ funcionários ao serviço dos leitores”, lê-se na mesma obra deste autor (p.21). O bibliotecário deve “ chamar a si, o que a si mesmo lhe pertence – que é o trabalho de poupar trabalho ao leitor” (Malpique, 1962:24).

A função de bibliotecário era desempenhada muitas vezes pelo professor primário oficial da localidade. No entanto, muitos professores de liceu e outros funcionários públicos exerciam essas funções.

Curiosamente, alguns bibliotecários eram “protegidos” das autoridades municipais, como era o caso de Idanha-a-Nova em que este era sobrinho do seu fundador; noutros casos era o farmacêutico que ficava encarregue da biblioteca, porque contactava frequentemente com a população devido à sua profissão.

3.7. A difusão das Bibliotecas Populares

Em 1875 elaborou-se um Inquérito que tinha por finalidade recolher em todo o país diversas informações no que respeita à Instrução Popular.

Apesar dos livros que contêm as respostas a essas perguntas se encontrarem incompletos, este inquérito permitiu recolher muitas informações sobre o estado e o funcionamento destas instituições.

Fonte: A.N.N.T., Ministério do Reino, Livros 1065 a 1080 (Carlos Rebelo, 2002:117)

Bibliotecas Populares referidas no Inquérito de 1875		
Distritos	Nº de localidades com escolas oficiais inspeccionadas	Nº de localidades com Bibliotecas Populares
Aveiro	75	0
Beja	69	1
Braga	69	0
Bragança	130	0
Castelo	55	1
Branco	81	0
Coimbra	55	2
Évora	40	0
Horta	73	1
Lisboa	61	1
Portalegre	110	2
Santarém	170	0
Vila Real		
Totais apurados	988	8

Quadro III – Bibliotecas Populares no Inquérito de 1875

O testemunho recolhido permitiu concluir da fraca representatividade que as Bibliotecas Populares tinham em todo o país, como se pode verificar na tabela de registo. Só existiam Bibliotecas Populares em 6 dos 12 distritos abrangidos. Em 988 escolas apenas existiam 8 Bibliotecas Populares, quase todas a funcionar em edifícios escolares. O decréscimo das Bibliotecas Populares apenas se inverte a partir de 1876, devido principalmente à acção dos inspectores escolares.

As concessões de bibliotecas ocorreram ao longo de 16 anos (entre 1870 e 1886). Como é visível no quadro seguinte, foram as câmaras as mais contempladas, tendo-lhes sido concedidas 2/3 das bibliotecas.

Bibliotecas concedidas anualmente (1870/1886)

Anos	Assoc./Escolas	Câmaras	Juntas Paróquias	Totais
1870	4	-	-	4
1871	1	-	-	1
1872	-	1	-	1
1873	1	-	-	1

1874	-	-	-	0
1875	0	-	-	0
1876	-	3	-	3
1877	-	1	1	2
1878	1	1	-	-
1879	1	6	-	-
1880	1	8	-	9
1881	-	2	-	2
1882	1	2	-	3
1883	1	2	-	3
1884	-	2	-	2
1885	-	-	-	0
1886	-	1	-	1
1870-1886	11	29	1	41

Fonte: A.H.B.N., Maço “Bibliotecas Populares”

Quadro IV – Bibliotecas concedidas entre 1870 /1886

Verifica-se que cerca de metade das bibliotecas foram concedidas às Associações nos dois primeiros anos a seguir à publicação da Lei de 2 de Agosto de 1870. Carlos Rebelo explica que:

Este facto está directamente relacionado com as Comemorações do Tricentenário de Camões, em Junho de 1880 (...). Para assinalar condignamente o acontecimento, vários municípios decidiram comemorar a data com a criação de bibliotecas populares. (2002:129).

A seguir, o seu número tornou-se mais reduzido e espaçado, denotando um certo fracasso da experiência e mesmo do movimento associativo.

3.8. O papel da Inspeção-Geral das Bibliotecas

A Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos Público estava incumbida “da direcção e administração, ou da fiscalisação superior, dos arquivos e das bibliothecas pertencentes ao Estado e às corporações e instituições sujeitas à superintendência do estado ou por elle subsidiadas”. Foi criada ainda durante a vigência do regime monárquico, pelo Decreto de 29 de Dezembro de 1887. Este diploma regulava os serviços públicos de informação e documentação e estabelecia as bases de um sistema que se manteve praticamente inalterado até depois do 25 de Abril de 1974, mais concretamente até meados dos anos oitenta, altura em que as bibliotecas e os arquivos deixaram, definitivamente, de estar dependentes do Ministério da Educação para passarem a ser tutelados pela Secretaria de Estado da Cultura.

A actividade da Inspeção numa primeira fase não está muito documentada e, ao que parece através de escritos posteriores, a sua acção não foi muito significativa. A principal fonte de informação conhecida, que nos fornece informação sobre os primeiros anos de vida deste organismo, é uma “Memória”, datada de 1892 e elaborada pelo Inspector-Geral interino, Tomás Lino da Assunção, para ser apresentada ao Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, que teve lugar em Madrid, nesse mesmo ano, e do qual foi vice-presidente Bernardino Machado.

A Inspeção teve um papel importante na preparação de diplomas legislativos, destinados a regular o funcionamento dos organismos que tutelava, e empreendeu uma série de acções importantes na salvaguarda da documentação histórica. A sua actividade no que respeita ao cumprimento da legislação sobre incorporações de fundos documentais de interesse histórico nos serviços sob a tutela do Estado foi eficaz.

A mudança de atitude e o incremento da acção verificaram-se após 1910. Com a implantação da República, a aposta política na área da instrução produziu alterações no quadro legal em que a Inspeção se inseria. Em 18 de Março de 1911, é promulgado um decreto que reorganiza os “serviços das Bibliotecas e Archivos Nacionais, dependentes da Direcção Geral da Instrução Secundaria, Superior e Especial”, passando a haver dois inspectores, nomeados pelo Governo a título vitalício, um destinado à Inspeção das Bibliotecas Eruditas e Arquivos e outro à Inspeção das Bibliotecas Populares e Móveis.

3.9. A importância do associativismo na criação de bibliotecas populares

A história do movimento associativo encontra-se intimamente ligada à liberdade de associação.

Deu-se uma grande explosão na criação das associações quando as leis consagraram a sua livre constituição. Contrariamente, esta vontade associativa abrandou aquando a existência de leis restritivas deste direito. Em regimes de ditadura, impõem-se restrições à constituição de associações, enquanto a implantação da democracia se encontra ligada à liberdade de associação.

Neste século surgiram as associações profissionais de trabalhadores e as de patrões que deram origem aos sindicatos e associações patronais.

Até ao século XIX, as associações tinham uma grande ligação com a economia e as profissões. No século XIX criaram-se os clubes desportivos e as colectividades de cultura e de recreio.

No que respeita ao Associativismo que hoje conhecemos em Portugal, a sua génese verificou-se no século XIX, influenciado pela Revolução Industrial, iniciada em Inglaterra, ainda no séc. XVII e pela Revolução Francesa (1789-1793).

Em Portugal, assiste-se à Revolução Liberal, em 1820. No início do século XIX, o nosso país vivia uma crise devido às Invasões Francesas (1807 a 1811), à retirada da Corte para o Brasil (1807) e à ocupação militar Inglesa (1808).

Estas circunstâncias levaram a uma fraca industrialização, com o consequente atraso relativamente ao resto da Europa, e à pobreza da população. Levou também à inexistência de um sistema social e ainda a uma elevada taxa de analfabetismo (cerca de 82% da população em 1878). A taxa de analfabetismo em 1864 estimava-se em 88% e em 1910 no valor de 75%. A abolição das corporações em 1834 foi outro factor que levou as populações a se associarem para minimizarem as dificuldades. Segundo Costa Goodolphim:

O operário, associando-se ao operário, tirando todas as semanas da sua fêria uma pequena parcella, garante os recursos para os dias de doença, e por esta forma, sem vender, sem empenhar, sem os seus morrerem de fome, recupera a saúde no regaço da família. Eis a associação de socorros mútuos... O operário precisa ter uma associação sua, onde todos os sócios sejam seus companheiros, onde elle passe uma parte da noite, lendo ou estudando em livros ao alcance da sua intelligencia e do seu saber. Estas sociedades podem ser chamadas de instrucção popular ou de temperança (1876:6).

Deste modo, podemos dizer que as populações passam a organizar-se em associações para encontrarem respostas para as suas necessidades.

As primeiras associações, segundo Goodolphim (1876), são as associações de socorros mútuos na doença, as sociedades cooperativas de consumo e produção, as caixas de crédito e as associações de instrução popular.

Foram constituídas algumas associações de socorros mútuos: Montepio do Senhor Jesus do Bonfim (1807); Ourives da Prata Lisbonenses e Montepio Jesus Maria José (1822).

O art. 39 do Código Civil de 1867 dizia que o direito de associação constava dos “direitos originais, os quais resultam da própria natureza do homem, e que a lei civil reconhece, e protege como fonte e origem de todos os outros”.

O art. 365 do mesmo código considerava que “o direito de associação consiste na faculdade de pôr em comum os meios ou esforços individuaes, para qualquer fim, que não prejudique os direitos de outrem ou da sociedade”.

No século XX, o Associativismo desenvolveu-se, assumindo um papel importante na sociedade, substituindo-se por vezes ao próprio Estado e atingindo um grande peso a nível económico. Por todo o lado, foram surgindo associações em diversos sectores relacionadas

com os tempos livres dos jovens, com o ambiente. Surgiram associações como a Cruz Vermelha, a AMI, a Greenpeace.

Com o advento do tempo livre e do descanso, surgiram no século XX, as associações de cultura e de recreio, tendo alcançado um bom número os nossos dias.

Voltando ao período de oitocentos, em Portugal, é de realçar o surto de associações voluntárias com objectivos de cultura e recreio que surgiram na década de trinta do século XIX. Lisboa e Coimbra foram exemplos deste associativismo. A vitória liberal de 1834 veio proporcionar as condições jurídicas e institucionais para se formarem associações voluntárias.

Uma associação é uma entidade colectiva, “composta de pessoas singulares e ou colectivas unidas em torno de um objectivo comum, sem ter por fim o lucro e que goza de personalidade jurídica”. (Mendes, 2001:11)

Para haver uma Associação tem que haver união, um espírito comum num grupo de pessoas. Tem que haver no mínimo um grupo de três pessoas. Para o funcionamento dos seus órgãos – Direcção, Conselho Fiscal e Mesa da Assembleia-geral, são necessários no mínimo três elementos para cada um ou então tantas pessoas quantos os seus estatutos determinarem. Outro factor necessário para se constituir uma associação é a existência de órgãos, que correspondem a toda a estrutura da associação e são, por assim dizer, os seus elementos materiais. Prendem-se com o âmbito jurídico, como os estatutos, o Regulamento Interno e, no caso de existirem os regimentos internos dos órgãos, o funcionamento orgânico da Direcção, Assembleia-geral e Conselho Fiscal e outros órgãos não impostos por lei como os Conselhos Gerais, de Obras, de Fundadores, etc.

Devem ser definidos os objectivos estratégicos e constituídos os órgãos adequados ao tipo de associação que se pretende criar. O objectivo comum deve ser consagrado nos estatutos, apresentando-se como lícito, possível e determinado.

A associação não pode ter um fim lucrativo, podendo, no entanto, apresentar um saldo positivo no final do ano económico.

Outra característica a ter em conta para constituir uma Associação é a obtenção de personalidade jurídica.

A associação como uma organização de pessoas que prosseguem um fim comum remonta as suas origens a grupos anteriores à própria existência do Estado. À criação de uma associação corresponde uma teia de relações e de factos sociais. O direito de associação é, por assim dizer, inerente à condição humana, é um direito natural.

A sociedade humana compõe-se de uma teia de relações sociais que se tornaram relações jurídicas, que têm como inerentes uma lista de direitos fundamentais onde se inclui, de forma clara, o chamado direito de associação. O direito e a liberdade de associação são hoje um direito do homem e um pilar da nossa sociedade.

No final do século XIX, o cientista político francês Alexis de Tocqueville determinava as seguintes associações: territoriais, clubes sociais, serviço a jovens, educacionais, de arte e musicais.

Wright Hyman dispunha as associações em oito diferentes tipos: cívicas e de serviço, Irmandades, igrejas e organismos religiosos, sociais e recreativos, de veteranos e militares, económicos, ocupacionais e profissionais culturais, educativos e de alunos, políticas e de pressão. Na prática, é difícil inferir a que tipo pertence determinada associação. No entanto, em Portugal, é possível descortinar a existência de diferentes tipos de associações.

Qualquer pessoa é livre de constituir e de pertencer a uma associação, decorrendo esse direito do princípio constitucional da liberdade de associação. O mesmo princípio dita, de igual modo, que ninguém pode ser obrigado a pertencer a uma associação.

Até 1999, aos jovens com idade inferior a dezoito anos não lhes era garantida capacidade jurídica de se associarem. Este limite foi abolido, devendo-se principalmente ao papel determinante da Federação Nacional de Associações Juvenis.

Segundo a Convenção Europeia dos Direitos do Homem, no seu art. 11º, estabelece-se que:

- 1- Qualquer pessoa tem direito a liberdade de reunião pacífica e a liberdade de associação, incluindo o direito de, com outrem, fundar e filiar-se em sindicatos para a defesa dos seus interesses.
- 2- O exercício deste direito só pode ser objecto de restrições que, sendo previstas na lei, constituírem disposições necessárias, numa sociedade democrática, para a segurança nacional, a segurança pública, a defesa da ordem e a prevenção do crime, a protecção da saúde ou da moral, ou a protecção dos direitos e das liberdades de terceiros. O presente artigo não proíbe que sejam impostas restrições legítimas ao exercício destes direitos aos membros das forças armadas, da polícia ou da administração do Estado.

A evolução do movimento associativo popular (cultura, recreio e desporto), tal como outras formas de associativismo em Portugal, encontra-se sempre integrada na sociedade. Mantém sempre uma ligação com grandes valores como a solidariedade, a autonomia, a independência, a democracia, a cidadania, o trabalho voluntário e benévolo.

Hoje, as associações de educação popular são entidades sem fins lucrativos cujos objectivos e actividades residem na área da educação, nomeadamente na Educação de Adultos. Regulam-

se pelo Decreto-lei nº 384/76, de 20 de Maio, determinando-se a sua constituição pela lei geral.

É notória a existência, em Portugal, de uma tradição educativa popular, baseada na autonomia em relação à esfera do Estado e exemplificada na vertente do associativismo. “ A associação vinculou-se finalmente como uma instituição útil, e como semente fecunda começou a implantar-se em todo o país.” (Goodolphim, 1876:94)

Já em 1870, D. António da Costa defendia que a associação dos cidadãos não representava apenas o simples papel de auxiliar, mas era um dos elementos fundamentais do ensino nacional. O associativismo, além de defender os interesses dos trabalhadores, incluía uma componente cultural. Em “Auroras da Instrução pela iniciativa particular” (1885), D. Antonio da Costa classifica a iniciativa particular portuguesa estendida à educação indicando três tipos: iniciativa individual, iniciativa das próprias classes populares e iniciativa dos mais ou menos abastados que formavam associações.

A Associação constituiu o elemento central do discurso português de meados do século XIX e foi relevante a sua importância como princípio organizador da vida social. Para além do direito ao trabalho, ocuparam um importante lugar no pensamento social português deste período, o direito à assistência e o direito à educação.

No Alentejo, podemos referir Évora como a primeira cidade a integrar este movimento, sendo exemplo o “Círculo Eborense”, fundado em 1837. Posteriormente foram fundadas a Sociedade União Eborense e a Sociedade Harmonia Eborense. Estas sociedades fomentavam a leitura de obras e jornais, os bailes, os jogos, as sessões musicais e teatrais e as palestras, ou seja tinham objectivos de índole cultural e recreativa. Daí que fosse necessário desde cedo que estas sociedades criassem um gabinete de leitura, onde o interesse pelos periódicos era notório.

Estas associações, designadas normalmente por “Sociedades”, eram um espaço intermédio entre a vida doméstica e os locais menos restritos, entre a privacidade do lar e os espaços públicos de encontros sociais.

Nos finais do século XIX, nomeadamente nos anos noventa, o associativismo voluntário em Évora sofreu um novo incremento, de que são testemunhas as notícias da imprensa local, mas desta vez as associações surgem com um carácter específico, uma especialização de acordo com as actividades que desenvolviam. São exemplos “A Sociedade Camilo Castelo Branco”, “A Sociedade Almeida Garrett”, “ A Associação da Tuna Académica”.

Curiosamente, as associações mais antigas privilegiavam as actividades de lazer, enquanto que as mais recentes tinham objectivos relacionados com a música, o teatro e o desporto.

Por último, de referir os ideais republicanos patentes neste fenómeno do associativismo, assim como a marca da especificidade burguesa, uma vez que estas associações eram dinamizadas geralmente por burgueses.

Na província do Alentejo, segundo Goodolphim (1876:98), foram fundadas no distrito de Beja seis associações; no distrito de Évora sete associações e no distrito de Portalegre constituíram-se sete, sendo uma delas “O Gremio Ilustrado Popular”, fundado em Castelo de Vide em 1870 (que na realidade era denominado de “Gremio Illustração Popular”).

As instituições que foram objecto de estudo desta investigação são também elas o resultado do movimento associativo das gentes do Alentejo, mais concretamente do concelho de Castelo de Vide.

IV - ESTUDO DAS BIBLIOTECAS DE CASTELO DE VIDE

4.1. Castelo de Vide, a Sintra do Alentejo

Castelo de Vide, terra de muitos encantos, repleta de história e tradição, convida permanentemente a descobrir riquezas ocultas.

Berço de pessoas ilustres, viu nascer José Frederico Laranjo, Garcia d’Orta, José António Serrano, entre outras personagens importantes.

Em Castelo de Vide foram fundadas a Associação dos Amigos do Estudo e o Grémio de Ilustração Popular, dos quais fazia parte a primeira e única Biblioteca Popular do distrito de Portalegre no século XIX.

Castelo de Vide, nas palavras dos sócios fundadores da Associação dos Amigos do Estudo, tem em 1866, falta de instrução -“Castello de Vide, a nossa linda villa, que se ostenta graciosa engastada em vasta concha de verduras, é a Cintra transtagana. Mas taes vantagens não suprem a instrucção e esta falta-nos.” (Estatutos da Associação, p.4)

No jornal “O Alto Alemtejo”, em 9 de Agosto de 1908, escreve Santos Soares também sobre a situação da instrução nesta vila:

Castello de Vide tendo quatro escolas officiaes, duas de cada sexo não possui ao menos um edificio próprio (...) Uma das causas que contribue muito para peiar o progresso da instrucção popular é o facto de não ser permitido que haja exames do 2º grau ao menos nas villas mais importantes. Muitos paes desejam que os seus filhos façam o exame da instrucção primaria, 2º grau, mas não o conseguem porque são pobres, porque têm 5 ou 6 filhos, e ganham simplesmente 2 ou 3 tostões por dia, única remuneração d’um trabalho constante de muitas horas.

4.2. José Frederico Laranjo –“O Homem de Castelo de Vide”

4.2.1. A vida de Laranjo

Com alguma controvérsia inicial quanto à data exacta do nascimento de Frederico Laranjo, hoje sabe-se de fonte segura que nasceu em Castelo de Vide, a 20 de Novembro de 1846, na rua da Espinhosa.

O pai era Possidónio Mateus Laranjo e a mãe Maria José Correxana. Os avós paternos eram António Laranjo e Teresa de Jesus; os maternos, António Carrilho Correxana e Francisca Teresa. O pai e a mãe eram castelovidenses, sendo-o também três dos avós; apenas Francisca Teresa era natural de Portalegre.

Baptizado no dia 2 de Dezembro pelo padre José Joaquim Mimoso, foram seus padrinhos Frederico Guilherme Afonso Videira e Isabel Mimoso Videira.

O pai era maior de lavoura de Frederico Guilherme e a mãe trabalhava em casa do padre José Joaquim (Videira, 1908: 446; Gordo, 1945: 41). Possidónio era conhecido pelas suas inclinações poéticas. José Frederico teria herdado dele essa veia artística (Gordo, 1945: 64).

A mãe faleceu de tifo, tinha ele apenas três anos, tendo-o deixado recomendado à madrinha Isabel, irmã do padre José Joaquim. Segundo António Ventura, esta passou a ser a nova família de Frederico Laranjo, tendo-lhe proporcionado estudos primários em Castelo de Vide, terra onde também aprendeu algum latim (1996: 10).

Quando, em 1860, o padre José Mimoso faleceu, recomendou aos herdeiros para “que protegessem o jovem estudante” (idem: 10).

Devido à morte do padrinho Frederico Guilherme, o pai de Laranjo passou a trabalhar para o seu irmão, João Pero Afonso Videira, cujo filho, César Augusto de Faria Videira, viria a ser um companheiro de Laranjo ao longo de toda a sua vida. César escreveu, recordando as suas amizades:

Dois anos, apenas, mais novo, é natural que eu o associasse aos meus brinquedos infantis, quando, por qualquer circunstância, me aparecesse em casa, aonde, daí em diante, passou a ter entrada franca e desafectada. Daqui o início provável do nosso conhecimento. O que é certo é que, descobrindo ele uma jóia de inestimável valor, José António Serrano, que por seu intermédio conheci, viemos a constituir todos três um verdadeiro triunvirato de sincera amizade. E assim correu o tempo até à separação forçada pelos estudos, a que cada um se destinava. O sr. Laranjo entrou no seminário (...); Serrano foi para Lisboa com destino à escola médica; e eu para Coimbra na expectativa de uma formatura em direito (Videira, 1908: 446, 447).

Tendo enveredado por uma carreira eclesiástica, veio a ser aluno “interno e gratuito” (Ventura, 1996: 10) do Seminário de Portalegre a partir de Outubro de 1860. Nesta instituição teve um diferendo com um professor. Segundo António Ventura, não apenas José Frederico Laranjo sofreu uma reprovação, como, “na eventualidade de ser expulso daquele estabelecimento de ensino, decidiu abandonar o seminário de Portalegre” (idem: 10).

Graças ao apoio da família que o adoptou foi para Coimbra, onde frequentou o Seminário:

Ali foi bibliotecário e recebeu também ordens menores — «o que lhe facultou a subida que fez várias vezes ao púlpito, publicando as primeiras obras que denotam, obviamente, a sua situação e a carreira eclesiástica que pretendia abraçar” (Ventura, 1996:11).

César Videira, amigo de Laranjo e seu biógrafo ainda em vida, dá-nos uma versão simplificada deste incidente, não referindo sequer a passagem pelo Seminário de Coimbra:

Uma pendência qualquer com um professor, o dr. Richoso obrigou-o a renunciar à vida eclesiástica. Sem meios de fortuna, (...) chegou a pensar na vida militar, que lhe não oferecia garantias de futuro. Surpreendeu-me a notícia em Coimbra, onde se achava também José Carrilho Videira, de Marvão, nosso amigo comum. Comentando o lamentável acontecimento,

lembrámo-nos de que podia ir para Coimbra, como tantos outros estudantes pobres, onde, por meio de uma subscrição entre amigos e leccionação particular, poderia sustentar-se, formando-se numa faculdade qualquer. (...) No ano lectivo seguinte estava Laranjo na Lusa Atenas. Teve de repetir os preparatórios de caminho para a Universidade, em que veio a matricular-se na faculdade de direito em 1870 (Videira, 1908: 447).

João António Gordo também não faz qualquer referência ao seminário de Coimbra: “Abandonado o seminário de Portalegre e com ele a carreira eclesiástica, transferiu-se para Coimbra, onde depois se matricula na faculdade de direito” (Gordo, 1945: 65).

Ainda de acordo com Ventura, para a continuação dos seus estudos em Coimbra, pelo menos enquanto estava no seminário, deve acrescentar-se às subscrições de amigos, “um subsídio da Bula” (Ventura 1996: 11). Laranjo recorreu também, durante o tempo que esteve em Coimbra, a lições dadas a outros estudantes para ganhar dinheiro, quer antes quer depois do seu casamento, quer mesmo depois da própria formatura, já como docente da Universidade. “Por outro lado, esses rendimentos suplementares foram em parte, destinados ao auxílio financeiro por si também prestado a vários estudantes pobres”. (Videira, 1908: 453)

Deslocava-se com frequência a Castelo de Vide, tendo participado na fundação de duas associações com fins educativos: a Associação dos Amigos do Estudo, criada em 1863, da qual foi presidente e de onde veio depois a ser expulso “por mau comportamento”. (Ventura 1996: 12) e o Grémio Ilustração Popular, fundado em 1870.

Colaborou ainda na campanha para a erecção em Castelo de Vide de uma estátua a D. Pedro V, que visitara esta terra em 1861. Laranjo fez um discurso na inauguração da mesma, em 1873, fazendo parte como presidente da comissão executiva organizada para o efeito.

Em 1865, deu a sua colaboração no periódico “O Portalegrense”.

Nas palavras de César Videira:

(...) o sr. Laranjo não se abandona ao repouso, envolvendo-se nas diversões da mocidade do seu tempo: estudava sempre. Alternava o estudo dos clássicos com o dos mais árduos problemas sociológicos. Saint Simon e Fourier prendiam de preferência a sua atenção. Com o cérebro em fogo sempre repleto de ideias altruístas, ele sonhava com os exércitos industriais e os falanstérios, que antevia em acção para a felicidade do operariado com a resolução do problema económico, no qual se julgava, na ingénua ilusão dos poucos anos, um colaborador valioso do futuro. A origem proletária explica esta tendência do seu espírito, que veio a influir depois na sua vida política. Além disto, pensava na elevação do nível intelectual dos seus patrícios. Para esse fim, lembrou-se da fundação de uma sociedade de instrução, lembrança que, de camaradagem comigo e Serrano, se tornou efectiva sob a denominação de Grémio Ilustração Popular (Videira, 1908: 448).

José Frederico participou, em Coimbra, em várias publicações periódicas, entre as quais “O Amigo do Estudo” (1867), “A Folha” (1868-73), “Panorama Fotográfico de Portugal” (1870), “Gazeta de Coimbra” e “Literatura Ocidental” (1877), com textos de índole literária, alguns

abordando temáticas regionais, frequentemente dedicados aos seus amigos mais chegados: José António Serrano, José Carrilho Videira, César Videira e José Pedro Barata. Associadas à colaboração nestes periódicos encontram-se outros nomes como o poeta João Penha, Cândido de Figueiredo, José Simões Dias, Guilherme Braga, Guerra Junqueiro, Urbano Loureiro, Gonçalves Crespo e a mulher deste último, Maria Amália Vaz de Carvalho.

A 14 de Outubro de 1870, José Frederico Laranjo ingressou na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Direito. O seu trabalho docente foi interrompido, dado Laranjo ter sido, em várias legislaturas, eleito deputado pelo partido progressista.

No fim do terceiro ano em Coimbra, algo de muito significativo aconteceu na vida pessoal de Laranjo. Segundo conta o seu amigo César Videira:

Ainda estudante, nas férias do seu terceiro ano, julgo eu, consorciou-se o snr. Laranjo com a snra. D. Ana Xavier Abelho, consórcio a que assistiram como testemunhas, os seus melhores amigos, Serrano e eu. Sua esposa, que descendia de uma família distinta de Castelo de Vide, trouxe-lhe os suficientes meios de fortuna para não só lhe aligeirar o peso da vida, mas ainda permitindo-lhe erguer mais alto os vãos da sua ambição (Videira, 1908: 450-1).

No que diz respeito à vida familiar, sabe-se que José Frederico e Ana tiveram um filho, António Abelho Laranjo, e dois netos, Ana Gonçalves Laranjo e José Frederico Gonçalves Laranjo, o qual veio a ser docente da Faculdade de Direito de Lisboa (Videira, 1908: 454). Videira fala-nos também dos sobrinhos de Laranjo:

Por outro lado, e sendo sua única irmã Libânia Laranjo Coelho, teve como sobrinhos Possidónio Laranjo Coelho e José Frederico Laranjo Coelho, os quais também teriam beneficiado da sua protecção e ajuda económica aquando das suas passagens por Coimbra (Videira, 1908: 454)

Segundo Graça (2006), Laranjo evidenciou-se no meio coimbrão pela clareza e pela profundidade das suas ideias.

Quando ainda estava no Seminário de Coimbra, expunha os seus pontos de vista, sobre o que era, no seu entender, o mau estado da filosofia em Coimbra. Orientou-se para o estudo da economia política, que lhe servira de tema central para as suas conferências de 1874 sobre o socialismo, e fora depois também o assunto da sua tese de doutoramento e do trabalho de concurso para lente substituto. José Frederico nunca perdeu por completo a inclinação para a filosofia do direito. Leccionou Direito Constitucional, cadeira que o ocupou na segunda metade do seu percurso como professor.

4.2.2. A personalidade de Laranjo

“O bom Laranjo, coitado! / Maçador como as frieiras/ Canta várias pepineiras (...)” (cit. in Ventura, 1996: 19). Este excerto do “Fado dos lentes”, composto em 1882 pelo então

estudante António Cabral com o objectivo confesso de “rachar” (idem: 18) os referidos lentes, denota de imediato o carácter benevolente e íntegro da personalidade de José Frederico (Graça, 2006). Muitos anos mais tarde o castelovidense João António Gordo parecia ressentir-se ainda deste género de ditos sobre José Frederico:

Em Coimbra, lente de direito, a sua face de homem ilumina-se de bonomia em frente dos rapazes. As prelecções caindo do alto da cátedra, trazem a sua anedota, misturada com a aridez da economia política, amenizando esta ciência e os seus axiomas tão comprometidos perante os sucessos destes dez ou vinte anos. Os discípulos consagram-no logo como mestre bondoso, ainda que (há filhos de muitas mães...) houve quem em letra redonda pretendesse meter ao ridículo a tolerância e a bondade do professor (Gordo, 1945: 66).

Também é muito possível que Paulo Merêa tivesse em mente ditos do género dos atrás referidos, quando escreveu:

Laranjo tinha aspectos ridículos que prejudicavam o seu prestígio, mas sem de modo algum merecer os apodos achincalhantes de que por vezes foi vítima. Foi, pelo contrário, um dos mais distintos professores do seu tempo, inteligente e estudioso, tendo regido com proficiência e elevação as diversas cadeiras de que se encarregou, e sendo de lastimar que a política o distraísse com grande frequência do seu labor docente (Merêa, 1956 III: 29, cit. por João Graça, 2006).

4.2.3. A sua vocação

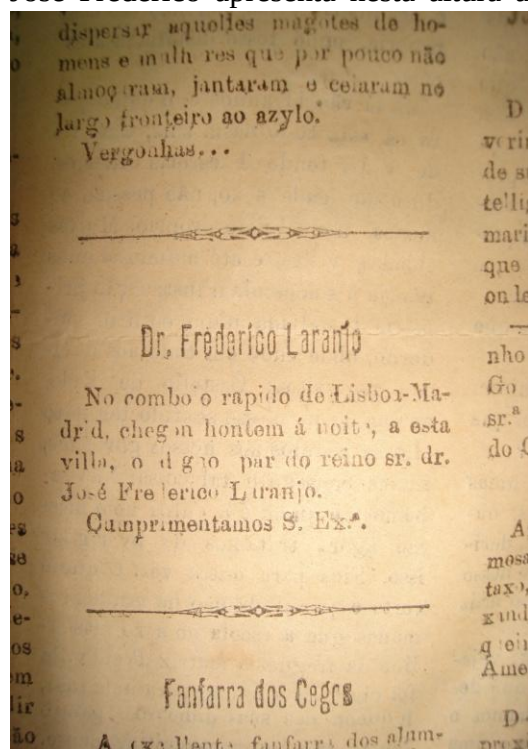
Tendo sido deputado de 1879 a 1881, Laranjo foi derrotado nas eleições deste último ano, para a legislatura de 1882/1884, a favor dum candidato regenerador, Augusto Maria da Fonseca Coutinho, que era de origens sociais influentes e mais novo do que ele, conforme refere Graça (2006).

Em 1884, José Frederico voltou a ser eleito deputado por Portalegre, embora os regeneradores tenham ganho a nível nacional e naquele círculo (Laranjo foi apenas o quarto mais votado na eleição). Também neste ano inicia a sua colaboração regular em “O Distrito de Portalegre”.

Nas eleições de Março de 1887 ganham os progressistas, passando Laranjo para o primeiro lugar em Portalegre. Em Setembro desse ano, José Frederico compra “O Distrito de Portalegre”, do qual passa a ser o director político. Os discursos na câmara sobre as “questões de política”, sobre o porto de Lisboa e sobre o pagamento duma dívida do Estado correspondem a esta legislatura, segundo nos informa Graça (2006).

Nas eleições de 1889, os progressistas ganham a nível nacional e em Portalegre, onde Laranjo mantém o primeiro lugar, mas por menor diferença em relação ao segundo, alcançado pelo regenerador Frederico Arouca.

José Frederico apresenta nesta altura a sua candidatura em Braga. É eleito, mas a grande distância do primeiro lugar, conquistado por Bernardino Alves Passos.



Associa-se por esta altura ao Montepio Operário e Artístico Portalegrense, fundado em 1888, pronunciando no sarau respectivo, a 11 de Dezembro de 1890, o seu discurso intitulado “Liberdade e Associação”. É eleito membro honorário da mesma associação e presidente de honra da mesa da assembleia-geral.

José Frederico manifestou-se contra o governo Hintze-Franco também em Dezembro de 1895, aquando das eleições municipais.

Em Fevereiro de 1897 cai o governo ditatorial.

Fig. 2 - Jornal “O Alto Alemtejo”, nº15, Ano 1, de 09/08/1908

Os progressistas são chamados a instituir um governo, do qual constava José Luciano de Castro, Veiga Beirão, Ressano Garcia, Carvalho e Vasconcelos, Barros Gomes e Augusto José da Cunha. Laranjo candidatou-se pelo círculo de S. Pedro do Sul, sendo eleito.

Segundo António Ventura (1996), a ascensão de Laranjo ao pariato causou entusiasmo em Castelo de Vide, terra onde aliás foi, por esta altura, colocada uma lápide na casa em que nasceu.

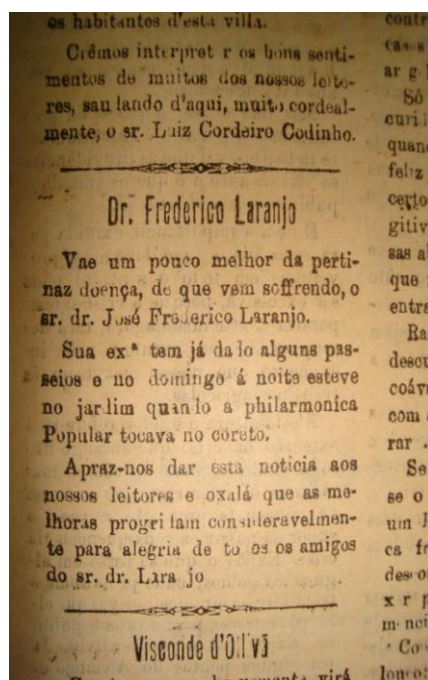
Todavia, a ligação à região de origem foi-se enfraquecendo, tal como a saúde do próprio José Frederico. A mais importante intervenção parlamentar proferida na câmara alta será a denúncia das ditaduras políticas e financeiras, em 1903, mas em ambiente de aparente afastamento da política.

Frederico Laranjo, “cuja saúde se ia agravando, não quis deixar de participar activamente na oposição à ditadura, assinando representações e comparecendo a reuniões políticas” (Ventura 1996: 59).

A sua saúde vai-se de facto degradando, não obstante o facto de José Frederico manter a colaboração com “O Instituto” e com “O Distrito de Portalegre”.

A 1 de Janeiro do ano que viria a ser o da proclamação da República, faleceu na sua residência, na rua do Sol ao Rato. Foi sepultado do dia 3, perante numerosa assistência.

Fig.3 - Jornal “Alto Alemtejo”, nº17, ano 1, de 30/08/1908



4.2.4. As suas ideologias e vida política

Teve uma formação inicial religiosa, depois jurídica, o que conduziu Laranjo à economia política, levando-o a ocupar-se da filosofia, em particular da filosofia do direito. O seu primeiro trabalho verdadeiramente importante data de 1871, altura em que era estudante do primeiro ano na Universidade, e trata a identificação do princípio do direito.

Segundo Graça (2006), as correntes intelectuais com as quais o jovem Laranjo entrou em contacto são principalmente três: uma de estatuto predominantemente filosófico, o krausismo; outra essencialmente económica, a chamada economia cristã; a terceira reportando-se a todos os campos da teoria social, o positivismo.

Houve uma actividade sua que rivalizou com o seu trabalho académico: a política. De acordo com o que nos diz Graça (2006), ele iniciou a sua actividade política no partido progressista em 1878, sendo eleito deputado pela primeira vez em 1879, dois anos depois de ter defendido o doutoramento e um ano depois de ter sido despachado lente substituto. Pela Câmara dos Deputados andou em várias legislaturas, e depois pela Câmara dos Pares, factos que naturalmente interromperam as suas actividades docentes e de investigação.

Por outro lado, Laranjo foi contemporâneo da chamada Geração Nova Coimbrã, ou Geração de 70.

José Frederico Laranjo foi uma figura importante do panorama português de finais de oitocentos, como economista, como filósofo social e como político. Candidatou-se e foi eleito deputado várias vezes pelo recém-constituído partido progressista, no círculo de Portalegre e outros círculos eleitorais.

Segundo Graça (2006), em algumas dessas eleições (como em 1878) houve querelas associadas à administração de associações de beneficência, como no caso de Castelo de Vide, em que José Frederico se opôs ao grupo da administração da misericórdia local, enquanto em Portalegre se aliou ao grupo ao qual se opunha o governador civil de nomeação regeneradora, Read Cabral.

É ainda merecedor de registo o facto de o principal adversário político de Laranjo na sua região de origem ter sido um sacerdote católico, o regenerador Serafim Pedro de Carvalho Sequeira.

O próprio Laranjo fez “questão de alardear o seu provincianismo, não apenas mantendo-se muito ligado ao seu círculo, mas exibindo as suas origens humildes, apresentando aos pares o seu pai idoso, vestido à alentejana.” (Ventura 1996: 64).

Ventura levanta pois a questão:

Como foi possível que um homem com tal envergadura, com uma carreira académica e política tão relevante, não tenha ascendido a postos mais elevados? Seria o seu provencianismo, assumido com orgulho, que o cerceou? (idem: 64)

4.3. Fundação da Sociedade Literária – “Associação dos Amigos do Estudo”

4.3.1. Fim a que se destinava a Associação

A história da leitura pública em Castelo de Vide está, nas suas origens, associada à fundação há mais de cem anos (1863), de uma sociedade literária - a Associação dos Amigos do Estudo, cujo principal objectivo foi organizar uma biblioteca para uso exclusivo dos seus associados. Esta constituiu a primeira concretização da “ideia” de uma “livraria” (ou biblioteca) pública.

No discurso que consta do livro dos Estatutos da Associação (1866), pode ler-se:

São modestas as nossas aspirações, generosos os intuitos com que esta sociedade se constitui. Desejámos a instrucção que não tínhamos, e falleciam-nos meios de a desenvolvermos; appellámos para a associação. O que era impossível para cada um facilitou-se para todos. A somma de nossas pequenas forças produziu um capital importante de aproveitamento. Tiveram esta origem as mais nobres empresas; esperamos que também prospere a nossa. (pág.4)

No art.º I do capítulo I dos seus Estatutos pode ler-se “ a Sociedade denomina-se – Associação dos Amigos do Estudo – e tem por fim o desenvolvimento da instrucção de todos os seus membros”. Para conseguir este objectivo propõe-se “ formar uma bibliotheca e um gabinete de leitura” (art.º II, Capítulo I, dos mesmos Estatutos).

Laranjo Coelho (1927) define com rigor a natureza da associação e o significado da sua acção, referindo que a associação tinha como “fim concorrer simultaneamente para a ilustração dos que a formassem e para a educação do povo. Estudar e ensinar era o lema” (p. 8). Ainda na mesma página pode ler-se:

Para estudar formar-se-ia uma biblioteca e para ensinar organizar-se-iam saraus literários escolhendo-se assuntos que fossem úteis ao povo, como dar-lhe lições profícuas de higiene, demonstrar-lhe a utilidade dos monte-pios e ensinar-lhe a amar os dons da civilização. Com o mesmo útil e alevantado propósito abrir-se-iam escolas, editar-se-iam livros (...). Uma das realizações praticas mais urgentemente recomendadas era a instituição de uma escola noturna em que o povo podesse com proveito gastar as primeiras horas da noite lendo e instruindo-se. (p.8).

Como dizia Goodolphim (1876), “o operário se aprender a ler e a escrever mas nunca aperfeiçoar a sua inteligência, se não enriquecer a sua memória no livro e no jornal, não passará de uma máquina de trabalho” (pág. 6).

4.3.2. Sede da Associação

A Associação dos Amigos do Estudo tinha a sua sede na Rua das Espinhosas. Em acta da sessão do dia 17 de Agosto de 1866, a opinião divide-se entre os sócios sobre a instalação da Associação, como se expressa na transcrição:

No dia 17 de Agosto de 1866 convoquei todos os sócios a reunião cujo fim principal era decidir-se se devia sahir-se das casas, em que actualmente se acha a Associação, para outras, cuja posição fosse mais no coração da villa, por isso que a opinião dos sócios diverge sobre a questão opinando uns pela conservação da Associação na mesma casa e outros pela sahida.

4.3.3. Os fundadores da Associação

Esta Associação foi fundada por iniciativa principal de José Frederico Laranjo, a que se lhe juntaram José António Serrano e César Augusto de Faria Videira. Conta-nos Coelho:

Por volta dos anos de 1867 a 1870 três estudantes naturais de Castelo de Vide que frequentavam escolas de ensino superior, José Frederico Laranjo, José António Serrano e César Augusto de Faria Videira, costumavam reunir-se em amenas e despreocupadas conversas literárias nas longas tardes das suas férias de verão, no largo daquela terra que então se chamava da Fonte da Vila, e que em sua homenagem, tem hoje o nome de Largo do Dr. José Frederico Laranjo. (Coelho, 1927: 5,6).

Diz-nos ainda que esse foi o local onde “nasceu a ideia de fundarem na sua terra uma associação...” (idem, pg 8).

Laranjo Coelho (1927) descreve os seus fundadores:

José Frederico Laranjo como “lente catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, depois de um curso brilhante, cheio das mais altas classificações e prémios. Par do Reino mais tarde depois de uma longa, ininterrupta e laboriosa carreira parlamentar como deputado”; refere-se ao Dr. José António Serrano como “notável anatomista, uma das lídimas glórias do professorado da Escola Médico-cirúrgica da capital e sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa”; ao Dr. César Augusto de Faria Videira descreve-o como um “hábil e distinto advogado, de viva inteligência e sólida cultura” (pg.7).

A sociedade foi ajudada pelo Padre José Baptista Duarte, “sacerdote ilustrado e bom latinista” que desempenhou o cargo de primeiro tesoureiro, e “o médico Dr. João Augusto de Carvalho, que frequentara também a Universidade de Coimbra” (Idem, pg.8).

Os restantes sócios eram, na sua maioria, estudantes de diversas Escolas Superiores do país.

4.3.4.Sócios da Associação

Segundo o art.º III dos seus Estatutos, “A Associação dos Amigos do Estudo compõe-se de sócios primários, secundários e honorários.” Para se ser sócio primário ou secundário tem de ser “pessoa de exemplar procedimento moral e civil. E residir em Castelo de Vide” (art.º IV e V”); no entanto, para ser sócio honorário tem de ser “ individuo distinto quer pelo seu saber, quer por serviços relevantes prestados à associação” (artºVI).

Os 28 sócios eram: José Frederico Laranjo, João Augusto Ribeiro, Alexandre Nunes de Carvalho e Sequeira, Antonio Carlos de Farinha Pereira, João Augusto de Carvalho, José Pedro Mimoso, José Antonio de Carvalho e Sequeira, José Antonio Serrano, José Ferreira Franco, Antonio Luciano Farinha Pereira, Cesar Augusto de Faria Videira, Ernesto Augusto Portugal, José de Sequeira Carrilho Videira, Augusto Abelho Caldeira Themudo, João Pedro M. Videira, Rafael d’Alegria Pinheiro, José Antonio Ferreira, Antonio José da Trindade, José da Cruz Caldeira, Emílio da Graça Carita, Joaquim Curado d’Oliveira, Francisco José Ferreira, José Pedro Godinho e Lima, Joaquim José d’Andrade Sequeira, Augusto Cesar Duarte Pereira, João Antonio Rollo, Jerónimo José d’Andrade Sequeira e Bartholomeu Dias Inchado.

Mais uma vez é notório o carácter de selectividade da Associação se repararmos nos apelidos dos sócios, nomeadamente dos nºs 3 e 7; 24 e 27; 11, 13 e 15; 10 e 25 em que tudo faz crer que tinham entre si laços de familiaridade. De realçar também a total ausência de mulheres nesta lista de sócios. Estes sócios distribuíam-se em sócios primários e sócios secundários.

Lista dos sócios primários

Data da Entrada

Ano	Mês	Dia	Nomes dos Sócios
1863	Agosto	2	José Frederico Laranjo
“	idem	“	João Augusto Ribeiro
“	“	“	José Pedro Mimoso
“	“	“	Alexandre Nunes de Carvalho
“	“	“	José Nunes Carvalho e Sequeira
“	“	“	João Augusto de Carvalho
“	“	“	Ernesto Augusto Portugal
“	“	“	Antonio Carlos Farinha Pereira
“	“	“	Cesar Augusto de Faria Videira
1864	Agosto	4	Antonio Luciano Farinha Pereira
“	“	“	Raphael d’Alegria Pinheiro
“	Setembro	1	José Antonio Serrano
1865	Janeiro	1	José Ferreira Franco
“	Setembro	2	José António Ferreira
1866	Janeiro	1	José Pedro Godinho e Lima
“	“	“	Augusto Cesar Duarte Pereira
“	“	“	João Antonio Rollo
1867	Janeiro	5	José Antonio Ferreira

Lista dos sócios secundários

Data da Entrada

Ano	Mês	Dia	Nomes dos Sócios
1864	Abril	1	Joaquim da Cruz Curado d’Oliveira
“	“	“	Antonio José da Trindade
“	Setembro	1	João Pedro Affonso Videira Junior
“	Novembro	1	Emílio da Graça Casita
1865	Janeiro	1	Joaquim José d’Andrade Sequeira
“	“	“	Augusto Abelho Caldeira Themudo
“	Maio	1	Francisco José Figueira
“	Agosto	14	José de Sequeira Carrilho Videira
“	“	23	Antonio Luciano Farinha Pereira
“	“	“	Raphaël d’Alegria Pinheiro
“	Setembro	2	José da Cruz Caldeira
1866	Janeiro	1	Pe. José Vicente da Costa
“	“	“	Manoel Henriques Corrêa
“	“	“	Bartholomeu Dias Inchado
“	“	“	Jerónimo José d’Andrade Sequeira
1867	Janeiro	5	João Antonio Rollo
“	“	“	João Francisco Cortecinho
“	“	“	Adelino Pereira da Costa

Fonte: Caderno manuscrito da Associação dos Amigos do Estudo e Uns dos Outros

Quadro V – Sócios primários e sócios secundários

4.3.5. Jóia de entrada e quota da Associação

Os sócios primários e secundários teriam de pagar de jóia, no acto de admissão, a quantia de 1500 réis; os sócios primários ficariam obrigados a uma quota mensal de 460 réis, enquanto que os sócios secundários teriam de pagar mensalmente 400 réis (art.º X e XI do capítulo II).

No entanto, na obra “A Biblioteca Municipal de Castelo de Vide (1927)” faz-se menção “além da jóia de 1\$000 réis no acto da sua admissão, a quota mensal de 100 réis” (pg.10)

Neste caderno manuscrito surge a concretização dos “Estatutos da Associação dos Amigos do Estudo de Castello de Vide” publicados pela Imprensa da Universidade de Coimbra em 1866, no capítulo II, artºXIII, onde pode ler-se “Os sócios secundários têm por obrigação: 1.Pagar a mesma jóia que os sócios primários”.

4.3.6. Estatutos da Associação

Os Estatutos da Associação dos Amigos do Estudo são da responsabilidade de Alexandre Nunes de Carvalho e Sequeira, António Carlos Farinha Pereira e César Augusto de Faria Videira.

Curiosamente, o nome de Frederico Laranjo não aparece mencionado nos Estatutos apesar de este ser o seu principal fundador.

Os Estatutos encontram-se reunidos num pequeno livro de quinze páginas, definidos em quarenta e um artigos, distribuídos por oito capítulos.

As primeiras cinco páginas são destinadas a uma breve introdução, onde se constata a falta de instrução do povo de Castelo de Vide e a necessidade de criar a Associação para que haja uma “comunidade de letras, a qual alimente constante o seu gosto com a útil lição dos bons livros e com as palestras litterarias.” (p. 4).

4.3.7. O Gabinete de Leitura, a aula nocturna e a Biblioteca da Associação

No capítulo VIII dos Estatutos da Associação, é referido que o “o gabinete conterá jornaes e um quadro com a relação dos jornaes e livros, assim como dos sócios.” Informa ainda que “o gabinete e a bibliotheca estarão abertos todos os dias desde as nove horas da manhã até às oito da noite”.

Percebemos ainda que:

Cada sócio poderá levar qualquer livro da bibliotheca não devendo demoral-o mais d’um mez, havendo na bibliotheca um livro onde os sócios escrevam o seu nome quando levarem algum livro, designando dia e mez em que o levaram para assim se conhecer o tempo da demora.

Curiosamente, era fornecido aos leitores “tinta, pennas e papel sufficiente para os apontamentos que desejem fazer durante a leitura”.

Os livros só podiam ser lidos pelos sócios, seus pais e irmãos. No entanto:

A entrada do gabinete e bibliotheca será facultada por quinze dias a visitantes que não residam em Castello de Vide, e que forem apresentados por algum sócio ficando o apresentante responsável por algum damno.

Este prazo foi estipulado na sessão do dia 26 de Setembro de 1865: “Marcou-se o prazo para os Sócios terem os livros em seu poder sendo para os existentes em Castelo de Vide 15 dias, e para os não existentes 30 dias”.

Possivelmente devido ao número reduzido de obras que constituíam a biblioteca, apenas era concedido para empréstimo domiciliário um livro, conforme foi deliberado na mesma sessão – “não podendo levar tanto uns como outros mais do que uma obra”.

“A Associação mantinha uma aula nocturna, frequentada em 1870 por 30 alunos, além de um gabinete e uma biblioteca, que era também franqueada a visitantes.” (Rebelo, 2002:136)

4.3.8. Momentos significativos desta Associação

Através das actas das várias sessões em que reuniu a Associação podemos conhecer alguns dos momentos mais significativos da sua existência:

♦ A Associação Amigos do Estudo e uns dos Outros reuniu pela primeira vez no dia 2 de Agosto de 1863.

Foram nomeados:

- Tesoureiro - João Augusto de Carvalho
- Secretário – José Frederico Laranjo – por unanimidade delegou em António Carlos Farinha Pereira
- 2º Tesoureiro - José Frederico Laranjo
- 3º Tesoureiro – José Pedro Mimoso
- Tesoureiro dos livros – João Augusto Ribeiro

Nesta sessão é oferecido o lugar de sócio gratuito a Florêncio de Souza Franco.

♦ Reuniu uma 2ª vez no dia 4 de Agosto de 1864, tendo sido nomeados:

- Presidente – José Frederico Laranjo
- Secretário – António Carlos Farinha Pereira
- Tesoureiro – João Augusto de Carvalho
- Tesoureiro dos livros – António Luciano Farinha Pereira

♦ A Associação reúne em 14 de Abril de 1865 pelo facto de Frederico Laranjo se ter demitido do cargo de Presidente, tendo sido eleito para o mesmo, Alexandre Nunes de Carvalho e Sequeira.

♦ No dia 14 de Agosto de 1865 tornou a reunir, ocupando os cargos:

- Presidente – Alexandre Nunes de carvalho e Sequeira
- Secretário – Cezar Augusto de Faria Videira
- Tesoureiro – José Ferreira Franco

Curiosamente, pelo facto de Cezar Videira não ter aceitado o cargo para o qual fora eleito, pagou uma multa de 500 réis.

♦ No dia 17 de Agosto de 1865, reuniu novamente a Associação com o objectivo de expulsar da Sociedade “ pelo seu péssimo comportamento” José Frederico Laranjo.

Existe ainda o registo das sessões dos dias:

♦ 23 de Agosto de 1865

♦ 2 de Setembro de 1865

♦ 26 de Setembro de 1865

♦ Na reunião do dia 27 de Dezembro de 1865, a mensalidade dos sócios primários é aumentada para 160 réis.

♦ A sessão seguinte data do dia 2 de Janeiro de 1866, ficando incumbido de tomar conta dos livros Augusto Cezar Duarte Pereira. São concedidas as “ sobresalas” da associação ao sr. Presidente da Sociedade Filarmónica “para esta ensaiar durante alguns dias”.

♦ Na sessão do dia 6 de Abril de 1866, “determinou-se que não se admittam socios secundários de fora da terra”, o que demonstra o carácter de selectividade da Associação. Nesta sessão Augusto Cezar Duarte Pereira é denominado de “Director dos Livros”.

♦ Na sessão de 14 de Agosto de 1866, é eleita uma comissão para “fazer novos estatutos”. A partir desta data, não existem mais registos de sessões da Associação Amigos do Estudo e Uns dos Outros.

4.3.9. Fundos e despesas da Associação Amigos do Estudo

Apesar das despesas, a Sociedade conseguiu sempre manter as contas com saldo positivo. Na acta de 18 de Outubro de 1888, podia ler-se “A sociedade apesar de ter poucos sócios, tinha ainda condições de vida, por que eram poucas as despesas”.

12		Resumo dos Fundos e despesas da Associação no anno de 1865 a 1866	
		Deve.	Havere
Saldo das despesas do anno de 1865 a 1866.	1550		
Multa de Sr. Cesar por não querer aceitar o cargo de Secretario da Associação	500		
Socios de tres Socios Primarios	3000		
Idem de seis Socios Secundarios	6000		
Cinco prestações annuaes de 1620 r\$ cada uma por de todos de Socios Primarios	12360		
Uma prestação mensal de Socio S. R. Ferreira.	1520		
Vinte e uma prestações de mais tres Socios Primarios a 160 r\$ cada uma.	3360		
Uma prestação de 100 r\$ de Socio S. A. T. da Trindade	100		
Uma prestação de 100 r\$ de Socio S. E. d. Oliveira	300		
Idem de S. S. Bartholomeu Dias Trachado.	300		
Cento e vinte e oito prestações mensaes de dois Socios Secundarios a 100 r\$ cada uma.	12800		
— Dependui-se em livros.	23180		
Idem para a mesa, renda das casas.	4800		
Idem para a mulher que acoia as mesmas.	1200		
„ ao Jornalheiro pelo concerto do prego do can diuio.	100		
Idem pelo concerto da fchadura e chave da porta da mesa.	260		
Idem ao latoriro pelo concerto do candieiro de p troline.	80		
Idem para uma chaminé para o candieiro.	200		
„ para tres quartilhos de petroleo.	260		
„ para um quartilho d'azeite.	80		
„ para meia folha de papelão.	40		
„ para tres cadernos de papel fino.	60		
„ para cinco cadernos de papel almagô	130		
„ pelo transporte de 2.º volume das obras de S.			

Saldo do Sr. Cesar por não querer aceitar o cargo de Secretario da Associação	500	
Socios de tres Socios Primarios	3000	
Idem de seis Socios Secundarios	6000	
Cinco prestações annuaes de 1620 r\$ cada uma por de todos de Socios Primarios	12360	
Uma prestação mensal de Socio S. R. Ferreira.	1520	
Vinte e uma prestações de mais tres Socios Primarios a 160 r\$ cada uma.	3360	
Uma prestação de 100 r\$ de Socio S. A. T. da Trindade	100	
Uma prestação de 100 r\$ de Socio S. E. d. Oliveira	300	
Idem de S. S. Bartholomeu Dias Trachado.	300	
Cento e vinte e oito prestações mensaes de dois Socios Secundarios a 100 r\$ cada uma.	12800	
— Dependui-se em livros.	23180	
Idem para a mesa, renda das casas.	4800	
Idem para a mulher que acoia as mesmas.	1200	
„ ao Jornalheiro pelo concerto do prego do can diuio.	100	
Idem pelo concerto da fchadura e chave da porta da mesa.	260	
Idem ao latoriro pelo concerto do candieiro de p troline.	80	
Idem para uma chaminé para o candieiro.	200	
„ para tres quartilhos de petroleo.	260	
„ para um quartilho d'azeite.	80	
„ para meia folha de papelão.	40	
„ para tres cadernos de papel fino.	60	
„ para cinco cadernos de papel almagô	130	
„ pelo transporte de 2.º volume das obras de S.	50	
de S. Moraes pelo concerto q.º trocar pelo 1.º volume		
— Somma	42390	30440

Pela análise da documentação relativa à contabilidade da Associação, é-nos possível verificar que os fundos destinavam-se essencialmente a comprar livros, pequenos cadernos, pagar a renda da casa onde se encontrava sediada e cobrir as despesas de limpeza (pagas a uma mulher de limpeza). As restantes despesas eram mínimas e destinavam-se a pequenos consertos de candeeiros ou fechaduras da sede.

Os fundos advinham das quotas e jóias cobradas aos sócios e de pequenas multas devidas a recusas de cargos atribuídos.

	Deve	Haver
Transporte	42390	30440
Despensei-se para o transporte dos livros, que se compraram, de Coimbra p. ^a Costa da Vide.		180
Idem para o premio de vale do correio e transporte de mesmo para os Editores do Archiv.		70
Idem para a encadernação e marcos da Associação em 4 volumes.		5220
Gomma	42390	35910
Tér-se de despesa -	35910	
Saldo a favor da Associação	06480	

Figura 4 - Fundos e despesas da Associação

4.4. Fundação da Sociedade “Grémio Ilustração Popular”

José Frederico Laranjo deixa a Associação dos Amigos do Estudo e quatro anos depois (1870), já como aluno do Seminário de Coimbra, forma uma nova Associação que toma a designação de Grémio de Ilustração Popular.

Juntam-se-lhe José António Serrano, César Augusto de Faria Videira, José Pedro Barata, Abílio Augusto da Fonseca Pinto, Ludgero Augusto Moreira, Sousa, Joaquim António Pinheiro, Joaquim Pedro Maduro, Cândido Augusto Correia de Pinho e Manuel Fernandes Toscano. “Em Castelo de Vide, o Grémio Ilustração Popular, formado apenas com cerca de trinta sócios, que faziam parte da Associação dos Amigos do Estudo em 1867, mantinha uma aula nocturna...” (Rebello, 2002:135). Diz-nos Costa Goodolphim (1876) a este respeito:

Esta associação que começou com um minguado número de sócios aumentou e prosperou mas ao cabo de alguns anos, o seu fundador deixou de pertencer a esta sociedade; e tempos depois mais alguns sócios, estudantes em diversas escolas superiores do país, saíram também da Associação dos Amigos do Estudo, que continuou não obstante a viver. Com estes elementos dispersos, intentou em 1870, o senhor Laranjo, então aluno do seminário de Coimbra, organizar uma nova sociedade, tendo mais vastos intuitos, com a denominação de Gremio de Ilustração Popular (...)(pág.100).

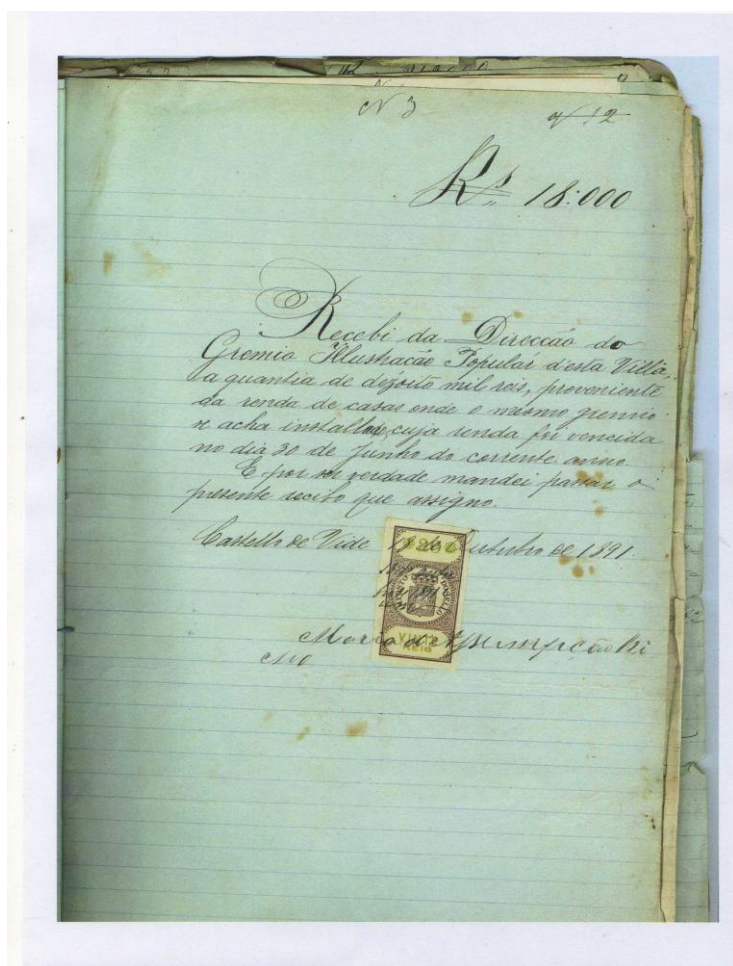
Em 1870 é publicado “o discurso inaugural proferido numa sessão solene nos Paços do Concelho, pelo sócio fundador Dr. José Frederico Laranjo” (Laranjo Coelho, 1927:11). Oraram também os senhores César Videira sobre “As vantagens da divisão do trabalho” e José António Serrano sobre “A instrução popular”, discurso que foi publicado no jornal “O Instituto” de Coimbra, desse ano.

Neste discurso, José Frederico Laranjo refere-se a Castelo de Vide como:

(...)terras como esta, distantes dos focos de civilização”em que é preciso “uma pedra em que se apoiem e d’onde possam erguer voo os espíritos que nasceram para serem d’ella e a ajudarem. Pois essa pedra tel-a-heis na bibliotheca, e se ella puder ser útil ao povo e digna d’elle, não sereis egoístas, heis de abrir-lh’a (pág.9).

4.4.1. A sede do Grémio

Esta Sociedade não tinha instalações próprias e no primeiro ano da sua existência viveu com a receita de apenas 29\$300 réis. Data de 18 de Outubro de 1891, um recibo passado pela senhora Maria da Assumpção, em nome do Grémio, como prova de pagamento da “ quantia de dezoito mil reis, proveniente da renda de casas onde o mesmo grémio se acha installado, cuja renda foi vencida no dia 30 de Junho do corrente anno”.



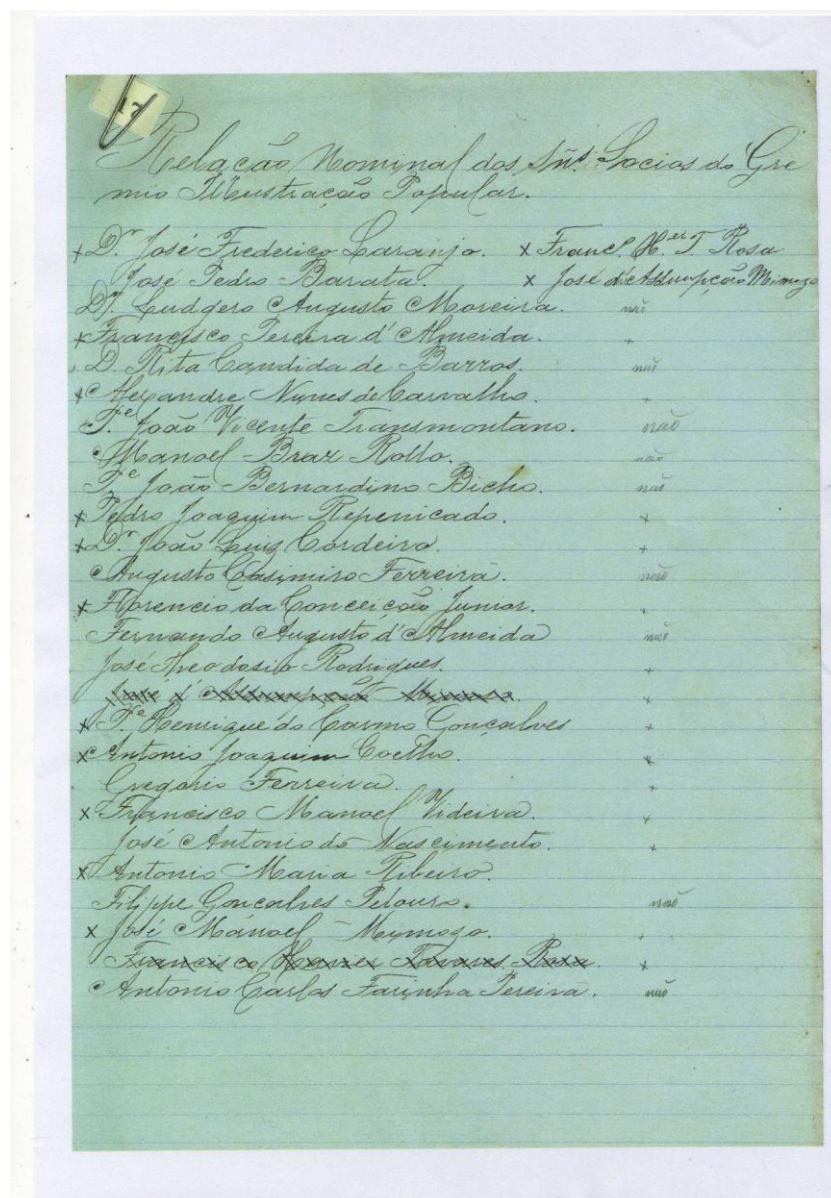


Fig.6 - Relação nominal dos sócios do Grémio Ilustração Popular

4.4.4. O “cobrador” do Grémio Ilustração Popular

O Grémio tinha também um “Cobrador” que recebia um ordenado. Vicente Soares Laranjo declarou ter “recebido de Francisco Pereira de Almeida, como Thezoureiro a quantia de quatorze mil reis proveniente do ordenado como cobrador”, no dia 28 de Setembro de 1891.

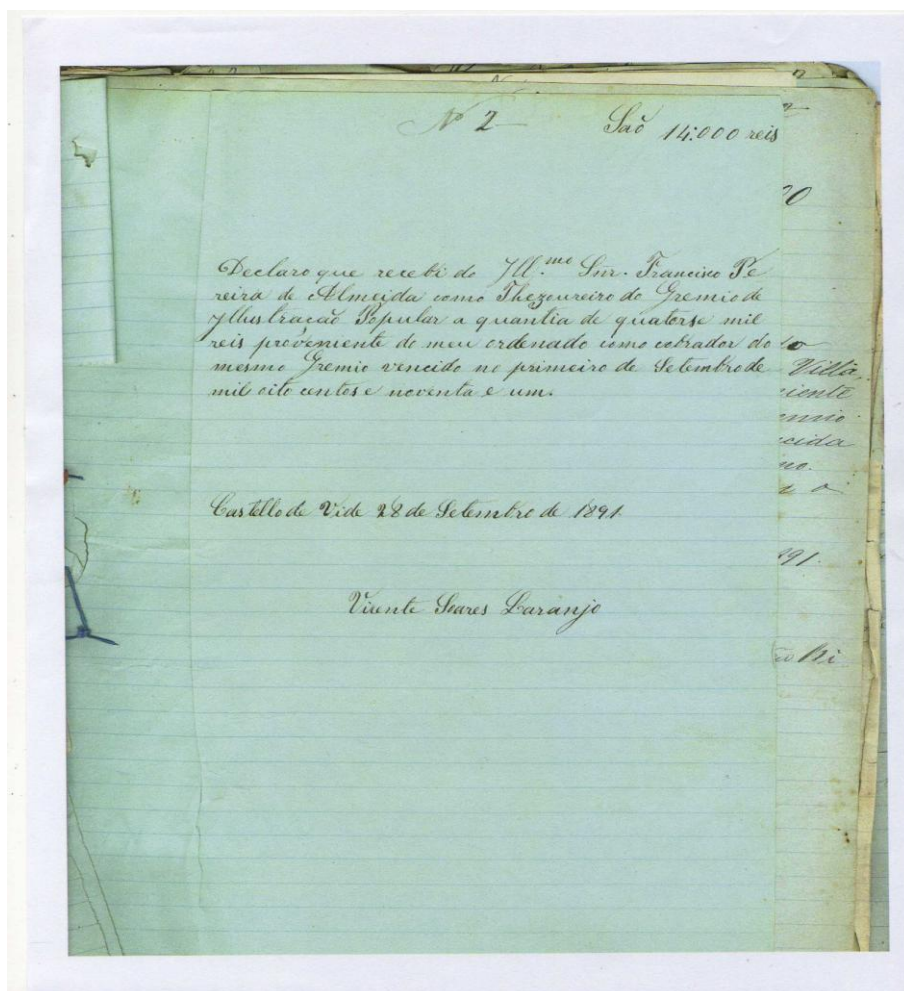


Fig.7 - Recibo de ordenado de cobrador do Grémio datado do dia 01/09/1891

No entanto, fica registado em acta de 10 de Dezembro de 1891 que devido “às precárias circunstâncias da sociedade e attendendo ao pouco trabalho que actualmente dá a cobrança que se redusisse o ordenado do cobrador em harmonia com estes factos: sendo todos os membros da direcção d’acordo n’esto ponto, resolveram que o ordenado fosse de 9\$000 reis annuaes”.

4.4.5. O Tesoureiro do Grémio

José Batista Duarte ajudara a criar o Grémio e a Escola. Laranjo Coelho referece-lhe com rasgados elogios:

Era o padre illustrado da terra no nosso tempo d’ estudantes, o amigo dos que eram a valer; ajudando-nos a crear o Grémio e a escola que elle sustentou, era o thesoureiro d’essas associações, assim como foi do Montepio Operário, que eu fundei mais tarde. Tudo prosperava emquanto elle se prestava a essa função de contar, escripturar, arrecadar e pagar, tudo decahia em elle se cansando e recusando a continuar n’essa fadiga (Coelho, 1927: 20)

4.4.6. Objectivos do Grémio: a biblioteca, os saraus e conferências e as escolas

Organização de uma biblioteca literária e científica

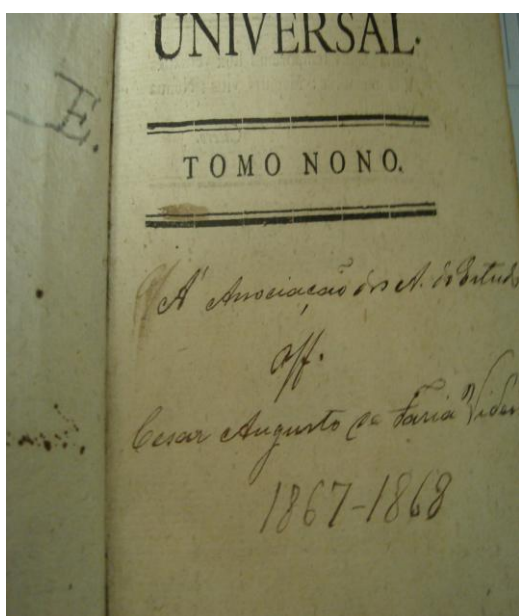
A biblioteca era constituída por aproximadamente 1200 a 1500 volumes, como refere Costa Goodolphim:

A biblioteca do Grémio conta hoje aproximadamente 1200 a 1500 volumes em que figuram todas as obras dos principais escritores portugueses contemporâneos, Garrett, Castilho, Herculano, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Gomes de Amorim, D. António da Costa, etc, uma colecção valiosa de poetas e prosadores clássicos portugueses e uma numerosa preciosíssima colecção de escritores estrangeiros, economistas, filósofos, poetas e romancistas: Bastiat, Say, Proudhon, Saint Simon, Eupantin, Thiers, Darevin, Thierry, Byron, Balzac, etc. (Goodolphim, 1876:102).

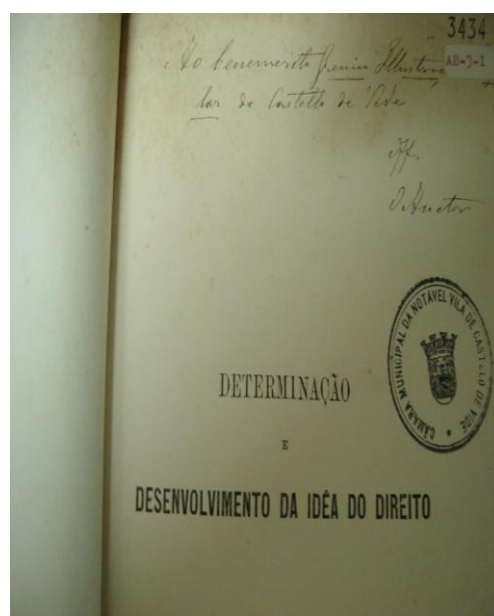
Por seu lado, Laranjo Coelho explica as modalidades que seguiram para reunirem este espólio bibliográfico.

O primeiro núcleo de livros da biblioteca foi constituído pelas obras que os seus três fundadores conseguiam arranjar, comprando com o pouco dinheiro de que dispunham, na frase de um deles, os livros dos melhores escritores portugueses ou adquirindo-os por oferta de pessoas das suas relações, umas que já eram, outras que haviam de ser depois valores dos mais cotados na política, na ciência e na literatura. (Coelho, 1927:12).

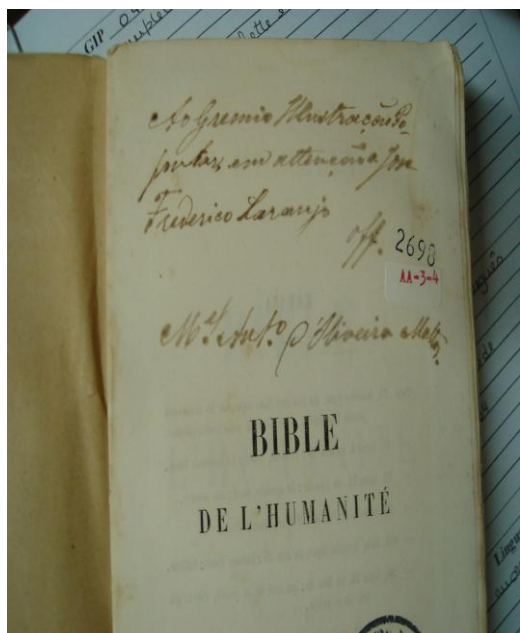
Segundo Costa Goodolphim “mais de metade dos volumes que possui a biblioteca do grémio têm sido oficiosamente oferecidos por muitos cavalheiros, uns estranhos à sociedade, outros sócios dela” (1876:102). Muitas obras ainda existentes contêm as anotações de quem as oferecia. “Têm pois algumas obras da biblioteca, além do seu merecimento intrínseco, o valor estimativo dos autógrafos dos seus distintos oferentes.” (idem.102)



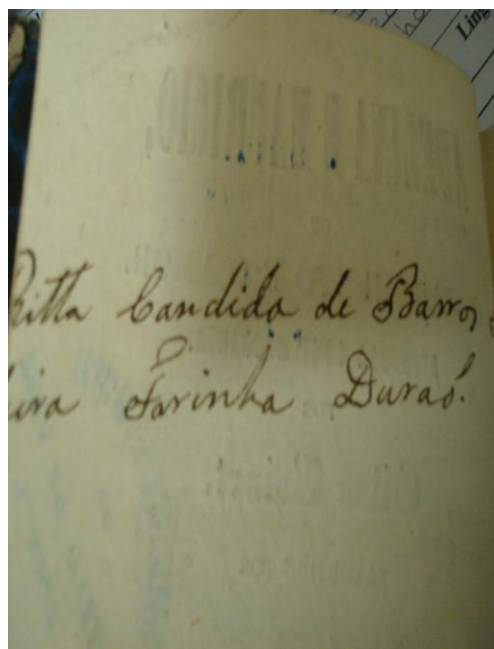
Obra oferecida por um particular



Obras oferecida pelo próprio autor



Obra oferecida ao Grémio Ilustração Popular



Obra oferecida por uma das poucas mulheres que frequentavam o Grémio

Figura 8 – Obras autografadas

Organização de Saraus e Conferências Populares

A sociedade tinha como um dos principais objectivos organizar conferências e palestras com o propósito de elevar o nível cultural das gentes de Castelo de Vide:

A sociedade agora com um novo título, ampliada no seu programa e no horizonte altruísta das suas nobres aspirações, inicia a série de palestras e conferências, algumas das quais também foram publicadas, nomeadamente as do Dr. José Frederico Laranjo e a que em 10 de Setembro de 1871 fizera o Dr. Serrano nos mesmos Paços do concelho da sua terra natal. (Coelho, 1927:11).

Nas palavras do discurso de Frederico Laranjo temos o testemunho destas iniciativas: “ – Ensinares e para isso organizar-se-hão saraus litterarios e, podendo ser, abrir-se-hão escolas” (Laranjo, 1870:9).

No mesmo discurso pode ler-se ainda:

Nos saraus litterarios escolhereis assumptos que sejam uteis ao povo, dar-lhe-heis lições profícuas de hygiene; demonstrar-lhe-heis a utilidade dos montepios, e evidenciando-o obrigar-o-heis a edificar-os; abrindo a historia ensinar-lhe-heis a amar os dons da civilização e a abençoar o pensamento que creou as vias férreas e os telegraphos, que realisou e fez útil um mundo de maravilhas invejado pela varinha risonha das fadas á razão que o creou. Tudo o que for evidentemente bom, evidentemente útil, dir-lh’o-heis; respeitando sempre o governo e a

religião do estado, sereis apóstolos da moral e do direito e da felicidade que se alliar com aquella e com este. (Laranjo, 1870:11)

A Direcção do Grémio dirigia convites à população para divulgar e convidar para assistirem aos saraus literários que organizava. No dia 3 de Janeiro de 1872, “ O Gremio Ilustração Popular tem a honra de convidar V.Sas. para assistirem ao sarau literário que há de ter logar na sexta feira 5 do corrente, pelas 7 horas da noite, na Casa da Camara desta vila”. Encontra-se este convite assinado por: José Frederico Laranjo, Pe. José Baptista Duarte, Cesar Videira, Francisco Xavier Tavares Roza, José António Serrano.

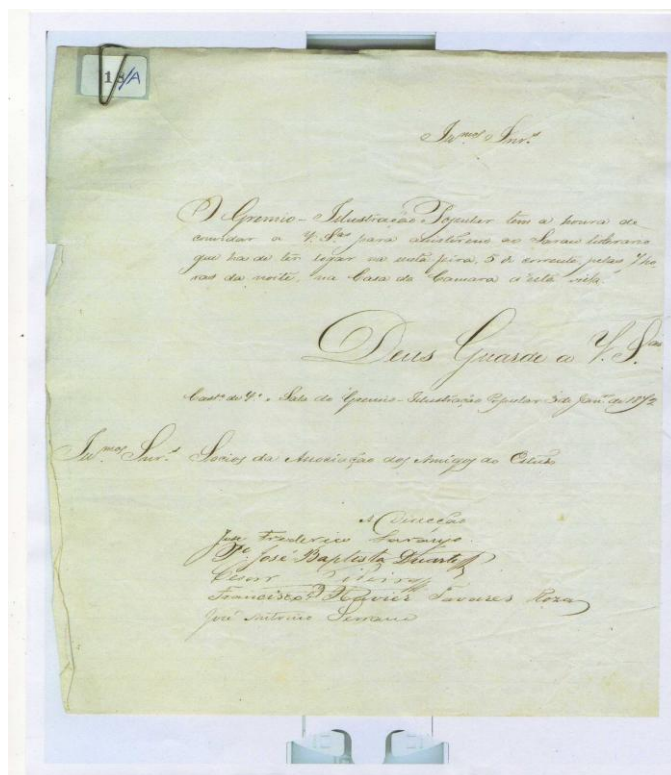


Fig.9 - Convite do Gremio Ilustração Popular (03/01/1872) para um sarau literário no dia 05/01/ 1872

Fundação de Escolas

Em Janeiro de 1872, foi aberta uma Escola Nocturna onde eram admitidos associados ou filhos de associados. Goodolphim (1876) dizia que:

O filho do povo não vai aos grêmios literários, aos botequins, onde se encontram os jornais; acabado o seu trabalho com um fato mais simples seria notado numa reunião onde quase todos estão vestidos mais ou menos elegantemente. O operário precisa ter uma associação sua, onde todos os sócios sejam seus companheiros, onde ele passe uma parte da noite, lendo ou estudando em livros ao alcance da sua inteligência e do seu saber. Estas sociedades podem ser chamadas de instrução popular ou de temperança. (p.27)

A povoação acolheu bem esta iniciativa e o número de sócios aumentou consideravelmente. “Além destas conferências e outros trabalhos abriu o Gremio uma escola noturna (...) para crianças e adultos, a qual se manteve por bastante tempo aberta e regida pelo padre Henrique do Carmo Gonçalves, sacerdote também natural de Castelo de Vide” (Coelho, 1927:12),

“habilitado com o curso de Teologia do Seminário de Portalegre” (Goodolphim, 1876:102). Este recebia a gratificação de 5\$000 réis mensais.

A frequência mínima nos meses de Estio era de vinte a trinta alunos e a frequência máxima no Inverno era de 70 a 80 alunos.

4.5. Reunião das duas Sociedades - *Gremio de Illustração Popular*

Em Janeiro de 1873, a Associação dos Amigos do Estudo junta-se ao Grémio Ilustração Popular, mantendo esta última denominação. Aquando a sessão de 25 de Dezembro de 1872, em que ficou decidido a fusão das duas sociedades, ainda não estava encontrado o nome com que iria designar-se, conforme se pode perceber na acta, no seu artigo 1º: “ Que nada se resolvia com respeito ao nome da Associação ficando este ponto para ser tratado pela comissão que se nomeou para redigir os estatutos”. Como se pode perceber, havia intenção de se elaborarem os estatutos.

Curiosamente, na acta de 11 de Outubro de 1874, podemos ainda ler: “ O presidente propoz que se nomeasse uma comissão para se fazerem estatutos”.

Foi também na sessão de 2 de Dezembro de 1872, que ficou decidida ” a junção desta sociedade a uma outra existente n’esta villa, a - Associação dos Amigos do Estudo, determinada pela utilidade comum, que daquella junção resulta a ambas as sociedades”. Foi também decidido nesta sessão, por unanimidade, que fosse eleita uma comissão de dois sócios, um por cada sociedade:

-...que fosse nomeada uma comissão de dois sócios para que de commum accordo com outra que aquella outra sociedade nomeasse igualmente para idêntico fim, discutissem e determinassem ambas as bases em que tal fusão das duas sociedades devia assentar. Esta comissão ficou composta por maioria de votos dos Srs. José Frederico Laranjo e José António Serrano.

Foi ainda eleita uma comissão de cinco sócios, para elaborarem uma lista dos livros a comprar, composta pelo Pe. José Baptista Duarte, José António Serrano, José Frederico Laranjo, Francisco Xavier Tavares Brás e César Augusto de Faria Videira.

A fusão destas duas associações manteve os mesmos objectivos das anteriores, como nos diz Goodolphim: “Nestas associações (de instrução popular) podem ter lugar as leituras, as prelecções, os cursos acomodados à inteligência e ao tempo de que o operário pode dispor para tudo isto e a biblioteca enriquecida de livros próprios para estas instituições.” (1876:28)

Curiosamente, esta associação não tem sede própria. “ A receita no ano pretérito de 1873 a 1874 (...) será capitalizada com saldos futuros, a fim de mais tarde se construir um edifício apropriado para a associação”. (idem:101)

4.5.1. Sócios do Grémio

Ainda segundo Goodolphim (1876), o Grémio Ilustração Popular contava com 127 sócios, que se dividiam em 63 Sócios Primários e 64 Sócios Secundários. (p.75)

4.5.2. Fontes de receita do Grémio

Goodolphim (1876) refere ainda as mensalidades dos sócios primários, no valor de 200 réis e as mensalidades dos sócios secundários, em cerca de 100 réis; as jóias de uns e de outros perfaziam 500 réis. A receita no ano de 1873 a 1874 foi de 241\$030 réis, tendo ficado de saldo a quantia de 77\$00. (p.75)

4.5.3. A sede da Biblioteca e da Escola Nocturna do Grémio

Em acta da sessão de 25 de Dezembro de 1872, aquando a fusão das duas sociedades, ficou decidido de acordo com o ponto 5º “ que fossem conservadas por agora ambas as casas servindo a que é actualmente do Grémio para a Bibliotheca, e a da Associação dos Amigos do Estudo para a Escola Nocturna, e que se conservassem ambas as escolas”.

4.5.4. O professor da Escola Nocturna

Em 1872, o professor da escola nocturna era o Sr. Cesar M. Madeira e ganhava 12.000 reis. “ ...determinou a Assembleia que fosse effectivamente o ordenado em 12.000 reis, e que sendo assíduo e mostrando o zelo preciso no cumprimento dos seus deveres, se lhe desse no fim do anno uma gratificação de 4000 reis” (Livro de Actas, sessão de 11 de Dezembro de 1874). Nesta mesma sessão, conforme registado em acta, foi aprovado que “ se dessem plenos

poderes à Direcção para organizar a bibliotheca de modo que o professor da escola esteja n'ella um certo numero d' horas, dando e recebendo os livros que sahirem e entrarem”.

4.5.5. O guarda e o horário da Biblioteca do Grémio

O guarda da biblioteca era o sr. António do Patrocínio Rapozo segundo consta na acta da sessão de 23 de Agosto de 1891. Segundo esta acta, fora nomeado para “guarda da bibliotheca António do Patrocínio Rapozo com a obrigação de estar na mesma das 8 às 9 horas da manhã e das 3 às 5 da tarde, todos os dias”. De realçar que este horário não era obrigatoriamente cumprido pelos membros da sua Direcção. “Deliberou-se mais que só os membros da Direcção terão entrada na bibliotheca fora destas horas”, pode ainda ler-se na mesma acta.

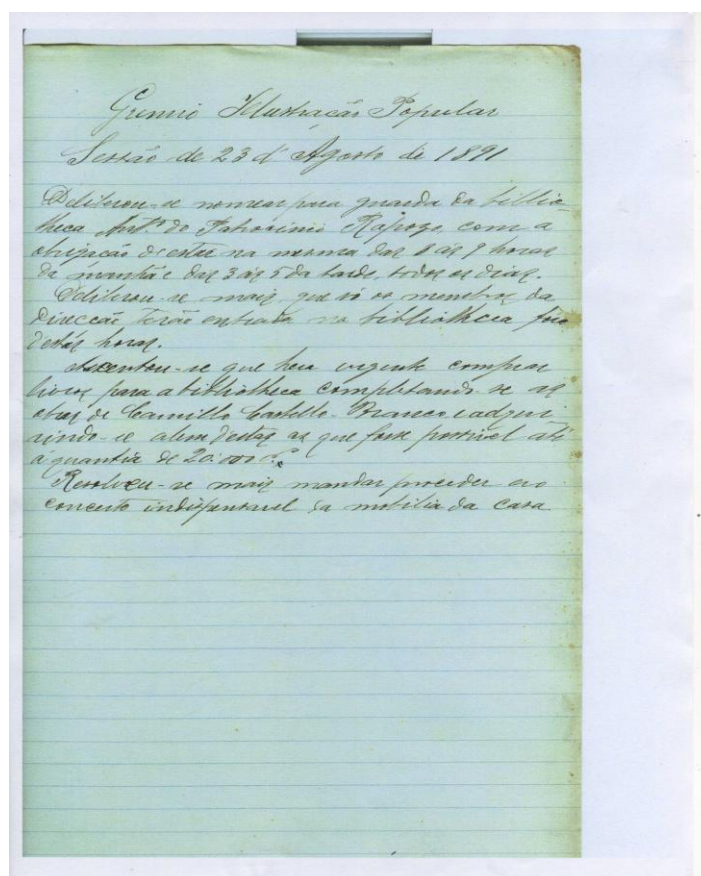


Fig. 10 - Acta de 23 de Agosto de 1891

V - A BIBLIOTECA DO GRÊMIO ILUSTRAÇÃO POPULAR

5.1.O Inventário de 1899 da autoria de Frederico Laranjo

Um *inventário* é um documento muito importante que enumera e descreve uma memória pertencente a alguém, num determinado tempo e lugar. Essen (2009), responsável pela organização da Base de Dados – The Henrik Database, que possibilitou a reconstrução de bibliotecas perdidas da Finlândia do séc. XIX (coleções de livros e seus possuidores), nomeadamente de Helsinquia e Oulu, durante e depois de 1809, confirma-nos essa importância:

A collection of books, a library, an old catalogue, or a list of book titles contain much more information than a title of a single book. Not because of the fact that the amount of text and signs is larger, but because the selection and combination of books adds so much value and meaning to the entity (p.2)

O inventário permite-nos explorar uma série de questões e alerta-nos relativamente ao tipo de património albergado e neste caso concreto aos costumes literários. Alison Walker, ao estudar a Biblioteca de Sir Hans Sloane, que constituiu a base do *British Museum* aberto em 1759, referia-se à lista dos seus livros como um ponto de partida para diversos estudos. Segundo Walker:

The project to recreate Sloane's dispersed library, in common with many historical studies of libraries, has at its core a list of books. But it is a list which can be searched, manipulated and interrogated, and which is enhanced with information on acquisition, provenance, binding and condition which can be used to analyse how the library was built up and managed. The list of books is only the starting point for analysis, interpretation, comparison and interdisciplinary study. (Walker, 2009:12)

Estes documentos dão testemunho de momentos ou épocas e têm como objectivo declarar e expor um espólio móvel e imóvel.

O inventário em questão torna-se tanto ou quanto mais importante na medida em que, desconhecendo-se a existência de qualquer outro, se revela como o único registo escrito sobre os bens pertencentes à Biblioteca que a Associação “O Gremio Ilustração Popular” de Castelo de Vide constituiu nos anos longínquos de 1870.

Todo o inventário se encontra escrito em letra manuscrita, cursiva e com um número mínimo de abreviaturas como: “Dr.” ou outros, se o nome do autor assim os contiver (“C. de Gramont”; “V. Cousin”).

É composto por 20 páginas, funcionando a primeira – a folha de rosto – como uma capa onde se pode ler “Inventário dos livros e demais objectos pertencentes ao Gremio Illustração Popular da Villa de Castello de Vide”.

O inventário é da autoria do Dr. José Frederico Laranjo que o assina na última página que o compõe, na qualidade de “O Presidente do Gremio”, logo após a data – “Castello de Vide 4 de Setembro de 1899”.

Este documento tinha como objectivo registar as obras e demais objectos – mesas, estantes, cómodas, quadros de parede, livros de actas, cadeiras, bancos de madeira, canapés, carteiras – pertencentes ao Grémio.

O inventário foi feito em folhas azuis, de “35 linhas” e encontra-se em relativo bom estado. Apesar de se visualizar praticamente a totalidade das páginas, muitas palavras são de difícil leitura devido ao tipo de caligrafia, que se revela muito “rebuscada de adornos”. Está escrito numa caligrafia “itálica”, ou seja com inclinação para a direita. Denota-se pouca pressão no traçado das letras à excepção de algumas maiúsculas, onde é visível um traço de tonalidade escura mostrando uma maior pressão. O formato das letras assemelha-se a um paralelogramo, ou seja a altura é sempre superior à largura. É uma escrita bela e elegante, que obedece a um uniforme espaçamento entre as letras.

As margens foram passadas por cima, de modo a dividir as folhas. Na margem esquerda foi feita uma numeração que vai do “1” ao “632” da última página. Serve a margem direita para anotação do número de exemplares/volumes de cada obra ou objecto. No espaço central, entre as duas margens, encontra-se o nome da obra, do autor ou da colecção – “As obras de António Feliciano de Castilho”, por exemplo.

O inventário não obedece a qualquer ordenação alfabética, nem respeita as normas de catalogação utilizadas actualmente ou antigamente nas bibliotecas.

Do registo não constam dados relevantes como a data de edição, a editora, o local da edição. A quase totalidade das obras apenas tem o nome do autor ou o título do livro.

Foram mesmo detectados erros na escrita de alguns nomes: “Apreçus” em vez de “Aperçus”; “Ensignement” em vez de “Enseignement”. Surgem ainda nomes repetidos – “Madame de Stael”.

Este inventário encontra-se arquivado na Biblioteca Municipal de Castelo de Vide, desconhecendo-se a data de entrada nos arquivos, a razão da sua elaboração ou quem o fez chegar à Câmara Municipal de Castelo de Vide. Nas actas da Câmara Municipal, de 1899, data da extinção do Grémio, até 1912, em que a Biblioteca Municipal já é referida com essa designação, não existe qualquer referência à sua elaboração ou existência. Nos arquivos

referentes à Associação e ao Grémio Ilustração Popular, apenas constam listagens dos livros adquiridos ou a adquirir. Em acta do dia 25 de Dezembro de 1872, no ponto 4º, pode ler-se no entanto, “Que se archivassem os catálogos dos livros e os inventários dos moveis pertencentes a cada uma das Associações”.

Na acta da sessão do dia 9 de Setembro de 1873, José António Serrano, como “bibliothecario” solicita a recolha de todos os livros da biblioteca:

Sendo necessário recolher temporariamente todos os livros que se acham em leitura caso para verificar a sua existência e proceder à sua conveniente colocação na Bibliotheca, rogo a v. Sas se dignem entregar ao portador todas as obras que têm em seu poder as quais serão reenviadas logo que finalisem aqueles trabalhos.

Por baixo do ofício encontra-se uma lista de 40 nomes, estando 10 riscados. Denota-se já nesta altura a preocupação pela organização da biblioteca.

5.2. Fundo da Biblioteca do Grémio

A análise que foi realizada do conjunto dos seiscentos e vinte títulos que constituem o Inventário da Biblioteca do Grémio de 1899, da autoria de José Frederico Laranjo, revelou que na sua maioria são obras de autores portugueses, existindo no entanto, um número significativo de títulos escritos em língua francesa; escritas em latim, em língua espanhola, italiana e em língua inglesa, fazem parte um número muito reduzido de obras. Assim, neste conjunto bibliográfico, constavam 413 títulos publicados em português e 198 editados em francês; livros escritos em latim são 2 e escritos em inglês encontram-se 3 exemplares; existem ainda 2 escritos em língua italiana e 2 em língua espanhola. Este facto revela o grande interesse que a literatura francesa despertava nas elites culturais do nosso país. Nas obras existem 29 traduções para português. Os 2 livros em latim denominam-se: “Filosofia” e “Instituições Retóricas e Elementares”.

No conjunto dos 620 títulos que constituem este recorte bibliográfico, grande parte é constituída por obras que se inserem no campo da literatura perfazendo 249 títulos. Destes, os livros de Poesia têm uma expressão muito significativa (43 títulos).

Por sua vez, as Biografias correspondem a 16 títulos.

De natureza enciclopédica e dicionários encontramos 24 títulos.

O recorte desta Biblioteca contém um conjunto significativo de livros relativos às várias ciências (23 títulos), tais como: Ciências Físico-naturais, Geologia, Ciências Naturais. Existe

um número reduzido de obras de Geografia (apenas 4), de Contabilidade (5 títulos) e de Música (6 obras); sobre Astronomia constam somente 4 títulos.

O campo da História (Pátria e Universal) está representado por 64 títulos.

Neste fundo bibliográfico encontram-se apenas contempladas 21 títulos sobre o Ensino, pressupondo-se que seria um conjunto de obras destinado a quem já dominava a escrita e a leitura e que possuísse já um elevado grau de conhecimentos.

Existem também 26 títulos referentes a Agricultura, Horticultura e Viticultura

São ainda contemplados títulos de natureza específica destinados a alguns leitores: Educação Feminina (2 títulos), que se desdobram em Economia Doméstica, Educação Maternal, e ainda Instrução Popular num total de 4 obras.

A Religião, a Moral e a Formação do Carácter são tratadas em 44 obras.

Por outro lado, denota-se alguma preocupação com a Saúde, a Higiene e a Educação Física, ocupando 11 títulos, onde se incluem obras de Medicina.

Finalmente, um conjunto de 10 livros são dedicados a assuntos “diversos” ou abordam temas não susceptíveis de enquadramento nas categorias temáticas que serviram de base à análise da Biblioteca. De realçar que 6 destes livros são referentes à Associação “Grémio de Ilustração Popular”, como por exemplo o livro de registo de entradas e saídas das obras requisitadas na Biblioteca e que esta possuía, o livro de registo de sócios e o livro de actas.

Os títulos referentes a Discursos, Estudos, Relatórios, Actas/ Ciências Políticas são um total de 53.

O conteúdo desta (s) biblioteca (s), existente (s) no período de 1863 a 1899, revela uma sintonia estreita com a formação erudita dos seus fundadores; no entanto, possivelmente estas ficaram aquém dos objectivos iniciais para que foram constituídas – educar e instruir o povo. Inclui um número reduzido de livros sobre temas como a Economia, a Geografia, as Ciências Naturais, Contabilidade e Finanças. No sector do ensino, o número de obras também é reduzido, assim como as dedicadas à Instrução Feminina e Instrução Popular.

Na sua maioria são obras de literatura de difícil leitura ou compreensão por parte dos leitores, sendo uma elevada percentagem de obras (cerca de 32%), escritas em francês. A influência francesa é evidente neste universo bibliográfico analisado. É como se desta biblioteca fizesse parte uma pequena biblioteca de autores franceses.

A distribuição dos assuntos é desequilibrada. A Literatura ocupa um grande peso – 40%, seguida da rubrica de História com apenas 10%. No entanto, possuía apenas uma obra de literatura infantil, o que denota que não era destinada a todos os tipos de público.

Para a análise deste Inventário foram criadas 22 categorias, baseadas em parte na análise feita pela Dra Maria João Mogarro, que criara categorias semelhantes aquando do estudo do acervo da Biblioteca do Museu Pedagógico de Adolfo Coelho, constituído em 1 de Julho de 1883:

O nosso interesse principal é compreender a presença dos livros alemães nesta (s) biblioteca (s), nomeadamente as áreas temáticas que eles tratavam, as que se apresentavam como dominantes ou tinham uma presença significativa, permitindo-nos mapear o universo pedagógico e cultural que estava subjacente à actividade de uma personalidade marcante do campo educativo, como era Francisco Adolfo Coelho. (Mogarro & Sanches, 2009:9).

5.2.1. Biblioteca do Gremio Illustração Popular - Distribuição dos Assuntos

Categorias		Número de obras existentes	Número de obras desaparecidas	Total
Obras gerais (enciclopédias, dicionários)		4	20	24
Biografias		6	10	16
História		30	34	64
Geografia		1	3	4
Ciências físico – naturais/Geologia/Botânica		13	10	23
Religião, moral e educação cívica		17	27	44
Agricultura, horticultura e viticultura		4	22	26
Higiene, saúde e lazer/Educação Física/Medicina		3	8	11
Literatura	Romances	49	130	179
	Comédias	7	19	26
	Contos infantis	1	-	1
	Poesia	20	23	43
Filosofia		6	11	17
Contabilidade e finanças		1	4	5
Artes e ofícios/Pintura/Arquitectura		-	8	8
Economia		1	2	3
Astronomia		1	3	4
Educação feminina		-	2	2
Exposições Nacionais/Internacionais		1	3	4
Discursos, Ciências Políticas		6	47	53
Ensino		2	19	21
Jornais e revistas		6	16	22
Instrução popular		2	2	4
Música		-	6	6
Sem categoria definida		-	4	4
Livros de dados do Grémio		-	6	6

Fonte: Laranjo Frederico, 1899- Inventário da Biblioteca do Gremio Illustração Popular (documento manuscrito)

Quadro VI – Distribuição dos assuntos das obras por categorias

Categorias com maior número de títulos do Inventário de 1899

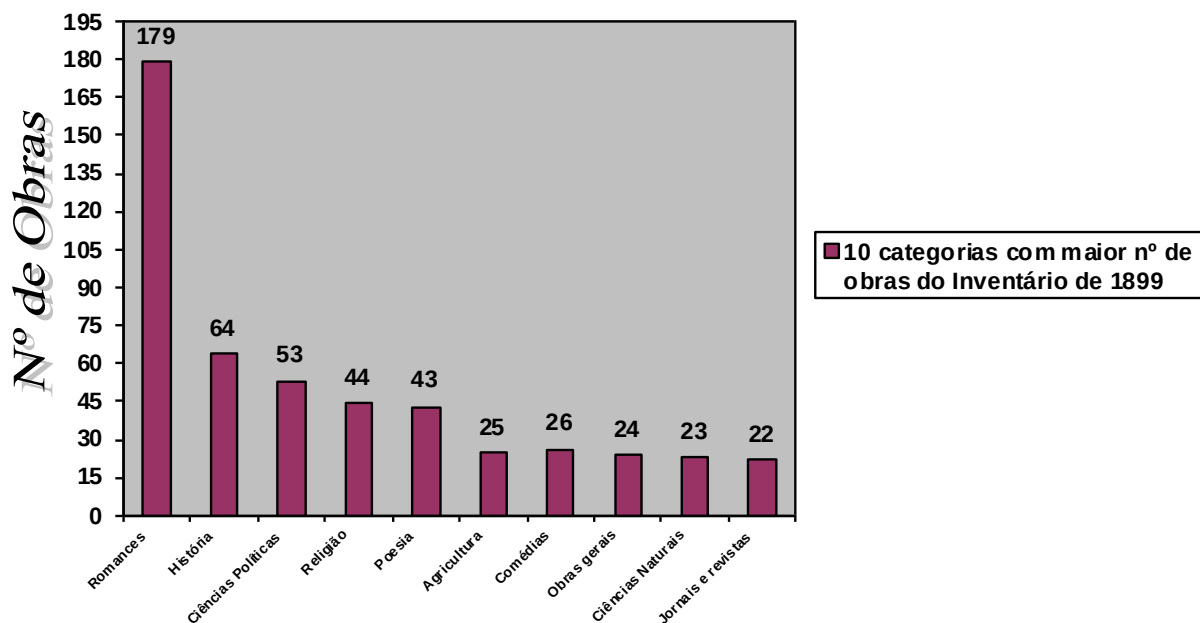


Gráfico 1 - Categorias com maior número de títulos do Inventário de 1899

5.2.2. Número de obras por século de edição

Século	Nºs das obras no Inventário de 1899	Nº total de obras	Porcentagem
Século XVI	80; 406	2	0,3%
Século XVII	52; 71; 590	3	0,5%
Século XVIII	29; 47; 48; 85; 88; 90; 91; 177; 207; 215; 218; 376; 407; 410; 411; 417; 419; 421; 422; 424; 427; 429; 430; 433; 434; 436; 437; 441; 447; 450; 459; 476; 481	33	5,3%
Século XIX	Restantes números	566	91,3%
Sem data	8; 196; 360; 405; 432; 469; 471; 493; 518; 538; 556; 565; 574; 587; 591; 603	16	2,6%
Total		620	100%

Quadro VII – Número de obras por século de edição

5.2.3. Século de edição das obras que constituíam o Inventário de 1899

Séculos	Número de obras	Percentagem
XVI	2	0,3%
XVII	3	0,5%
XVIII	33	5,3%
XIX	566	91,3%
Sem data	16	2,6%
Total	620	100%

Fonte: Laranjo, Frederico, 1899 – Inventário da Biblioteca do Gremio Illustração Popular (documento manuscrito)

Quadro VIII- Percentagem de obras por século de edição

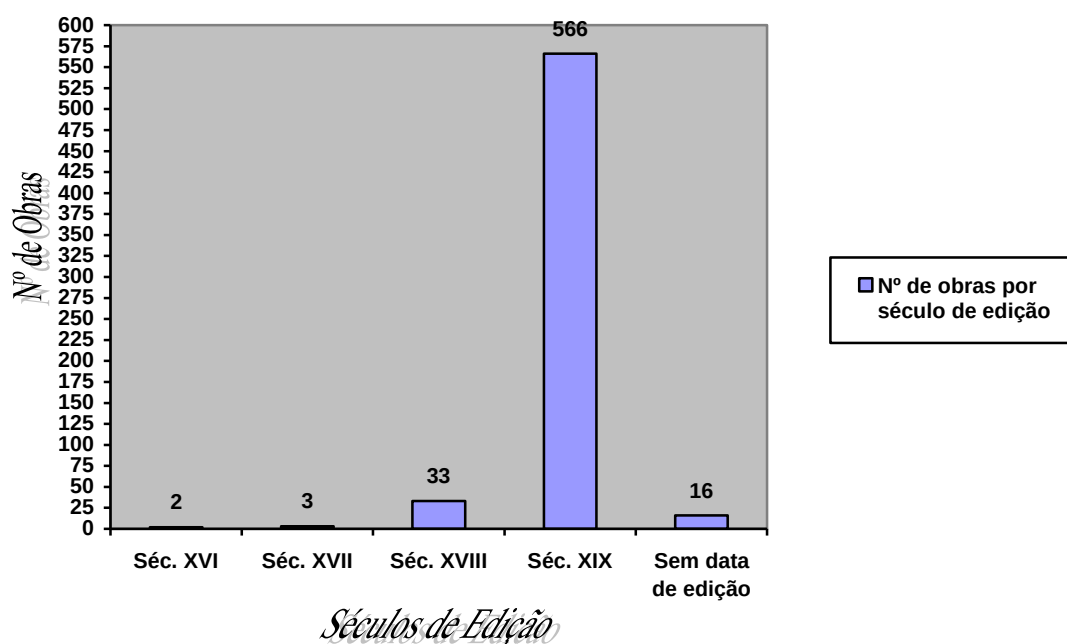


Gráfico 2 – Número de obras por século de edição

Verificamos que apenas 0.3% das obras foram impressas no século XVI e cerca de 0,5% no século XVII; o valor sobe para 5,3% se contabilizarmos as obras do século XVIII; do século XIX são uma percentagem de 91,3%, ou seja a percentagem mais elevada.

A obra mais antiga que constitui esta biblioteca data de 1534 (nº 80 no inventário) e a mais recente data de 1899 (nº 244 no inventário).

5.2.4. Língua de edição das obras do Inventário de 1899

Língua	Número de obras	Percentagem
Português	413	66,61%
Francês	198	31,93%
Inglês	3	0,50%
Espanhol	2	0,32%
Italiano	2	0,32%
Latim	2	0,32%
Total	620	100%

Fonte: Laranjo, Frederico, 1899 – Inventário da Biblioteca do Gremio Ilustração Popular (documento manuscrito)

Quadro IX – Língua de edição

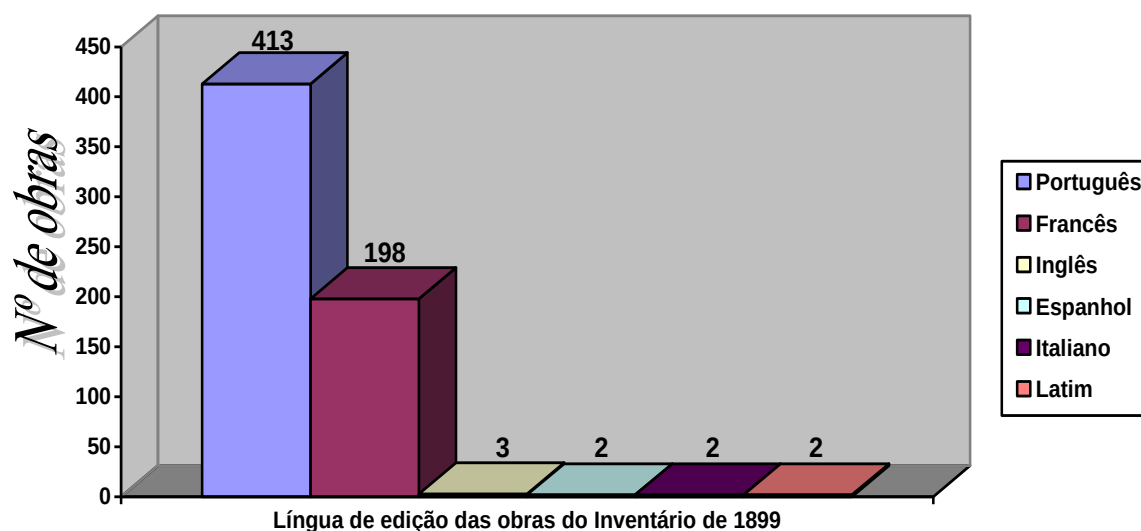


Gráfico 3 – Língua de edição

Embora a maior parte dos livros sejam portugueses – 66,61%, ainda assim, cerca de 34% eram impressos noutras línguas. As publicações periódicas também têm uma presença assinalável neste fundo, registando-se 22 títulos. Os assuntos que abordavam são do mesmo cariz que as obras já analisadas.

Inventário de 1899 – Periódicos

Nº no Inventário de 1899	Nome do periódico	Tipo de periódico	Assuntos	Ano de edição
12	Bulletin de la Société Académique Indo-chinoise	Jornal francês	Assuntos relacionados com a sociedade académica indo-chinesa	1881, 1882 1884/ 1890
15	Instituições Christãs	Revista quinzenal portuguesa	Assuntos religiosos, científicos e literários do Órgão da Academia de Santo Thomaz D'Aquino	1883/ 1892
19	Annaes Agricolas do Distrito de Portalegre	Revista portuguesa	Assuntos relacionados com a agricultura no distrito de Portalegre	1886
89 e 499	Annaes das Sciencias, Artes e Letras	Periódico feito para os portugueses residentes em Paris	Temas variados: agricultura, meteorologia, medicina, política, química, música...	1818 a 1822
102	Revue des Deux Mondes	Revista francesa mensal	Temas de história, literatura e política aliados a conhecimentos sobre a América, a Rússia, África	1875
103	O Occidente: Revista illustrada de Portugal e Estrangeiro	Revista Mensal	Assuntos de literatura, arte, história e cultura portuguesa	1878 a 1889
130	Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa	Jornal português	Constitui um repositório de informações sobre a assistência pública nas cidades e nos campos, a higiene, a medicina legal, a clínica médica, cirúrgica, obstétrica e das especialidades.	1836
164	O agricultor do norte de Portugal: Jornal de Agricultura	Jornal português	Jornal de agricultura prática dedicado às províncias do Norte.	1881
202	O Instituto: revista científica e literária Volumes XIX e XX / XXV e XXVI	Revista portuguesa	Assuntos nas áreas das ciências físico-matemáticas, sociais e Humanas, assim como da literatura e da cultura	1874
237	Eugénie de Guérin – journal et fragments	Jornal francês	Publicação de cartas sobre as crenças religiosas de Guérin (conservadorismo e devoção)	1872
301	Musée des familles	Jornal semestral francês	Contém novelas e romances - folhetins	1833
359	Almanach do Horticultor: Guia indispensável a todo o agricultor e horticultor para 1871	Revista portuguesa	Com 56 gravuras relacionadas com a agricultura e a horticultura: aconselha a época do ano adequada aos trabalhos agrícolas, previsões do tempo, fases da Lua.	1870 a 1882
389	Annaes Agricolas do Distrito do Porto	Revista portuguesa	Assuntos de agricultura da região do Porto	1877 a 1880
396	Revista Occidental	Revista portuguesa	Temas como literatura, história, arte – estudos latino-americanos	1875

402	Artes e Letras	Jornal português	Temas relacionados com a arte e literatura portuguesa do séc. XIX e a educação das crianças.	1874
442	Revista histórico- política de Portugal : desde o Ministerio de Marquez de Pombal até 1842	Revista portuguesa	Temas ligados à vida política portuguesa	1842
452	Archivo popular: semanário pitoresco	Jornal semanal	Leituras de instrução e recreio incluindo variadíssimos temas, quase sempre de autores desconhecidos, com gravuras de animais, monumentos, cidades, religiosos.	1837
453	Archivo Pittoresco – Semanario Ilustrado Editores Proprietários	Folhetins semanais de 8 páginas vendido aos domingos	Monografias de autores, novelas e romances históricos variados, episódios da História de Portugal e de História Universal, artigos elucidativos da campanha contra a <i>União Ibérica</i> e, sobretudo, por “estudos da língua materna”.	1861
521	Revue scientifiques publiés par le journal “La Republique Française”	Revista francesa	Temas sociais e económicos	1883
591	O agricultor do norte de Portugal: Jornal de Agricultura praticamente dedicado às províncias do Norte	Jornal português de agricultura e ciências correlativas	Temas relacionados com a agricultura; dedicado ao Norte de Portugal	?
604	Museu Technologico: Revista das industrias portuguezas e estrangeiras	Revista portuguesa mensal	Assuntos relacionados com as indústrias nacionais e estrangeiras	1877 a 1878
605	O Amigo do Estudo – Jornal Mensal	Jornal português bimensal	Leituras de instrução e recreio	1867

Quadro X – Catálogo de periódicos do Inventário de 1899

A imprensa periódica em Portugal conheceu uma expansão e uma diversificação, sendo notória uma apetência cultural por temas científicos ao longo de todo o século XIX. Instituições e personalidades culturais da sociedade portuguesa tiveram um papel importante na transmissão de conhecimentos e temáticas científicas.

Os periódicos que constituíam este Inventário de 1899 denotam diferentes tipologias e diferentes especializações. Abarcam temas científicos, religiosos, culturais e económicos. Destes periódicos, quatro eram dedicados à agricultura, um era dedicado às indústrias e um tratava temas relacionados com a medicina; As ciências físicas e matemáticas e a literatura faziam também parte dos assuntos destes periódicos.

De realçar também a existência de almanaques. Embora existindo desde o século XV, é no século XIX, principalmente na sua segunda metade, que se vai dar a sua explosão, em género e em número. O seu objectivo era o de organizar o tempo, tendo por base um calendário anual. Neles se registavam as posições dos astros, as fases da lua, as festividades religiosas, os dias de jejum, assim como se apresentavam as previsões sobre as variações climatéricas e se referiam os trabalhos agrícolas adequados a cada momento, contendo sempre variadas ilustrações. Estes almanaques destinavam-se a um público rural, com pouco acesso a outras leituras, sendo encarados como veículo privilegiado de muitas noções e conhecimentos úteis. De referir que estes periódicos não eram todos escritos em português – em 22 títulos existentes, 5 eram editados em língua francesa.

A pesquisa dos assuntos tratados nestes periódicos foi feita on-line. (anexo VI)

5.2.5. Objectos do Inventário de 1899

Objectos	Quantidade	Nº no Inventário
“Quadros de paredes”	4	617
Mezas sendo uma de pé de galo”	3	621
“Uma estante dividida em cinco partes (para livros)”	1	622
“Commodas com três gavetões cada uma pertencente às referidas estantes”	2	624
“Cadeiras com assento de palhinha”	25	625
“Um canapé”	1	626
“Bancos de madeira”	5	627
“Carteiras”	3	628
“Ourinol”	1	629
“Tinteiro de ferro com dois depozitos de vidro”	1	630
“Candeeiros”	3	631
“Lanternas”	20	632

Fonte: Laranjo Frederico, 1899- Inventário da Biblioteca do Gremio Ilustração Popular (documento manuscrito)

Quadro XI – Catálogo dos objectos do Inventário de 1899

Do Inventário de 1899 faziam também parte vários objectos. Estes objectos relacionavam-se essencialmente com o espaço físico da biblioteca e a necessária arrumação dos livros, nomeadamente estantes e cómodas. Tinha ainda mesas, cadeiras, bancos e candeeiros.

5.2.6. Biblioteca do Grémio – situação actual

Devido à natureza de algumas obras e à consequente dificuldade em integrá-las na respectiva rubrica, os resultados deste estudo revelam algumas limitações.

Actualmente, os livros estão registados de forma aleatória, como se a colecção de livros que constituíram a biblioteca do Grémio tivesse perdido a sua identidade, à semelhança do que aconteceu com a biblioteca de Sir Hans Sloane no Reino Unido. Walker refere que a identidade da biblioteca deste grande cientista e coleccionador perdeu-se quando a mudaram para o British Museum:

When his books were moved from his home at the foundation of the Museum, they were not kept in the order that Sloane had used, but were re-arranged by subject. As a result the identity of the collection was very soon lost. (2009:1)

Estes livros encontram-se guardados na Biblioteca Municipal de Castelo de Vide. Encontram-se dispostos em estantes de plástico, de acordo com um registo escrito elaborado em 2002 por três funcionárias – Deolinda Batista, Luísa Pires e Manuela Silvestre. Desse registo constam o título da obra, o nome do autor, a data, o número de volumes e, na maioria dos casos, o local de edição. No entanto, estes dados apenas se referem às obras que ainda existem e que faziam parte do Inventário de 1899. De salientar que se verificou que posteriormente entraram mais obras para o acervo das bibliotecas. Este registo elaborado em 2002 refere-se às Bibliotecas da Associação dos Amigos do Estudo e do Grémio Ilustração Popular.

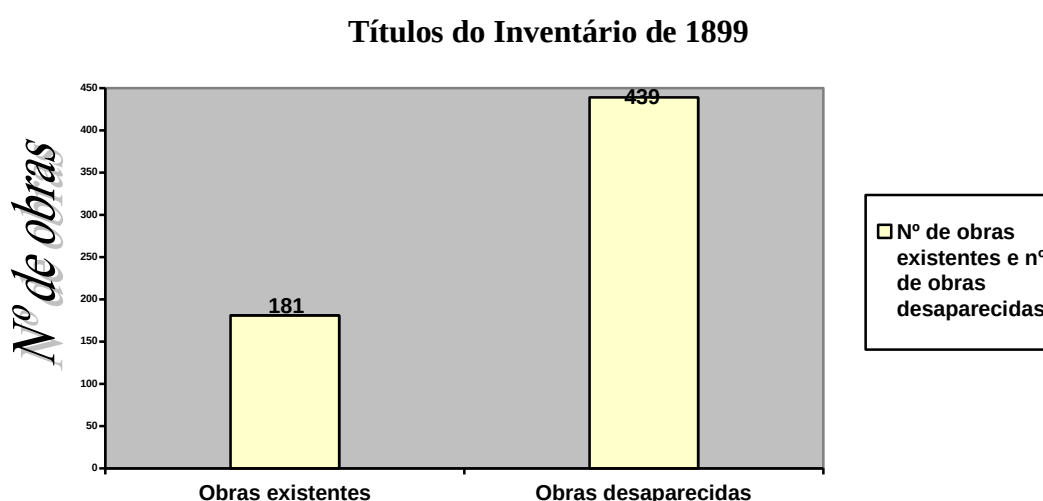


Gráfico 4 – Obras existentes e desaparecidas

Como se pode verificar apenas existem 181 títulos dos 620 que constam do Inventário de 1899, tendo desaparecido mais de metade dos existentes inicialmente. Poder-se-iam concertiza apontar variadas razões, nomeadamente deterioração, mudança de instalações, furto.

No entanto, o estudo desta biblioteca do Grémio continua a ser passível de ser feito, na medida em que podemos recorrer a pesquisas, realizadas on-line, em catálogos de outras bibliotecas. Essen explica:

Now, many things that can be studied with existing physical book collections can be like wise studied in “lost collections”. They can be virtually “reconstructed” from historical sources, like old catalogues, book lists, estate inventories or documents stemming from auctions. (2009:2)

Neste estudo, 439 títulos foram analisados virtualmente, ou seja houve a necessidade de recorrer a bases de dados de bibliotecas nacionais e estrangeiras para conhecer o autor, a editora e o ano de edição da obra, uma vez que o inventário apenas continha, na maioria dos casos, o nome do livro.

Tal como na Finlândia se criou uma base de dados - *The Henrik Database* que permitiu reconstruir colecções desaparecidas no século XVIII, seria importante que o mesmo acontecesse no nosso país para reconstruir, de forma virtual, catálogos de bibliotecas centenárias, na sua maioria praticamente ignoradas ou pouco divulgadas. A respeito da construção desta base de dados finlandesa, Essen (2009: 11) conta-nos:

As a matter of fact, the work with this database already produced a book about book culture in the town. And we hope to continue the work with creating information that can help us reconstruct “virtual” book collections long ago vanished, but giving us an insight into how people thought and acted about books more than two centuries ago.(...)And a selection of books tells more than the books separately, evidently.

5.3. Número de leitores da Biblioteca do Grémio Ilustração Popular

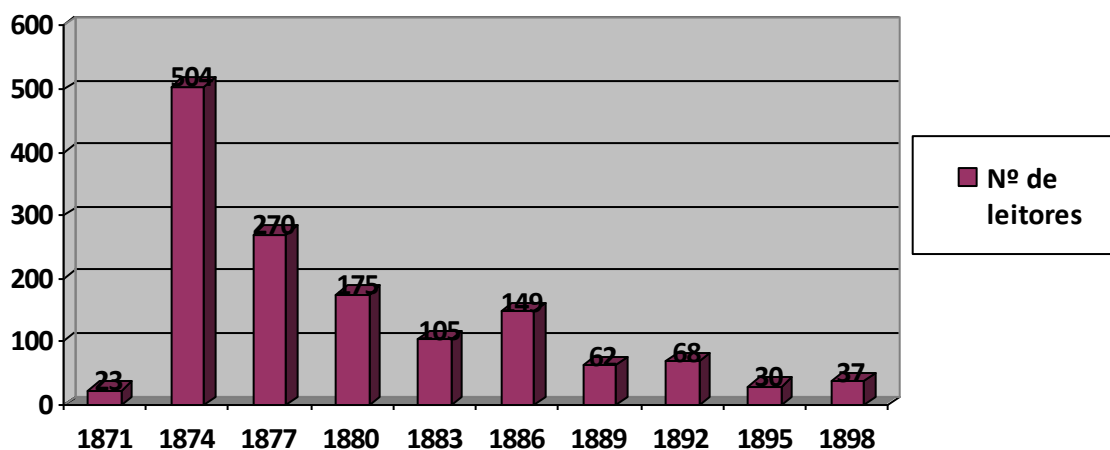
Analisando estes dados, apercebemo-nos que o número mais elevado de leitores da Biblioteca do Grémio de Ilustração Popular se verificou no ano de 1873; a partir de 1874, o número de empréstimos domiciliários começa a diminuir, sendo o seu decréscimo mais acentuado a partir de 1888; regista-se apenas uma ligeira subida no ano de 1896, voltando novamente a diminuir a sua frequência.

Fonte: Livros de registo de entradas e saídas dos livros da Biblioteca do Grémio Ilustração Popular – 1871/1877 e 1877/1898

Ano	Número de leitores
1871	23
1872	540
1873	764
1874	504
1875	437
1876	377
1877	270
1878	302
1879	264
1880	175
1881	167
1882	127
1883	105
1884	118
1885	88
1886	149
1887	123
1888	53
1889	62
1890	54
1891	63
1892	68
1893	60
1894	49
1895	30
1896	83
1897	64
1898	37

Quadro XII – Número de leitores

Podemos traduzir estes dados para um gráfico, de modo a termos uma melhor percepção da evolução do número de requisições destas bibliotecas desde o ano de 1871 a 1898:



Fonte: Livros de registo de entradas e saídas dos livros da Biblioteca do Grémio Ilustração Popular – 1871/1877 e 1877/1898

Gráfico 5 – Número de leitores

5.4. Livros requisitados na Biblioteca do Grémio

Relativamente à língua, também nos é possível conhecer aquela em que estavam escritos os livros mais requisitados.

Livros requisitados na Biblioteca do Grémio, por língua de edição, entre Dezembro de 1871 e Setembro de 1898

Língua de edição	Nº de obras
Português	4967
Francês	115
Inglês	20
Latim	1
Total	5103

Quadro XIII – Língua de edição dos livros requisitados entre 1871/1898

Livros requisitados na Biblioteca do Grémio, por língua de edição, entre Dezembro de 1871 e Setembro de 1898

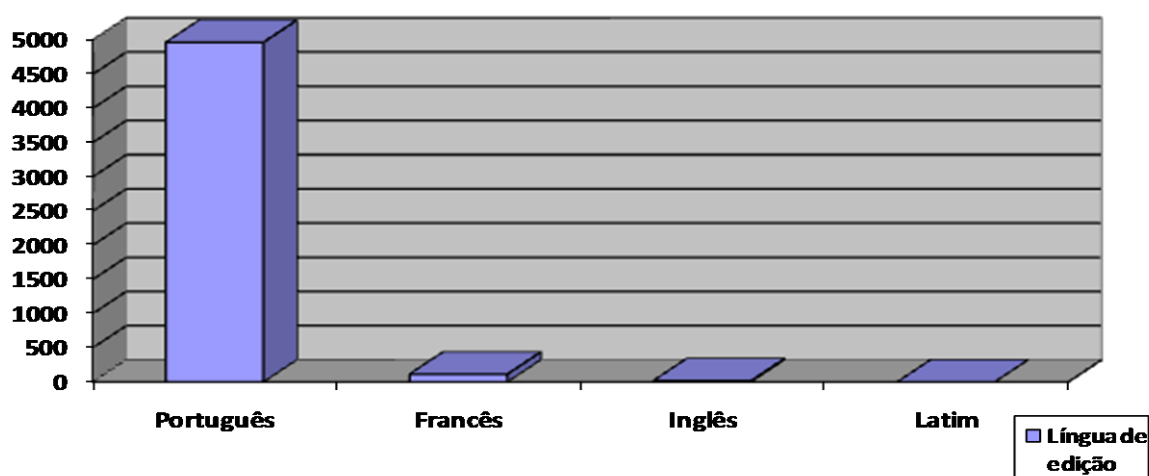


Gráfico 6 – Língua de edição dos livros requisitados

Percebemos que **a grande maioria das obras requisitadas estavam escritas em Língua Portuguesa**. Apesar de a biblioteca possuir um número elevado de obras escritas em francês, estas eram pouco requisitadas, não correspondendo aos interesses do público que tinha acesso a esta biblioteca

5.5. Livros mais requisitados entre Dezembro de 1871 e Setembro de 1998

Nome da obra	Autor	Nº de requisições
As pupilas do Sr. Reitor	Júlio Dinis	37
Revista dos dois mundos	Camilo Castelo Branco	34
A Enjeitada	Camilo Castelo Branco	32
Uma família Inglesa	Júlio Dinis	30
O anjo da guarda	Guilherme António Correia	22
Papéis velhos	António Augusto Teixeira de Vasconcelos	20
Os fidalgos da casa mourisca	Júlio Dinis	20
Cozinheiro d'el-rei	Cândido de Magalhães	19
O chapéu de três bicos	Meyrelles do Canto	18
O selo da roda	Pedro Ivo	17
Flores Agrestes	Raymundo António de Bulhão Pato	17
Memórias do Cárcere	Camilo Castelo Branco	16
A mocidade de D. João V	Rebello da Silva	15
A Folha	Faustino Sarmento	14
A Morgadinha dos Canaviais	Júlio Dinis	13

(Fonte: Livros de entradas e saídas das obras da Biblioteca do Grémio – 1871/ 1877 e 1877/1898)

Quadro XIV – Livros mais requisitados entre 1871/1898

Se atentarmos neste registo, verificamos que as obras que foram mais requisitadas são escritas em **Língua Portuguesa**, facto possivelmente relacionado com a falta de habilitações e de domínio de línguas estrangeiras como é o caso do francês (uma das línguas que predominava nas obras que constituíam esta biblioteca), facto consistente com os números apresentados nos quadro e gráfico anteriores. As obras mais lidas são dos autores portugueses mais conhecidos da literatura oitocentista e o livro mais requisitado - *As pupilas do sr. Reitor* - é um romance do escritor Júlio Dinis.

5.6. Quem podia requisitar livros da Biblioteca do Grémio

Para além dos sócios, surgem outros nomes como requisitantes dos livros da biblioteca. Como já foi referido anteriormente, podiam requisitar livros se fossem pais ou irmãos dos sócios ou alguém da sua inteira confiança. Possivelmente encontrar-se-iam nessa condição alguns nomes como: Tito Augusto Moreira, João José Santa Clara, Jorge Avelino Barroqueiro Francisco de Paula Furtado, como se refere nos livros de registo das entradas e saídas dos livros no período compreendido entre Março de 1877 e Setembro de 1898.

5.7.O público feminino que frequentava a Biblioteca do Grémio

No período compreendido entre 1871 e 1898, três mulheres requisitavam livros da Biblioteca do Grémio, mas apenas duas (D. Rita e D Maria da Apresentação) o faziam com alguma frequência: Joana de Barros, Maria da Apresentação Roxo e Rita Cândido de Barros.

Revela-se um factor de interesse perceber que obras liam estas mulheres, que temas lhes interessavam, em que língua estavam escritas. Para efectuar esta análise teve-se em consideração o período compreendido entre 1878/1880.

Livros requisitados pela D.Rita Barros

Nome da obra	Data de requisição/data de entrega
“Companheiros do thesouro”	03/12/1878 → 28/12/1878
“Colecção do P.C.”	15/04/1879 → 13/05/1879
“Mulher e marido”	08/05/1879 → 13/05/1879
“Amores d’um vizonário”	23/07/1879 → 02/08/1879
“ A parvónia”	03/08/1879 → 31/08/1879
“ Um Carnaval de Paris”	02/04/1879 → 28/05/1879
“ Os ciúmes d’uma rainha”	29/05/1879 → 16/06/1879
“Amores d’um vizonário”	19/06/1879 → 05/09/1879
“O anjo da guarda”	05/08/1879 → 27/10/1879
“Contos de Tricéba”	24/10/1879 → 17/01/1880
“Contos de Pedro Ivo”	12/01/1880 → 25/03/1880
“ O assassino d’Elvas”	14/02/1879 → 17/03/1879

(Fonte:Livros de entradas e saídas das obras da Biblioteca do Grémio – 1871/ 1877 e 1877/1898)

Quadro XV – Livros requisitados por Rita Barros

Livros requisitados pela D. Maria da Apresentação Roxo

Nome da obra	Data de requisição/data de entrega
“ O selo da roda”	04/01/1879 → 21/01/1879
“Conde duque d’Olivença”	26/04/1879 → 05/06/1879
“Os três mosqueteiros”	05/06/1879 → 30/06/1879
“Os santos da montanha”; “Estrelas propícias”	25/05/1879 → 11/06/1879
“ O capitão fantasma”	15/05/1879 → 25/05/1879
“ O rei maldito”	30/06/1879 → 02/08/1879
“Os filhos perdidos”; “Os amores de D’ Artagnan”	28/08/1879 → 13/09/1879
“Martina”	13/09/1879 → 10/11/1879
“De noite todos os gatos são pardos”	11/12/1879 → 31/05/1880
“Os selvagens”; “ O assassino d’Elvas”	24/12/1879 → 24/01/1880
“Casa de campo”; “Flores de sangue”	02/02/1880 → 17/03/1880

(Fonte:Livros de entradas e saídas das obras da Biblioteca do Grémio – 1871/ 1877 e 1877/1898)

Quadro XVI – Livros requisitados por M^a da Apresentação Roxo

Mais uma vez se verifica que apenas eram requisitadas, pelas poucas mulheres que frequentavam a Biblioteca do Grémio Ilustração Popular, obras escritas em língua portuguesa. Também se verifica que não era cumprida a cláusula que proibia que o tempo concedido para a requisição de obras fosse superior a 15 dias para os habitantes do concelho e 30 dias para as pessoas de fora. Por outro lado, também levavam, por vezes, duas obras, ao contrário do que era permitido (levarem apenas uma obra de cada vez).

Curiosamente, descobriu-se numa listagem das quotas pagas pelos sócios do Grémio entre o mês de Agosto de 1878 e Julho de 1879, a presença de algumas mulheres: Rita Cândida de Barros, Maria d'Aprezentação Roxo, Joana Rita de Barros, Maria Luiza LeCocq e Cândida Roza Prata. Se atentarmos nos seus apelidos, facilmente percebemos que tinham laços de familiaridade com alguns sócios. Duas mulheres tinham o mesmo apelido, sendo possivelmente esposa e filha de um sócio (Rita Barros e Joana Barros).

Podemos encontrar os seus nomes nos livros de registo das quotas, que mantinham actualizadas, como se pode verificar:

[illegible][illegible]

ainda, poucas terras do paíz tinham uma bibliotheca como aquella, não a tinha por exemplo, a capital do distrito deviam pois conservá-la e augmental-a e traminttindo-a a gerações que os seguem.

Datado de 1899, o Inventário é possivelmente o único *inventário* existente desta época e desta biblioteca, foi elaborado pelo próprio Dr. Frederico Laranjo, regista o número de títulos (e número de volumes de cada título), assim como de alguns equipamentos da Biblioteca do Grémio, talvez para servir de registo quando a associação se extinguísse.

Dissolvido o Grémio em 1900, passou a competir à autarquia a continuação do trabalho iniciado pelo associativismo local.

Em acta referente à sessão ordinária de 6 de Novembro de 1900 é referido o ofício de 30 de Outubro de 1900 da última Direcção do Grémio Ilustração Popular que informa do fim desta associação, entregando à Câmara Municipal “ a biblioteca e mais haveres do mesmo Gremio para servirem de núcleo a uma biblioteca municipal” (verso da página 120 do livro de actas das sessões de 1898/108 a 1902 da Câmara Municipal de Castelo de Vide). Na mesma página pode ainda ler-se que foi entregue “também em dinheiro a quantia de cento e trinta e três mil quinhentos reiz para fundo destinado à conservação e augmento da mesma bibliotheca”. Pede ainda a Direcção que:

O capital seja dado a juro com as devidas garantias, ou convertido em inscrições averbadas à Câmara com a cláusula de que constituem fundo da bibliotheca doada pelo Gremio Ilustração Popular, e os juros são destinados ao augmento do mesmo capital, ou à conservação e augmento da biblioteca.

O presidente, José Frederico Laranjo, lembra que segundo o “ disposto no nº28 – artigo 50 do código administrativo compete à Câmara deliberar sobre a criação de institutos de utilidade para o concelho compreendendo-se nesses mesmos institutos as bibliotecas populares creadas por decreto de 2 d’Agosto de 1870”.

No final da mesma acta e a pedido do Presidente do extinto Grémio Ilustração Popular, “ que por tanto tempo manteve uma biblioteca e nalguns annos uma eschola nocturna para operários”, é transcrito o referido ofício, onde percebemos que se extinguiu “porque estava muito redusido o numero de sócios” (verso da página 121 da referida acta). É ainda referido no dito ofício que:

O espolio da associação consta d’uma porção de livros nacionaes e estrangeiros e d’objectos de mobília, estantez, mesa e algumas cadeiras e bancos e d’uma quantia de cento e trinta e três mil e quinhentos reiz proveniente dum pequeno capital que tinha e das ultimas quotas recebidas.

São também impostas as seguintes condições pela antiga Direcção:

Que a biblioteca será conservada, permittida e facilitada a leitura gratuitamente no edificio da Camara e tambem um domicilio, mas somente sob a condição do pagamento d’uma quantia annual, feito adiantadamente no acto da subscrição.

Dá-se também conta do facto de que “ da biblioteca andam ainda nas mãos dos antigos sócios ou extraviados muitos livros” e que para o empréstimo domiciliário poderia o “subscriber pagar annualmente mil reiz”.

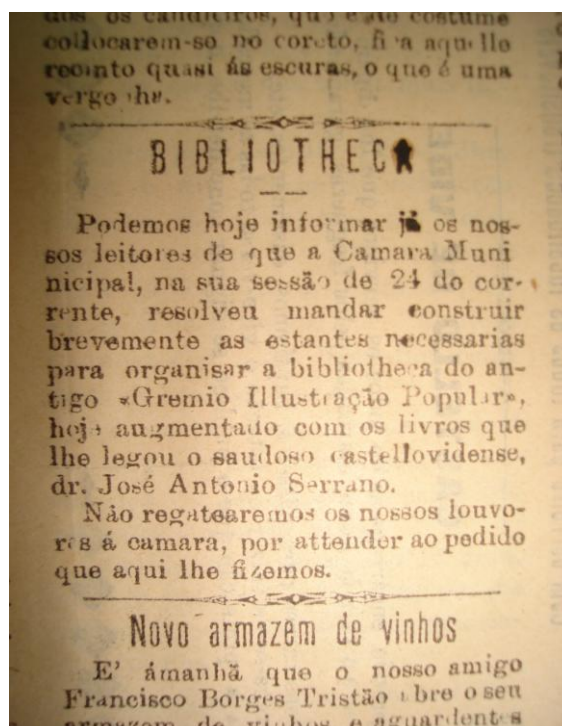


Fig.12-Jornal “Castellovidense”, nº55 de 27/02/1910

Curiosamente, na acta de 27 de Janeiro de 1902 é pedida e aprovada a criação de um “pelouro de beneficencia e biblioteca”, em que é proposto a “ conservação e augmento da biblioteca que esta câmara actualmente possui” (verso da página 168 do livro de actas).

A Biblioteca Associativa transformou-se em Municipal. Instalada nos Paços do Concelho durante algum tempo, foi votada ao abandono. Mais tarde, em 1908, foi reforçada com um legado de 3147 volumes feito pelo professor Dr. José António Serrano (acta de 9 de Junho de 1905, p.136-verso), tendo então sido iniciado o seu funcionamento.

Fig.13 - Jornal “ Castellovidense”, nº14 de 27/07/1908



Laura Lisboa, a herdeira dos livros de José António Serrano, ofereceu à Câmara, além da sua vasta biblioteca, também duas estantes (acta de 22 de Setembro de 1905, pág.150-verso).

Alfredo Lecocq, antigo director geral de agricultura lega também 1308 volumes, na maior parte sobre as diferentes especialidades das ciências físico-químicas e agrónomicas. O capitão Tomé Gomes Pereira deixa também um legado de 322 volumes (Coelho, 1927:27)

Os castelovidenses demonstravam interesse em ter acesso aos livros do Grémio.

Esteve muito tempo guardada na sala do tribunal de Castelo de Vide, por não ter sede própria.

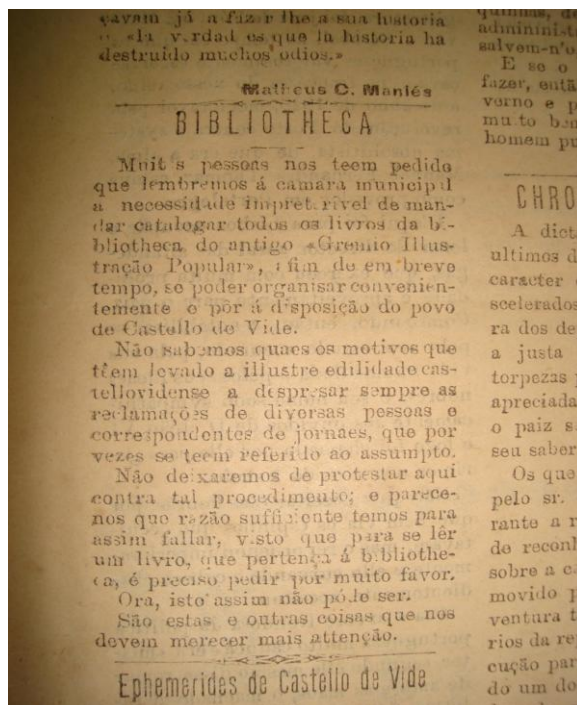


Fig.14 - Jornal “Alto Alemtejo”, nº12, ano 1, de 12/07/1908



Em 1909, a Câmara Municipal resolve contratar o Dr. João Cordeiro para catalogar os livros da Biblioteca. Nesta altura houve por parte da Câmara a preocupação em mandar construir estantes próprias para os livros.

Fig.15 - Jornal “Castellovidense”, nº44, de 12/12/1909

Pouco tempo depois, mais uma vez a Biblioteca Municipal é esquecida, até que Raposo Repenicado é incumbido da sua reorganização (1938), numa altura em que regista cerca de 11 000 volumes. Pela primeira vez se elabora um ficheiro, um catálogo e um regulamento.

Funcionava então nas duas salas do rés-do-chão, no edifício dos Paços do Concelho.

A morte do responsável, Adolfo Marmelo, e um ataque de parasitas, levou de novo ao seu encerramento. Os livros foram colocados em depósito numa sala voltada para a Praça D. Pedro V.

Várias comissões, vários projectos tiveram lugar nos anos setenta, mas a nada levaram. A lacuna foi provisoriamente preenchida pela Biblioteca Itinerante da Fundação Gulbenkian.

Em 1982, a Câmara Municipal retirou de novo os livros do esquecimento. A Biblioteca Municipal ocupava as duas salas do rés-do-chão dos Paços do Concelho, viradas para a Praça D. Pedro V. Mas menos de dez anos depois, volta à situação precária e é instalada provisoriamente e sem condições na Rua Almeida Sarzedas.

A actual Biblioteca Municipal, à qual foi atribuído o nome de Possidónio Laranjo Coelho, está instalada em edifício próprio, legado por este ilustre Castelovidense para esse mesmo fim à Câmara Municipal, e recebeu o apoio do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas e fundos FEDER.

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. Razões do declínio das Bibliotecas Populares

A nível nacional, poder-se-iam apontar algumas razões que estiveram na origem do declínio das Bibliotecas Populares. Em primeiro lugar, este declínio foi o resultado de uma evidente falta de recursos.

Projecto pioneiro e ambicioso, poderia ter produzido um efeito duradouro num país de limitados horizontes educativos e culturais. No entanto, não lograram cobrir o território por evidentes carências de recursos financeiros e humanos.

Por outro lado, houve sem dúvida uma falta de empenhamento político, nomeadamente das Câmaras Municipais: “ O Estado despende mais de 20:000\$000 réis com as bibliothecas publicas, scientificas e litterarias, e nem sequer um real com as bibliothecas populares, mais modestas mas não menos importantes” (Costa, 1870:191).

Outro obstáculo à sua proliferação foi o idioma em que grande percentagem das obras que constituíam estas bibliotecas estava escrita. Tal como sublinha Rebelo, se “a natureza das obras (quase todas do século XVIII) era já de si pouco aliciante, o idioma em que a maior parte estava escrita (latim) constituía para o leitor comum um obstáculo à leitura ainda maior” (2002, p. 99). Além de latim, muitas obras estavam escritas em francês, línguas que o povo não dominava. Outro aspecto, que também contribuiria para se tornarem mais acessíveis às classes populares, seria sem dúvida o facto de conseguirem conjugar a oralidade com a escrita, ou seja, terem um discurso de fácil memorização, pois muitas vezes eram mais para serem ouvidas que lidas e sem discriminação de sexo e isso raramente acontecia. Rebelo refere que:

Espalhadas pelo país fora, são no entanto inúmeras as associações com fins educativos, culturais e recreativos que, durante a segunda metade do séc. XIX, consignaram nos seus estatutos a criação de gabinetes de leitura. (...) Apesar dos objectivos sociais que algumas destas instituições assumiam, os gabinetes eram concebidos como instituições de leitura destinadas essencialmente à burguesia, pelo que dificilmente poderiam servir um público mais humilde que, embora ávido de leitura, não possuía o estatuto nem os recursos necessários para nele se poder integrar. (2002:77)

Sabe-se também que o fundo vindo dos extintos conventos raramente era actualizado. Embora o estudo dos conteúdos das livrarias conventuais portuguesas ainda esteja por fazer, bem como a análise dos acervos das ordens e dos próprios conventos parece evidente que o seu acervo nunca seria o mais adequado às bibliotecas públicas, às bibliotecas populares e às bibliotecas especializadas que se pretendiam implantar. Esse fundo teria de ser actualizado e aumentado, o que realmente raramente aconteceu de modo sistemático. Como refere Rebelo, «com fundos desactualizados, constituídos quase sempre a partir do espólio deixado pelas livrarias dos extintos conventos, as bibliotecas públicas tinham funções essencialmente de conservação» (2002, p. 169).

6.2. Bibliotecas de Castelo de Vide – Sucesso ou Fracasso nos seus propósitos de Instrução Popular

Os obstáculos a uma análise deste tipo foram já inventariados, a começar pela definição de povo, passando pela dificuldade em determinar as práticas de leitura, quer porque se torna difícil, ou muitas vezes impossível dada a falta de suporte documental, descrever o impacto dessas obras nas comunidades para que foram dirigidas.

A instrução do povo foi a bandeira das nações e do nacionalismo, sobretudo a partir de finais de setecentos.

Em Portugal, a primeira questão que parece pertinente, e que animava o debate entre os ilustrados portugueses, era a de saber se o povo devia ler. Neste caso, podemos facilmente constatar que os fundos que constituíram estas Bibliotecas estavam completamente desajustados dos interesses e das necessidades da maior parte dos seus potenciais leitores.

Por outro lado, podemos também questionar-nos até que ponto esta situação não reflecte também a incompreensão dos seus promotores face às aspirações do leitor popular. Preferencialmente, os livros deveriam ser escritos em português e num estilo simples e acessível.

Se compararmos através dos quadros seguintes, a língua de edição das obras que constituíam o acervo destas bibliotecas e a língua em que estavam escritas as obras mais requisitadas (retomando dados apresentados anteriormente), podemos facilmente concluir que os leitores que as frequentavam preferiam as obras escritas em português:

Língua de edição	Número de obras que constituíam o acervo da biblioteca	Percentagem
Português	413	66,61%
Francês	198	31,93%
Inglês	3	0,50%
Espanhol	2	0,32%
Italiano	2	0,32%
Latim	2	0,32%
Total	620	100%

Quadro XVII – Língua de edição das obras do acervo

Língua de edição	Nº de obras requisitadas entre 1871 e 1898	Percentagem
Português	4967	97,33%
Francês	115	2,25%
Inglês	20	0,40%
Espanhol	0	0%
Italiano	0	0%
Latim	1	0,020%
Total	5103	100%

Quadro XVIII – Língua de edição das obras requisitadas

Repare-se que, apesar de constituir o fundo da biblioteca do Grémio uma percentagem de cerca de 32% de obras francesas, apenas 2,25% dos livros requisitados pelos seus leitores tinham o francês como língua de edição. Este público leitor requisitava quase na totalidade

obras portuguesa- mais de 97%. É por demais evidente que este acervo não foi constituído para ir de encontro aos gostos e necessidades do público que era suposto servir.

Neste caso concreto, Frederico Laranjo, em conjunto com os seus companheiros, pretendeu instruir o povo mas limitou claramente o acesso à biblioteca que integrava a “Associação dos Amigos do Estudo”, numa das suas componentes - a sala de leitura - determinando no art.º 4º do capítulo 7 dos seus Estatutos “Todo o sócio que mudando de profissão descer, fica por este facto não pertencendo à Sociedade”, ressaltando apenas que “Não se considera descendo aquelle que mudando de profissão, exercer a de militar”. Em acta desta Associação, relativa à sessão do dia 14 de Agosto de 1865, pode ler-se “Foi despedido da Associação o sócio José Pedro Mimoso por incorrer no Artº4º do capítulo 7 dos Estatutos que diz – Todo o sócio que mudar de profissão descer, fica por este facto não pertencendo à Sociedade”. Este sócio pertencera à primeira Direcção da Associação, tendo desempenhado o cargo de 3º Tesoureiro em 1863.

De referir ainda a filtragem feita no que se refere ao sexo, sendo claramente notória a reduzida presença de mulheres na lista dos sócios.

De atentar também na acta da sessão do dia 6 de Abril de 1866, sob a presidência de Alexandre Nunes de Carvalho e Sequeira e exercendo o cargo de “Director dos livros” o senhor Augusto César Duarte Pereira, em que se determinou que” não se admittam Sócios Secundários de fora da terra”. Nota-se mais uma vez o carácter selectivo da Associação do Grémio Ilustração Popular.

Deste estudo, percebeu-se também que as bibliotecas estudadas neste trabalho não incorporaram obras das livrarias dos conventos extintos em 1834, confirmando mais uma vez que o seu acervo resultou apenas de uma iniciativa associativa de três jovens castelovidenses. Desfalcada de uma grande percentagem das suas obras, apenas sobreviveu graças às posteriores doações e legados que entretanto foi recebendo.

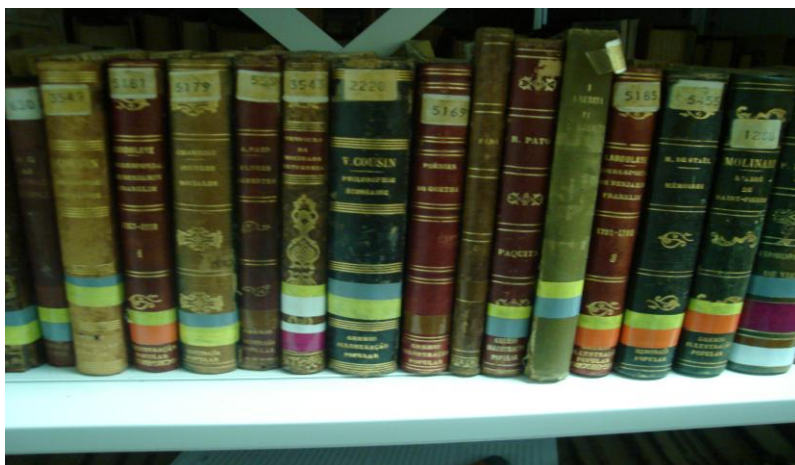


Fig. 16-Disposição actual da Biblioteca do Grémio (Câmara Municipal de Castelo de Vide)

Como se pode verificar a actual disposição das obras pertencentes à Biblioteca do Grémio não obedece às normas de catalogação vigentes. Algumas obras possuem números (que diferem dos que tinham no Inventário), o que sugere que já foram sujeitos a uma diferente catalogação. Uma grande quantidade de livros quer da biblioteca da Associação dos Amigos do Estudo, quer do Grémio foram encadernados, constando na capa a respectiva biblioteca a que pertenciam.

Estas bibliotecas centenárias poderão estar condenadas a uma possível fossilização se o seu rico acervo bibliográfico e documental não for devidamente conservado e com uma arrumação criteriosa.

É necessário definir uma política de conservação preventiva, recorrendo a técnicos especializados.

Para valorizar estas bibliotecas patrimoniais é fundamental conhecer a totalidade dos livros antigos que estas conservam (ou em muitos casos escondem), digitalizando os seus catálogos (o que pode ser dispendioso para os organismos que as tutelam), de modo a permitir a sua divulgação junto daqueles que desconhecem as suas riquezas quer num âmbito regional, quer mesmo nacional, incentivando também à investigação, e construção do conhecimento.

O estudo aqui apresentado suscita interrogações que podem dar azo a novas investigações, ligadas às fontes escritas encontradas.

Começou-se certamente pelo mais acessível, contribuindo para a divulgação do património das bibliotecas constituídas em Castelo de Vide nos finais do séc. XIX. Novas iniciativas se aguardam, nomeadamente o estudo da Escola Nocturna que integraram, as Conferências e Saraus organizados.

Constituirá também uma linha de investigação interessante conhecer mais detalhadamente o papel destas bibliotecas na instrução feminina da época.

Numa iniciativa mais a longo prazo pretende-se prosseguir a investigação de modo a conhecer o itinerário da biblioteca até chegar à actualidade, procedendo a uma análise igualmente detalhada dos legados posteriores a 1899 feitos por eruditos e figuras ilustres locais, nomeadamente José António Serrano, Alfredo Lecocq e Tomé Gomes Pereira.

6.3. A importância destas Bibliotecas Populares fundadas por Frederico Laranjo como origem da actual Biblioteca Municipal

No final do século XIX, desenvolveu-se uma ideologia social de progresso atribuindo um papel social e intelectual às bibliotecas.

Era necessário criar uma instituição original que fizesse uma síntese entre uma biblioteca tradicional e uma biblioteca popular. Esta instituição teria de colocar à disposição do leitor livros de formação, de estudo ou simplesmente recreativos, acolhendo indistintamente todos os públicos.

Em Portugal, a partir de 1911, surgem novas iniciativas para criar Bibliotecas Populares em todos os concelhos, integradas no movimento de difusão da leitura pública, em consequência da publicação do Decreto de 18 de Março de 1911, que reorganiza as Bibliotecas e Arquivos Nacionais.

A expressão “Biblioteca Popular” cai em desuso e estas bibliotecas passam a ser designadas por Bibliotecas Municipais.

Como vimos demonstrando, o Grémio Ilustração Popular fundou a primeira biblioteca que existiu no distrito de Portalegre (incorporando ela própria a da anterior “Associação dos Amigos do Estudo”).

O legado do Dr. José Frederico Laranjo em 6 de Novembro de 1900 à Câmara Municipal de Castelo de Vide constitui o primeiro passo para a fundação da actual biblioteca.

José António Serrano, um dos fundadores da Associação dos Amigos do Estudo e mais tarde do Grémio Ilustração Popular, enriqueceu também o acervo da biblioteca.

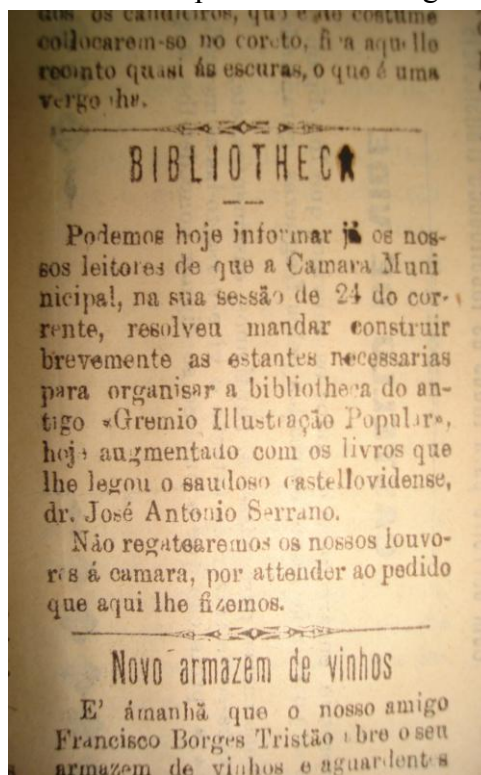


Fig. 17 - Notícia do jornal “Notícias de Castelo de Vide” de 30 de Abril de 1908

No decurso do século XX, tendo por base aquele núcleo fundador, acrescido de outras incorporações de diversa origem, a biblioteca municipal esteve ora aberta ao público, ora encerrada, sendo que, em 1982, viria, definitivamente, a servir a população, instalada em duas salas dos Paços do Concelho.

Concretizando protocolos celebrados com a Administração Central, a inauguração das actuais instalações, no dia 2 de Maio de 2001, acrescenta o nome de Castelo de Vide aos concelhos integrantes da Rede Nacional de Leitura Pública, a qual, dinamizada em Portugal a partir de 1985, corporiza uma nova filosofia de leitura pública, caracterizada pelo livre acesso aos fundos, pelo empréstimo domiciliário, pela funcionalidade dos espaços e pela diversificação dos serviços e dos suportes.

A Biblioteca Municipal, que recebeu o nome “Laranjo Coelho” como tributo a este castelovidense que ofereceu o edifício à autarquia, encontra-se distribuída por cinco pisos, sendo constituída por um conjunto articulado de espaços funcionais. No átrio temos a Recepção; A Leitura e Animação Infanto/Juvenil podemos encontrá-la no rés-do-chão; O 1º andar destina-se à Sala de Leitura Geral; a Sala de Audiovisuais está instalada no 2º andar.



Fig. 18 - Biblioteca Municipal Laranjo Coelho

A Biblioteca Municipal Laranjo Coelho coloca à disposição dos seus utilizadores um fundo documental actual com uma razoável diversidade temática e com vários tipos de suporte, formado por Literatura Portuguesa e Estrangeira, Livros Técnicos e Científicos, Literatura para a Infância e Juventude, Obras de Referência, Jornais Nacionais e Regionais, Revistas, Compact Disc, Cassetes Áudio, CD-Rom's, Dossiers Temáticos, Folhetos, Brochuras. No entanto, os fundos da antiga biblioteca do Grémio e posteriores legados de José António Serrano, Alfredo Lecocq e Tomé Gomes Pereira encontram-se num piso que não é acessível ao público-leitor, e recebe a denominação de “Arquivo”. Estas obras estão registadas, de forma incompleta e sem obedecer às normas de Classificação Decimal Universal (CDU). No mesmo piso, sem qualquer ordem aparente, vão sendo colocadas as obras antigas oferecidas à biblioteca, aguardando-se a sua catalogação.

Importa neste caso, depois da devida catalogação, valorizar e tornar mais próximos das pessoas os fundos patrimoniais, dar vida e sentido a estas colecções. Com a digitalização e a possibilidade do acesso à distância, a difusão dos produtos desta biblioteca, incluindo os fundos antigos, pode tornar-se mais exequível e votada a um maior sucesso num mundo crescentemente globalizado.

A importância histórica e cultural dos fundos antigos tornam-nos como parte do património municipal castelovidense que deve ser revalorizado e divulgado. Estes fundos antigos são acima de tudo fontes de memória e património literário que devem ser mobilizados para acções que visem o desenvolvimento local.

Apesar do tempo transcorrido, este acervo continua a ser um testemunho da preocupação com a educação de adultos, preocupação já evidente no século XIX. Daí que se possa concluir que, a história da educação de adultos é também a história das instituições. Estas instituições são o testemunho do passado, mas devem constituir-se no presente como exemplo de práticas locais que visem promover uma aprendizagem ao longo da vida.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes manuscritas

- “Associação dos Amigos do Estudo e uns dos Outros” (caderno):

“Aos estudantes de Castello de Vide” - discurso

Acta da 1ª reunião (2 de Agosto de 1863)

Actas das reuniões seguintes (4 de Agosto de 1864; 14 de Abril de 1865; 14 de Agosto de 1865; 17 de Agosto de 1865; 23 de Agosto de 1865; 2 de Setembro de 1865; 26 de Setembro de 1865; 27 de Dezembro de 1865; 2 de Janeiro de 1866; 6 de Abril de 1866; 14 de Agosto de 1866)

Lista dos Sócios Primários (1863-1867)

Lista das Jóias dos Sócios Primários (1863-1866)

Lista dos Sócios Secundários (1864-1867)

Lista das Jóias dos Sócios Secundários (1864-1867)

- Estatutos

- Sócios Honorários

- Livro de receitas e despesas dos anos de 1865/1866

- Livro das actas de 1866

- Livro de registo das entradas e saídas dos livros - entre Dezembro de 1871 e Março de 1877

- Livro de registo das entradas e saídas dos livros - entre Março de 1877 e Setembro de 1898

- Livro das actas de 25 de Dezembro de 1872 a 22 de Outubro de 1879 do Gremio Ilustração Popular

- Listagem dos sócios e respectivas quotas do ano de 1878 do Grémio Ilustração Popular

- Livro para eleições e deliberações do Gremio Ilustração Popular de Castelo de Vide - 1888

- Recibo de pagamento da renda da casa da Associação

- Recibo de pagamento ao cobrador

- Livro das actas das sessões ordinárias da Câmara Municipal de Castelo de Vide entre 1898 e 1902

Fontes impressas

- COELHO, P.M. Laranjo - “*A Biblioteca Municipal de Castelo de Vide (História de uma Livraria)*” – Imprensa da Universidade, Coimbra, 1927 (Separata do Boletim da Biblioteca da Universidade, vol.VIII, números 1-6)

-**Estatutos** da “Associação dos Amigos do Estudo de Castello de Vide, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1866 (Alexandre Nunes de Carvalho e Sequeira, António Carlos Farinha Pereira e César Augusto de Faria Videira)

-**Inventário** dos Livros e demais objectos pertencentes ao Gremio - *Ilustração Popular da villa de Castello de Vide*, 4 de Setembro de 1899

-LARANJO, José Frederico – “*Gremio - Ilustração Popular em Castello de Vide - Discurso de Inauguração*”, Imprensa Litteraria, Coimbra, 1870

-SERRANO, José António – “*A instrucção popular*” - Conferência feita no dia 10 de Setembro de 1871 na casa da Camara de Castello de Vide no acto de inauguração do Gremio - Ilustracção Popular, secção Sciencias Moraes e Sociaes, Jornal “O Instituto”, vol.15, nº8, p.109

Bibliografia

-ANDER-EGG, Ezequiel - *Métodos y Técnicas de Investigación Social*- Cómo organizar el trabajo de investigación”, U.Ediciones, Universidad de Cuenca, Cuenca-Ecuador, Outubro 2000

-AZEVEDO, Mário – *Teses, relatórios e trabalhos escolares*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2008

-BARATA, Paulo J.S. – *Os livros e o Liberalismo - da livraria conventual à biblioteca pública*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2003

-CANDEIAS, António – *Alfabetização e Escola em Portugal nos séculos XIX e XX*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2007

-CAVALLO, Guglielmo e Chartier, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. v. 1

-CHARTIER, Roger. *Do livro à leitura*. In: CHARTIER, Roger (Dir.). *Práticas da leitura*. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996

-*Código Civil Portuguez*. Nova edição acrescentada com a legislação posterior ao mesmo código e um repertório alphabetico, Porto, 1990, pp.366-370

-CORDEIRO, Diogo Salema – *A minha rua não tem nome* -Toponímia de Castelo de Vide, Câmara Municipal de Castelo de Vide, Novembro de 2000

-COSTA, D. Antonio da – *A Instrução Nacional*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1870

-COSTA, D. Antonio da – *Historia da Instrucção Popular em Portugal*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1871

- COSTA, D. António da - *Auroras da Instrução pela iniciativa particular*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1885
- DARNTON, Robert. *História da leitura*. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo. UNESP, 1992
- ECO, Umberto – *Como se faz uma tese*, Editorial Presença, Lisboa, 1991
- Estatística de Portugal. População. Censo no 1º de Janeiro de 1878, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, pp.XVI, XX-XXII
- ESTEBAN, Leon & LOPEZ MARTIN, Ramon - *Historia de la Enseñanza y de la Escuela*.”Valência: Tirant la Blanch, 1994
- FERNANDES, António José – *Métodos e regras para elaboração de trabalhos académicos e científicos*, Porto Editora, Porto, Janeiro de 2002
- GOMES, Joaquim Ferreira – *Estudos para a História da Educação no século XIX*, Livraria Almedina, Coimbra, 1980
- GOODOLPHIM, Costa – *A Associação-História e desenvolvimento das Associações Portuguezas*, Typographia Universal, Lisboa, 1876
- GORDO, João António – *Figuras Gradadas do nosso Burgo*, Edições Afrontamento, Lisboa, 1945
- GRAÇA, João Carlos de Andrade Marques - *As Ideias Económicas e Sociais de José Frederico Laranjo* -Tese de Doutoramento, ISEG, 2006
- LYONS, Marlyn. *Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários*. In: Cavallo, Guglielmo & Chartier, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. v. 2
- MAGALHÃES, Justino - *A escola elementar e a leitura em Portugal*. In:Fernandes, Rogério; Pintassilgo, Joaquim - *A modernização pedagógica e a escola para todos na Europa do Sul no século XX*, Spicae, Lisboa, 2003
- MALPIQUE, Cruz – *Introdução Sentimental às Bibliotecas*, Livraria Ofir, Porto, 1962
- MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria -*Técnicas de Pesquisa*, Editora Atlas, S.A., S.Paulo - Brasil, 1982
- MENDES, Victor – *Como Constituir uma Associação*, Legis Editora, Porto, Abril de 2001
- MOGARRO, M.J. – *A formação de Professores no Portugal Contemporâneo - a Escola do Magistério Primário de Portalegre*, Tese de Doutoramento, Universidade de Extremadura - Espanha, 2 volumes, 2001

- MOGARRO, M.J. – *Memórias de Professores: Discursos orais sobre a formação e a profissão*, In Actas do IV Congresso Luso - Brasileiro de História da Educação - O oral, o escrito e o digital na História da Educação, Porto Alegre, proferida em Abril de 2002
- MOGARRO, M. J.- *Arquivos e Educação: a construção da memória educativa. Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 1, pp.74,75,76. 2006.Consultado em Agosto de 2010
- MOGARRO, M. J. - *Books and readings of popular education*. Comunicação apresentada na 31.ª Sessão da International Standing Conference for the History of Education (ISCHE), que teve como tema “*Educating the people, the history of popular education*” e que se realizou na Utrecht University, Holanda (The Netherlands), de 26 a 29 de Agosto de 2009
- MOGARRO, M. J. & Sanches, I.- *A presença de obras alemãs nas bibliotecas portuguesas: a acção pedagógica de Francisco Adolfo Coelho*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional Iberoamericano sobre "Las influencias alemanas en la educación española e iberoamericana, 1809-2009" – IV Conversaciones Pedagógicas de Salamanca, que se realiza na Universidad de Salamanca de 15 al 17 de Outubro de 2009 (no prelo)
- PINTASSILGO, Joaquim – *O projecto pedagógico das universidades populares no Portugal das primeiras décadas do séc. XX. O exemplo da Academia de Estudos Livres*. Comunicação apresentada ao IV Congresso Brasileiro de História da Educação, organizado pela Universidade Católica de Góias e pela Sociedade Brasileira de História da Educação, realizado no Brasil em 2006
- REBELO, Carlos Alberto – *A Difusão da Leitura Pública* – Campo das Letras Editores, S.A., Porto, 2000
- SILVA, Augusto Santos, PINTO, José Madureira -*Metodologia das Ciências Sociais*-Edições Afrontamento, Lisboa, 1986
- VENTURA, António – *José Frederico Laranjo - Trinta anos de política*, Assembleia Distrital de Portalegre, Viseu, 1984
- VENTURA, António – “*José Frederico Laranjo (1846-1910)*”, Edições Colibri, Lisboa, 1996
- VIDEIRA, César – *Memória Histórica da muito notavel villa de Castello de Vide*, Edições Colibri, Lisboa, 1908

Artigos

- BERNARDO, Maria Ana – *Espaços e práticas de sociabilidade: o associativismo no Alentejo durante o século XIX*. Notas para o seu estudo.

- CANDEIAS, António – *Movimento operário português e educação (1900-1926)*, Análise psicológica, II, pp39-60
- ESSEN, Jessica Parland-von- *The Henrik Database: reconstruction of lost collection in 18th century-Finland*, IFLA, Milan, Italy, 2009
- FERNANDES, Rogério – *As Universidades livres e populares em Portugal e o problema da cultura popular*, Revista Vértice, Maio - Junho 2004
- REBELO, Carlos Alberto – *A difusão da leitura pública e a criação de Bibliotecas Populares no distrito de Portalegre* (Actas do 3º encontro de Portalegre)
- WALKER, Alison -*The library of Sir Hans Sloane (1660-1753): creating a catalogue of a dispersed library*, IFLA, Milan, Italy, 2009

Sítios consultados:

- [Http://www.arqnet.pt/dicionario/sousamacedo.html](http://www.arqnet.pt/dicionario/sousamacedo.html)-dia
- [Http://www.scribd.com/doc/5189544/Manual-de-Caligrafia](http://www.scribd.com/doc/5189544/Manual-de-Caligrafia) (manual de caligrafia)
- [Http://www.bl.uk/eblj/2007/articles/article6.html](http://www.bl.uk/eblj/2007/articles/article6.html) (POOLE, William- “*A fragment of the Library of Theodore Haak (1605-1690)*”, Electronic British Library Journal)
- [Http://www.bl.uk/eblj/2005/articles/article7.html](http://www.bl.uk/eblj/2005/articles/article7.html) (POOLE, William- “*The Library of Henry Oldenburg*”, Electronic British Library Journal)
- [Http://www.cm-castelo-vid.pt/biblioteca](http://www.cm-castelo-vid.pt/biblioteca)
- [Http://gallica.bnf.fr](http://gallica.bnf.fr)
- [Http://porbase.bn.pt/](http://porbase.bn.pt/)
- [Http://www.worldcat.org/](http://www.worldcat.org/)
- [Http://rebiun.crue.org/](http://rebiun.crue.org/)
- [Http://blx.cm-lisboa.pt/](http://blx.cm-lisboa.pt/)
- [Http://openlibrary.org/](http://openlibrary.org/)
- [Http://www.wook.pt/](http://www.wook.pt/)
- [Http://www.bookfinder.com/](http://www.bookfinder.com/)
- [Http://www.traca.com.br/](http://www.traca.com.br/)
- [Http://www.ipp.pt/](http://www.ipp.pt/)
- [Http://bibliowiki.com.pt/](http://bibliowiki.com.pt/)
- [Http://www.ucp.pt/](http://www.ucp.pt/) (Biblioteca Universitária S.Paulo II da Universidade Católica Portuguesa)
- [Http://www.nla.gov.au/](http://www.nla.gov.au/) (National Library of Australia)
- [Http://www.almedina.net/catalogo/](http://www.almedina.net/catalogo/) (Biblioteca Amorim Pessoa)

ANEXOS

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

A INSTRUÇÃO POPULAR

Conferencia, feita em 10 de setembro de 1871 na casa da Câmara de Castello de Vide, no acto da inauguração do Grémio Illustração Popular.

Meus Senhores.—Humilhados milanes que um pobre pária, reprovado de todas as sociedades, sendo o sustentáculo d'ellas, no porte humilde, apesar do robusto como uma fortaleza, no animo esforcado e intrepido, como um leão, arrasta sobre a terra uma vida pesadissima de provas e desalento.

Hoje, vendido nas praças publicas por vilissimo preço; amanhã trucidado nos campos de batalha pela ambição dos reis, agora exalando-se de camagão, logo succumbindo á fome; ignorante no seio do progresso, embora martyr do progresso; embruteado no seio da civilização, embora martyr da civilização; martyr, sobretudo, do trabalho e do patriotismo, lá ramirha sempre, renascendo a cada passo das proprias cinzas como a phenix, atravessando os seculos, impenetravel á morte como o judeu da lenda.

Este pária, senhores, chama-se... o Povo. Que pecca extraordinariamente grandioso que esta palavra encerra — o povo! — Que inexplicavel composto de contradicções, que aggrega mysticos de elementos os mais inconciliaveis!

Mas no lar domestico, quanto encarnigado na luta, alma de ferro e enação de criança, é capaz dos maiores desvarios para apertar uma barileta, e não duvida malhar o seu sangue em pro d'uma idéa nobre. Conhece os vícios mais repellentes, como a mais ariscada virtude; produz genios sublimes, e é crassamente ignorante; conquista mundos para os outros, e deixa-se matar a si. Qualquer tyranneto o esmaga, qualquer laço o fustiga.

O povo, senhores, é forçoso repetil-o, tem sido o pária de todas as sociedades. Que longo e angustioso soffrir, que oppresses odiosas, que immolações sangrentas!

Mas através da escurissima noite do passado, transporem, bruxulando, o suspirado alvorcer da idéa nova.

A arvore da liberdade, cypreste para tantas vidas, enraiza-se mais e mais no solo das nações cultas; o commercio da escravidão, em vão refugiado nas florestas do novo mundo, bate em retirada ante a mão poderosa de progresso; e a guilhotina, alçada nos fundamentos, decepára ainda philantropicamente algumas cabeças, mas vai preste a desabar a um impulso mais arrojado da civilização.

Enfim, senhores, por toda a parte se assentam, pressurosamente, os arraiaes d'uma nova

Vol. XV.

cruxada, a mais asombrosa depois do christianismo, — a cruxada da illustração do povo.

A este chamamento civilizador, a esta cruxada, que é a idéa momentosa do nosso seculo, como tem correspondido Portugal?

Desde já occorre triste a resposta: — De longe em longe tremeluzem amortecidos alguns farolões de luz, que por muito raras tentam, debalde, dissipar as trevas opressivissimas em que se perdem.

A associação porém, senhores, a que hoje lançamos a primeira pedra, não tem enfiadamente a peito fazer chispar luz até aos côrtes mais recanditos, onde a ignorancia se anilha; não promette ser pharol esplendoroso em paragens tão inertes, e em regiões tão temerarias.

Instituição puramente local, e tendo de repartir pacamente as suas forças por dois pontos distantes, mirando ao mesmo tempo a instruir-se e a instruir, será, senhores, o navio que voga, e não o pharol que albrua.

Aquelles a quem uma fé robusta fortaleça e edifique, aquelles a quem sobre animo aguçado e audacioso, sigam-nos neste caminho pouco trilhado, ou sejam nos guia nesta rym pathica peregrinação.

O que é actualmente a escola

I

Propenho-me fallar-vos da instrução popular no nosso país.

A questão da instrução primaria, a magna questão do ensinamento da povo, está escripta com letras de ouro no programma dos tempos futuros. A escola, senhores, implantada triumphantemente sobre o Golgotha da nossa ignorancia, ha de ser a cruz da regeneração das gerações por vir.

Hoje, a cravaina das nações cultas é ainda a força material de que dispõem. A Inglaterra, a maritima Inglaterra, asseberha ovante os mares com o apparato bellicos da sua poderosa armada; eis o seu poder. A Alemanha, a filha das selvas, intuda em poucas horas um paiz inteiro com o diluvio torrencial dos seus exercitos; é esta a sua força.

Amanhã, senhores, a medida das nações civilizadas não ha de ser o tamanho das armadas, mas o numero das escolas; o seu poderio, a sua grandeza firmar-se-ha mezes no numero prodigioso de metralhadoras, do que no pequenissimo numero de analphabatos.

Lá fóra ergueu-se já o grito de guerra, guerra santa do evangelização, guerra sem sangue nem armas, onde cada qual, offegante na conquista do futuro, arca brago e brago com a ignorancia. Porque o futuro escreveu nos humbraes das suas portas: — *Aqui não*

N.º 8

entram ignorantes, — como Balzac estampou na primeira pagina de um dos seus livros: — *Aqui não entram senhoras*. —

Porém nós, os portuguezes, senhores, sem fé no presente, que corre alcatifado de espinhos, sem esperança no futuro, que nem nos concede um sorriso, quasi sem reminiscências do passado, que a traça vai roendo manso e manso, para onde volveremos os olhos?...

Attentae no estado lastimoso da instrucção do nosso povo, lêde-o e meditae... Mas embora o quadro seja desolador, embora para derramar lagrimas, a todos os espiritos não obsecados pela descrença será antes incentivo para emprehender e proseguir, do que razão futil de vacillações e desesperança.

Dizendo, por agora, *o que é actualmente* a instrucção primaria entre nós, — expondo por ventura mais tarde *o que ella deve ser*, para sequer não envergonharmos a Europa; — apoiando os passos mal seguros por este caminho longo e difficil, no livro primoroso de D. Antonio da Costa — A Instrucção Nacional, — vou timidamente entrar no assumpto.

Quatro milhões de homens pisam, connosco, o solo feracissimo d'este torrão do occidente; cento e trinta e dois mil e duzentos era, em 1867 a 1868, o numero dos alumnos de instrucção primaria, existentes no nosso paiz.

Pasmae da desproporção, senhores, que ficará mais desgraçadamente patente, se vos disser que, havendo em Portugal 750:000 crianças de 7 a 15 annos, ficam pelo facto 600:000 desajudadas da luz do ensino, e imersas numa completa ignorancia.

Mas façamos ainda mais resaltar o sudario; levemos esta miseranda estatistica ante as nações civilisadas, e amesquinhemo-nos perante ellas do apoucado da nossa instrucção.

A França com os seus 39 milhões de habitantes, e 4 milhões de alumnos de instrucção primaria, tem apenas metade dos alumnos que possuem os Estados Unidos, cuja população é de 2 milhões de menos. Pois na França, senhores, que, tendo numero duplo de habitantes, confrontada com a Prussia, tem quasi o mesmo numero de alumnos — 3 milhões nesta, 4 naquella; — na França todavia, por muito tenebroso que se nos affigure o quadro, a proporção dos alumnos e dos habitantes é de 1 para 8, e entre nós é de 1 para 32. Em Portugal, em 4 milhões de habitantes, ha 600:000 crianças privadas de ensino; na França existe numero igual numa população décupla.

Doloroso confronto!

Mas vejamos as pequenas nacionalidades como a nossa, ou mais pequenas do que a nossa.

A Belgica e a Baviera, povoadas em numero igual, ou excedendo apenas em centenas de milhares a nossa população portugueza, possuem a primeira 4 vezes mais, e a se-

gunda 5 vezes mais alumnos, do que este desgraçado paiz.

Entremos na Suissa.

A sobria Suissa, o berço doirado da liberdade europea, a patria de Guilherme Tell e de Pestalozzi, — um o libertador, outro o educador do povo, — pouco excede, em população, metade da população de Portugal; pois bem, senhores, o numero dos seus alumnos é 3 vezes mais consideravel do que o nosso!

Resumamos emfim de salto, mas confrontemos, maduramente, as proporções relativas de alumnos e habitantes, nas diversas nacionalidades cultas; a separação pronunciada e frisantissima dos povos do norte e do sul pode ser-nos assumpto de graves cogitações.

Um alumno para trinta e dois habitantes em Portugal, 1 para 15 na Italia, 1 para 14 na Hespanha, 1 para 8 em França eis a triste linguagem dos numeros, para os povos da raça latina; na Inglaterra, Hollanda e Belgica 1 para 7; 1 para 6 na Prussia, Suecia e Baviera; 1 para 5 na Suissa; 1 para 4 e para 3 na republica dos Estados Unidos.

Occupamos, senhores, bem o vedes, a cabeceira da lista; congratulemo-nos com os turcos e com os gregos, porque estamos, como elles, acima de todos, na ignorancia e na incuria.

Mas levemos mais fundo o escalpello, busquemos o paralelo entre as escholas.

Tres mil e setecentos era, em 1868, o numero total das escholas de instrucção primaria, das quaes 1:400 livres, e 2:300 sustentadas á custa do Estado. Havendo no reino 700:000 crianças de 7 a 15 annos, contando 50 por cada escola, deveramos ter 14:000 escholas, e temos apenas 3:700. Quasi 5 vezes menos.

Consideremo-nos mais uma vez como nação civilisada, e faça-se o confronto com as outras.

Entre nós ha 1 eschola para 1:100 habitantes; partindo do conhecimento das relações respectivas, vejamos successivamente quantas escholas deveramos ter, para que o numero das nossas fosse proporcional ao das outras nações. Os algarismos dizem-nos: — 7:000 com respeito á Hespanha, 8:000 relativamente á França, Belgica e Baviera, 9 a 12:000 para egualarmos, em proporção, a Inglaterra e a Hollanda, Suecia, Suissa e Prussia, e 21:000 para hobrearmos com os Estados Unidos. E temos, em vez d'isto, disse-o ha pouco, 2:300 escholas, ou 3:700 incluindo as livres.

Deve aterrar-vos o paralelo.

As nações do meio-dia, esta mesquinha congregação a que pertencemos, pagam hoje, com usura, os cegos desvarios d'outr'ora; os desvarios de Roma e da Italia, os desvarios da França e da Hespanha, os nossos desatinos emfim.

Ainda escorre em sangue, senhores, o solo de uma nação, que era hontem o orgulho da sua raça. Esmagou-a o phantasma da guerra;

mas naquella luta abrasada de gigantes, naquella porfiado brandir contra a civilisação, não foram as boccas temerosas de alguns canhões de Krüp, nem a certa pontaria de innumerables espingardas d'agulha, que depozeram a victoria nas mãos da moderna Germania.

Por entre o estridor sanguinolento das batalhas, em meio das teias emmaranhadas da politica, lá estava para os allemães a escola, sacrificando aos deuses, conjurando os astros, e, como o levita nos combates dos tempos primitivos, anciosa de ver operar-se o milagre.

Sim, as forças eram muito deseguaes; naquella peleja fraticida de dois povos, um illustrado outro ignorante, a instrucção pesava mais na concha da Allemanha, e coube-lhe honrosamente o triumpho.

São os primeiros louros de que se engrinalda a escola moderna. Fixemos, senhores, esta fatal lição, que só morrerá com a historia.

II

Transportámo-nos para o centro da Europa, batemos á porta de todas as nações, e revendo-nos no numero elevadissimo das suas escolas e dos seus alumnos, podemos alfin convencermo-nos do diminuto numero dos nossos.

Pois intimo-vos a acreditar, senhores, que a Hespanha com 24 mil escolas e a Italia com 39 mil, a Belgica com 7 mil e a França com 73 mil, deploram todavia, até ás lagrimas, o estado de abatimento da sua instrucção.

Enós mal tocámos ainda no amago da ferida!

O numero pouco avultado de escolas que possuímos, e o numero pouco consideravel de alumnos que as frequentam,—aquellas em condições pessimas de construcção, estes intractaveis e sem aproveitamento,—são apenas a tristissima consequencia da organização absurda e rachitica, da dotação pobrissima e miseravel da instrucção primaria no nosso paiz.

E senão, abramos um longo parentese, e interroguemos mais uma vez as nações estrangeiras.

Tres systemas de organização das escolas se digladiam actualmente no mundo civilizado. D'uma parte os Estados Unidos como representantes do elemento local, d'outro lado a Inglaterra adoptando o elemento particular, a França e a Prussia, enfim, com o elemento local mais ou menos soccorrido pelo Estado, formam os typos fundamentaes dos tres systemas que vamos expor.

A algumas centenas de leguas distante de nós, banhado por outros mares, bafejado por outros climas, o novo mundo emancipou-se da tutela aviltante da Europa, e corre sosinho em demanda do progresso.

E o progresso como um rio famoso nos plainos espriados da humanidade, tincto não raro com o seu sangue, temperado de conti-

nuo pelas suas lagrimas, e a que a chuva fecundante do trabalho, nas suas manifestações variadissimas, vai mais e mais engrossando as aguas;—o progresso, senhores, o Nilo fertilissimo de todas as regiões, que teve a sua nascente na Asia, que corre hoje na Europa, quem sabe se não nos deixará ámanhã para ir soffregamente espreguiçar-se nas vastas campinas da America! O novo mundo substituirá então o velho, como a Europa substituiu a Asia.

Os Estados Unidos, a republica-modelo e a realização de tantos sonhos de utopistas, semearam no seu solo, cultivado de poucos annos, o mais completo e o mais productivo systema de organização da escola.

Alli o municipio é tudo, e o elemento local é o que obra.

Alli, diz D. Antonio da Costa, «a instrucção primaria pertence ao municipio, mas pertence-lhe como obrigação juridica. O governo pode intentar uma acção judiciaria contra o municipio que não possua as escolas necessarias, e as familias têm o direito de exigir do municipio perdas e danos, se não ministrar aos seus filhos o ensino elementar.»

Um pessimo trabalhador pode, senhores, ser um olheiro magnifico, e o Estado que não pode ou não quer ser um centimano, e que em geral descarta sempre o que muito intimamente lhe não toca, reservou para si nos Estados Unidos o papel de olheiro, mas desempenha-o excellentemente.

Agora deixo á vossa comprehensão imaginar a vida afanosa do municipio americano. Sustentando por si a misericordia e a parochia, a escola e a bibliotheca municipal, podendo quasi seguir com os olhos o dinheiro com que modestamente contribue, até vel-o lançar d'alguma d'estas fontes meritorias, não se arreceia dos profundos sorvedouros dos systemas centralisadores, e, naquella doce exuberancia de vida, não poderá, senhores, assemelhar-se em nada á podre estagnação do municipio em Portugal.

Em Inglaterra o elemento particular substitue o elemento local do systema americano.

Associações poderosas e numerosissimas, em que o Estado não tem a menor ingerencia, e em que não intervém senão para inspecção, derramam a flux, por todos os pontos do paiz, as escolas necessarias para o ensino do povo.

«O Estado, diz o auctor do livro que já citámos, limita-se a subsidiar as escolas das associações particulares, que requerem a inspecção official, mas essas mesmas escolas subsidiadas gozam da mais ampla liberdade, restringindo-se a inspecção ao «exame dos factos, e á simples publicação d'elles.»

Porque é necessario dizer-vos, senhores, que a Inglaterra é o paiz da Europa, onde a

bado o maquinismo industrial, e acordado a discussão dos direitos do operario. Não se diga porém que o operario é estranho ás causas que lhe têm aggravado a situação. A economia e a moralidade, condições indispensaveis da prosperidade publica e particular, quantas vezes não têm sido esquecidas pelo operario, que num dia vae dissipar á taberna e ao alcoice a tressuada fêria! Quando a baixa dos salarios, ou uma crise imprevista, fere impiedosamente as classes operarias, a miseria é de ordinario aggravada pela imprevidencia propria.

O operario, que nos dias de abundancia não pensou no abysmo que lhe interceptaria os passos, vê-se, num momento dado, a braços com uma situação desesperada: d'um lado vê o trabalho mal remunerado, a exploração do capitalista e dos patrões, as vexações dos impostos indirectos; e, do outro, um recurso extremo, a greve.

(Continúa) CANDIDO DE FIGUEIREDO.

A INSTRUCCÃO POPULAR

Conferencia, feita em 10 de setembro de 1871, na casa da Camara de Castello de Vide, no acto da inauguração do Gremio — Illustração Popular.

(Continuado de paginas 172)

III

Agora relanceemos os olhos para a nossa organização escolar; que vemos? qual das nações mais adiantadas escolhemos para modelo, ou que peregrino systema instituímos no nosso paiz?

O edificio da instrução elemental em Portugal, senhores, é uma mole tosca e disforme, onde é impossivel deparar arrendados, onde não se enxerga feição característica.

Descançando num indifferentismo assustador, sem comprehender a elevada missão da escola, o municipio recosta-se languidamente sobre o districto, abandonando-lhe a vida e a bolsa; a acção individual, encapotada num egoismo atroz, dormitando, inerte, ao canto da lareira, tem em pouco qualquer idéa grande, que possa dulcificar os destinos da patria; e as associações particulares de ensino — as que se atrevem, por acaso, a erguer-se, — hão de lutar com desesperada constancia, primeiro que consigam firmar os passos.

Emfim, esmolando de porta em porta, a escola em Portugal só encontrou apoio no estado; fomos nós os innovadores de um systema, de que deveramos tirar privilegio!

Mas consideremos mais de espaço a economia de todos estes elementos, que de dia para dia vemos, lá fóra, tomarem incremento tão extraordinario.

A acção local no campo da nossa instrução primaria é um zero sem significação, de que nos cabem amargas censuras. A ineptia dos governos, que põem sempre, acima de todas, a questão financeira, devem pedir-se estreitas contas, de que a escola entre nós não esteja ainda aclimada.

Porque o não está, senhores. Em quanto o povo não amar a escola, com o affecto com que estremece a igreja da sua parochia, ou com o respeito com que bendiz a misericórdia do seu concelho; em quanto os governos forem avaros d'alguns contos de réis, com que se alliviaria a classe tão degradada do magisterio primario, e em quanto cruzarem ociosamente os braços deante d'uma questão de tanta magnitude, a escola não poderá crear raizes, nem deitar vergontas robustas, em solo tão esteril, e em tão mal amanhado terreno.

E em vão alguns governos menos timoratos, ou alguns reformadores de mais largas vistas têm pretendido nacionalisar a escola, por meio de medidas sãs e decisivas; vêem bem depressa baqueiar a sua obra ante o vandalismo dos que lhes succedem.

Na sabia organização de 1835, a mais completa desde 1772, e a mais perfeita até 1870, a descentralisação da instrução primaria e a localisação da escola, a liberdade de ensino e o ensino obrigatorio eram os pontos capitales que Rodrigo da Fonseca proclamava. Dois mezes depois, Mousinho d'Albuquerque, acalentando por ventura mais audaciosos planos, fez letra morta a reforma do ministro eminente, sem dar de si outra que a substituisse.

Passos Manuel, o campeão setembrista, decretava entre applausos, um anno mais tarde, a celebre reforma de 1836; se não attingiu a balisa demandada por Rodrigo da Fonseca, se não pôde seguir-lhe os passos melhorando a situação precaria do magisterio, e propondo abertamente a descentralisação, a sua reforma chegou a ser posta em vigor, e deixou entrever á instrução primaria dias auspiciosos no futuro. A gratificação mesquinha de 20\$000 réis, paga ainda actualmente pelas camaras, e que era um dos artigos da reforma de Passos Manuel, foi a primeira tentativa posta em practica, para accender a acção municipal. Tentativa infructuosa, sem a descentralisação que devia precedel-a.

A reforma de 1844 do sr. conde de Thomar pouco adiantou em principios novos; fez reviver alguns da organização de 1835, aboliu outros de summa importancia na constituição litteraria da escola.

Pois esta insufficiencia das leis, senhores, ainda é aggravada cada dia pela incuria dos governos em fazer pontualmente cumprir os decretos. O ensino obrigatorio, legislado,

ha muito, pela reforma de 1844, foi deslembado pelos governos subsequentes, e embora existente na lei nunca teve applicação na practica.

Até 1870 adoptaram-se medidas de pouca monta.

Neste anno um homem prestante, a quem o valor da espada grangeara uma fama europea, que provara a intrepidez do seu peito em mil combates successivos, que implantara, com mão animosa, tantos marcos na estrada liberal, deslustrou um pouco, toda uma vida de louros e de victorias. Este homem subiu ao poder, e, numa dictadura de cem dias, mostrou á anciosa expectação, de que era alvo, que lhe pesava mais a pasta tão invejada de ministro do que o bastão pomposo de marechal.

Mas no meio d'este debate, um só homem firme nas suas crenças, immutavel na sua idéa, não desceu um ponto da justissima consideração em que era tido.

Innovador d'um apostolado em Portugal, — o da instrucção do povo, — proselyto o mais entusiasta d'esse apostolado, os seus olhares perscrutadores, robustecidos pelas lucubrações d'uma vida laboriosa, convergiram irresistivelmente para um ponto — a reforma da instrucção primaria.

De facto, senhores, a reforma de 1870 foi um clarão immenso, na noite cerradissima da nossa instrucção popular.

Firmando-se numa descentralisação absoluta e confiando a escola á vida local, adoptando o principio novissimo do capital escolar e instituindo por uma vez o ensino obrigatorio, abrindo, finalmente, ao magisterio uma carreira para estimular ambições, D. Antonio da Costa havia de fazer-nos comprehender, pelos resultados maravilhosos da sua colheita de instrucção, que a questão da organização escolar devia discutir-se a cada instante, em todos os espiritos elevados.

Não logrou porém o seu intento, senhores; sendo victima d'uma devastação de barbaros, não ficou pedra sobre pedra naquella edificio sumptuoso, e hoje retrogradamos covardemente até á epocha de 1836.

Ficaram de novo emmurchecidas as tentativas tão bem esperanças da aclimação da escola no nosso paiz; e se consultarmos mais uma vez o severo testemunho dos numeros, dir-nos-hão na sua linguagem imparcial que dispendendo o municipio na Italia 12 vezes mais do que gasta o Estado, 10 vezes mais na Prussia, na Suissa 9 vezes mais, em Portugal o municipio dispende só 4 vezes menos!

Mas sem transpôr o nosso territorio, cite-mos todavia alguns exemplos que animam, — honrosas excepções, tão honrosas quanto raras, oasis verdejantes no meio da esterilidade geral.

A Camara de Paredes — villa no districto do Porto — reforma sollicita, um por um, os edificios escolares do seu concelho; e sabeis, senhores, que na quasi totalidade dos concelhos, nem edificios proprios sequer existem.

A Camara de Coimbra estendendo a mão bemfazeja á Associação dos Artistas, empenha-se com ella no derramamento da instrucção popular.

Emfim, a Camara de Setubal, a benemerita Camara de Setubal, abre neste ponto o mais salutar exemplo. O lyceu municipal d'aquella cidade, instituido ha 13 annos por diligencias d'uma camara illustre, é um padrão glorioso na historia da instrucção do povo. Cerca de 200 alumnos das classes mais desprotegidas bebem alli, afóra o ensino primario, amplo desenvolvimento de educação religiosa e moral, noções succintas dos direitos e deveres dos cidadãos, ensino graduado de desenho em tres annos, as linguas portugueza e latina, franceza e ingleza, e conhecimentos de sciencias naturaes com applicação aos usos da vida.

Mas é licito perguntar, apezar de tudo, senhores, se na questão do ensino popular o papel do municipio em Portugal não será o d'um verdadeiro comparsa. Penso havel-o demonstrado.

A iniciativa individual, no nosso paiz, poucos assomos de vida tem manifestado na grande obra da educação do povo.

Seis é o numero modesto de estabelecimentos de ensino, sustentados em Lisboa e arrabaldes, pela acção de alguns cidadãos generosos. E se acrescentarmos que dois d'elles, sendo asylos, têm antes em vista o fim beneficiente do que o ensino de alumnos, faremos idéa exactissima do debilitado exemplo que nos offerece a capital.

Na Inglaterra, senhores, todos os proprietarios endinheirados, todos os grandes fabricantes instituem escolas nos seus dominios, fundam cursos nocturnos nas suas fabricas. Em Portugal a familia de Bragança — a nobilissima familia de D. Pedro v, — as familias de Subsera e do Lavradio, de Resende e de Barbacena, e pouquissimas outras, apenas podem considerar-se excepções preciosissimas.

Rasgo verdadeiramente memoravel, exemplo edificante e digno de encomios só nos é apresentado pelo Conde de Ferreira.

Este homem, favorecido largamente pela fortuna, mas cujos maiores dotes eram os do coração, «convencido de que a instrucção publica, como elle nol-o diz, é um elemento essencial para o bem da sociedade», fallecia em 1866, legando á instrucção do povo, um auxilio valioso de 144 contos.

A construcção de 120 edificios escolares, repartidos por outras tantas cabeças de con-

celho, era o destino obrigado d'aquella avultada somma.

E ainda aqui havia de mostrar o municipio a má vontade com que é arrastado para qualquer commettimento civilisador. Convidadas todas as camaras, a habilitarem-se para serem contempladas, concorrendo pelo menos com 400\$000 réis, 130 responderam ao convite, porém muitas retiraram a pretensão, recuando de assombradas ante a primeira ousadia.

Mas antepoñhamos a doação do conde de Ferreira — o facto mais saliente da nossa historia escolar — a algum facto dos que, lá fóra, são lembrados com eternos louvores.

Quando em 1863 se decretou nos Estados Unidos a emancipação dos escravos, quando, á voz de Lincoln, resuscitavam na America milhares de individuos, que até ahi pela côr, haviam deixado de ser homens, a creação de escolas para os pretos foi o pensamento unico, que animou a todos os espiritos esclarecidos. *Meetings* numerosos, subscrições avultadas, todas estas creações de momento, em que a iniciativa particular se manifesta e se expande, de tudo se lançou mão para realisar tão philantropico intento.

Pois só um cidadão americano, senhores, — Peabody, — lançou generosamente, nos cofres da commissão, a somma quasi fabulosa de 1:000 contos de réis. Vêde como até no que parece engrandecer-nos, nos mostramos pequeninos deante das outras nações.

A associação — esta forma sublime e augusta, revestida pela iniciativa particular — não gosa talvez ainda, entre nós, dos foros de instituição social. E as associações escolares, mingnadas em numero e em forças, concentrando-se a medo nas cidades, não se atrevem a estender os braços, esparzindo o ensino pelas provincias.

Por isso o *Gremio Popular* e a *Associação de D. Pedro 5.º*, a *Sociedade — Civilisação Popular* e o *Centro Promotor*, em Lisboa; em Coimbra a *Associação dos Artistas*; a *Sociedade Artistica* em Évora; e em S. Miguel a *Sociedade dos Amigos das Lettras*, são apenas um pallido reflexo das associações que vimos lá fóra.

Mas passemos sem detença, ante os olhos, as escolas sustentadas por influxo particular, quer puramente individual, quer constituído em associação.

Cento e vinte e cinco é, em todo o reino, o numero total d'estas escolas; e dir-vos-hei, para estabelecer confronto, senhores, que a Inglaterra, onde é nulla a cooperação do estado, onde o elemento official é cifra de nenhum valor, em lugar de 120 escolas possui 59 mil, levando-nos infinita vantagem.

Pois tão escasso numero, que daria, repartido com egualdade, 5 escolas particulares

em cada districto, vai ainda parecer-vos mais diminuto, attenta a sua distribuição irregular. Lisboa absorve 41 d'estes estabelecimentos escolares, 38 concentram-se no Porto e em Bragança, 46 cabem, apenas, ao reino e ilhas.

Não vos surpreenda, pois, saber, senhores, que ha muitos districtos em Portugal, onde a acção particular não chega a erguer uma escola; e em todo o nosso districto com 64 escolas officiaes, só existe uma particular instituida em Portalegre por um legado do conde de Barbacena.

Mas penetremos ainda mais fundo, na triste realidade dos factos. Os 41 estabelecimentos de ensino, que a iniciativa particular levantou em Lisboa, e que, sem ultrapassar as fronteiras, nos podem parecer em numero avantajado, não têm verdadeiramente senão metade do valor que apparentam.

Entre elles ha 20 asylos e recolhimentos, que instituidos pela caridade, e embora sustentando escolas, no campo do ensino popular, se não perdem de valia pelos resultados, desmerecem não pouco pela intenção que os ergueu.

O Porto, enfim senhores, fornece-nos alguns exemplos de irmandades dotando escolas, de que Lisboa só nos offerece um.

Edificaria ver por toda a parte, á sombra dos pendões alçados das confrarias opulentas, em torno dos pobres pendões das irmandades pouco abastadas, o espectáculo das loiras crianças, commungando dentro da egreja á meza da instrucção, soletrando candidamente o doce nome... do Christo.

— A escola juncto do altar, o sacerdocio amparando o magisterio — seria, senhores, reunir em amoroso amplexo a religião á instrucção, as crenças ao saber, o progresso ao christianismo...

IV

O estado é pois em Portugal o único bordão da escola.

Outorgando a si a missão civilisadora de instruir, arrogando-se o oneroso encargo de ensinar, como desempenha elle o grave compromisso que lhe incumbe?

Vimol-o de sobejo.

Pobre na cabeça e no coração, apoucado no animo e no espirito; avaro para os grandes commettimentos, perdulario nas pequenas futilidades, lançou a questão do ensino num barquinho de papel, e estende-se á beiramar, resonando sanctamente.

Diga-o a vida angustiosa do operario, a situação atribulada do artista, o viver apertadissimo do lavrador; o trabalho que custa sangue, o pão que se come com lagrimas, e a rotina e a ignorancia, que nos estreitam num cinto de ferro.

Corre tormentoso o dia de hoje, senhores;

mas quereis o de amanhã opulento e brilhante? Erguei escolas, disseminae-as por toda a parte, alumiae com a sua luz todos os pontos do horizonte, aureolae com ella todas as intelligencias.

E quando amanhã transpozermos as portas do futuro, quando a escola fôr entre nós uma benção que fructifica, e não uma insti-

tução que se impõe, teremos conquistado a mais benefica de todas as liberdades, não liberdade que se assoalha nos codigos, mas que se inscreve nos corações—a liberdade de sermos felizes.

A criança, diz D. Antonio da Costa, vai pedir á escola a sciencia da felicidade.

J. A. SERRANO.

SCIENCIAS PHYSICAS E MATHEMATICAS

ESTUDOS ANALYTICOS

sobre as aguas mineraes de Luso

I

No concelho da Mealhada, districto de Aveiro, e na encosta occidental da extremidade N. da serra do Bussaco, entre as duas aldêas denominadas Luso da Igreja, e Luso de Alem ou de S. João, está situado o estabelecimento thermal, cujas aguas constituem o objecto dos nossos estudos.

Differentes ensaios chimicos executados nas aguas mineraes de Luso, lhes têm descoberto diversos principios; e em relação á maior parte d'estes são concordes todos os trabalhos. Data a primeira analyse qualitativa do anno de 1850; e foi feita pelo sr. dr. Costa Simões, a quem tanto devem os banhos de Luso, já mencionados pelo dr. Francisco da Fonseca Henriques no seu Aquilegio Medicinal, e descriptos pelo dr. Francisco Tavares. Acido carbonico livre, acido sulphydrico livre, carbonatos, sulphuretos, e chloruretos com bases de cal, magnesia, soda, e alumina; eis os principios mineralizadores então encontrados.

Em 1860 foram estas aguas analysadas em Paris pelo sr. dr. Mathias de Carvalho. Determinaram-se não só os seus elementos componentes, mas tambem as proporções em que estes se encontravam. Deu-se-lhes a composição representada no seguinte quadro:

Agua: um litro

Acido carbonico livre	vestigios ...
Acido carbonico no estado de carbonato neutro	gram. 0,0130
Chloro no estado de chlorureto	0,0095
Silica	0,0100
Potassa	0,0060
Soda	0,0140
Cal	0,0045
Magnesia	0,0010
Total	0,0580

Repetiram-se as analyses em 1862; e ainda por ellas se demonstrou a presença de acido carbonico livre, carbonato de cal, magnesia, soda, potassa, chloro, e pequenissima porção de acido sulphydrico (?)

A commissão nomeada para estudar a nossa hydrologia mineral, num opusculo impresso em 1867 com o titulo de — *Estudos preliminares das aguas mineraes do Reino* — menciona tambem os banhos de Luso. Em cada litro de agua encontrou-se 0,05917 gram. de residuo solido, formado de silica, chloruretos alcalinos, saes calcarios, e magnesianos, e mui pequenas quantidades de alumina e ferro.

Ultimamente tentámos trabalhos mais completos, tendo por fim a analyse qualitativa, e tambem a quantitativa; o que tudo praticámos no Gabinete de Chimica da Faculdade de Medicina.

II

As aguas mineraes de Luso são limpidas, incolores, inodoras, e offerecem sabor ligeiramente acre.

No ponto de emergencia é mui notavel o desinvolvimento de gases, que rebentam em bolhas á superficie do liquido.

A densidade d'estas aguas medicinaes é de 1,00025. A sua thermalidade as faz considerar como temperadas.

Repetidos ensaios feitos pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, Lente da Faculdade de Medicina, e em epochas e circumstancias mui diversas, têm permittido determinar a temperatura da nascente no ponto de emergencia; mostrar a permanencia do seu calor proprio durante o longo periodo de vinte annos, e apezar das obras indispensaveis para a construcção do novo edificio; evidenciar que a agua nada perde em graduação no seu curso para as banheiras, e que a sua escala thermometrica muito differe da que pertence á agua do ribeiro de S. João situado mui proximo do estabelecimento balneo-therapico.

Eis em resumido mappa o resultado de doze observações effeituadas com o maior es-

ANEXO II – Lista das Jóias

Lista das Jóias dos Sócios Primários

Ano de 1863/1864

Nomes dos Sócios	Jóias
José Frederico Laranjo	360
João Augusto de Carvalho	500
João Augusto Ribeiro	200
Alexandre Nunes de Carvalho e Sequeira	240
José António de Carvalho e Sequeira	120
António Carlos de Farinha Pereira	500
César Augusto de Faria Videira	500
José Pedro Mimoso	300
Ernesto Augusto Portugal	120
Soma	2840

Ano de 1864 a 1865

Nomes dos Sócios	Jóias
António Luciano Farinha Pereira	1700
Raphael d'Alegria Pinheiro	1000
José Ferreira Franco	1000
José António Serrano	1000
Soma	4700

Ano de 1865 a 1866

Nomes dos Sócios	Jóias
José António Ferreira	4000
José Pedro Godinho e Lima	1000
João António Rolbo	1000
Soma	3000

Jóias dos Sócios Primários

Ano	Número de Sócios	Total (réis)
Ano 1863 a 1864	9	2840
Ano 1864 a 1865	4	4700
Ano 1865 a 1866	3	3000

Lista das Jóias dos Sócios Secundários

Ano de 1864 a 1865

Nomes dos Sócios	Jóias
João Pedro AffonsoVideira Junior	500
Emílio da Graça Carita	500
Joaquim José d'Andrade Sequeira	500
Augusto Abelho Caldeira Themudo	500
Francisco José Figueira	500
Soma	2500

Ano de 1865 a 1866

Nomes dos Sócios	Jóias
José de Sequeira Carrilho Videira	1000
José da Cruz Caldeira	1000
Jerónimo José d'Andrade Sequeira	1000
Manoel Henriques Corrêa	1000
Pe. José Vicente da Costa	1000
Bartholomeu Dias Inchado	1000
Soma	6000

Ano de 1866 a 1867

Nomes dos Sócios	Jóias
João Francisco Cortecinho	1000
Adelino Pereira da Costa	1000
Soma	2000

Jóias dos Sócios Secundários

Ano	Número de Sócios	Jóia por sócio (réis)	Total (réis)
Ano 1864 a 1865	5	500	2500
Ano 1865 a 1866	6	1000	6000
Ano 1866 a 1867	2	1000	2000

ANEXO III - Número de leitores da Biblioteca do Grémio Ilustração Popular

Ano de 1871

Mês	Nº de leitores
Dezembro	23

Ano de 1872

Mês	Nº de leitores
Janeiro	23
Fevereiro	47
Março	46
Abril	87
Maio	73
Junho	3
Julho	63
Agosto	66
Setembro	48
Outubro	25
Novembro	30
Dezembro	29

Ano de 1873

Mês	Nº de leitores
Janeiro	69
Fevereiro	62
Março	56
Abril	36
Maio	74
Junho	69
Julho	115
Agosto	74
Setembro	50
Outubro	69
Novembro	47
Dezembro	43

Ano de 1874

Mês	Nº de leitores
Janeiro	53
Fevereiro	39
Março	34
Abril	54
Maio	41
Junho	30
Julho	62
Agosto	61
Setembro	5
Outubro	90
Novembro	11
Dezembro	24

Ano de 1875

Mês	Nº de leitores
Janeiro	53
Fevereiro	47
Março	41
Abril	46
Maio	32
Junho	29
Julho	23
Agosto	44
Setembro	-
Outubro	39
Novembro	43
Dezembro	40

Ano de 1876

Mês	Nº de leitores
Janeiro	29
Fevereiro	18
Março	38
Abril	22
Maio	25
Junho	9
Julho	45
Agosto	52
Setembro	49
Outubro	48
Novembro	17
Dezembro	25

Ano de 1877

Mês	Nº de leitores
Janeiro	14
Fevereiro	11
Março	18
Abril	33
Maio	17
Junho	30
Julho	43
Agosto	31
Setembro	3
Outubro	3
Novembro	34
Dezembro	33

Ano de 1878

Mês	Nº de leitores
Janeiro	20
Fevereiro	27
Março	20
Abril	29
Maio	25

Junho	17
Julho	8
Agosto	32
Setembro	33
Outubro	26
Novembro	28
Dezembro	37

Ano de 1879

Mês	Nº de leitores
Janeiro	31
Fevereiro	19
Março	16
Abril	17
Maio	20
Junho	10
Julho	13
Agosto	19
Setembro	17
Outubro	46
Novembro	34
Dezembro	22

Ano de 1880

Mês	Nº de leitores
Janeiro	19
Fevereiro	17
Março	11
Abril	18
Maio	12
Junho	10
Julho	8
Agosto	11
Setembro	21
Outubro	15
Novembro	18
Dezembro	15

Ano de 1881

Mês	Nº de leitores
Janeiro	10
Fevereiro	15
Março	16
Abril	4
Maio	23
Junho	15
Julho	19
Agosto	13
Setembro	17
Outubro	16
Novembro	11
Dezembro	8

Ano de 1882

Mês	Nº de leitores
Janeiro	21
Fevereiro	14
Março	8
Abril	12
Maio	13
Junho	7
Julho	13
Agosto	12
Setembro	9
Outubro	8
Novembro	3
Dezembro	7

Ano de 1883

Mês	Nº de leitores
Janeiro	8
Fevereiro	9
Março	2
Abril	11
Maio	6
Junho	11
Julho	-
Agosto	4
Setembro	19
Outubro	10
Novembro	16
Dezembro	9

Ano de 1884

Mês	Nº de leitores
Janeiro	13
Fevereiro	13
Março	7
Abril	5
Maio	8
Junho	8
Julho	8
Agosto	7
Setembro	17
Outubro	7
Novembro	3
Dezembro	12

Ano de 1885

Mês	Nº de leitores
Janeiro	7
Fevereiro	10
Março	4
Abril	11
Maio	2

Junho	13
Julho	5
Agosto	8
Setembro	11
Outubro	5
Novembro	6
Dezembro	6

Ano de 1886

Mês	Nº de leitores
Janeiro	6
Fevereiro	5
Março	-
Abril	7
Maio	18
Junho	14
Julho	16
Agosto	21
Setembro	13
Outubro	17
Novembro	18
Dezembro	14

Ano de 1887

Mês	Nº de leitores
Janeiro	13
Fevereiro	3
Março	12
Abril	5
Maio	10
Junho	9
Julho	13
Agosto	10
Setembro	9
Outubro	7
Novembro	16
Dezembro	16

Ano de 1888

Mês	Nº de leitores
Janeiro	4
Fevereiro	2
Março	2
Abril	7
Maio	4
Junho	7
Julho	4
Agosto	3
Setembro	3
Outubro	3
Novembro	6
Dezembro	8

Ano de 1889

Mês	Nº de leitores
Janeiro	5
Fevereiro	1
Março	3
Abril	-
Maio	8
Junho	4
Julho	7
Agosto	8
Setembro	7
Outubro	5
Novembro	7
Dezembro	7

Ano de 1890

Mês	Nº de leitores
Janeiro	2
Fevereiro	5
Março	4
Abril	8
Maio	1
Junho	10
Julho	10
Agosto	6
Setembro	1
Outubro	-
Novembro	3
Dezembro	4

Ano de 1891

Mês	Nº de leitores
Janeiro	3
Fevereiro	2
Março	1
Abril	3
Maio	10
Junho	10
Julho	4
Agosto	1
Setembro	5
Outubro	5
Novembro	14
Dezembro	5

Ano de 1892

Mês	Nº de leitores
Janeiro	3
Fevereiro	3
Março	5
Abril	4

Maio	5
Junho	4
Julho	12
Agosto	1
Setembro	12
Outubro	8
Novembro	3
Dezembro	8

Ano de 1893

Mês	Nº de leitores
Janeiro	6
Fevereiro	7
Março	5
Abril	2
Maio	7
Junho	6
Julho	7
Agosto	5
Setembro	3
Outubro	9
Novembro	1
Dezembro	2

Ano de 1894

Mês	Nº de leitores
Janeiro	2
Fevereiro	3
Março	6
Abril	2
Maio	1
Junho	1
Julho	4
Agosto	9
Setembro	5
Outubro	9
Novembro	4
Dezembro	3

Ano de 1895

Mês	Nº de leitores
Janeiro	1
Fevereiro	2
Março	2
Abril	4
Maio	-
Junho	2
Julho	1
Agosto	5
Setembro	6
Outubro	4
Novembro	3
Dezembro	-

Ano de 1896

Mês	Nº de leitores
Janeiro	5
Fevereiro	3
Março	22
Abril	4
Maio	4
Junho	-
Julho	6
Agosto	8
Setembro	9
Outubro	5
Novembro	3
Dezembro	14

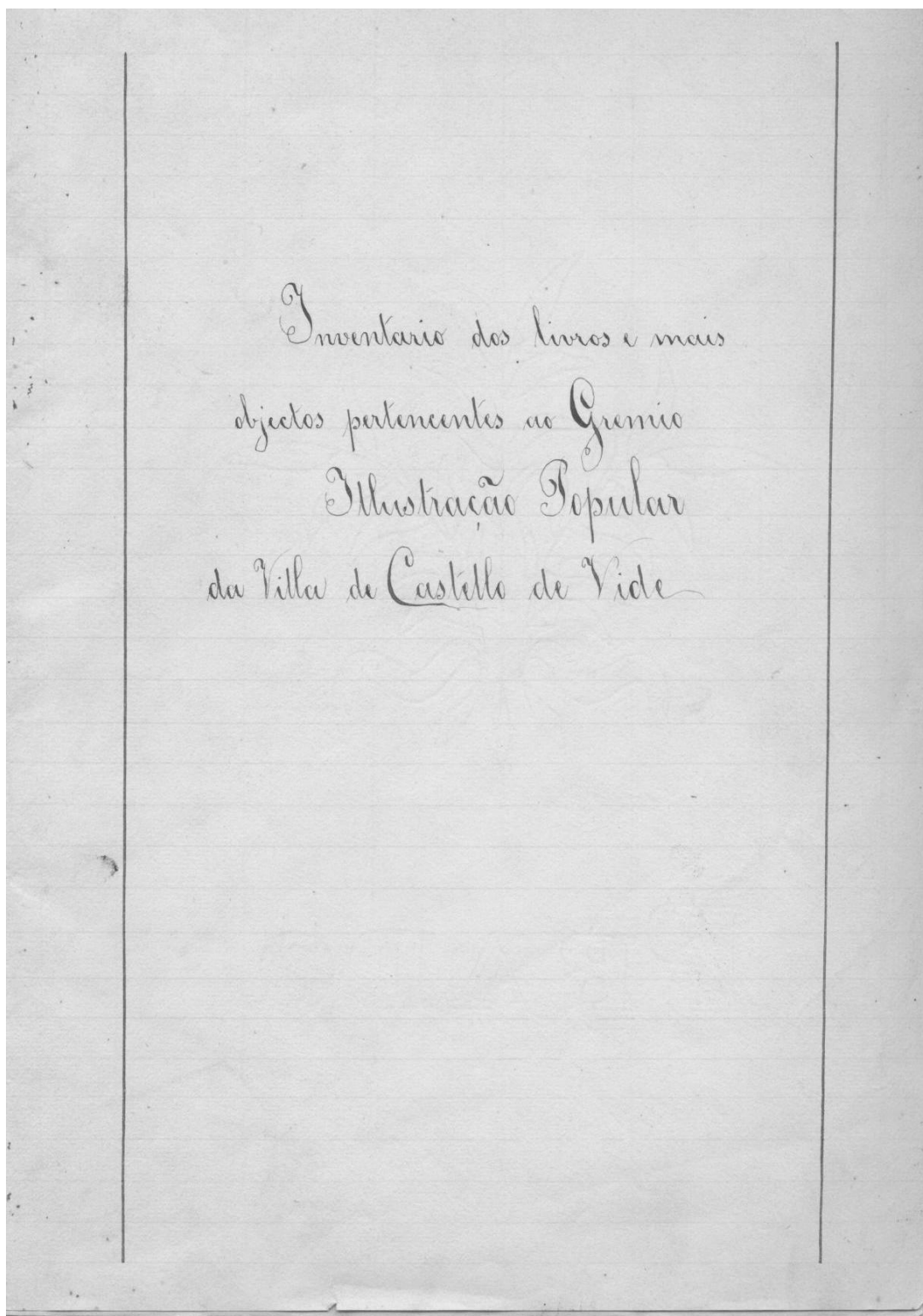
Ano de 1897

Mês	Nº de leitores
Janeiro	9
Fevereiro	9
Março	6
Abril	4
Maio	5
Junho	4
Julho	-
Agosto	4
Setembro	6
Outubro	-
Novembro	14
Dezembro	3

Ano de 1898

Mês	Nº de leitores
Janeiro	-
Fevereiro	-
Março	5
Abril	-
Maio	3
Junho	10
Julho	7
Agosto	2
Setembro	10
Outubro	-
Novembro	-
Dezembro	-

ANEXO IV – **Inventário de 1899** de Frederico Laranjo (Biblioteca do Grémio Ilustração Popular)



1	Historia Universal Fatta e t. 7. ^o	80
2	Boga - Eloquence latine	2
3	Luis George	4
4	Da origem da Inquisição por A. Hercubano	3
5	O arco de Sant' Anna por Garrett	2
6	Visconde de Brangelino	1
7	Cartão por Garrett	1
8	Geographia astronomica	1
9	Crispo - M. Guinatuna	1
10	Naufragio de G. Virga	1
11	Arithmetica	1
12	Societe Academique - Inde-Chinoise - de France	2
13	Oeuvres complètes de Lord Byron	1
14	Memoria Historica da Faculdade de Medicina	1
15	Instituições Christas - Revista quinzenal	79
16	Memoria Historica da Faculdade de Philosophia	1
17	Memoria Historica da Faculdade de Mathematica	1
18	Esboço Historico - litterario da Faculdade de Theologia	1
19	Anuaes Agricolas do Districto de Portalegre A. 7. ^o	4
20	A casa dos Tachismas por Rebelle da Silva	2
21	Collecção de Revistas	6
22	Tradução - Estudos Quinze primario da Belgica	1
23	Quartidos da Historia Portuguesa	1
24	Lecturas populares	2
25	Grammatica Portuguesa	1
26	Medicina domestica	1
27	O vocabulario de verdades (duplicado)	2
28	Agricultura	1
29	Geographia	1
30	Hygiene	1
31	Contos do tio Pedro	1
32	Nações guas	1
33	Economia social	1
34	Dirctos e deures de cidadão	1
35	Os Contemporaneos	17

36	Physique	2
37	Encyclopedie Populaire	8
38	Georgicas Portuguezas	/
39	L'Ignorance	/
40	Discours sur les Prodiges industriels	/
41	Les Colonies Portugaises	/
42	Elementaire e Rhetorique - Institutions	/
43	De la Capacite	/
44	Historia da Policia	4
45	Invencao dos Quetzales	/
46	Memoires de Luther	2
47	Chefs-d'oeuvres	3
48	Oeuvres de Frobenius	3
49	Petite Histoire Romaine	/
50	Petite Histoire des Temps Modernes	/
51	Petite Histoire Ancienne	/
52	Envie depara do Catholicismo	/
53	Vie de Notre Seigneur Jesus Christ	/
54	Transformations historiques du Christianisme	/
55	Le materialisme Contemporain	/
56	Bibliothèque Utile	2
57	Ruy Blas - Drama	/
58	La Fontaine - Tables	6
59	Les aventures-Dernier Menestrel	/
60	Encyclopedie Populaire	/
61	Le Centenaire	/
62	L'Allemagne Contemporaine	/
63	La Suisse Contemporaine	/
64	Histoire de L'Espagne	/
65	A Hostia de Ouro	/
66	O Mundo interior	/
67	Les Foyes du Peuple	2
68	Les droits de l'homme	/
69	Enseignement et Philosophie	/
70	Tout par le travail	/

71	Instrução sobre a cultura das amareiras	1
72	Le'olivier	1
73	Elementos de logica	1
74	Odes Pindicas	1
75	Constituição politica da Monarchia Portuguesa	1
76	Henri Wirth - Novella	4
77	Quintino Duvard - Novella	4
78	Han d'Islandia - Romance de Victor Hugo	3
79	Alfama ou a Torre Velha de Castello de Goldheim	4
80	La vie de la Gargantua	3
81	Voyage autour du Monde	1
82	Pierre Leroux	1
83	Chemins de Fer	1
84	Cui Mannegim ou a astrologia	2
85	Diario das Camaras Municipaes	10
86	O Telmace	2
87	O Municipio e a descentralisação	1
88	Diccionario da lingua portugueza	2
89	Anuaes das sciencias, artes e bellas	6
90	Mapa de Portugal antigo e moderno	1
91	Historia de Portugal restaurado	3
92	La révolution actuelle de l'Espagne	1
93	Santo Evrengov	1
94	Memoires du Comte Belliard	2
95	Methodo facil de escripturar os livros	1
96	Historia e desenvolvimento das associações portuguezas	2
97	Comparação de Mineração Transalpina	1
98	Viticultura portugueza	1
99	Osso do lavrador	1
100	Procs de Philosophie Chimica	1
101	Le Rhin por Victor Hugo	2
102	Revue des deux Mondes	37
103	O Occidente de 1878 a 1889	12
104	Estudos economicos, historicos e juridicos sobre o Municipio de Monte Mór e Nov	2
105	Memoarias biographicas de Almeida Garrett	3

106	Oeuvres complètes de Melière	3
107	L'année scientifique et industrielle	2
108	Le Divin Comédie	1
109	Cours complet de Viticulture	1
110	Oeuvres politiques de Benjamin Constant	1
111	L'année scientifique et industrielle (2 années)	2
112	Cours de Philosophie Positive	6
113	Le Ramayana	2
114	Histoire de la Guerre du Péloponnèse	2
115	Oeuvres complètes de Lucien	2
116	Études sur les Réformations	2
117	Confucius et Mencius	1
118	Bible et l'Humanité	1
119	Théorie de la Propriété	2
120	Les Contes	1
121	Entretiens familiaux sur l'Hygiène	1
122	L'École par Jules Simon	1
123	La Pluralité des Mondes Habités	1
124	Discours sur les Révolutions du Globe	1
125	Les Nibelungen	1
126	De Pape	1
127	Mondes imaginaires et les mondes réels	1
128	Esprit et Matière - Réponse	1
129	Ap. de Lamartine - Antar	1
130	Journal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa	1
131	Notas de Hygiene para uso das Escolas Portuguezas	1
132	Theatre d'Eschyle	1
133	Les confessions d'un Révolutionnaire	1
134	Le Horan	1
135	Partilha Matural de João de Deus	1
136	Oeuvres complètes de Alphonse Karr	1
137	L'Instruction publique en Italie	1
138	L'Instruction publique en Allemagne	2
139	Oeuvres sociales	1
140	La Liberté Spirituelle	1

141	Geologia - Appréciation de système das couzas actuelles	1
142	Quinze semaines avec l'abbé J. Vane	1
143	Os amores de Dantaguan	1
144	Essais de Morale et d'Economie politique de Benjamin Franklin	1
145	Oeuvres complètes de Homère	1
146	Leçons de Philosophie	2
147	Compendium Philosophie	3
148	Essai sur l'Histoire des Religions	1
149	Essai sur la Mythologie Comparée	1
150	Prosas modernas para as escolas	1
151	Puccinella - por M. B. Samintine	1
152	Memoires de Benjamin Franklin	1
153	Correspondence de Benjamin Franklin	3
154	Os Mandamentos da lei de Deus	3
155	Thezaurus da sociedade Portuguesa	1
156	Récits des temps merveilleux	2
157	Estudos sobre economia politica por Ventura	1
158	Exercices et travaux pour les Enfants	1
159	Botanique - Histoire Naturelle	1
160	Leçons de Physiologie	1
161	Genie da Lingua Portuguesa por Fiani	2
162	Gommes ou l'Etat	1
163	Cartas escriptas da India e da China por Andrade	2
164	O Agricultor de morte de Portugal	2
165	Traité de la Vigne	1
166	Nouvelles Leçons sur la science de langage	1
167	Charles Darwin et ses quinquante Français	1
168	Exposition retrospective de arts ornemental	1
169	Meditations et Etudes Morales	1
170	Quæstões de Parai	1
171	A Associação	21
172	Oeuvres de Saint-Simon et d'Enfantin	3
173	Oeuvres complètes de Xenophon	2
174	Mystères de Paris	4
175	Cartas da Beira-Mar	2

176	Vida de D. Manuel	3
177	Municípios - M. Testud	1
178	Origens das Espécies - Darwin	1
179	Os Contemporâneos - Vasconcelles	1
180	Os vícios e os Mores dos animais	1
181	Physica elementar	1
182	Philosophia do Direito	1
183	Estudo sobre as Lezírias	1
184	O Caminho Humano	1
185	Os Commandamentos de l'Humanité	1
186	A Luneta - A Bengala de Baizac	1
187	História de France depois de 1789	7
188	Gemma	2
189	Vies dos homens illustres	12
190	Servos e Boyardes	2
191	Phigi - A Pichibicão	1
192	Pegadas do Fegre	1
193	Viagem de Garrett	2
194	Senhores de P. ^o Antonio Vieira	6
195	O Retrato de Vinus de Garrett	2
196	Peto - Obras de F. Rodrigues	4
197	Vagantes em Coimbra	2
198	Romanceiro de Garrett	3
199	Formas Mendes Pinto	4
200	Os Vícios e os Mores de G. Luc	2
201	História dos Girandolas - Carmartine	3
202	O Instituto	4
203	Histórias dos Progressos da Civilização em Europa	6
204	Obras de Bocage	7
205	Conquista da Índia	2
206	Vida de Frei Bartholomeu	2
207	História de Portugal	5
208	Os Quarenta e cinco	2
209	Os Portuguezes em Africa, Asia, America e Oceania	8
210	Madame de Staël	1

211	Madame de Staël (L'Allemagne)	1
212	História do Consulat - Thiers	1
213	História de la Conquête de l'Angleterre - Thiers	1
214	Exposição Universal de Viena	1
215	Chapentier	1
216	Curso de philosophia elementar por J. Alvis de Souza	1
217	Philosophie sensualiste	1
218	Tratado da educação physica dos meninos	2
219	Enos e quaccenitas da educação physica	1
220	Topffer. - Essai sur le beau dans les Arts	1
221	C. de Gramont	1
222	Manuel pratique d'instruction populaire	1
223	O Rei dos Reges	1
224	Estudos sobre a historia das instituições politicas	1
225	Philosophia de Kant	1
226	Los Reis Philosophes	1
227	Povoação Real em Espinhal	1
228	Impressões de Claustro	1
229	Navegação por Guimarães	2
230	Anna de Guerslein - A donzella de Mercurio	2
231	Obras do Marquez de Pombal	5
232	Murmure du diable	2
233	A Delphina de Mal	1
234	Mollinari - L'abbé de Saint Pierre	1
235	V. Cousin - Philosophie Germanique	1
236	Garrett - Camões	1
237	Eugene de Guérin	1
238	Os Companheiros de Vasco da Gama	1
239	Vinda da Índia para Portugal - C. P. Manuel Godinho	1
240	Ensaio sobre a historia do Governo e da legislação de Portugal	1
241	Historia Popular dos Papas	1
242	Guerra de Riga	1
243	O Novo testamento	1
244	Portugal na balança da Europa	1
245	Discursos parlamentares por Garrett	1

246	Direitos dos Operarios	/
247	Camões por Garrett	/
248	Flors sem Fructo	/
249	Mercopé Gil Vicente	/
250	Les Célibataires par Balzac	/
251	Alheios sociaes - O casamento e a mortalha no Ceu se talha	/
252	Odio de Casa	/
253	Philosophia por Traca	/
254	Les noites hespanholas por May	/
255	Memorias de epidemiologia portugueza	/
256	Falso - Guerra Drammatica	/
257	Ultimos dias de Pompeia	/
258	O Official de fortuna	/
259	Valões illustres	2
260	Castello - Camões	/
261	O conasco	2
262	Conspiração de Pernambuco	/
263	Diana de Lys	/
264	Antiquidades Romanas	/
265	Poesias de Goethe	/
266	L'Assujettissement des femmes	/
267	Primaveras Romanticas	/
268	Mysterios de Lisboa	2
269	As sabichonas	/
270	Quadracões da noite	/
271	Costumes dos Romanos	/
272	Choix d'oeuvres du Theatre Moderne	/
273	Não Bom Jesus de Monte - C. Castello Branco	/
274	Os elegantes d'outro tempo	/
275	A Rainha das hiencheiras	/
276	Historia Brasileira	/
277	Les Chinois	/
278	Levi Jean Ephraïme et L'Empereur Napoléon	/
279	Particos por José da Silva Mendes Leal Junior	/
280	O Casamento Civil	/

281	Quebrações poeticas	1
282	Vida de D. João de Castro	1
283	Parahia de Dicion	1
284	Gamma - Poema	2
285	Poesias de Nicolau Tolentino de Almeida	2
286	Obras de Luiz de Camões	3
287	Obras de Gil Vicente	3
288	Obras de Francisco de Moraes	3
289	Obras de Francisco de Andrade	1
290	A Confederação dos Tamoyes	1
291	Providencia por Augusto Lammonte	1
292	Resquejo Historico-Poetico por Ant. José Vieira	1
293	Adelina e Mauricio	2
294	Raphael por A. Spanartine	1
295	Henrique e Leonor	1
296	Virgima ou Roma no Templo de Nero	1
297	A Fuma de Inferno	1
298	Compendio de Genealogia	1
299	Romances de Voltaire	1
300	A Fada - Poema de amor	1
301	Musie des familles	30
302	Histoire de la Revolution por Jules Clautier	1
303	Histoire des Proletaires por G. G. G.	1
304	Avontures du Baron de Munchhausen	1
305	Histoire de la Revolution Francaise	2
306	Histoire Universal de C. Carter	2
307	Diccionario Popular de Termino das Chagas	7
308	Historia de Portugal por A. Herculano	4
309	O Novo Testamento de Jesus Christo	1
310	Roma e Trabalho ou paninha	1
311	O Respicado por G. Castello Branco	1
312	Mysterios de Lisboa por G. Castello Branco	3
313	Libro Negro de P. e Diniz	1
314	O Sangue	1
315	Estrellas quaqueras	1

316	A Meta de Arredio por C. Castello Branco	/
317	O Esqueleto	/
318	Virgancia	/
319	A Enigmitada	/
320	A Mulher Fatal	/
321	Os Brilhantes do Brazilero	/
322	Onde está a Felicidade?	/
323	Vinte horas de Leticia	/
324	Lagrimas Abencoadas	/
325	Memorias de Carcere	/
326	A Filha do Regicida	/
327	O Bem e o Mal	/
328	Anathema	/
329	O Senhor do Poco de Mirões	/
330	Estrellas funestas	/
331	A Filha do Vincto Negro	/
332	O Santo da Meritarcha	/
333	A Filha do Arredio	/
334	O que fazem mulheres	/
335	Anos de Rosa	/
336	Apulha em patheio	/
337	O Judeu	/
338	Coms elementares de Topographia	/
339	Poesias de Antonio Jose Maria de Camargo	/
340	Lagrimas e thymos por Luiz A. Rebelo da Silva	/
341	Historia de Napoleão	/
342	Christina por Luiz Enault	/
343	Cinco de uma Rainha	/
344	Os Enigmitados por Antonio Ennes	/
345	Compendio de Grammatica Portuguesa por Maccido	/
346	O Senhor do Poco de Mirões por C. Cas. Branco	/
347	Nadige por Luiz Enault	/
348	Grammatica elementar da lingua latina	/
349	Obras de Antonio Feliciano de Castilho	/
350	Deus dispõe por Alexandre Dumas	/

51	História das Poesias Populares por Theophilo Braga	1
52	História secreta do Gabinete de Napoleão Bonaparte	1
53	Os Ingleses em Inglaterra	1
54	A Virgem Guarnicida por J. Chagas	1
55	As Nova Cruzadas	1
56	Os Desposados da Morte pelo Visconde de Arincourt	1
57	O Conselho Económico das Famílias	1
58	Estudias jurídicas por C. C. Branco	1
59	Almanach do Cultivador para 1871	1
60	Os Dramas de Nova-York	1
61	Cours d'Histoire Moderne par Guizot	1
62	Conversações da Aldeia por Timon	1
63	A Paroquia Recordações de viagem por Marcos Pinto	1
64	A Camara e Governo da Natural Villa de Vianna	1
65	Le roman de Chagrin par Balzac	1
66	Les questions Religieuses	1
67	Quelicação! - Comedia em 3 actos	1
68	Uma Incessura - Comedia em 1 acto	1
69	A Fenix renascida em obras poeticas	2
70	História da Sibilla por Octave Feuillet	1
71	Compendio historico de Doutrina Christa	1
72	Eugenio Grandet par Balzac	1
73	Relatorios dos Consules de Portugal a cerca do commercio	1
74	Manifesto dos Direitos de D. Maria II	1
75	Relatorios do Cabo Verde, Mecanico e India	1
76	Syndicancia ás obras publicas de Faro	1
77	Caminho de ferro do Douro	1
78	Contas do Ministerio do Reino 1877-1878	2
79	Propostas de lei apresentadas ás Camaras em Janeiro de 74	1
80	Relatorios das Provincias Ultramarinas	1
81	Actas da Camara dos Deputados em sessão de 1878	1
82	Syndicancia ás obras da Penitenciaria 1878	1
83	Relatorio do Ministerio da Fazenda 1878	2
84	Negocios externos - Sessão de 1877	3
85	Discursos a cerca da Amunicação do Açul d'Agua 1880	1

386	Princípios de Lógica - Anno lectivo de 1868-1869	1
387	Exposição Districtal de Coimbra	1
388	Relatório de Marinha e Ultramar 1875	1
389	Anuaes Agricolas do Porto	1
390	Justa Desaffronta em defesa do Clero	1
391	Discursos de D. ^o Bayão de Souza Pinto - Deputado	1
392	Discursos de Vozes Unidas em 1880	2
393	Discursos do Conde de Casal Ribeiro em 1879	1
394	Vida Publica do Novo Bispo de Angra 1872	1
395	Sumário da Bulha de Santa Cruzada	1
396	Revista Occidental	3
397	As concessões da Gambegia - Discursos de D. ^o F. F. Laranjeira	1
398	Relatório da Santa Casa de Lisboa em 1871	1
399	Viagens Maravilhosas - J. Verne (A volta do Mundo 80 dias)	1
400	Aventuras do Capitão Hatteras - J. Verne	2
401	Viagem ao Centro da Terra de J. Verne	1
402	Poemas e Letricas	2
403	Memorias da Academia Real das Sciencias	1
404	Actas das Camaras dos Paes e Deputados 1835 e 1836	2
405	Chronica das Grunitas da Serra d'Osia	1
406	C. Corneli - Taceto - Opera	3
407	Garoka - Gimmé	2
408	La maison rustique	3
409	Cracoue Tunies - Promerces	1
410	Carolia Gimmé - Systema Naturae	2
411	Histoire des variations des Eglises Protestantes	1
412	Processo do Tenente-General Manuel de Brito Mourinho	1
413	Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa Oriental por Xavier Botelho	1
414	Instituições da Economia Politica	1
415	Essau de Jérome Bentham	1
416	Haytian Papers	1
417	Memorias Economicas	3
418	Poemas Lusitanos de D. ^o Antonio Ferreira	1
419	Contes Moraux	1

430	Leçons de Littérature	2
431	Ouvres de M. Thomas	1
432	Sermões de R. P. Coffroy	1
433	Arte de Furtar - De P. V. Antonio Vieira	1
434	Obras de M. Gochin	1
435	Systema Britannico de educação	1
436	Estudo sobre a historia das Instituições Politicas	1
437	Exercícios Espirituaes e Meditações da Via Purgativa	2
438	Dictionnaire Historique Portatil	2
439	Vida de D. Nuno Alvar Pereira	1
440	Parque dos Contemplativos	1
441	Exame Critico e Historico de Livro dos Martyres de Fox	1
442	Memorias dos reis de Portugal	1
443	Memorias dos Grandes de Portugal	1
444	Nova Floresta	3
445	Palmeirim de Inglaterra	2
446	Memorias da Litteratura Portuguesa	2
447	Exercícios Espirituaes e Meditações	1
448	Commentaires sur l'Esprit des Loix de Montesquieu	1
449	Historia de Palmeirim d'Inglaterra	1
450	Gasparistas do Diabo	1
451	Les deux livres de Saint Agostinho	1
452	Revisão da historia politica de Portugal	1
453	Mathilde por Eugenie Sue	4
454	Cão velho não cança	1
455	Dois hericos de portuguezas	1
456	Tecnologia Rural	2
457	Decada Epistolar sobre el estado de las letras	1
458	Aventuras de Telemaco	1
459	Histoire de la Civilization en Europe	1
460	Historia de Portugal por M. de la Rade	1/2
461	Addeitamento ao 6.º volume da obra com o titulo de collecção de receitas e segredos particulares	1
462	Archivo Popular	2
463	O Archivo Pictresco	2
464	O Visconde de Brangeloni	1

- 455 Oeuvres Complètes de Frédéric Bastiat
- 456 Destinée Sociale
- 457 Discours Populaires
- 458 Le Gouvernement Représentatif
- 459 Histoire Universale
- 460 Hercyniada - Poème Epique de Voltaire
- 461 Discursos de Manuel Severino de Faria
- 462 A Roda da Lua por J. Verne
- 463 Etudes de la Nature par Bernardin de Saint Pierre
- 464 Xavier de Montepin - A Morte Viva
- 465 Dramas do Tribunal de Justiça
- 466 O Abito de Paris
- 467 As Mil e uma noites
- 468 Les Anglais au Pôl Nord J. Verne
- 469 Le Desert de Glace
- 470 A Monte Maldita
- 471 O Tio Papola
- 472 Burras e o Assassino
- 473 Um Divorcio
- 474 As Costureiras
- 475 Les Mystères de Londres
- 476 Histoire de Mathématique
- 477 Histoire de Botanique
- 478 Histoire de la Zoologie
- 479 O que é e o que deve ser a Instrução Nacional
- 480 O Cravo Encarnado
- 481 Fragmento Politiques
- 482 A Pecadora
- 483 Oridio e Castilho - Os Fatos
- 484 Catalogo Official da Exposição de Porto em 1865
- 485 Les merveilles de la Chimie
- 486 Theoria Geral da Emigração
- 487 Jeanne - Nouvelle Edition
- 488 Les Galanteries de la Cour de Louis XV
- 489 Les Monitres du Roi

490	Les Galanteries Luiz XV - La Regence	1
491	Um passio de sete mil leguas - Cartas a um amigo	1
492	La Russie au Soleil	1
493	O Casal das Giestas	2
494	A Natureza - Poema de José Agostinho de Macedo	1
495	Les grandes Gites de l'Orient - Americain	1
496	Les Civilisations inconnues	1
497	Le Monde Marche	1
498	Les Chatiments par Victor Hugo	1
499	Anuaes das Sciencias, das Artes e das Lettras	16
500	A Agua - Compulacao dos principaes elementos de geologia	1
501	Principios gerais de Mineralogia e Geologia	1
502	Resposta ao Sr. Simão José da Silva Sarmento	1
503	Poema Epico de José Agostinho Macedo	1
504	Virgem Estatica do Templo da Sabedoria - Poema	1
505	A Meditação por J. A. de Macedo	1
506	Codigo Administrativo de 1842	1
507	Estudo sobre o plano invariavel do systema solar	1
508	Catalogo geral e descriptivo das plantas	1
509	Palavras de D. Pedro V	1
510	Finie Sanitaire - Principes techniques	1
511	Torquim de um Conselho	1
512	Germano - Drama em cinco actos (em verso)	1
513	Das Emigrações em geral e em especial	1
514	Theatro de José Luiz da Graça Matta e Moana	1
515	Considerações sobre a Orthographa Portuguesa	1
516	Le Utilitarisme	1
517	Arabesces - d'igo Billiard	1
518	Estudos sobre o Amyde Animal	1
519	O Phantasma Francez	1
520	A minha Lyra - Manuel dos Santos Marques	1
521	Reveries Scientifiques	1
522	Scenes de la vie de bohème	1
523	Conscience de l'Innocent par A. Dumas	1
524	Opère Bell' Abate - Melchior Cesarotti	5

525	Les France et les Fractis de Commerce	/
526	Almanak illustrado d'el Labrador e del Canadano	/
527	Descrição minuciosa do Monumento de Mafra	/
528	Les Colonies Portugaises	/
529	Observações sobre os Estados actual do quinho das Actes	/
530	Estudos Anatomica - Pathologia Geral por D. J. A. Serrano	/
531	Questões de Hygiene e Agricultura	/
532	Os Dragões de Luiz XIV	/
533	Dos Hyosts Hydatios de Fígado	/
534	Seleção Portuguesa por Franc. Martins d'Andrade	/
535	La Republique	/
536	Ville flottante por J. Verne	/
537	Homens e Letrados - Galeria de Poetas Contemporaneos	/
538	Geologia - Estado sobre as Geleiras actuaes	/
539	Das angicões Putra - venenosas de Chloral	/
540	Tratado de Vinificação para vinhos gemunos	/
541	La science du langage	/
542	Conseilles aux Meus	2
543	Projecto de Lei de 1882	/
544	Diario das Sessões das Camaras Legislativas de 1885	/
545	Benjamin Constant - Adolphe - Anecdotes	/
546	W. ou Carnaval de Paris	/
547	Odio de Bambers	2
548	Os Homens da Cruz Vermelha	3
549	Quintino Durward	2
550	Tabela ou a Guerra das Catacumbas	/
551	As noites do Boulevard	/
552	Etudes philosophiques - Les Marana	/
553	Romance d'uma Duquesa	/
554	Scenes de la vie juivite - Memoires de deux J. Marim	/
555	O Homem das Multidões	/
556	Os Dramas de Nova-York	/
557	Os Crime da Rua Marlot	/
558	Fingal - Poema em seis cantos	/
559	Les deux Bretons	3

560	O Leuvar da Barba Azul	3
561	Bris-a-brac	10
562	O Tributo das cem donzellas	2
563	Os Descendentes de Loredano	2
564	Aventuras d'um Quavo	2
565	As Castellãs	2
566	Le Magnifiqueur	/
567	Le Château de Pucier	2
568	Les Mendiants de la Mont	/
569	O Oriente	/
570	Les Galanteries de la cour de Luiz XV	/
571	Os Elegantes d'outro tempo	/
572	O Homem da Meia Noite	/
573	Abraham Lincoln	/
574	Le Compiere Liroune	2
575	Sur Catherine de Medicis	/
576	Les vivans de Paris	/
577	Poesias de M. ^a Adelaide Fernandes Braga	/
578	Dramas do Tribunal de Justica	/
579	André Le Lavoyard	/
580	Instituto Industrial e Commercial de Lisboa	/
581	Dictionario chorographico de Portugal	/
582	Le menuer des temps	/
583	Le fin du Monde	/
584	O Capitão Paulo	/
585	Museu - Museu Carnaval de Paris	/
586	Quintino Duval	/
587	Le Compiere Liroune	/
588	Noções elementares sobre a cultura das Amoreiras	/
589	Sonnetes do Padre Antonio Vieira	/
590	Maria Rosa - Poetica pelo Padre Ant. ^o Vieira	/
591	O Agricultor do Norte de Portugal	54
592	Guia do Agricultor da Ilha de S. Thomé	/
593	A Theoria Mineral da nutricao das plantas	/
594	A Luzerna e sua cultura	/

595	Resumo da Historia da Geographia	1
596	Memoria Hydrophobia Galica	1
597	Companhia da Mina da Telhada	1
598	Relatorios sobre as Escolas Industriais	1
599	Quadros da Moeda Romana	1
600	Principios elementares da musica e canto ecclesiastico	1
601	Elementos de Geographia e Chronologia	1
602	O Applo de Serra Leoa da Esplanada de Castello de Vide	1
603	Os nervos, Vasos motores, Jov. F. A. Senanno	1
604	Museu Technologico	1
605	O Amigo do Estudo - Jornal bi-mensual	1
606	Quindino Intuitivo	1
607	Reliquias da Architectura Romano-Byzantina	1
608	Os Servios dos Homens - Discurso dirigido a um jovem	51
609	Manifestos - Folhetos etc.	131
610	Elementos de Grammatica Portuguesa	4
611	Bosquejo - Historico - Poetico	3
612	Quadro de Educacao de yezos antigos e modernos	1
613	Observacoes sobre a Carta Constitucional	1
614	Livros das Inscripcoes de Roma	2
615	Cathalogo dos Livros de Gremio	3
616	Livros de retirada dos livros ou obras entradas das mezinhas	2
617	Quadros de paredes	4
618	Regulamento do Gremio	1
619	Livro em branco	1
620	Dito das actas	2
621	Prezas sendo uma de yie de gallo	3
622	Uma estante dividida em cinco partes (para livros)	1
623	Uma dita	1
624	Commodas com tres gavetas cada uma pertencentes ao refeitório	2
625	Gadeiras com assento de palhinha	25
626	Uma canje	1
627	Bancos de madeira	5
628	Gadeiras	3
629	Curinol	1

620 Finteiro de fogo com dois depósitos de vidro

621 Candeeiros

622 Lanternas.

1
3
20

Castello de Vide 4 de Setembro de 1899.

O Presidente do Gremio

José Frederico Laranjo.

ANEXO V – **Catálogo** (Grémio Ilustração Popular – Dr. Frederico Laranjo Inventário de 1899)

Nº no Inventário	Dados da Obra	Local de Pesquisa (online)	Língua de Edição	Existente	Desaparecida
1	História Universal Millot, Abade (traduzido por J.J. B) Typografia Rollandiana, Volume II Lisboa, 1802 Volume III/Volume IV – 1883		Português	X	
2	Histoire de L'Eloquence Latine Cucheval, M. Victor Librairie Hachette e Cie Paris, 1872 Volume I		Francês	X	
3	Luís Quinze Dumas, Alexandre Meline, Canse et Compagnie Bruxelles Volume I – 1849 II – 1850 IV – 1850		Português	X	
4	Da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal Herculano, Alexandre Imprensa Nacional Lisboa Volume I – 1854 Volume II – 1855 Volume III – 1859		Português	X	
5	O Arco de Sant'Ana Garrett, Almeida Typographia de Costa Sanches	Porbase BNP	Português		X

	Lisboa, 1868				
6	O visconde de Bragelonne Dumas, Alexandre Luiz Correa da Cunha Lisboa, 1856 Volumes VII /IX Igual ao 454		Português	X	
7	Catão Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Imprensa Nacional Lisboa, 1845	Porbase BNP	Português		X
8	Geographia astronómica ?		Português		X
9	Miniaturas Crespo, António Cândido Gonçalves Imprensa da Universidade Coimbra, 1871	Porbase BNP	Português		X
10	Novellas Verga, G. Imprensa Nacional Lisboa, 1882		Português	X	
11	Arithmetica Universal Margiochi Francisco Simões Imprensa Nacional Lisboa, 1869	Porbase BNP	Português		X
12	Bulletin de la Société Académique indo-chinoise Société Académique indo-chinoise Mis de Croizier (directeur) Paris: Au siege de la société I – 1881 II – 1882 III- 1884/1890	Gallica BNF	Francês		X
13	Oeuvres complètes de Lord Byron Laroche, Benjamin (traduzido) Charpentier Paris, 1841	Openlibrary	Inglês		X

14	Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina nos cem annos decorridos Mirabeau, Bernardo António Serra de Imprensa da Universidade Coimbra, 1873	Porbase BNP	Português		X
15	Instituições Christãs – revista quinzenal religiosa, scientifica e litteraria:Órgão da Academia de Santo Thomaz D`Aquino Silva, António José da (director) A.S.T.A. Coimbra, 1883 – 1892	Porbase BNP	Português		X
16	Memoria histórica da Faculdade de Philosophia Carvalho, Joaquim Augusto Simões de Imprensa da Universidade Coimbra, 1872	Porbase BNP	Português		X
17	Memoria Histórica da Faculdade de Mathematica Freire, Francisco de Castro Imprensa da Universidade Coimbra, 1872	Porbase BNP	Português		X
18	Esboço Histórico – Literario da Faculdade de Theologia Veiga, Manuel Eduardo da Mota Imprensa da Universidade Coimbra, 1872	Porbase BNP	Português		X
19	Annaes Agricolas do Distrito de Portalegre Conselho de Agricultura Distrital (7º ano) Typ. de F. C. Sanches Portalegre, 1886		Português	X	
20	A casa dos Fantasmas Silva, Luiz Augusto Rebello da Typ. da Gazeta de Portugal		Português	X	

	Lisboa, 1866 Volume II Volume I – 1865				
21	Collecção de receitas e segredos particulares – necessários para o tintureiro e para a maior parte dos artistas, manufacturas, officios e outros diferentes objectos Lucio, João Bptista Tomo IV Typ. da viúva J. A. da S. Rodrigues Lisboa, 1844	Porbase BNP	Português		X
22	Fradesso – Estudos – Ensino Primario da Belgica Silveira, Joaquim Henriques Fradesso da Imprensa Nacional Lisboa, 1872		Português	X	
23 ?	Quadros históricos de Portugal Castilho, António Feliciano Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis Typ. da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis Lisboa, 1838	Porbase BNP	Português		X
24	Leituras Populares, Instructivas e Moraes – Colligidas para as escolas primarias Aranha, Brito Rollando e Semiond Editores Lisboa, 1872	Porbase BNP	Português		X
25	Grammatica Portugueza Silva, António de Moraes Typ. de Silva Porto e Comp. Rio de Janeiro, 1824	Porbase BNP	Português		X
26	Medicina domestica Bibliotheca Popular Editores – Proprietários		Português	X	

	Lisboa, 1870				
27	O vocabulário de verdades Lallement Frères Lisboa, 1870 Colecção Bibliotheca Popular	Porbase BNP	Português		X
28 ?	Agricultura (L'agriculture)? Marillier, Clément – Pierre 1770 a 1800?	Porbase BNP	Português		X
29 ?	Geographia (La géographie ?) Marillier, Clément – Pierre Rivet, P. N. 1770/1800?	Porbase BNP	Francês		X
30	Hygiene Bibliotheca Popular Editores – proprietários Lisboa, 1870		Português	X	
31	Contos do Tio Pedro ou uma viagem às cinco partes do mundo Colecção Biblioteca Popular Lallement Frères Lisboa, 1871	Porbase BNP	Português		X
32	Noções gerais sobre o direito das gentes Lobo, António da Rosa Gama Typ. Revista Universal Lisboa, 1853	Porbase BNP	Português		X
33 ?	A Economia Social Christã e a sua interpretação dos direitos e deveres do capital e do trabalho – Conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa em 18 de Maio de 1895 José Capelo Franco Frazão Garcia, Penha Lisboa, 1895	Porbase BNP	Português		X
34	Direitos e deveres do cidadão Maiby, Abade de	Porbase BNP	Português		X

	Imprensa Nacional Lisboa, 1821				
35	Les contemporains portugais et espagnols et brésiliens Vasconcelos, A.A. Teixeira de Typ.Guiraudet Paris, 1859	Porbase BNP	Francês		X
36	Physique Francolin, Gustave Bureaux de la publication Paris 1871 Volume 1 Colecção “L’école mutuelle, Cours complet d’éducation populaire”		Francês	X	
37	Encyclopedia Popular Telles, João José de Sousa Typographia Universal de Thomaz Quitino Antunes Lisboa Volume II – 1867 Volume III – 1867 Igual ao 60		Português	X	
38	Georgicas Portuguezas Albuquerque, Luiz de Silva Mouzinho de Officina de Bebêe Paris, 1820		Português	X	
39	De l’ignorance Robert, Charles Librairie de L. Hachette et Cie Paris, 1867 Colecção Conferences Populaires		Francês	X	
40	Aperçus sur les procédés Industriels: Urgence de L’organisation Sociétaire Muiron, Just	Gallica BNF	Francês		X

	Bureau de la Phalange Paris, 1840				
41	Les colonies Portugaises – Court exposé de leur situation actuelle Imprimerie Nationale Lisbonne, 1878 Igual ao 528		Francês	X	
42	Elementarial, Rethorical institutiones Figueredo , A.Cardoso Borges de Typis Academis Conimbrical, 1852 Volume II		Latim	X	
43	De la capacité politique des classes ouvrières Proudhon, Pierre – Joseph (nouvelle éd) Librarie Internationale Paris, 1868	Gallica BNF	Francês		X
44	História da Polónia: desde o seu começo Correia, Hermenegildo Lisboa, 1864 – 1865	Porbase BNP	Português		X
45	A invenção dos aeróstatos reivindicada- Exame crítico das notícias e documentos concernentes às tentativas aeronáuticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão Simões, Augusto Filipe Typ. do Sul Évora, 1868	Porbase BNP	Português		X
46	Memoires de Luther Livre III,IV e V Michelet, M Meline, Cans et Compagnie Bruxelles, 1840 Volume I, II		Português	X	

47	Chefs d'oeuvres (obras primas) Corneille, Pierre Éd. Stérototype Paris, 1799	Gallica BNF	Francês		X
48	Oeuvres de Crébillon Crébillon Londres, 1785 Volumes I, II e III		Francês	X	
49	Petite histoire Romaine Duruy, Victor Librarie Hachette et C.ie Paris, 1872		Francês	X	
50	Petite Histoire des Temps Modernes Duruy, Victor Librairie Hachette Paris, 1882 Coleção Petit Cours d'Histoire Universelle	Gallica BNF	Francês		X
51	Petite histoire ancienne Duruy, Victor Lib. Hachete Paris, 1888 Coleção Petit Cours d'Histoire Universelle	Gallica BNF	Francês		X
52	Palestras familiares sobre Protestantismo- d'Hope em Defesa do Catholicismo S. TYP. Lisboa, 16?	Porbase BNP	Português		X
53	Vie de Notre Seigneur Jesus Christ Duruy, V. Librarie de la Hachette et Cie Paris, 1864		Francês	X	
54	Des premieres transformations historiques du Christianisme	Gallica BNF	Francês		X

	Coquerel, Athnase Josué Librairie Gremer – Bailliére et Cie Paris, 1880				
55	Le matérialisme contemporaine en Allemagne Janet, Paul Germer Bailliére Paris, 1864		Francês	X	
56	Bibliothèque Utile Librairie Pagnerre Paris Léon – 187? (1) Bartide, Jules – 187? (2) Galibert, Leneveux, H – 187? (3) Bondoio, Paul – 188? (4) (1) L’Espagne et le Portugal depuis l’invasion (2) Luttas religieuses (3) Paris Municipal: ses services publics et ses ressources financières (4) L’Europe contemporaine depuis 1789 jusqu’a nos jours. (Nota: são cerca de 67 volumes da coleção)	Gallica BNF	Francês		X
57	Ruy Blas Hugo, Victor David Corazzi Lisboa, 1881 (Traduzido por Bulhão Pato)	Porbase BNP	Português		X
58	Fables La Fontaine Bureaux de la Pùblication Paris, 1868 – Volume II 1866 – Volume I		Francês	X	
59	Les aventures du dernier Abencerage		Francês	X	

	Atala, René Chateaubriand, le visconte de Chez Ledentu Paris, 1834				
60	Encyclopedia Popular Telles, João José de Sousa Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes Lisboa Volume II – 1867 Volume III – 1867 Igual ao 37		Português	X	
61	Os Centenários como syntese affectiva das sociedades modernas Braga, Teófilo Typ. de A.J. da Silva Teixeira Porto, 1884	Porbase BNP	Português		X
62	L'Allemagne Contemporaine Dixon, Hepworth (traduzido por Barber, Edward) Germer Baillière Paris, 1872	Gallica BNF	Francês		X
63	La Suisse Contemporaine Dixon, Hepworth (traduzido por Barber, Edward) Germer Baillière Paris, 1872	Gallica BNF	Francês		X
64	Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal de 1807 à 1814 Sarrazin, M.; Lapie, Pierre J. G. Dentu Paris, 1814		Francês	X	
65	A hóstia de oiro: poema herói – cómico Dias, J. Simões M. d'Araújo e Silva Elvas, 1869	Porbase BNP	Português		

66	O mundo interior Dias, J. Simões Imprensa da Universidade Coimbra, 1867		Português	X	
67	Les Foyers du peuple Lamartine, A. de Michel Levy Frères Paris, 1866	Gallica BNF	Francês	X	
68	Les droits de l'homme Pelletan, Eugène Pagnerre Paris, 1858	Gallica BNF	Francês		X
69	Enseignement et philosophie Tiberghien, G. Gustave Mayolez Bruxelles, 1873	Gallica BNF	Francês		X
70	Tout par le travail Leymarie, M. A. Librarie de Guillonmère et Cie, Libraries Paris, 1857		Francês	X	
71	Instrucçam sobre a cultura das amoreiras e criação dos bichos da seda Bluteau, Rafael Officina de Joam da Costa Lisboa, 1679	Porbase BNP	Português		X
72	L'olivier Riondet, Alexis Librarie Agricole de la maison rustique Paris, 18??		Francês	X	
73	Elementos de lógica Balme, Jaime Typographia Universal Lisboa, 1861		Português	X	
74	Odes Pindaricas		Português	X	

	Silva, António Dinys da Cruz e T. C. Mansard, Peterboro – Count Londres, 1820				
75	Constituição política da monarchia portuguesa Autores: Portugal Imp. Nacional Lisboa, 1822	Porbase BNP	Português		X
76	Kenilworth – novella Walter, Scott Richard Butterworth London, 18?	Porbase BNP	Inglês		X
77	Quintino Duvar – novella Scott, Walter (Trad. por A. J. Ramalho) Typ. da Soc. Propag. dos Conhecimentos Úteis Lisboa, 1838 – 1839	Porbase BNP	Português		X
78	Han, d’Island Hugo, Victor Typographia Rollandiana Lisboa, 1844 Volumes I, II, III	Porbase BNP	Português		X
79	Alexina ou a torre velha do Castelo de Holdheim M. F. F. S. V. Typographia Rollandiana Lisboa, 1882		Português	X	
80	La vie très horrible du grand Gargantua Rabelais, François Paris, 1534 (Adaptado por Rat, Maurice) 1832, 1883	Gallica BNF	Francês		X
81?	Voyage autour du monde Beauvoir, Conde de Henri Plon	Gallica BNF	Francês		X

	Paris, 1869 / 1870 Ou Voyage autor du monde Urville, J. Dumont d' Furne Paris, 1848				
82	Pi��re Lerouse (Leroux) Mirecourt, Eugene de Gustave Havard Paris, 1856 Colec��o Les Contemporains	Gallica BNF	Francês		X
83	Les Chemins de fer Delmer, Louis Schleicher frères Paris, 1899 Colec��o Les livres d'or de la science	Gallica BNF	Francês		X
84	Gui Mannergin ou o astrólogo Uma Sociedade – traduzido por M. A. da Silva Typografia de G. M: Martins Lisboa, 1842 (Romances de Sir Walter Scott)		Português	X	
85	Diário das Câmaras Hespanholas: diário de Badajoz; Diário de Barcelona Aparício, António (dir.) Barcelona, 1792 Badajoz, 1808	Porbase BNP	Português		X
86	Aventuras de Telemaco, filho de Ulisses Academia Real Lisboa, 1765 Volume I Igual ao 448		Português	X	
87	O município e a descentraliza��o Figueiredo, Candido de		Português	X	

	Imprensa da Universidade Coimbra, 1872				
88	Dicionário da Língua Portuguesa Silva, António de Moraes; Bluteau, Rafael C.R. ; Ferreira, Simão Tadeu Officina de Simão Thaddeo Ferreira Lisboa, 1789	Porbase BNP	Português		X
89	Annaes das Sciencias, Artes e Letras Constâncio, Francisco Solano Paris, Julho de 1818 a Abril de 1822 (Traduzido por Queirós, Francisco Fontenato Centro de História da Universidade do Porto)	Porbase BNP	Português		X
90	Mappa de Portugal antigo, e moderno Castro, João Baptista de Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno 3 volumes Lisboa, 1762/1763	Porbase BNP	Português		X
91	Historia de Portugal restaurado Ericeira, conde da; Moraes, Luís de; Rodrigues, Domingos Officina de Domingos Rodrigues Lisboa, 1751	Porbase BNP	Português		X
92	De la révolution actuelle de l’Espagne et de ses suites Pradt, Dominique Dufour de Perreneau Paris, 1816	Gallica BNF	Francês		X
93 ?	Sermão Apostolado da oração Tipografia Lusitana Braga, 1894	Porbase BNP	Português		X
94	Memoires du Conte Belliard Belliard, Augustin – Daniel, etc	Gallica BNF	Francês		X

	Berquet et Pétion Paris, 1842				
95	Methodo fácil de escripturar os livros por partidas simples e dobradas... Dégrange, Edmond; Porto, Manoel da Silva A.M. Pereira Lisboa, 1881	Porbase BNP	Português		X
96	A associação - Historia e desenvolvimento das associações Portuguezas Goodolphim, José Cypriano da Costa Typographia Universal Lisboa, 1876 Igual ao 171	Porbase BNP	Português		X
97	Estatutos / Companhia de Mineração Transtagana (fundada em 1863) Companhia de Mineração Transtagana Typ. Franco – Portuguesa Lisboa, 1863	Porbase BNP	Português		X
98	Breve noticia da Viticultura Portuguesa ou resumo dos esclarecimentos indispensáveis para se avaliar a colecção dos vinhos de Portugal apresentados na Exposição internacional de 1874 em Londres Imprensa Nacional Lisboa, 1874	Worldcat	Português		X
99	O livro do lavrador: 1ª parte Aguiar, António Augusto de; Corvo, Andrade (co – autor) Lisboa, 1874	Porbase BNP	Português		X
	Lições de Philosophia Chimica Carvalho, Joaquim Augusto Simões de	Porbase BNP	Português		X

100	Typografia da Rua da Mathematica Coimbra, 1850				
101	De Rhin – Lettres a un ami Hugo, Victor Jules Renouard et Cie Paris, 1845 Volume I,III		Francês	X	
102	Revue des deux mondes Tome 7, 8, 9, 10, 11, 12,13 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20... 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48 Paris 7,8,9 – 12) 1875 13 – 18) 1876 19 – 24) 1877 25 – 30) 1878 31 – 36) 1879 37 – 41) 1880 44 – 48) 1881 Bureau de la revue des Deux Mondes Paris,1875		Francês	X	
103	O Occidente: Revista ilustrada de Portugal e Estrangeiro De 1878 a 1889 Mercês, António das, ed. com. Lallement Frères Lisboa, 1878 – 1915	Porbase BNP	Português		X
104	Estudos económicos, históricos e jurídicos sobre o Município de Montemor – o – Novo Correia, José Hilário de Brito Imp. Litteraria Coimbra, 1873	Google	Português		X
105	Garrett- Memorias biographicas Amorim, Francisco Gomes de Imprensa Nacional	Google	Português		X

	Lisboa, 1881				
106	Oeuvres complètes de Molière Molière Librarie de L. Hachette et Cie Paris, 1869 Volume I,II		Francês	X	
107	L'année scientifique et industriel E. Figuiet, Louis Hachette Paris, 1857 (1e année) – 1913 (56e année) Igual ao 111	Google	Francês		X
108	La Divine Comédie Dante, Alighicri; Fiorentino, Pier Argelo Verda Paris, 1855	Porbase BNP	Francês		X
109	Cours complet de viticulture Gustave, Foex Typ. et lith. Boehm et fils Montpelier, 1886	Porbase BNP	Francês		X
110	Oeuvres politiques de Benjamin Constant Constant, Benjamin; Louandre, Charles Charpentier et Cie Paris, 1874	Worlcat	Francês		X
111	L'année scientifique et industriel E. Figuiet, Louis Hachette Paris, 1857 Igual ao 107	Google	Francês		X
112	Cours de Philosophie Positive Comte, Auguste J. B. Baillié et fils, ?, 1869 Volume VI		Francês	X	
113	Le Ramayana		Francês	X	

	Valmiki Lecroix, Verboe Ckhoven et Cie Paris, 1864 Volume II				
114	Histoire de la Guerre du Péloponnèse Thucydide Charpentier Paris, 1869 Volume I		Francês	X	
115	Oeuvres complètes de Lucien de Samosate: trad. nouvelle avec une introd. et des notes par Eugène Talbot Lucianus, Samosatensis Hachette Paris, 1866	Worldcat	Francês		X
116	Études sur les réformateurs Reybaud, M. Louis Guillaumin et C.ie Paris, 1864 Volume II		Francês	X	
117	Confucius et Mencius – les quatres livres – De Philosophie Morale et Politique de la Chine Pauthier, M.G. Charpentier, Libraire –Éditeur Paris, 1858	Gallica BNF	Francês		X
118	Bible de L’humanité Michelet, J. F. Chamerot Paris, 1864		Francês	X	
119	Theorie de la Propriété Proudhon, P.J.- 2e éd Librairie International Paris, 1866	CRUE Red de Bibliotecas Universitarias Catálogo Rebiun	Francês		X
120	Les Couloisses du Monde – L’Héritage – Centenaire	Gallica BNF	Francês		X

	Ponson du Terrail; Pierre Alexis de Baudry Paris, 1852				
121	Le docteur au village, entretiens familiaux sur l'hygiène Meunier, Hippolyte L. Hachette Paris, 1869 / 1870	Gallica BNF	Francês		X
122	L'Ecole / par Jules Simon Simon, Jules Librairie Hachette et Cie Paris, 1894	IPP Politécnico do Porto	Francês		X
123	La pluralité des mondes habités Flammarion Didier Paris, 1877	Worldcat	Francês		X
124	Discours sur les Revolutions du Globe Georges Cuvier, Baron Firmin – Didot Paris, 1867	Worldcat	Francês		X
125	Les Nibelungen historiques et leurs alliances de famille Latrie, Louis Paris, 1889	Gallica BNF	Francês		X
126	Du Pape Maistre, Joseph de Charpentier Paris, 1860		Francês	X	
127	Les mondes imaginaires et les mondes réels: Voyage astronomique pittoresque dans le ciel et revue critique des theories humaines, scientifiques et romanesques, anciennes et modernes sur les habitants des astres Flammarion, Camille	Gallica BNF	Francês		X

	Didier Paris, 1865				
128	La loi morale fondée sur l'étude comparée des deux natures de l'homme: l'esprit et matière – Réponse Barbier, L' Fischbacher Paris, 1884	Gallica BNF	Francês		X
129	Antar Lamartine, Alphonse de Michel Lévy Frères Paris, 1864	Gallica BNF	Francês		X
130	Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa Imprensa de J.M.R. e Castro Lisboa, 1836	Porbase BNP	Português		X
131	Noções de Zoologia e hygiene: para uso das escolas normaes, segundo o Programa do ensino primário complementar e normal, aprovado por Decreto de 18 de Junho de 1896 Ayres, Bernardo Guillard Paris / Lisboa, 1898 2º Volume	Porbase BNP	Português		X
132	Théâtre d'eschyle Pierron, Alexis Charpentier et Cie, Libraires – Éditeurs Paris, 1870		Francês	X	

133	Les confessions d'un Revolutionnaire pour servir a l'histoire de la Révolution de Février Proudhon, Pierre – Joseph Libr. Internat Paris, 1868	Worldcat	Francês		X
134 ?	Le Horan (Thomas Patrick Horan) ? 1854 / 1916	Google	Francês		X
135	Cartilha Maternal ou Arte da leitura Deus, João de Imprensa Nacional Lisboa, 1878		Português	X	
136	Du Pape et des Jesuites 2éme edition A.Égron Paris, 1815		Francês	X	
137	L'instruction publique en Italie Hippeau.C Didier et Cie. Paris, 1875		Francês	X	
138	L'instruction publique en Allemagne Hippeau, C. Didier et Cie Paris, 1873		Francês	X	
139	Ouevres Sociales de Channing Laboulaye, M. Edouard Charpertier et Cie Paris, 1869		Francês	X	
140	La liberté spirituelle et traités religieux Channing, W. – E Charpentier, Libraire – Éditeur Paris, 1866	Red de Bibliotecas Universitárias(Espanha) www. Rebiun. Crue.org	Francês		X

141	Geologia – Dissertação Inaugural para o acto de Conclusões Magnas na Faculdade de Philosophia Brandão, Leite Adriano de Paiva de Faria Imprensa da Universidade Coimbra, 1868	Google	Português		X
142	Cinco semanas em balão Verne, Júlio (trad. por Francisco Augusto Corrêa Barata) 3ª ed David Corazzi Lisboa, 1886	Porbase BNP	Português		X
143	Os amores de D'Artagnan Blanquet, Albert (trad. por João Baptista de Mato Typ. da “Gazeta de Portugal” Lisboa, 1866 Colecção Jardim do Povo	Porbase BNP	Português		X
144	Essais de morale et de l'economie politique Franklin, Benjamin Hachette et Cie. Paris, 1883	Openlibrary	Francês		X
145	Oeuvres complètes d'Homere Giguet, P Librairie Hachette et Cie Paris, 1870	Gallica BNF	Francês		X
146	Leçons de Philosophie Sulpitii, pnesbytero Apud lecoffre Filium et sócios Paris, 1867 Volume II,III		Latim	X	
147	Compendium de Philosophie Chrétienne Corriol , Abbé Corioliono,A		Francês	X	

	Avignon, 1880				
148	Essais sur l'histoire des religions Muller, F.M. Paris, 1872		Francês	X	
149	Essais de Mythologie et Philosophie Comparée Gheyn, Joseph Van Den Société Belge de Librairie Oxford University, 1885	Gallica BNF	Francês		X
150	Prosas modernas: leituras selectas para as escolas primarias, em harmonia com os programas Figueiredo, Cândido Imp. da Universidade Coimbra, 1885	Porbase BNP	Português		X
151	Picciola Saintine, Joseph Xavier Boniface Librairie Hatier Paris, 1883	Porbase BNP	Francês		X
152	Memoires de Benjamin Franklin Franklin, Benjamin Librairie de l'Hachette et Cie Paris, 1870		Francês	X	
153	Correspondance de Benjamim Franklin Laboulaye, Edouard Librairie Hachette et Cie Paris, 1870 Volume I,III,II		Francês	X	
154	Os mandamentos da lei de Deus: Romance de costumes Justo Uguet, Juan Typ. Praça da Alegria Lisboa, 1875	Porbase BNP	Português		X
155	Thesouro da Mocidade Portuguesa Roquete, J. I.		Francês	X	

	J. P: Aillaud, Moulon e C ^a Paris, 1860				
156	Récits de temps mérovingiens précédés de considérations sur l'histoire de France Thierry, Augustin Just Tessier Paris, 1842	Porbase BNP	Francês		X
157	Estudos sobre economia politica Ventura, José Miguel Typ. Commercial Lisboa, 1868 (Data da capa 1870)	Porbase BNP	Português		X
158	Exercices et travaux pour les enfants: Méthode Intuitive de Pestallozi et de Froebel Delon, Charles Edição Hachette et Cie Paris, 1879	Porbase BNP	Francês		X
159	Botanique – histoire naturelle des familles vegetables Le Maout, Emmanuel L. Curmer Paris, 1855 Igual ao 477		Francês	X	
160	Leçons de physiologie élémentaire Huxley, T.H. C. Reinwald Paris, 1869		Francês	X	
161	Génio da Língua Portuguesa Leoni, Francisco Evaristo Typ. do Panorama Lisboa, 1858	Porbase BNP	Português		X
162	Corinne ou L'Italie Stael, la Baronne de A.Hiard, Libraire – Editeur		Francês	X	

	Paris, 1838				
163	Cartas escriptas da Índia e da China nos annos de 1815 a 1835 Andrade, José Inácio de Imprensa Nacional Lisboa, 1847	Porbase BNP	Português		X
164	O agricultor do norte de Portugal: Jornal de Agricultura Conselho de Agricultura do distrito do Porto Porto e Braga: C.A.D.P. 1881	Porbase BNP	Português		X
165	Traité de la vigne et ses produits Portes, l'Ruyssen Corbeil, Imprimerie B. Bernaudet Corbeil, 1886 / 1887	Porbase BNP	Francês		X
166	Nouvelles leçons sur la science de la langage Muller, Max A.Durant Paris, 1867	Openlibrary	Francês		X
167	Charles Darwin et ses precurseurs français Quartrefages, A. de Imp. de E. Martinet Paris, 1870		Francês	X	
168	Catálogo ilustrado: Exposição retrospectiva de arte ornamental Portuguesa e Espanhola Imp. Nacional Lisboa, 1882	Porbase BNP	Português		X
169	Meditations et études morales Guizot, M. Didier Paris, 1855	Google	Francês		X
170	Questões do Pará		Português	X	

	Percheiro, D. A. Gomes Lallemant Frères Lisboa, 1875				
171	A Associação-História e desenvolvimento das associações portuguesas Goodolphim, Costa Typographia Universal Lisboa, 1876 Igual ao 96	Google	Português		X
172	Oeuvres de Saint – Simon et d’ Infantin Saint – Simon, Claude – Henri E. Dentu, Éditeur Paris, 1865 / 1866 (10 Volumes)	Gallica BNF	Francês		X
173	Oeuvres complètes de Xenophon Xenophon Charpentier et Cie. Paris, 1873 Volume I, II		Francês	X	
174	Les mystères de Paris Sue, Eugène Meline, Canse et Compagnie Bruxelles, 1845 Volume I, III, II		Francês	X	
175	Cartas da Beira – mar Simões, Augusto Philipfe Imprensa da Universidade Coimbra, 1867		Português	X	
176	Da vida e feitos d’El Rei D. Manuel Osorio, Jeronymo Imprensa Régia Lisboa, 1804 Volume II, I, III		Português	X	
177	Memoires de Madame de Stael		Francês	X	

	(Dix annes d'exil) Anne-Louise-Germaine Londres, 1755				
178	L'origine des especes Darwin, Charles; M. A., F.R.S: C. Reinwald et C.ie Paris, 1873	Gallica BNF	Francês		X
179	Les contemporaines Salvat, Gaston Fr. Seguin Ainé, Imprimeur Avignon, 1876	Gallica BNF	Francês		X
180	La vie et les moeurs Figuier, Louis Librairie de L. Hachette et C.ie Paris, 1866		Francês	X	
181	Curso de physica elementar Guedes, Joaquim Rodrigues Imprensa Nacional Lisboa, 1859	Porbase BNP	Português		X
182	Phylosophia do Direito Brito, Joaquim Maria Rodrigues de Imprensa da Universidade Lisboa, 1871	Porbase BNP	Português		X
183	Estudo Moral e politico sobre os Lusíadas Ribeiro, José Silvestre Imprensa Nacional Lisboa, 1853	Porbase BNP	Português		X
184	O caminho honrado Souvestre, Emílio Imprensa Litteraria Coimbra, 1878		Português	X	
185	Les Commandements de L'humanité ou la vie morale Tiber Ghien, G. Gustave Mayolez		Francês	X	

	Bruxelles, 1872				
186	A Luneta; A Bengala de Balzac Giradin, Mme de Imprensa Litterária Coimbra, 1884		Português	X	
187	Histoire de France depuis la Revolution de 1789 Toulongeon, F. – Emmanuel Treuttelelet niurtz, Libraires Paris, 1810 Volume VI		Francês	X	
188	Emma, ou a esperança e a tumba Moura, Nuno Maria de Sousa Typ. Commercial Porto, 1845	Porbase BNP	Português		X
189	Vies des hommes illustres de Plutarque Pierron, Alexis Charpentier Paris, 1861	Porbase BNP	Francês		X
190	Servos e Boyardos – ou a escravidão na Rússia Robert, Clemencia Bibliotheca Contemporanea Lisboa, 1855 Volume III		Francês	X	
191	Ghigi; A Proibição Amorim, Francisco Gomes de Typ. Universal Lisboa, 1869	Porbase BNP	Português		X
192	Fígados de tigre Amorim, Francisco Gomes de Typ. Universal Lisboa, 1869	Porbase BNP	Português		X
193	Versos (lírica) Garrett, Almeida	Porbase BNP	Português		X

	Viúva Bertrand e filhos Lisboa, 1858				
194	Sermões Selectos Vieira, António, Padre Typographia Rollandiana Lisboa, 1853 (volume VI) Volume I – 1852 Volume II,III Volume IV,V	Porbase BNP	Português		X
195	O Retrato de Venus e Estudos da Historia Litteraria Garrett, D’Almeida Viuva Moré Porto, 1867		Português	X	
196 ?	Lobo – Obras F. Rodrigues (Discípulo de Camões) 1574 / 162 (“ A corte na aldeia)? ? ,?	Wook	Português		X
197	Guia histórico da viajante em Coimbra e Arredores Castro, Augusto Mendes Simões de Imprensa da Universidade Coimbra, 1867		Português	X	
198	Romanceiro de Garrett Garrett, Almeida Imp. Nacional Lisboa, 1875	Porbase BNP	Português		X
199	A Peregrinação de Fernão Mendez Pinto Typographia Rollandiana Lisboa, 1829 Volume II, IV, I, III		Português	X	
200?	La vigne, sa culture et ses maladies E. – A. Spoll, Édouard – August	Gallica BNF	Francês		X

	H. Gauthier Paris, 1897				
201	Histoire des Gerondins Lamartine, Alphonse de la Société Typographique Belgue Bruxelles, 1850	Gallica BNF	Francês		X
202	O Instituto (nº 1/6 – Maio a Outubro 1874) Imprensa da Universidade Coimbra, 1874 Volumes XIX e XX / XXV e XXVI		Português	X	
203	Histoire des Progrés de la Civilisation en Europe Ferrand, H. Roux Librairie de L: Hachette et C.ie Paris, 1847 Volume I, II, III, IV, V	Gallica BNF	Francês		X
204	Obras poéticas Bocage, Manoel Maria de Barbosa du Typ. de A. J. da Rocha Lisboa, 1849 Volume III, II, I, VI, V		Português	X	
205	História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses Castanheda, Fernão Lopes de Typ. Rollandiana Lisboa, 1833	Porbase BNP	Português		X
206	Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres da Ordem dos Pregadores Cácegas, Luís de Liv. Esc. Braga, 1890	Porbase BNP	Português		X
207	História Geral de Portugal Clede, De la Typografia Rollandiana Lisboa, 1787		Português	X	

	Volume II, III, IV, VII, X, XI, XIV, XVI Igual ao 308				
208	Os Quarenta e cinco Dumas, Alexandre Typ. L. Corrêa da Cunha Lisboa, 1850 /51	Porbase BNP	Português		X
209	Os Portugueses em Africa, Asia, América e Oceania Obra clássica Typ. de Borges Lisboa, 1848 / 50	Porbase BNP	Português		X
210	Memoires de Madame de Stael Broglie, M. de Duc de; Stael, M. Le Baron Charpentier Paris, 1861		Francês	X	
211	De l'Allemagne Stael, Madame de Librairie Garnier Frères Paris, 18...		Francês	X	
212	Histoire du Consulat et de l'empire Thiers, Adolphe Paulin, Heureux et Cie Paris, 1845 / 1862	Gallica BNF	Francês		X
213	Histoire de la conquête de L'Angleterre par les Normandes Thierry, Augustin Just Tessier Paris, 1843	Porbase BNP	Francês		X
214	Notícia da Exposição Universal Silveira, Joaquim Henriques Fradesso da Typographia e lithographia E. Guinot Bruxelas, 1873		Português	X	
215	Jean – Jacques Beauvarlet	Gallica BNF	Francês		X

	Charpentier Miger, Simon – Charles ?? ,1781				
216	Curso de Philosophia elementar Sousa, Joaquim Alves de Imprensa da Universidade Coimbra, 1871		Português	X	
217	Philosophie sensualiste Cousin, M. Victor Librairie Nouvelle Paris, 1856	Gallica BNF	Francês		X
218	Tratado da educação physica dos meninos para uso da nação portuguesa Almeida, F.J. Officina da Academia Real das Sciencias. Lisboa, 1791	Google	Português		X
219	Erros e preconceitos da Educação Physica Simões, Augusto Filippe Imprensa da Universidade Coimbra, 1872		Português	X	
220	Réflexions et menus propôs d’ un peintre genevois ou Essai sur le beau dans les arts: Topffer,Rodolphe Aubert, Albert Hachette Paris, 1858	Gallica BNF	Francês		X
221	Empresários Agrícolas y el Estado: Sinaloa C., de Grammont Hubert Universidad Nacional Autonoma de México México, 1893	Bookfinder	Português		
222	Manuel pratique de L’instruction		Francês	X	

	populaire Chairgasse, J. B. Ad. Merteus Bruxelles, 1871				
223	O rei dos ciganos Ponson du Terral, Pierre Alexi Typ. Lusitana trad. Portuguesa Lisboa, 1868	Porbase BNP	Português		X
224	Estudos sobre a história das instituições políticas, litteratura, theatro e Bellas Artes em Hispanha Viardot Imprensa Nevesiana Lisboa, 1844		Português	X	
225	Philosophie de Kant: examen de la “Critique du jugement” Barni, Jules Landrange Paris, 1850	Gallica BNF	Francês		X
226	Les rois philosophes Pelletan, Eugène Pagnerre Paris, 1858		Francês	X	
227	Fomento da povoação rural em Hespanha Caballero; Fermín Imprensa Nacional Lisboa, 1872	Openlibrary	Português		X
228	Inspiração do Claustro Freire, José Joaquim Junqueira Imprensa da Universidade Coimbra, 1867		Português	X	
229	Narrativa Guimarães, Bernardo	Porbase BNP	Português		X

	Lendas e romances ? , 1871				
230	A Donzela da Nevoeiro Scott, Walter Sir Typ. Da Sociedade Propagadora Lisboa, 1843 Volume I,II		Português	X	
231	Obras do Ill.mo e Ex.mo Sebastião Jozé de Carvalho e Mello, Marquez de Pombal, do conselho de S.Mag. de o snr. Rey D. Jozé 10, seu ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reyno (manuscrito)	Porbase BNP	Português		X
232	Les mémoires du diable Soulté, Frédéric Collection Michel Levy Frères Paris, 1863 Volume II		Francês	X	
233	Delphine Stael Charpentier Paris, 1857		Francês	X	
234	D'Abbè Sant- Pierre Molinari Guillanmine et C.ie Paris, 1857		Francês	X	
235	Philosophie ecossaire Cousin, M. Victor Librairie Nouvelle Paris, 1857		Francês	X	
236	Camões Garrett, Almeida Viuva Bertrand e Filhos Lisboa, 1863 6ª Edição Igual ao 247		Português	X	

237	Journal de Eugénie de Guérin –jornal et fragments Trebutien, G.S. Librairie Académie Didier et Cie, Libraires- Editeurs Paris, 1872 Volume 28		Francês	X	
238	Os companheiros de Vasco da Gama (romance histórico) Figueiredo, Cândido de Livraria Popular Coimbra, 1875	Openlibrary	Português		X
239	Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da Índia para Portugal no ano de 1663 Godinho, Manuel, padre Typographia da Sociedade Propagadora Lisboa, 1842 Volume II		Português	X	
240	Ensaio sobre história do Governo e da legislação de Portugal, para servir de introdução ao estudo do Direito Pátrio Rocha, Manuel António Coelho da Imprensa da Universidade Coimbra, 1851	BLX	Português		X
241	História Popular dos Papas Chantrel, J. Liv. Internacional de Teixeira de Freitas Portugal, Guimarães, 1877 (trad. Por António José de Carvalho)	Porbase BNP	Português		X
242	Guerra de Nizam Méry Trip. Portuguesa Lisboa, 1855	Porbase BNP	Português		X
243	O Novo Testamento: a vida de Nosso	Porbase BNP	Português		X

	Senhor Jesus Christo contendo os Santos Evangelhos, Epistolas, e Apocalypse / tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo Silva & Sousa, Lisboa, 1857				
244	Portugal na balança da Europa: do que tem sido e do que ora lhe convém ser na nova ordem de coisas do mundo civilizado Garrett, Almeida Empreza da História de Portugal Lisboa, 1899	BLX	Português		X
245	Discursos parlamentares e memorias biographicas Garrett, Almeida Visconde de Imprensa Nacional Lisboa, 1871	Traça	Português		X
246	Direitos dos operários Albuquerque, Caetano de Andrade Imp. Da Universidade Coimbra, 1870	Porbase BNP	Português		X
247	Camões Garrett, Almeida, Visconde d' Casa da Viuva Bertrand e Filhos Lisboa, 1863 (4ª edição) Igual ao 236		Português	X	
248	Flores sem fructo Garrett, Almeida Imprensa Nacional Lisboa, 1858 Volume VI		Português	X	
249	Mesope Gil Vicente		Português		X

	??				
250	Les Celibataires – Scènes de la vie de Province Balzac, H. de Librairie Nouvelle Paris, 1857		Francês	X	
251	Aleijões Sociais – o casamento e a mortalha no céu se talha. Amorim, Francisco Gomes Typ. Universal Lisboa, 1870	Porbase BNP	Português		X
252	Odio de raça Amorim, Francisco Gomes de Livraria Popular de Francisco Franco Lisboa, 1854	Porbase BNP	Português		X
253	Historia da Philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da Philosophia Praça, J.J. Lopes Imp. Literaria Coimbra, 1868	Porbase BNP	Português		X
254	Les nuits espagnoles Méry, Joseph Calmann Levy Paris, 1881	Gallica BNF	Francês		X
255	Memorias de epidemologia Portuguesa Meirelles, António da Cunha Vieira de Imprensa da Universidade Coimbra, 1866	Porbase BNP	Português	X	
256	Torquato Tasso, lamento e trionfo de Liszt, Franz Byron, Lord Italia, 1849	Porbase BNP	Italiano		X
257	Últimos dias de Pompeia Lytton, Edward. Bulwer Sacchetti, J.	Porbase BNP	Português		X

	Barreto Typ. Potugueza Lisboa, 1869				
258	O official de fortuna Scott, Walter Sir Imprensa Nacional Lisboa, 1837		Português	X	
259	Galeria de varões illustres de Portugal Coelho, Latino Empresa Horas Românticas Lisboa, 1880	Porbase BNP	Português		X
260	Camões: estudo histórico liberrimamente fundado sobre um tema dos senhores: Victor Perrot e Armand du Mesnil Castilho, António Feliciano Typ. da Soc. Typographica Franco Portuguesa Lisboa, 1863	Porbase BNP	Português		X
261	O carrasco Cooper, Fenimore Francisco Arthur da Silva Arquivo Romantico Ilustrado Lisboa, 1861 Volume I,II		Português	X	
262	A Conspiração de Pernambuco Chagas, M. Pinheiro Editores - Afna e Comp ^a Lisboa, 1870		Português	X	
263	Diana de Lys: Scenas da vida intima Dumas, Alexandre D. Giraud Paris, 1853	Porbase BNP	Português		X
264	Noções elementares de Antiguidades Romanas Marrecas, Manuel Martiniano		Português	X	

	Typografia Universal Lisboa, 1864				
265	Poésies de Goethe Goethe Charpentier Paris, 1863		Francês	X	
266	De l'assujettissement des femmes Mill, John Stuart Editions Avatar Paris, 1869 (trad. M. Émile Cazelles)	Gallica BNF	Francês		X
267	Primaveras Românticas Quental, Antero de Imprensa Portuguesa Porto, 1872	Porbase BNP	Português		X
268	Mysterios de Lisboa: Romance Hogan, Alfredo P. Typ. de Luiz Corrêa de Cunha Lisboa, 1861	Porbase BNP	Português		X
269	Theatro: As sabichonas (comédia em 5 actos) Molière; Castilho, António Feliciano (trad.) Typ. da Academia real das Sciencias Lisboa, 1872	Porbase BNP	Português		X
270	Radiações da noite Azevedo, Guilherme de Typ. Universal Lisboa, 1871	Porbase BNP	Português		X
271	Costumes religiosos, civis e militares dos Romanos Andrade, Francisco Martins F. A. da Silva Lisboa, 1877	Porbase BNP	Português		X
272	Chefs – d'oeuvres du Théâtre Italien Moderne	Gallica BNF	Francês		X

	Monti, Vincenzo Chez Ladvocat, Librairie Paris, 1822				
273	No Bom Jesus do Monte Castelo Branco, Camilo Casa da Viúva Moré Porto, 1864		Português	X	
274	Os elegantes de outro tempo Montepin, Xavier de (trad. de Alberto Pimentel) Typ. do “Diario Illustrado” Lisboa, 18...?	Porbase BNP	Português		X
275	A rainha das trincheiras: Continuação da mocidade de Henrique IV Ponson du Terrail, Pierre Alexis Cruz Coutinho Porto, 1866	Porbase BNP	Português		X
276	História Brasileira do séc. XVII Leal, José da Silva Mendes, Junior Correio Mercantil Rio de Janeiro, 1863 Volume I		Português	X	
277	Les chinois – comédie en un acte D’ Ariettes, Meslée Paris, 1759	Gallica BNF	Francês		X
278	St. Jean Chrysostome et l’ imperatrice Eudoxie Tierry, Amédée Didier et Cie, Libraries – Editeurs Paris, 1874	Gallica BNF	Francês		X
279	Cânticos Leal, José da Silva Mendes, Junior Typographia do Panorama Lisboa, 1858	Porbase BNP	Português		X
280	Casamento civil	Porbase BNP	Português		X

	Taunay, Alfredo 2ª edição Imprensa Nacional Rio de Janeiro, 1886 Colecção Livros de Propaganda da Sociedade Central de Imigração				
281	Recreações poeticas Freire, Francisco de Castro Imprensa da Universidade Coimbra, 1861	Worlcat	Português		X
282	A vida de D. João de Castro – quarto viso - rey da Índia Andrade, Jacinto Freire de Officina Regia Madrid, 1802		Português	X	
283	Marília de Dirceu T.A.G. Impressão de João Nunes Esteves Lisboa, 1825 Volume I		Português	X	
284	Gama: poema narrativo Macedo, José Agostinho de Imp. Régia Lisboa, 1811	Porbase BNP	Português		X
285	Poesias de Nicolau Tolentino e Almeida (Manuscrito) Tolentino, Nicolau Lisboa, 1801	Porbase BNP	Português		X
286	Obras de Luiz de Camões Camões, Luis de Esriptório da Bibliotheca Portuguesa Lisboa, 1852 Volume I,II,III		Português	X	
287	Obras de Gil Vicente / correctas e emendadas pelo cuidado e deligencia de J. D. Barreto Feio e J. G. Monteiro	Porbase BNP	Português		X

	Officina Typ. de Langhoff Hamburgo, 1834				
288	Obras de Francisco Moraes Moraes, Francisco de Escreptório da Bibliotheca Portugueza Lisboa, 1852 Volume I		Português	X	
289	Obras: o primeiro cerco de Diu, poema heróico Andrade, Francisco de Typ. F. J. Pinheiro Lisboa, 1852	Porbase BNP	Português		X
290	Confederação dos Tamoyos Magalhães, Domingos José Gonçalves de Imprensa Litteraria Coimbra, 1864	Porbase BNP	Português		X
291	Providencia Sarmiento, Augusto César Rodrigues Impr. da Universidade Coimbra, 1863	Porbase BNP	Português		X
292	Bosquejo histórico – poético Viale, António José Typographia da Revista Universal Lisboa, 1856 Igual ao 621		Português	X	
293	Adelina e Maurício ou o casamento e o Amor E. Voiart Typografia da Viúva Rodrigues Lisboa, 1844 Volume I,II		Português	X	
294	Raphael Lamartine, Alphonse (trad. por L.I.P.) Typ. Luiz C. da Cunha	Porbase Bnp	Português		X

	Lisboa, 1849				
295	Henrique e Leonor, ou o Amor, e Heroísmo: Romance original Portuguez Tavares, Eduardo Typ. de A. F. Alcobia Lisboa, 1852	Porbase Bnp	Português		X
296	Virginia ou Roma no tempo de Nero: Romance moral e histórico Brito, Fernando Tomás de Typ. Universal Lisboa, 1839	Porbase Bnp	Português		X
297	A furna do Inferno Dumas, Alexandre J. L: Rodrigues Trigueiros Lisboa, 1866 (faltam páginas)		Português	X	
298	Compêndio de Chronologia Pereira, João Felix Typ. de António José Germano Lisboa, 1868		Português	X	
299	Romances de Voltaire Voltaire Typ. Commercial Portuense Porto, 1836		Português	X	
300	A Fada Fonseca, F. Guimarães Imprensa da Universidade Coimbra, 1866		Português	X	
301	Musée des familles - journal, magazine: Periodical Om, Typ. Hennuyer Paris, 1833	Worldcat	Francês		X
302	Histoire de la revolution de 1870 – 71 Claretie, Jules (pseud.) Bureaux du Jornal L'Éclipse	Porbase BNP	Francês		X

	Paris, 1872				
303	Histoire des Proletaires: depuis les temps les plus reculés jusqu'a nos jours. Guyot, Yves; Sigismond; Lacroix E. Well Paris, 1873	Worldcat	Francês		X
304	Aventuras du Baron de Munchhansen Fils, Théophile Gautier; Dore Gustave Furne, Jouvet et Cie Paris,?	Porbase BNP	Português		X
305?	Histoire de la Revolution Française (no inventário) História da Revolução Francesa Thiers, M.A. Typ. Lusitana Lisboa, 1841 Volume I		Francês	X	
306	Historia universal Cantu, Cesaire Typographia d' Aguiar Vianno Lisboa, 1855	Worldcat	Português		X
307	Diccionario popular histórico: Geographico, mythologico, biographico, artístico, bibliographico e literário Chagas, Manoel Pinheiro Lallemant Frères Lisboa, 1876 – 1884	Worldcat	Português		X
308	História Geral de Portugal Clede, de la Typografia Rollandiana Lisboa, 1787 Volume II, III, IV, VII, X, XI, XIV, XVI Igual ao 207		Português	X	
309	O Novo Testamento de Jesus Christo	Worldcat	Português		X

	Figueiredo, António Pereira Officina de Tilling Londres, 1823				
310	Joaninha: poema em três actos Pimentel, Alberto Antonio da Costa Valbom Porto, 1868	Porbase BNP	Português		X
311	O Regicida: Romance histórico Castello Branco, Camillo Liv. Ed. de Mattos Moreira Lisboa, 1874	Porbase BNP	Português		X
312	Mysterios de Lisboa Castello Branco, Camillo Casa Cruz Coutinho Lisboa, 1864	Porbase BNP	Português		X
313	Livro negro do Padre Diniz Castello Branco, Camillo F.G.da Fonseca Porto, 1863	Porbase BNP	Português		X
314	O sangue Castello Branco, Camillo A. M. Pereira Lisboa, 186.?	Porbase BNP	Português		X
315	Estrelas propicias Castello Branco, Camillo Viuva Moré Porto, 1863 Igual ao 358		Português	X	
316	A neta do arcediogo Castello Branco, Camillo E. Chardron Porto, 1874	Porbase BNP	Português		X
317	O esqueleto Castello Branco, Camillo Livraria de Campos Junior Lisboa, 1865	Worldcat	Português		X

318	Vingança: Romance original (3ª ed.) Castello Branco, Camillo Companhia Editora de Publicações Ilustradas Lisboa, 1880	Worldcat	Português		X
319	A engeitada Castello Branco, Camillo Companhia Editora de Publicações Ilustradas Lisboa, 1880	Worldcat	Português		X
320	A mulher fatal -2ªed. Castello Branco, Camillo Livraria de Campos Junior Lisboa, 1870	Worldcat	Português		X
321	Os brilhantes do brasileiro: romance Castello Branco, Camillo Companhia Editora de Publicações Ilustradas Lisboa, 1890	Worldcat	Português		X
322	Onde está a felicidade? Castello Branco, Camillo João E.Cruz Coutinho Porto, 1856	Worldcat	Português		X
323	Vinte horas de liteira: romance Castello Branco, Camillo Typographia do Commercio Porto, 1864	Worldcat	Português		X
324	Lgrimas abençoadas Castello Branco, Camillo Livraria de Antonio Maria Pereira Lisboa, 1866	Worldcat	Português		X
325	Memorias do cárcere -3ªed. Castello Branco, Camillo João E.Cruz Coutinho Porto, 1881	Porbase BNP	Português		X
326	A filha do Regicida: Romance	Worldcat	Português		X

	histórico Castello Branco, Camillo M. Moreira Lisboa, 1875				
327	O bem e o mal: Romance Castello Branco, Camillo Typ. do Commercio Porto, 1863	Worldcat	Português		X
328	Anathema: romance Castello Branco, Camillo Imprensa Independência Coimbra, 1890	Worldcat	Português		X
329	O Senhor do Paço de Ninães Castello Branco, Camillo Campos Júnior Lisboa, 1868 Igual ao 346	Worldcat	Português		X
330	Estrellas funestas: Romance Castello Branco, Camillo Viúva Moré Porto, 1862 (Coimbra e Paris)	Porbase BNP	Português		X
331	A filha do doutor negro: romance Castello Branco, Camillo Typ. do Commercio, Ferrara de Baixo Porto, 1864	Porbase BNP	Português		X
332	O santo da montanha: romance Typ. do Commercio Porto, 1866	Porbase BNP	Português		X
333	A filha do arcediogo (3ª ed.) Castello Branco, Camillo Chardon Porto, 1868	Porbase BNP	Português		X
334	O que fazem as mulheres: romance philosophico (2ª ed) Castello Branco, Camillo	Porbase BNP	Português		X

	Cruz Coutinho Porto, 1863				
335	Annos de Prosa (2ª ed.) Castello Branco, Camillo Comp. Ed. Publicações Ilustradas Lisboa, 1890	Porbase BNP	Português		X
336	Agulha em palheiro: romance original Castello Branco, Camillo Typ. do Correio Mercantil Rio de Janeiro, 1863	Porbase BNP	Português		X
337	Judeu: romance histórico (2ª ed.) Castello Branco, Camillo Publicações Ilustradas Lisboa, 1893	Porbase BNP	Português		X
338	Cours élémentaire de topographie Sonnet, H. Hachette et Cie Paris, 1874	Worldcat	Francês		X
339	Poezias de Antonio José Maria de Campelo Campelo, Antonio José Maria Universal Lisboa, 1853	Porbase BNP	Francês		X
340	Lgrimas e thesouros: fragmento de uma historia verdadeira (3ª ed.) Silva, Luís Augusto Rebelo da Typ. do Commercio de Portugal Lisboa, 1887	Porbase BNP	Português		X
341	História de Napoleão Bonaparte desde o seu nascimento até á sua morte Moura, Dr. Caetano Lopes de Typ. de Fain e Thunot Paris, 1846		Português	X	
342	Christina Enaule, Luiz Typographia Portuguesa Lisboa, 1864		Português	X	

343	Ciumes de uma rainha Tarrago e Mateos (trad.de A. M. da Cunha e Sá) Typographia Portugueza Lisboa, 1870?		Português		X
344	Os engeitados Ennes, António Typographia do Jornal “O Paris” Lisboa, 1871		Português	X	
345	Compendio de grammatica Portugueza (3ª ed.) Macedo, Joaquim Freire Edição da Typographia Franco – Portugueza Lisboa, 1867	Porbase BNP	Português		X
346	O Senhor do Paço de Ninães Castello Branco, Camillo Campos Júnior Lisboa, 1868 Igual ao 329	Worldcat	Português		X
347	Nadèje (8ªed.) Enault, Louis Librarie Hachette et Cie Paris, 1894	Gallica BNF	Francês		X
348	Grammatica elementar de língua latina, por sytema philosophico Lemos, Joaquim José de Campos Abreu e Typ. de Antonio Rodrigues Galhardo Lisboa, 1822	Porbase BNP	Português		X
349	Obras Castilho, Antonio Feliciano Typographia Lusitana Lisboa. 1844	Porbase BNP	Português		X
350	Deus dispõe – Continuação da Furna do Inferno		Português	X	

	J. D. Rodrigues Lisboa, 1866				
351	Historia da poezia popular Braga, Theóphilo Typographia Lusitana Porto, 1867	Porbase BNP	Português		X
352	Historia secreta do gabinete de Napoleão Bonaparte Notário, Luiz Goldsmith Impressão Regia Lisboa, 1811	Porbase BNP	Português		X
353	Os Ingleses em Inglaterra Wez, Francis (trad. de F.F: da Silva Vieira) Typ. do Futuro Lisboa, 1865	Porbase BNP	Português		X
354	A virgem de Guaraciaba: romance Chagas, Manuel Joaquim Pinheiro Imp. de Sousa Neves Lisboa, 1866	Porbase BNP	Português		X
355	Nova cruzada Lara, Cecília Instituto de Estudos Brasileiros Brasil, 18?	Google	Português		X
356	Os desposados da morte Arlincourt, Visconde de Liv. Popular Lisboa, 1851	Porbase BNP	Português		X
357	O conselheiro económico das famílias ou obra para uso quotidiano da vida doméstica. Typographia de António José da Silva Teixeira Porto, 1865	IPP	Português		X
358	Estrelas propicias Castello Branco, Camillo		Português	X	

	Viuva Moré Porto, 1863 Igual ao 315				
359	Almanach do Horticultor: Guia indispensável a todo o agricultor e horticultor para 1871 Júnior, Duarte de Oliveira (director) Tip. da Livr. Nacional Porto, 1870 – 1882	Porbase BNP	Português		X
360	Os Dramas de Nova – York Kobb, Guilherme Escriptorio da empresa – Typ. do “Diario illustrado” Lisboa,? Igual ao 556		Português	X	
361	Histoire Generale de la Civilization en Europe Guizot M. Société Belge de Librairie Bruxelles, 1841 Igual ao 449		Francês	X	
362	O guiador do povo ou conversações politicas de um cura com os habitantes da sua aldeia Typ. de C. J. da Silva Lisboa, 1845	Porbase BNP	Português		X
363	A Parvoria – Recordações da Viagem Pinto, Marcos Typographia de M. de Jesus Coelho Lisboa, 1868		Português	X	
364	A câmara e governo da notável villa de Vianna ?		Português		X
365	La peau de Chagrin Balzac, Honoré de Michel Lévy Frères		Francês	X	

	Colecção Etudes philosophiques Paris, 1872				
366	L' avenir de l'église Russe: études sur la question religieuse de Russie Tondini de Quarenghi, Cesare Paris, 1874	Porbase BNP	Francês		X
367	Que lição! (comédia em 3 actos) Annaya, Joaquim José Typ. Commercial Lisboa, 1871	Porbase BNP	Português		X
368	Uma travessura – Comédia em 1 acto Lima, Rangel de J. J. Annaya Typ. Commercial Lisboa, 1871	National Library of Australia	Português		X
369	A Fenix renascida ou obras poéticas dos melhores engenhos Portugueses: dedicados ao Excelentíssimo senhor D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença, Conde de Vimioso. Sylva, Mathias Pereyra da Officina de António Pedrozo Galvão Lisboa, 1716	Porbase BNP	Português		X
370	Histoire de Sibylle Fevillet, Octave Michel Levy Frères Paris, 1874	National Library of Australia	Francês		X
371	Cartilha ou Compendio historico de Douctrina Christã Pimentel, António José de Mesquita Livraria da Viuva Jacinto Silva Porto, 1800	Porbase BNP	Português		X
372	Eugénie Grandet Balzac, M. de Charpentier		Francês	X	

	Paris, 1841				
373	Relatorios dos Consules de Portugal á cerca do commercio – colligidos e publicados por ordem do Ministério dos Negócios Estrangeiros Lisboa, 1871	Porbase BNP	Português		X
374	Refutação analytica ao manifesto do Governo intruso de Goa intitulado Governo provisional dos Direitos de sua Majestade Fidelíssima, a senhora D. Maria II de 21 Julho de 1835 Typ. de D. Gonsalves Bombaim, 1840	Porbase BNP	Português		X
375	Relatorios dos Governos Gerais das Provincias de Cabo Verde, Moçambique e Estado da Índia: referidas ao anno de 1875 e apresentadas às Cortes pelo Ministro e Secretario de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar na sessão legislativa de 1878 Imprensa Nacional Lisboa, 1878	Porbase BNP	Português		X
376	Syndicancia ás obras publicas de Faro- edital a determinar, estabelecer e regular os estudos da Diocese de Faro, indicando os nomes de algumas das obras a serem consultadas Typ. Regia Lisboa, 1783	Porbase BNP	Português		X
377	A questão do caminho de ferro do Douro Boaventura, José Vieira Typ. Central Porto, 1880	Porbase BNP	Português		X
378	Contas de Ministerio do Reino		Português		X

	1877/1878 ??				
379	Proposta de lei apresentadas á Câmara dos Senhores Deputados nas sessões Legislativas de 1880 e 1881 Castro, José Luciano de Imprensa Nacional Lisboa, 1881	Worldcat	Português		X
380	Relatórios dos governadores das províncias ultramarinas: províncias de S. Tomé e de Moçambique: anno de 1883/ Ministerio da Marinha e Ultramar Portugal, Ministério da Marinha e Ultramar Secretario Geral Imprensa Nacional Lisboa, 1889	Bib. Univ. João Paulo II	Português		X
381	Actas, pareceres e mais documentos remettidos à câmara dos srs. Deputados Pela comissão Parlamentar eleita em sessão de 4 de Fevereiro de 1878: Syndicancia às obras da penitenciaria Geral de Lisboa Lisboa, 1879 Igual ao 382	Bib. Univ. João Paulo II	Português		X
382	Actas, pareceres e mais documentos remettidos à câmara dos srs. Deputados pela comissão Parlamentar eleita em sessão de 4 de Fevereiro de 1878: Syndicancia às obras da penitenciaria Geral de Lisboa Lisboa, 1879 Igual ao 381	Bib. Univ. João Paulo II	Português		X
383	Relatorio do Ministerio da Fazenda	Bibl. Univ.	Português		X

	Ministerio da Fazenda Imprensa Nacional Lisboa, 1878	João Paulo II			
384	Negócios externos: documentos apresentados às cortes na sessão legislativa de 1879 Portugal, Ministério dos Negócios Estrangeiros Imprensa Nacional Lisboa, 1879	Bibl. Univ.João Paulo II	Português		X
385	Real d'agua: Discurso proferido na Câmara electiva Cunha, J. G. de Barros Imp. Nacional Lisboa, 1872	Porbase BNP	Português		X
386	Princípios de finanças Jardim, António dos Santos Pereira Imprensa da Universidade Coimbra 1868/1869		Português	X	
387	Exposição Distrital de Coimbra em 1884:Revista, conferências, Premios Madeira, Antonio Joaquim Pinto Coimbra, 1884	Porbase	Português		X
388	Relatorio da Marinha e Ultramar 1875 apresentado pelo Ministerio e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar Corno, João de Andrade Imprensa Nacional Lisboa, 1875	Porbase BNP	Português		X
389	Annaes Agricolas do Distrito do Porto / Conselho de Agricultura Districtal Conselho de Agricultura Distrital Porto, 1877/1880	Porbase BNP	Português		X
390	Justa desaffronta em defesa do clero	Porbase BNP	Português		X

	ou refutação analística do impresso: eu e o clero, carta ao Exmo. Cardeal Patriarcha por A. Herculano Recreio, Francisco Typ. de António José da Rocha Lisboa, 1850				
391	Discursos recitados em cortes como deputado Pinto Basílio Alberto de Sousa Imprensa da Universidade Coimbra, 1871		Português	X	
392	Discursos proferidos na Câmara dos Senhores deputados, em sessão de 10, 11, 17 e 20 de Maio de 1880 em defeza do parecer da comissão de fazenda ácerca da contribuição geral sobre o rendimento Beirão, Francisco Imp. Nacional Lisboa, 1880	Porbase BNP	Português		X
393	Discursos do Conde do Casal Ribeiro em 1879 Conde do Casal Ribeiro Imprensa Nacional Lisboa, 1879	Porbase BNP	Português		X
394	Vida Publica do novo Bispo de Angra Dom João Maria de Amarelo Pimentel Caldeira, Carlos José Typ. de Castro e Irmão Lisboa, 1872	Porbase Bnp	Português		X
395	Sermão da Bulla da Santa Cruzada pregado na Igreja de S. Pedro de Alcântara na festividade da publicação da mesma bulla	Porbase BNP	Português		X

	Roquete, João Ignacio Imp. Nacional Lisboa, 1861				
396	Revista Occidental Typ. de Cristovão Augusto Rodrigues Lisboa, 1875	Porbase BNP	Português		X
397	As concessões na Zambézia: discurso pronunciado na câmara dos senhores deputados, nas sessões de 5 e 7 de Março de 1879 Laranjo, José Frederico Imp. Nacional Lisboa, 1879	Porbase BNP	Português		X
398	Relatorio da Santa Casa de Lisboa Santa Casa de Lisboa Lisboa, 1871	Porbase BNP	Português		X
399	Viagens maravilhosas –A volta do mundo em 80 dias (Le tour du monde en 80 jours) Verne, Julio Paris, 1873 (Traduzido)		Português		X
400	Aventuras do capitão Hátteras (3ª ed.) Verne, Jules (trad. Henrique de Macedo) David Corazzi Lisboa, 1886	Porbase BNP	Português		X
401	Viagem ao Centro da Terra (3ªed.) Verne, Jules (trad. de Mariano Cyrillo de Carvalho) David Corazzi Lisboa, 1886	Porbase BNP	Português		X
402	Artes e Letras (jornal) Editores Rolland e Semiond Volume I (3ª série) Typ. Castro e Irmão Lisboa, 1874		Português	X	
403	Memorias da Academia Real das	Porbase BNP	Português		X

	ciencias de Lisboa: memoria sobre o theatro portuguez Morato, Francisco Manuel Trigoso de Aragão Academia Real das Ciências Lisboa, 1800				
404	Actas da Camara dos Pares do Reino de Portugal: Sessão ordinaria do anno de 1835 Portugal, Camara dos Pares Imprensa Nacional Lisboa, 1835	Bibli. Univer. João Paulo II	Português		X
405	Livro da Regra de S. Agostinho e das Constituições perpétuas dos religiosos Pobres ermitãos da Serra Dossa ?	Porbase BNP	Português		X
406	Opera Taceti Cornélio Tácito São Paulo, 1599	Google	Português		X
407	Sytema Naturae Carl Linné (ou Carolus Linnaeus) 1735 Igual ao 410	Porbase BNP	Português		X
408	La maison rustique ou manuel complet d'agriculture, d'economie rurale et domestique Beugnot, J. ed. Lit. MCDLS Lebigre Frères Paris, 1834	Porbase BNP	Francês		X
409	Oraisons funébres Bossuet, J.B. Fortin, Masson Paris, 1840 (Edition Steréotype)	Porbase BNP	Francês		X
410	Sytema Naturae Carl Linné (ou Carolus Linnaeus)	Porbase BNP	Português		X

	? ,1735 Igual ao 407				
411	Histoire des variations des églises protestantes Bossuet, Meffire Jacques – Benigne Guillaume Despreze et Jean Desessarts Paris,1740		Francês	X	
412	Processo do tenente general Manuel de Brito Mozinho, copiado literalmente pelo seu irmão o marechal de campo graduado, Maximiano de Brito Mozinho, do grande processo que se formou em consequência dos acontecimentos do dia 30 de Abril de 1824 Mozinho, Manuel de Brito Impressão Regia Lisboa, 1828	BLX	Português		X
413	Memoria estatística sobre os domínios portugueses na África Oriental Botelho, Sabastião Xavier Typ. de José Baptista Morando Lisboa, 1835	Porbase BNP	Português		X
414	Instituições de Economia Política Borges, José Ferreira Imprensa Nacional Lisboa, 1834		Português	X	
415	Essais de Jeremie Bentham sur la situation politique de l’Espagne, sur la constitution et sur le nouveau code espagnol, sur la constitution du Portugal Bentham, Jeremy Lib. de Brissot – Thivars Paris, 1823	Porbase BNP	Francês		X
416	Haytian Papers	Google	Inglês		X

	Christoph, Henri Low bookseller London, 1816				
417	Memorias económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa para adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal e suas conquistas Academia Real das Sciencias de Lisboa Na officina da mesma Academia Lisboa, 1789/1816	Porbase BNP	Português		X
418	Poemas Lusitanas Ferreira, António Typ. Rollandiana Lisboa, 1829	Porbase BNP	Português		X
419	Contes monaux Le Prince de Beaumont, Madame J. Nourse Londres, 1774	Porbase BNP	Francês		X
420	Leçons de litterature allemande Ermeler, C.F. Baudry Paris, 1852	Porbase BNP	Francês		X
421	Oeuvres diverses de M. Thomas Thomas, M. Frères Perisse Lyon, 1773		Francês	X	
422	Sermons de R.P. Geoffroy Geoffroy, R.P. 1869 Chez Bruyset Frères, A. Lyons, 1788	Openlibrary	Francês		X
423	Arte de furtar, espelho de enganos,theatro de verdades, mostrador de artes minggadas, gazua geral dos reinos de Portugal Vieira, Padre Antonio	Porbase BNP	Português		X

	Venda Rolland Lisboa, 1829				
424	Prônes ou instrutions familiares Cochin, M., Feu Mequignon Paris, 1787 Volume I, III, IV	Gallica BNF	Francês		X
425	Systema britânico de educação Lancaster, José Trad. de Guilherme Skinner Tip. da viúva Alvarez Ribeiro e Filhos Porto, 1823	Porbase BNP	Francês		X
426	Estudo sobre a historia das instituições politicas, theatro e bellas - artes em Espanha Mr. Viardot (trad. por Fillipe Ferreira de Araujo e Castro) Imp. Nevesiana Lisboa, 1844	Porbase BNP	Português		X
427	Exercicios espirituaes e meditações da via purgativa: sobre a malícia do peccado, vaidade do mundo, misérias da vida humana Bernardes, Manuel; Rodrigues Miguel Officina de Miguel Rodrigues Lisboa, 1758	Porbase BNP	Português		X
428	Dictionnaire historique et geographique portatif de l'Italie Lacombe Paris, 1775	Open Library	Francês		X
429	Vida de D. Nuno Alvares Pereira: Segundo Condestável de Portugal Teixeira, Domingos; Francisco, Luís Off. Francisco Luiz Ameno Lisboa, 1749	Porbase BNP	Português		X

430	Paraizo dos contemplativos Salucio, Bartolomeu de (trad. Por Padre Manuel Bernardes) Off. de Miguel Maneseal da Costa Lisboa, 1761	Porbase BNP	Português		X
431	Exame critico e histórico do livro dos Martyres de Fox Andrews, Guilherme Eusébio Typ. de Bulhões Lisboa, 1828	Porbase BNP	Português		X
432	Memorias dos reis de Portugal ?		Português		X
433	Memorias históricas e genealógicas dos grandes de Portugal Sousa, António Caetano; Fonseca, António Isidro Off. de António Isidro da Fonseca Lisboa, 1742	Porbase BNP	Português		X
434	Nova floresta, ou sylva de vários apophthemas e ditos sentenciosos, espirituales e moraes Bernardes, Manuel Regia Officina Silviana Lisboa, 1759	Porbase BNP	Português		X
435	Palmeirim de Inglaterra Morais, Francisco de Bibliotheca Portugueza Lisboa, 1852	Porbase BNP	Português		X
436	Memorias da litteratura portugueza Academia Real das Sciencias (pref. Duque de Lafões) Lisboa, 1792 – 1793; 1796; 1812	Porbase BNP	Português		X
437	Exercicios espirituales e meditações da via purgativa: sobre a malícia do peccado, vaidade do mundo, misérias da vida humana	Porbase BNP	Português		X

	Bernardes, Manuel; Rodrigues Miguel Officina de Miguel Rodrigues Lisboa, 1758 Igual ao 427				
438	Commentaire sur l'esprit des Lois de Montesquieu Claude Antoine Louis, Comte Destutt de Traey Delaunay Paris, 1819	Porbase BNP	Português		X
439	Palmeirim de Inglaterra Morais, Francisco de Bibliotheca Portugueza Lisboa, 1852 Igual ao 435	Porbase BNP	Português		X
440	Casamentos do Diabo Perez Escrich, Henrique Pinheiro, Rafael Bordalo; Melo, Alfredo Mattos Moreira Lisboa, 1874	Porbase BNP	Português		X
441	Les deux livres de Saint Augustin de la predestination des saints, et du don de la preserverance Augustine, Saint Bishop of Hippo; Antoine Arnauld, Jean, Segui chez J. Estienne Paris, 175?	Worldcat	Francês		X
442	Revista histórico- politica de Portugal : desde o Ministerio de Marquez de Pombal até 1842 Silva, António dos Santos e Imprensa da Universidade Lisboa, 1852	Bib.Univ. João Paulo II	Português		X
443	Mathilde, memorias d'uma jovem por Eugenio Sue Mello, F.C. de Mendonça		Português	X	

	Typographia de Lucas Evangelista Lisboa, 1848 Volume VII				
444	Odio velho não cansa: Romance histórico (1ª ed.) Silva, L.A. Rebello da Typographia da Época Lisboa, 1848	Porbase BNP	Português		X
445	Brios heróicos de Portugêses Cunha, A. Pereira da Typographia Universal Lisboa, 1861 Volume I		Português	X	
446	Tecnologia rural, ou artes chimicas, agrícola – florestaes (3ª ed.) Lapa, J.I. Ferreira Typ. da Academia Rural das Sciencias Lisboa, 1885	Porbase BNP	Português		X
447	Decada epistolar sobre el estado de las letras em Francia Silva, Francisco Maria; Sancha, António da D. António da Sancha Madrid. 1781	Porbase BNP	Espanhol		X
448	Les colonies Portugaises – Court exposé de leur situation actuelle Imprimerie Nationale Lisbonne, 1878 Igual ao 85		Francês	X	
449	Histoire Generale de la Civilazation en Europe Guizot M. Société Belge de Librairie Bruxelles, 1841 Igual ao 361		Francês	X	
450	Histoire generale de Portugal		Francês	X	

	Par M. de la Clede Theodore le Gras Paris, 1735				
451	Collecção de receitas e segredos particulares necessários para o tintureiro e para a maior parte dos artistas, manufacturas, officios e outros diferentes objectos Lúcio, João Baptista Tip. de M. J. Coelho Lisboa, 1844	Porbase BNP	Português		X
452	Archivo popular: semanário pitoresco Typ. de A.J.C. da Cruz Lisboa, 1837	Porbase BNP	Português		X
453	Archivo Pittoresco – Semanario Ilustrado Editores Proprietários Castro, Irmão e C ^a Volume IV (jornal) Typographia de Castro e Irmão Lisboa, 1861		Português	X	
454	O Visconde de Bragelonne Dumas, Alexandre Typografia de Luiz Correa da Cunha Lisboa, 1885 Volume III,V,VII,IX Igual ao 6		Português	X	
455	Oeuvres Complètes de Frédéric Bastiat Bastiat, Frédéric Guillaumin et Cie Paris, 1864		Francês	X	
456	Destinée sociale (2 ^a ed.) Considerant, Victor Lib. Phalanstérienne Paris, 1898/1899	Porbase BNP	Francês		X
457	Discursos populares observados pelo	Porbase BNP	Português		X

	poeta Pasquino M.L.R. a respeito da maquina aerostática Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos Lisboa, 1819				
458	Le Gouvernement Représentatif Mill, M. John – Stuart Guillaumin et Cie Paris, 1865	Gallica BNF	Francês		X
459	História Universal Millet, Abade Typografia Rollandiana Lisboa, 1783		Português	X	
460	Henriada Voltaire Impressão Régia Rio de Janeiro, 1812 Volume I		Português	X	
461	Discursos de vários políticos Faria, Manoel Severim de Impressão Regia Lisboa, 1805	Porbase BNP	Português		X
462	Á roda da Lua Verne, Julio (tradução de Henrique de Macedo) David Corazzi Lisboa, 1886	Porbase BNP	Português		X
463	Études de la Nature Saint- Pierre, Bernardin de Martian Ardant Frères Paris, 1845		Francês	X	
464	A morta viva Perrin, Xavier Henri de Aymon, Conde de Montépin Editora Perrin Paris, 18?	Porbase BNP	Português		X

465	Dramas do Tribunal de Justiça Zaccone, Pierre; Viana, Ludgero (trad. Typ. do Diário Illustrado Colecção Pedro Correia Lisboa, 18?	Porbase BNP	Português		X
466 ?	O abutre de Paris ?		Português		X
467	As mil e uma noites: contos Árabes/ vertidos no idioma francez por Galland (e traduzido na língua portuguesa livremente) Galland, Antoine Off Typografia Lisboa, 1850	Porbase BNP	Português		X
468	Les anglais au Pole Nord Verne, Jules Bibliotheque d'education et de récréation Paris, 1814		Francês	X	
469	Le Desert de glacê Verne, Jules Bibliotheque d'education et de recreation Paris,?		Francês	X	
470	A noite maldita: drama em 1 acto Costa, Veloso da Liv. Econ. De F. Napoleão da victoria Lisboa, 18?	Porbase BNP	Português		X
471	O tio esfolo ? ?		Português		X
472 ?	Bernardo, o assassino ? ?, 18?	Porbase BNP	Português		X
473	Um divórcio Bourget, Paul A. Figueirinhas Porto 18?	Porbase BNP	Português		X

474	A costureira: comedia em um acto, acomodada á scena portugueza Oliveira, Joaquim Augusto de Typ. Do Panorama Lisboa, 1864	Porbase BNP	Português		X
475	Les mystères de Londres Feval, Paul Michel Lévy Frères Paris, 1848 Volume I		Francês	X	
476	Histoire de Mathématique dans laquelle on rend compte de leurs progres depuis leur origine jusqu'à nos jours. Montucla, Jean Etienne Chez Ant. Jombert Paris, 1758	Porbase BNP	Francês		X
477	Botanique – histoire naturelle des familles vegetables Le Maout, Emmanuel L. Curmer Paris, 1855 Igual ao 159		Francês	X	
478	Histoire de la Zoologie depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours Hoefer, Ferdinand Typ. Lahure Paris, 1873	Porbase BNP	Francês		X
479	O que é que deve ser a Instrucção Nacional Botelho, Manuel Francisco de Madeiros Imp. Da Universidade Coimbra, 1872	Porbase BNP	Português		X
480	O cravo encarnado (folhetim) Macedo, Angélica Augusta Freire de	Porbase BNP	Português		X

	(trad.) 18?				
481	Fragmentos políticos – compendio de táctica militar (manuscrito) Mattos, Manoel Antonio de Lisboa, 1705-28 Maio de 1707	Porbase BNP	Português		X
482	A Pecadora: romance Féval, Paul Typ. do Centro Commercial Lisboa, 1853	Porbase BNP	Português		X
483	Os fastos Nasão, Publio Ovidio (trad. por Antonio Feliciano de Castilho) Imp. Academia Real das Sciencias Lisboa, 1862	Porbase BNP	Português		X
484	Catalogo official dos objectos pertencentes á Mina de S. Domingos exhibidos na exposição do Porto em 1865 Porto, 1865	Porbase BNP	Português		X
485	Les merveilles de la Chimie Deherrypon, Martial; Férat, Marie, Jahandier Hachete Paris, 1890	Gallica BNF	Francês		X
486	Theoria geral da emigração: Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra Laranjo, José Frederico Imp. Litteraria Coimbra, 1877	Porbase BNP	Português		X
487	Histoire de Jeanne D’Arc, surnommée la Pucelle d’Orléans Le Brun de Charmettes, Philippe Arthus Bertrand	Porbase BNP	Francês		X

	Paris, 1817				
488	Les galanteries de la cour de Luiz XV Saint-Mars, Gabrielle Anne Cisterne de Courtinas (Viscomtesse de saint-Mars) Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs Paris, 1861	Porbase BNP	Francês		X
489	Les maitresses du Roi ? Michel Lévy Frères Paris, 1803		Francês	X	
490	Les galanteries de la cour de Luiz XI – la Regence Saint-Mars, Gabrielle Anne Cisterne de Courtinas (Viscomtesse de Saint-Mars) Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs Paris, 1862	Porbase BNP	Francês		X
491	Um passeio de sete mil leguas: cartas a um amigo Bordalo, Francisco Maria Typ. Rua dos Douradores Lisboa, 1854	Google	Português		X
492	La Russie en 1839 Astolphe, Custine (marquis de Custine) Amyot Paris, 1843	Gallica BNF	Francês		X
493	O casal das giestas: drama em 5 actos e 8 quadros; precedidos por um prólogo por M. Frederic Soulié Rego, António (trad.) ?	Porbase BNP	Português		X
494	A Natureza Macedo, José Agostinho de Typ. De Francisco Pereira de Azevedo		Português	X	

	Porto, 1854				
495	Les grandes cités de l'Ouest-Americaïn: Tableaux de mœurs américaines: Récits de voyage (descriptions et voyages) Sachot-octave P. Ducrocq Paris, 1878	Gallica BNF	Francês		X
496	Les civilisations inconnues Comettant, Óscar Pagnerre, Libraire – Éditeur Paris, 1863		Francês	X	
497	Le monde marche Pelletan, Eugène Pagnerre Paris, 1858		Francês	X	
498	Les châtimens Hugo, Victor Librarie Charpentier et Fasquelle Paris, 1840 Coleção Ouvres Complètes de Victor Hugo	Gallica BNF	Francês		X
499	Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras Sociedade de Portuguezes residentes em Paris Neto, José Diogo Mascarenhas (Dir.) A.Bobée Paris, 1818	Porbase BNP	Português		X
500	A água: compilação dos principaes elementos de Geologia para o descobrimento dos mananciaes aquaticos Garcia de Mendoza, Santiago Tip. De António José da Silva Teixeira Porto, 1866	Porbase BNP	Português		X

501	Principios geraes de minerologia e geologia (Elementos de minerologia e e geologia) Almeida, Francisco Augusto Xavier de Edição da Livraria Ferreira Lisboa, 1881	Porbase BNP	Português		X
502	Resposta ao Sr. Simão José da Luz Soriano àcerca de José Seabra da Silva Sousa, António Coutinho Pereira de Seabra e Imprensa Nacional Lisboa, 1868		Português	X	
503	O Oriente: poema épico Macedo, José Agostinho de Imp. Regia Lisboa, 1827	Porbase BNP	Português		X
504	Viagem extática ao templo da sabedoria: poema em quatro cantos Macedo, José Agostinho Imp. Regia Lisboa, 1830	Porbase BNP	Português		X
505	A meditação Macedo, José Augusto Imp. Regia Lisboa, 1818	Porbase BNP	Português		X
506	Código Administrativo de 18 de Março de 1842 (Annotado) Vasconcelos, José Máximo de Castro Neto Leite e Typ. de António José da Rocha Lisboa, 1849	Porbase BNP	Português		X
507	Estudo sobre o plano invariavel do systema solar Garrett, Gonçalo Xavier de Almeida Imp. da Universidade	Porbase BNP	Português		X

	Coimbra, 1870 (encardinado em 1882 pela Imp. da Universidade)				
508	Catalogo geral e descriptivo das plantas cultivadas no Real Estabelecimento Hortícola José Marques Loureiro e CA. Typ. Lusitana Porto, 1881	Porbase BNP	Português		X
509	Palavras de D. Pedro V Rei de Portugal D. Pedro V Lisboa, 1869	Porbase BNP	Português		X
510	Génie Sanitaire- Distributions d'eau- Le control de la consommation G. Manes, Ingenieur Aux Bureaux du Génie Sannitaire-nº3, Deuxième année Paris, 1892	Gallica BNF	Francês		X
511	Tosquia d'um camelo: carta a todos os mestres das aldeãs e das cidades Castillo, António Feliciano Typ. Urbanense Lisboa, 1853	Porbase BNP	Português		X
512	Germano Acácio, Abel Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos – Editor Porto, 1886		Português	X	
513	Da imigração em geral e em especial da Emigração Portuguesa Imprensa Commercial e Industrial Coimbra, 1876		Português	X	
514	Theatro Amorim, Francisco Gomes Typographia Universal Lisboa, 1870	Porbase BNP	Português		X

515	Considerações sobre a Orthographia Portugueza Typ. de António José da Silva Teixeira Porto, 1875	Porbase BNP	Português		X
516	L'Utilitarisme Mill, John Stuart (Traduzido do Inglês por P.L. le Monnier) F. Alcan Paris, 1889	Gallica BNF	Francês		X
517	Arabescos: notas e perfis; Miguel Ângelo e Victoria Colonna; um episódio da vida de Goethe; o riso; Renan e a academia francesa; D. Sebastião; Savonarola Carvalho, Maria Amália Vaz de Typ.das Horas Romanticas Lisboa, 1880	Porbase BNP	Português		X
518	Estudo sobre o amydo animal Rocha, Augusto António d'A Imprensa da Universidade Coimbra,?		Português	X	
519	O Phantasma Branco – Theatro Macedo, Joaquim Manori de B.L. Garnier Rio de Janeiro, 1863	Porbase BNP	Português		X
520	A minha Lyra: Livro de versos Marques, Manuel dos Santos Fragoso e Leonardo Portalegre, 1899	Porbase BNP	Português		X
521	Revues scientifiques publiés par le journal “La Republique Française” Bert, M. Paul G. Masson, Editeur Paris, 1883		Francês	X	
522	Scenes de l'avie bohème	Gallica BNF	Francês		X

	4e.édition Murger, Henry Michel Lévy Frères Paris, 1852				
523	Conscience de l'innocent Dumas, Alexandre Librarie de C. Muquardt Bruxelles, 1852	Worldcat	Francês		X
524	Opere Dell'Abate Cesarotti, Melchior Tipografia della Società Lett Pisa, 1800	Porbase BNP	Francês		X
525	Commerce, les traités de convencions entre la France et l'Autriche-Hongrie, la Belgique, L'Espagne, la Grande-Bretagne, L'italie, Le Portugal, la Suède et Norvège et la Suisse Imprimerie du jornal of Paris Paris, 1882	Gallica BNF	Francês		X
526	El Labrador y el Ganadero ? ,1860	Porbase BNP	Espanhol		X
527	Descrição minunciosa do monumento de Mafra: Idea geral da sua origem e construcção Gomes, Joaquim da Conceição Imp. Nacional Lisboa, 1871	Porbase BNP	Português		X
528	Les colonies Portugaises – Court exposé de leur situation actuelle Imprimerie Nationale Lisbonne, 1878 Igual ao 41		Francês	X	
529	Observações sobre o estado actual do Ensino das Artes em Portugal: a organização dos museus e o serviço dos monumentos históricos e de	Porbase BNP	Português		X

	arqueologia Imp. Nacional Lisboa, 1875				
530	Estudos de Anatomia – Pathologia Geral Serrano, José António Serrano Lisboa, 1894 (Colecção de Anatomia da Bibliotheca da Escola Medica Cirúrgica de Lisboa)	Worldcat	Português		X
531	Questões de higiene e agricultura – cemitério e incineração de cadáveres Barros, Paulo de Imprensa da Universidade Coimbra, 1874	Porbase BNP	Português		X
532	As dragonadas de Luís XIV Valle, J. J: M: Oliveira Imprensa da Universidade Coimbra, 1864		Português	X	
533	Dos kystos hydatikos do fígado Oleiro, António da Silva Imp. de Joaquim Germano de Sousa Neves Lisboa, 1874 Nº61 2ª série		Português	X	
534	Selecta Portuguesa para uso das escolas Andrade, Francisco Martins Typographia universal Lisboa, 1860		Português	X	
535	La republique D. Joseph Imp. de Sordoillet (Nancy) France, 1871 Paris, 1884	Porbase BNP	Francês		X
536	Une ville flottante Vernes, Jules	Gallica BNF	Francês		X

	J. Hetzel Paris, 1884				
537	Homens e letras – Galeria de poetas contemporâneos Azevedo, Cândido Typographia Universal de T. Quintino Antunes Lisboa, 1881	Worldcat	Português		X
538 ?	Geologia – Estudo sobre as geleiras actuaes ?		Português	X	
539	Das injeccões intra – venosas de chloral no tratamento do tétano Rocha, Augusto António Imprensa da Universidade Coimbra, 1876		Português	X	
540	Tratado de vinificação para vinhos genuínos: pelo visconde de Villa-Maior Pimentel, Julio Máximo de Oliveira Typographia da Academia Lisboa, 1868-1869	Worldcat	Português		X
541	La science du langage Muller, F. Max C.Durand Paris, 1864	Worldcat	Português		X
542	Conseilles aux mères sur les moyens de diriger et d'instruire leurs filles a l'usage des mères, des institutrices et des maitresses de pension Théry, Augustin François Hachette Paris, 1840	Worldcat	Francês		X
543	Reforma Eleitoral: relatório e projecto de lei apresentado na Câmara dos Senhores Deputados em	Porbase BNP	Português		X

	sessão de 31 de Janeiro de 1882 Castro, José Luciano de Imp. Nacional Lisboa, 1882				
544	Discursos parlamentares: Proferidos na sessão legislativa de 1885 Arroyo, João Marcellino Imp. Portuguesa Porto, 1885	Porbase BNP	Português		X
545	Adolphe: anecdote trouvée dans les papiers d'un inconnu Constant, Benjamin Brissot – Thivars Paris, 1824	Porbase BNP	Francês		X
546	Adèle: valse pour piano; Le Carnaval de Paris, album pour piano Godfrey, Daniel C.A.Villa Nova Porto, 1867/1868 Igual ao 585	Porbase BNP	Francês		X
547	Odio de Bourbons – memorias escriptas com sangue Tarrago y Mateos, Torcuato Typographia Portuguesa Lisboa, 1872 2º Volume	Biblioteca Amorim Pessoa	Português		X
548	Os homens da Cruz Vermelha: Romance histórico do tempo dos francezes Almeida, Carlos Pinto de Typographia das Horas Romanticas Lisboa, 1879/1880	Worldcat	Português		X
549	Quintino Durward Scott, Walter (trad. A.J. Ramalho e Sousa)	Worldcat	Português		X

	Typ. da Soc. Propag. dos Conhecimentos Úteis Lisboa, 1838/1839				
550	Fabiola ou a Igreja das Catacumbas Wiseman, cardeal Soc. Typ. Franco-Portuguesa Lisboa, 1863	Worldcat	Português		X
551	As noites do Boulevard – versos alexandrinos Mendes, C. Fradique Lisboa, 1867 Jornal “Ocidente” – volume 25 e 26	Worldcat	Português		X
552 ??	Études philosophiques – Les marana Balzac, Honoré C.Houssiaux Paris, 1858	Worldcat	Francês		X
553 ?	O juramento da Duqueza: Romance histórico original Chagas, Manuel Pinheiro Lucas e filho Lisboa, 1876	Porbase BNP	Português		X
554	Memoires de deux jeunes mariés Balzac, H. de Librairie Nouvelle Paris, 1860		Francês	X	
555	O homem da multidão (The man of the crowd) Poe, Edgar Allan America, 1840 (Trad. p/ francês – 1857 por Charles Baudelaire)	Bibliowiki	Francês		X
556	Os Dramas de Nova – York Kobb, Guilherme Escriptorio da empresa – Typ. do “Diario illustrado” Lisboa,?		Português	X	

	Igual ao 360				
557	O crime da rua Marlot Pont – Jest, René Reis, Pedro dos (trad.) Typ. do Diário Ilustrado Lisboa, 18? Colecção Pedro Correia	Porbase BNP	Português		X
558	Fingal: Poema em 6 actos vertido d'Ossian... Prata, Maria Adelaide Fernandes Typ. Comercial Porto, 1867	Porbase BNP	Português		X
559	Les Deux Breton Montepin, Xavier de Alexandre Cadot Paris, 1857 Volume II, III		Francês	X	
560	O senhor de barba azul Saunière, Paul Trad.por Silva Ennes Typ. do Diario Ilustrado Lisboa, 18? Colecção Pedro Correia	Porbase BNP	Português		X
561	Bric – a – brac J. Garcia Lima Lisboa, 1895	Porbase BNP	Português		X
562 ??	O tributo das cem donzelas Goodolfim, Costa (trad.) Escriptorio da Empreza Lisboa, 1886/1887 Colecção Bibliotheca de Romances Baratos	Porbase BNP	Português		X
563	Os descendentes de Lovelace Archad, Amédée Trad. Cunha, Xavier da Pedro, Corrêa	Porbase BNP	Português		X

	Lisboa, 1877 Colecção Pedro Corrêa				
564	Aventuras de um Zuavo: Scenas da Guerra d'Italia Noir, Louis Salmon Trad. por Faria, Palermo de Bibliotheca de Romances Baratos Lisboa, 1855	Porbase BNP	Português		X
565	As Castellãs de Nesle Gentil Homme, Molé Typ. do Diário Ilustrado Lisboa, ?		Português	X	
566	Le Magnetiseur Soulie, Frédéric Michel Lévy Frères Paris, 1858		Francês	X	
567	Le château de Piriac Montépin, Xavier de C.Cadot Paris, 1857 (Da obra Deux Breton) Tome 1	Gallica BNF	Francês		X
568	Les mendiants de la mort Clémence, Robert M. Lévy Frères Paris, 1874	Worldcat	Francês		X
569	O Oriente: poema Macedo, José Agostinho de Imp. Regia Lisboa, 1814	Porbase BNP	Português		X
570	Les galantries de la cour de Luiz XI – la Regence Saint-Mars Gabrielle Anne Cisterne de Courtinas (Viscomtesse de Saint-Mars) Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs Paris, 1862	Porbase BNP	Francês		X

	Igual ao 490				
571	Os elegantes d'outro tempo Montepin, Xavier de Trad. por Pimentel Alberto Typ. do "Diário Ilustrado" Lisboa, 18?	Porbase BNP	Português		X
572	O homem da meia noite Enault, Etienne Sarmento, Alfredo de (trad.) Typ. do Diario Ilustrado Lisboa, 18?	Porbase BNP	Português		X
573	Abraham Lincoln Morse, John Torrey Mifflin and Co. Boston, New York, 1893	Worldcat	Inglês		X
574	Le Compère Leroux Montepin, Xavier de Alexandre Cadot Paris, ? Volume I,III,II Igual ao 587		Francês	X	
575	Sur Catherine de Médicis Balzac, Honoré de Calmann – Lévy Paris, 1884 Colecção Études Philosophiques	Porbase BNP	Francês		X
576	Les viveurs de Paris – Drame en cinq actes et huit tableaux Montepin, Xavier Michel Lévy Frères, Libraires – Éditeurs Paris, 1857	Google	Francês		X
577	Poesias: oferecidas ás senhoras por portuguesas Prata, Maria Adelaide Fernandes Typ. Comercial Porto, 1859	Porbase Bnp	Português		X
578	Dramas do tribunal de Justiça	Porbase BNP	Português		X

	Zaccone, Pierre Viana, Ludgero (trad.) Typ. do Diario Illustrado Lisboa, 18?				
579	André le Savoyard Kook, Paul de Libraire – Editeur Paris, 1855	Gallica BNF	Francês		X
580	Regimento para a administração do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa Instituto Industrial e Comercial de Lisboa Imp. Nacional Lisboa, 1872	Porbase BNP	Português		X
581	Dicionário Chorographico de Portugal: Parte Continental e Insular Matos, Francisco Antonio de O Recreio Lisboa, 1893	Porbase BNP	Português		X
582	Le meneur de Loups (Illustrations de Riou) Dumas, Alexandre A.Levasseur et Cie, Editeurs Paris, 1873	Porbase BNP	Francês		X
583	La fin du monde Flammarion, Camille Ernest Flammarion, Libraire – Éditeur Paris, 1894	Gallica BNF	Francês		X
584	O capitão Paulo: Drama em 5 actos Dumas, Alexandre Paris, 1843	Porbase BNP	Português		X
585	Adèle: valse pour piano Le Carnaval de Paris, album pour piano Godfrey, Daniel	Porbase BNP	Francês		X

	C.A.Villa Nova Porto, 1867/1868 Igual ao 546				
586	Quintino Durward Scott, Walter (trad. A.J. Ramalho e Sousa) Typ. da Soc. Propag. de Conhecimentos Úteis Lisboa, 1838/1839 Igual ao 549	Worldcat	Português		X
587	Le Compère Leroux Montepin, Xavier de Alexandre Cadot Paris,? Volume I,III,II Igual ao 574		Francês	X	
588	Noções elementares sobre a cultura das amoreiras e criações dos bichos da seda para servir de guia às sericulturas Aguilar, Francisco de Azevedo Teixeira de (2º Conde de Samodães) Tip. do Jornal do Porto Porto, 1865	Porbase BNP	Português		X
589	Sermoens, e vários discursos Vieira, Padre António Valentim da Costa Deslandes Lisboa, 1710		Português	X	
590	Maria Rosa Mystica: Excellencias, Poderes, e Maravilhas do seu rosário: Compendiadas em trinta sermoens ascéticos, e panegyricos sobre os dous Evangelhos desta solennidade novo, e antigo Vieira, Padre Antonio; Deslandes,	Porbase BNP	Português		X

	Miguel Officina de Miguel Deslandes, na rua da Figueyra Lisboa, 1686				
591	O agricultor do norte de Portugal: Jornal de Agricultura praticamente dedicado às províncias do Norte Conselho de Agricultura do distrito do Porto Ed. Com. ?	Porbase BNP	Português		X
592	Guia do agricultor da ilha de S. Thomé, accomodado ao continente de Africa Occidental e Oriental Castro, Dinis de Imprensa de Joaquim Germano de Souza Neves Lisboa, 1867	Porbase BNP	Português		X
593	A theoria mineral da nutrição das plantas e a sua applicação á agricultura Marçal, Ramiro Larcher Typ. Universal Lisboa, 1871	Porbase BNP	Português		X
594	A luzerna, sua cultura e vantagens Margiochi, Francisco Simões Imp. de J. G. de Sousa Neves Lisboa, 1870	Porbase BNP	Português		X
595	Resumo da historia da Geographia Carreira, L.P.de A. Imp. da Universidade Coimbra, 1878	Porbase BNP	Português		X
596	Memoria sobre a hydrophobia rabica Sousa, Antonio Alves de Imp. Da Universidade Coimbra, 1867	Porbase BNP	Português		X
597	Companhia da mina da Telhadella	Google	Português		X

	Relatório e contas da Direcção do Ateneu Comercial do Porto Gerência do ano de 1897 Porto, 1898				
598	Relatórios sobre as escolas industriaes e de desenho industrial da circumscripção do sul: Annos lectivos de 1888 – 1890 Direcção Geral do Comércio e Industria Imp. Nacional Lisboa, 1888/1890	Porbase BNP	Português		X
599	Quadros da vida romana Aureliano Garrido, Luís Imprensa da universidade Coimbra, 1874	Porbase BNP	Português		X
600	Principios elementares da música e também do canto ecclesiastico: escriptos por um presbytero portuguez em o anno de 1871 Imprensa Nacional Lisboa, 1872	Porbase BNP	Português		X
601	Elementos de Geografia e Chronologia – para uso das escolas Carneiro, Dr. Bernardino J. da S: Livraria, de J. Augusto Orcel Coimbra, 1868		Português	X	
602	O asylo de Nossa Senhora da Esperança de Castello de Vide para cegos de ambos os sexos: breve exame dos fundadores da acção pendente contra este importante estabelecimento, e da sua actual situação jurídica e administrativa Monteiro, António Maria do Couto Typ. de Castro Irmão Lisboa, 1870	Porbase BNP	Português		X

603	Os nervos, vasos motores Serrano, José Antonio ?		Português		X
604	Museu Technologico: Revista das industrias portuguezas e estrangeiras Alcaforada, M. da Maia (dir.) Typ. Lallemand Lisboa, 1877/1878	Porbase BNP	Português		X
605	O Amigo do Estudo – Jornal Bimensal Albuquerque, Antonio Maria Seabra de (resp.) Imprensa da Universidade Coimbra, 1867	Porbase BNP	Português		X
606	Ensino Intuitivo: Livro destinado às mães e paes de família e às professoras e professores da instrucção primária Telles, João José de Sousa Ferreira, Lisboa e C ^a Lisboa, 1873	Porbase BNP	Português		X
607	Relíquias da Architectura Romana Byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra Simões, Augusto Filipe Typ. Portuguesa Lisboa, 1870	Porbase BNP	Português		X
608	Deveres do Homem Campos, Alfredo Comp. Nac. Editora Lisboa, 1889 Coleção “Biblioteca do Povo e das Escolas”	Porbase BNP	Português		X
609 ?	Manifestos, folhetos ?		Português		X

610	Elementos de Grammatica Portugueza (5ª ed.) Castro, J. Soares de Figueiredo Lello Porto, 1889	Porbase BNP	Português		X
611	Bosquejo Histórico – poético Viale, António José Typographia da Revista Universal Lisboa, 1856 Igual ao 292		Português	X	
612	Quadro elementar e sinóptico para o ensino pratico do sistema legal de pesos e medidas, conforme a lei de 13 de Dezembro de 1852 Typ. Franco – Portuguesa Lisboa, 1865	Porbase BNP	Português		X
613	Observações sobre a Carta Constitucional do reino de Portugal e a Constituição do império do Brasil Ferreira, Silvestre Pinheiro Of. Tip. De Casimir Paris, 1831	Porbase BNP	Português		X
614 *	Livros de inscrições dos sócios do Grémio		Português	X	
615 *	Cathalogo dos livros do Gremio		Português	X	
616 *	Livros da retirada dos livros ou obras e entrada das mesmas na biblioteca do Grémio		Português	X	
618 *	Regulamento do Grémio		Português	X	
619 *	Livro em branco		Português		X
620 *	Dito das actas		Português	X	
623	A dita de Doristea: novella de		Português		X

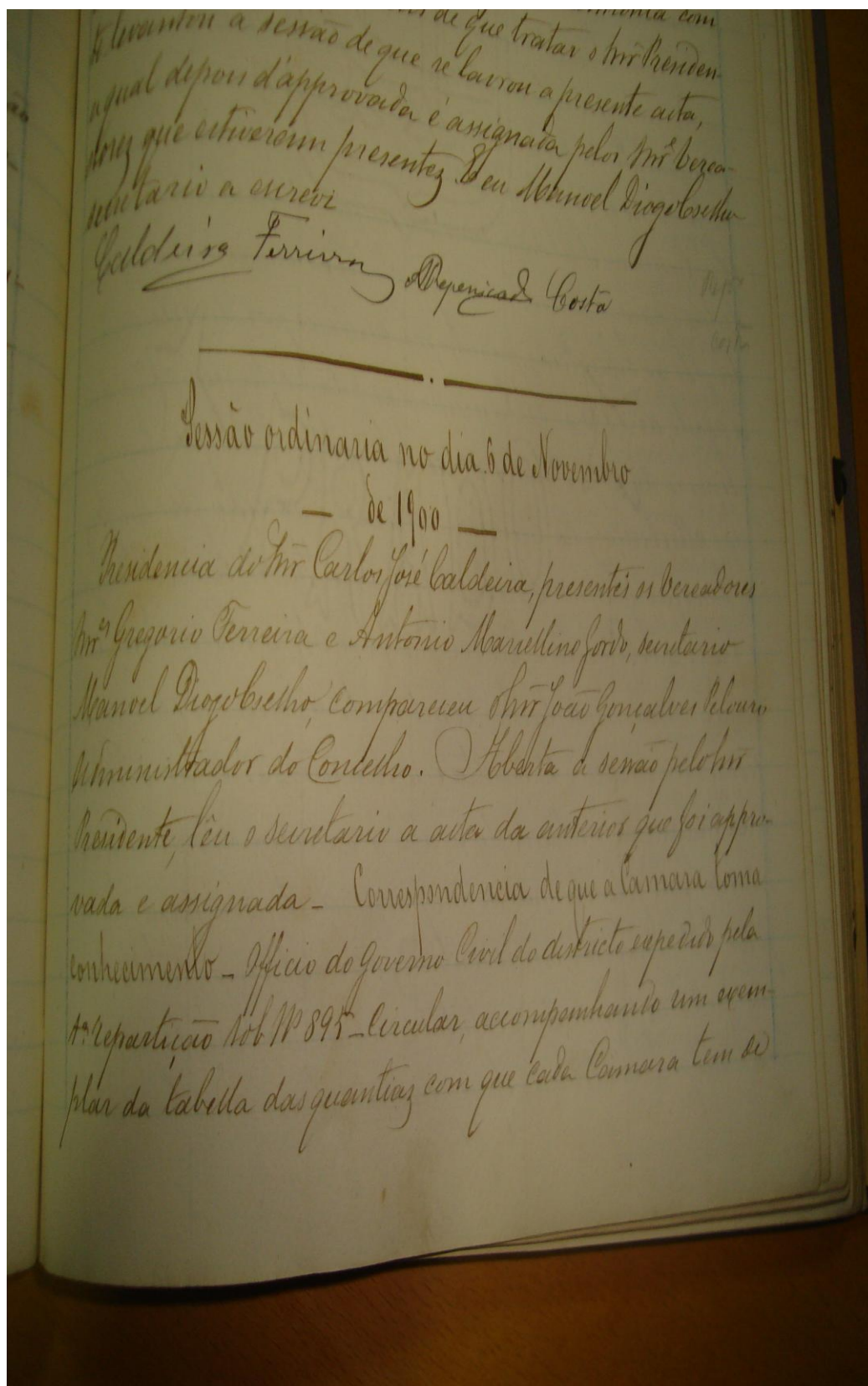
	segunda-feira Offi. de António Gomes Lisboa, 17??				
--	--	--	--	--	--

* Livros do Grémio Ilustração Popular

ANEXO VI - **Periódicos do Inventário de 1899** – Sítios pesquisados

- 12- [Http://catalogue.nla.gov.au](http://catalogue.nla.gov.au)
- 15- [Http://www.uszeis.web.pt](http://www.uszeis.web.pt)
- 19- [Http://books.google.pt](http://books.google.pt)
- 89- [Http://books.google.pt](http://books.google.pt)
- 102- [Http://www.revuedesdeuxmondes.fr/home/whoarewe.php](http://www.revuedesdeuxmondes.fr/home/whoarewe.php)
- 103- [Http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt)
- 130- [Http://www.scmmed.pt](http://www.scmmed.pt)
- 164- [Http://catalogolx.cm-lisboa.pt](http://catalogolx.cm-lisboa.pt)
- 202- [Http://catalogolx.cm-lisboa.pt/](http://catalogolx.cm-lisboa.pt/)
- 237- <http://www.questia.com>
- 301- [Http://fr.wikipedia.org](http://fr.wikipedia.org)
- 359- [Http://cafehistoria.ning.com](http://cafehistoria.ning.com) e <http://dias-com-arvores.blogspot.com>
- 389- [Http://books.google.pt](http://books.google.pt)
- 396- [Http://books.google.pt](http://books.google.pt)
- 402- [Http://books.google.pt/books](http://books.google.pt/books) e [Http://arquivohistoricomadeira.blogspot.com](http://arquivohistoricomadeira.blogspot.com)
- 442- [Http://books.google.pt/books](http://books.google.pt/books)
- 452- [Http://www.livrariaferreira.pt](http://www.livrariaferreira.pt)
- 453 - [Http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt)
- 521- [Http://www.google.pt](http://www.google.pt)
- 591- [Http://catalogolx.cm-lisboa.pt](http://catalogolx.cm-lisboa.pt)
- 604- [Http://books.google.pt/books](http://books.google.pt/books)
- 605- [Http://porbase.bnportugal.pt](http://porbase.bnportugal.pt)

ANEXO VII- Acta da entrega da Biblioteca do Grémio Ilustração Popular à Câmara Municipal de Castelo de Vide – Sessão ordinária do dia 6 de Novembro de 1900



concorrer para as despesas do recenseamento geral da população, em virtude do decreto de 29 de Março do corrente anno, a fim de que no orçamento ordinario que n'este mez esta Camara tem de organizar para o anno civil de 1901 se inclua a verba fixada para este concelho. Officio de data de trinta d'outubro ultimo da Direcção ultima, do Gremio Illustração Popular, que deixou de existir, entregando a esta Camara a biblioteca e os mais haveres do mesmo Gremio para servirem de nucleo a uma biblioteca municipal, entregando tambem em dinheiro a quantia de cento e trinta e tres mil quinhentos reis para serem destinados a conservação e augmento da mesma biblioteca, pede aquella direcção que se transcreva na acta o seu officio e que o capital seja dado a juizo com as devidas garantias ou convertido em inscripções averbadas a Camara com a clausula de que constituem fundo da biblioteca doada pelo Gremio Illustração Popular, e que os juros serão destinados ao augmento do mesmo capital, ou a conservação e augmento da biblioteca. O Sr. Presidente copiei, que pelo disposto no M^o 23-artigo 5^o do codigo Administrativo, compete a Camara deliberar sobre a criação de institutos de utilidade para o concelho, compreendendo-se n'esses institutos as bibliotecas populares, creadas por decreto de 2 d'agosto de 1870 e regulamentadas pela portaria de 20 de janeiro de 1871 e mais leis subsequentes. Esta por tanto nas attribuições da Camara aceitar a doação que lhe foi feita a Direcção ultima do extinto Gremio Illustração Popular e crear a biblioteca: propoe o assumpto a discussão e votação: seguiu-se discussão, concluindo a Camara por unanimidade - 1.^o aceitar a doação - 2.^o crear a Biblioteca Municipal instalando-a na secretaria da mesma Camara em quanto não se lhe possa destinar casa propria - 3.^o converter em inscripções d'assentamento da dívida interna fundada o capital recebido de cento trinta e tres mil quinhentos reis, especificando-se no averbamento

a proveniência do capital e applicação do seu rendimento ao
aumentamento do mesmo capital ou a conservação dos livros ex-
istentes e aquisição de outros. - 4.º Appropriar o regulamen-
to do extinto Gremio a biblioteca Municipal, mo-
dificando-o no que se reconheça preciso em termos a
harmonisar-o com as leis reguladoras das bibliotecas
populares a cargo das corporações administrativas. - 5.º
que no final d'esta acta se transcreva o officio da ul-
tima direcção do extinto Gremio Illustração Popular.
6.º Que d'esta parte da acta se remetta copia ao Presiden-
te da mencionada direcção. - Subsidio de lactação - petição
de Justina de Jesus solteira para criação d'uma filha natural de nome
Rosalina da Cruz, de idade de dois mezes, vincta or allentada jun-
to a petição, a Camara considera a petição naria ao abuso do
N.º 3 do artigo 28 do regulamento geral dos captores de 5 de janeiro de
1888 e resolve conceder-lhe o subsidio de dois mil reis mensaes
por dose mezes a contar do dia primeiro do corrente. -

Venda de terreno para sepulturas - Raphael Ribeiro requer
que se lhe venda no Cemiterio Municipal, o terreno occupa-
do com a sepultura de sua filha inominada, cujo terreno
mede - 2, 63 7/5 - no leirão N.º 6 - resolve-se deferir a venda
e que se lhe passe titulo de propriedade nos termos do artigo 345.º
nico do regulamento, tendo pago previamente o preço de ten-
no que fica constituindo o preço N.º 66 - José d'Humilhão
Almeida requer que se lhe venda o terreno no mesmo cemite-
rio, occupado com a sepultura reservada N.º 7 - em que pe-
sepultada Theresa d'Almeida Gargalho. A Camara considerando
que pelo disposto no art. 29 do regulamento do Cemiterio e permit-
tida a venda requerida, resolve deferir ao pedido - ficando
o mencionado terreno constituindo sepultura de proprie-
dade N.º 47 de que se passará o competente titulo pago qua-
reza o preço de terreno que mede - 22, no leirão N.º 2 - fi-
cometo os compradores d'este e d'aquelle terreno obrigados
a collocarem campas nas sepulturas com o capitulo no su-
plemento do regulamento do Cemiterio. - Balanço de

cofre — presente o balancete do cofre municipal relativo ao
mez d'outubro ultimo e d'elle se tomou conhecimento.
Despesas Municipaes — tomou-se conhecimento das folhas de
despesas processadas com os N.ºs 248 a 252 na impor-
tancia de setenta e seis mil novecentos noventa e cinco
reiz e auctorisou-se o seu pagamento. — Arrematação de ren-
dimentos. — Deliberou-se arrematar os rendimentos do mu-
nicipio, que está em uso arrematarem-se por este meio
auctorisado pelos N.ºs 5 e 7 do § unico do artigo 66 e artigo 79 do
Codigo Administrativo, sendo a arrematação pelo anno li-
vil de 1901 — e annunciando-se a dita arrematação para
os dias 16, 23 e 30 de dezembro proximo. — Transcripção do offi-
cio da Direcção do extinto Gremio Illustração Popular. — Illustra-
simos e Excellentissimos Senhores. Não podendo contin-
uar a existir o Gremio Illustração Popular, que por tanto tem-
po manteve uma biblioteca e nalguns annos uma
escola nocturna para operarios, por que estava muito
reduzido o numero de socios, deliberou a Direcção ult-
ma entregar a Camara Municipal d'esta notavel Villa,
em harmonia com os estatutos da Associação dos Amigos
do Estudo e do Gremio fundidos n'este, a biblioteca e os me-
haveres do mesmo Gremio, para servirem de nucleo a
uma biblioteca municipal e a um fundo destinado a sua
conservação e augmento; Com pois a Direcção pedir aos
Presidentes e Vereadores da mesma Camara se dignem
aceitar o espolio desta associação, espolio que consta d'uma
porção de livros nacionaes e estrangeiros que foram relacio-
nados, d'objectos de mobilia, estantes, mesa e algumas cadei-
ras e bancos e d'uma quantia de cento e trinta e tres mil e
quinhentos reiz, proveniente d'um pequeno Capital que ti-
nha e das ultimas quotas recibidas, e que a Direcção en-
trega sob as seguintes condições: 1.ª Que a biblioteca sera
conservada, permitida e facilitada a leitura gratuita
monta no edificio da Camara, e também em domicilio, mas
esta somente sob a condição do pagamento d'uma quantia

anua
capital
hantia
com a
Gremio
ou as a
mento
dar o a
Da bibl
travias
Gremio
gues.
livros
mento
tura a
parece
o subse
por lei
d'esta
dos lib
miro e
das ver
tiva d
munic
tiveram
bereas
estudo
mucilio
leia M
lantrap
se trata
esporco.
tuição p
fazer-se
e Bede

anual, feito adiantadamente no acto da subscripção; 2^a Que o capital será dado a juro na localidade, com as devidas garantias, ou convertido em inscripções, averbadas á Camara, com a clausula de que são fundo da biblioteca doado pelo Gremio Illustração Popular, e que os juros serão destinados ao augmento do mesmo capital ou á conservação e augmento da biblioteca. 3^a Que a mobilia poderá a Camara dar o destino ou uso que lhe parecer mais conveniente. Da biblioteca andam ainda nas mãos de antigos socios ou ex-Gremio; pode a Camara exigil-os por quaesquer meios legais. Da leitura no edificio municipal e da concessão de livros para leitura em domicilio pode servir de regulamento, feitas as alterações necessarias, o regulamento de leitura do Gremio. A concessão para leitura em domicilio parece-nos que se pode permittir pagando annualmente, o subscriptor mil reis e responsabilando-se pelos livros que for levando, em harmonia com o regulamento; o producto d'estas quotas pode fazer face as despesas de conservação dos livros e á compra d'outros. A ultima Direcção do Gremio confia que a biblioteca que assim entregue nas mãos das Vereações Municipaes e que foi arranjada por iniciativa d'uma geração d'estudantes, que não se esquecerão nunca da honra e da prosperidade da terra em que tiveram o berço, augmentará sob a administração dessas Vereações e que por impulsos d'ella e d'outras gerações de estudantes, por meio d'associados para leitura em domicilio, de barares, de donativos, se tornará uma biblioteca municipal digna d'esta Villa, tão notavel pela phantasia dos seus habitantes e pela sua união, quando se trata de melhoramentos locais conseguido pelo proprio esforço. A nova idea entregando esta instituição d'instrução popular á Camara não é acabar com ella, mas fazer-lhe dar nova vida, dando-lhe nova forma. Coste a Villa, que tem tantas instituições de caridade, tem falta

d'uma - um Anglo d'invalidos de trabalho - e falta a
casas d'escolas e d'uma biblioteca em que a agricultura
esteja bem representada; e do brío das gerações hodiernas
e das futuras preencher estas lacunas e augmentar o
prosperar as instituições d'utilidade publica existentes
nesse brío confiamos. Pedindo a transcrição deste offi-
cio na acta, temos a honra de saudar a Vereação Mu-
cipal da nossa terra. Deus Guarde a Vossa Excellencia
Castello de Vide trinta d'outubro do mil novecentos e
trezientos e Excellentissimos Senhores Presidente e Vereado-
res da Camara Municipal de Castello de Vide - O Presi-
dente do premio - José Frederico Laranjo - O Thesoureiro -
Francisco Pereira d'Almeida - O vogal Pedro Joaquim de
penicado - O secretario - José Theodorio Rodriguez -
Não havendo mais de que tratar o Mr. Presidente enco-
rou a sessão de que se lavorou esta acta que depois de
approvada e assignada pelos M^{rs} Vereadores present
a sessão deu Manoel Diogo Goetho secretario a acta
Caldeira Ferreira e M^{do}

Sessão ordinaria no dia 13 de Novembro de 1900
Presidencia do Mr. Carlos José Caldeira, present
dores Mr. Gregorio Ferreira e Antonio d'Assumpção
secretario Manoel Diogo Goetho; compareceu o Mr. Jo-
Gonzalves Telouro, Administrador do Concelho. O
a sessão pelo Mr. Presidente deu o secretario a acta da
Acceção de que foi approvada e assignada. - Correspon-
cia de que a Camara toma conhecimento - Officio da Admini-
tração d'este Concelho expedido sob N^o 425 acompanhando
requisições dos professores das escolas primarias e
fornecimento de m^{do}

